CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

Nivaldo de Oliveira Boaventura Filho

UM FILME CHAMADO AMIZADE

Reflexões sobre amizade no cinema

Belo Horizonte

2025

Nivaldo de Oliveira Boaventura Filho

UM FILME CHAMADO AMIZADE

Reflexões sobre a amizade no cinema

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Olga Valeska Soares Coelho.

Belo Horizonte

2025

Boaventura Filho, Nivaldo de Oliveira.
B662f Um filme chamado Amizade : reflexões sobre amizade no cinema / Nivaldo de Oliveira Boaventura Filho. – 2025.
315 f. : il.
Orientadora: Olga Valeska Soares Coelho.

Tese (Doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Belo Horizonte, 2025.
Bibliografia.

1. Amizade. 2. Cinema. 3. Sociedade. 4. Bauman, Zygmunt, 1925-2017. Modernidade líquida. I. Coelho, Olga Valeska Soares. II. Título.

CDD: 177.62

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca - *campus* Nova Suíça - CEFET-MG
Bibliotecária: Rosiane Maria Oliveira Gonçalves - CRB6-2660

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS - NS

ATA DE DEFESA DE TESE Nº 4 / 2026 - POSLING (11.52.09)

Nº do Protocolo: 23062.004730/2026-06

Belo Horizonte-MG, 30 de janeiro de 2026.

NIVALDO DE OLIVEIRA BOAVENTURA FILHO

UM FILME CHAMADO AMIZADE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais em 18 de dezembro de 2025, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.ª Dr.ª Olga Valeska Soares Coelho
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Lillian Gonçalves de Melo
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - ARAÇUAÍ

Prof.ª Dr.ª Shirlene Aparecida da Rocha
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - DIAMANTINA

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

(Assinado digitalmente em 03/02/2026 07:35)
LUIZ HENRIQUE SILVA DE OLIVEIRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CLET (11.51.08)
Matrícula: 2088869

(Assinado digitalmente em 24/02/2026 16:10)
OLGA VALESKA SOARES COELHO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 2279486

(Assinado digitalmente em 30/01/2026 18:01)
ROGERIO BARBOSA DA SILVA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matrícula: 1218038

(Assinado digitalmente em 30/01/2026 16:34)
SHIRLENE APARECIDA DA ROCHA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.336-##

(Assinado digitalmente em 30/01/2026 14:49)
LILLIAN GONÇALVES DE MELO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.766-##

Visualize o documento original em **https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp** informando seu número: **4**, ano: **2026**, tipo: **ATA DE DEFESA DE TESE**, data de emissão: **30/01/2026** e o código de verificação: **52508fa038**

Para Felipe Vieira Silva,

Gilmara Gonçalves Santos,

Guilherme Kened Souza Amorim e

Rafael Henrique Merlone Leão

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são muitos. Um sonho grande não se faz sem muitas mãos.

Citarei alguns nomes aqui, mesmo sabendo que essa lista é muito maior.

A Deus, que plantou o sonho no meu coração e me moveu para buscar a realização.

À minha mãe, que ainda em sua monografia de graduação registrou o processo dos meus primeiros letramentos.

Ao meu pai, que editou o meu primeiro livrinho de contos, aos meus seis anos de idade.

Aos meus pais, novamente, que trabalharam incansavelmente todos esses anos, sem medir esforços propiciando um ambiente de estudos, boas escolas para mim e cuidaram para que não faltasse nada para que eu pudesse continuar a sonhar, renunciando até mesmo às próprias férias. Eu sei que fui, muitas vezes a espada que transpassou o coração deles.

Aos meus pais, mais uma vez, por abraçar este processo, em tempos tão difíceis, e não medir esforços para que fosse concretizado, que essa conquista possa trazer-lhes alegria e fé na vida.

Ao meu irmão, minha irmã e cunhado, que compartilharam do meu sonho. Eles também estiveram comigo, algumas vezes compreendendo e outras não, o processo de produção, o adoecimento, a solidão e as dificuldades.

Às famílias do meu pai e da minha mãe, que em meio às lutas da vida, acreditaram em mim, me incentivaram a ler, a escrever, e me deram muitos livros ao longo da vida.

À minha tia Rosely, sempre disponível para fazer as leituras.

Aos profissionais que estiveram do meu lado, Dr. Nestor, Dr. Biancart, Dr Dayvson, Maria Zélia, Maria José Tomé e Marcio Jean.

A Rafael que me incentivou quando achei que ia parar.

Aos meus amigos que, sem as experiências com eles, talvez eu não pudesse escrever tudo isso. Cada um com sua personalidade está, de alguma forma, representado aqui. Aqueles que foram e não são mais. Amigos que vieram da adolescência, da juventude, dos grupos de jovens, dos jogos, dos casamentos que apadrinhamos, das cantorias, amigos que deixaram de ser, que

se rearranjaram sem mim, me tiraram das suas vidas e que seguiram. Àqueles que um dia foram meus amigos, que frequentaram a minha casa, e o meu coração, travavam diálogos, e são tantos que não caberiam aqui. Aqueles que lidaram comigo nos bons momentos e nos piores momentos, quando o Borderline atingia seus pontos mais agudos, combinado com meu temperamento melancólico. Até me deixarem, ou até tentarem continuar. Sintam-se incluídos.

Vivi esse tempo como uma fala do personagem Patrick sobre o personagem Charlie (no filme *As Vantagens de Ser Invisível*) “Ele é invisível”. Foi bem o esse o sentimento que tive e precisei seguir em frente. Em outro momento, o pai de Charlie diz a ele “Nem todo mundo tem uma história triste, Charlie, e mesmo que tivesse, isso não é desculpa”. Então eu continuei. Especialmente para os amigos a quem dediquei esta pesquisa.

É verdade que escrevi sobre amizade em estado profundo de solidão e, por isso, pensei em alguns momentos em desistir, sobretudo sobre a temática. Não é que eu tenha escolhido assim, a vida e o processo escolheram por mim. E a solidão não anulou os anos em que tive amigos. Pode soar contraditório, mas a solidão me deu distanciamento para fazer inferências que talvez poderiam passar sem a devida atenção conferida. É verdade também que na fase adulta as amizades vão se escasseando. É verdade, ainda, que é preciso, de vez em quando, sacudir o pé das amizades, porque algumas já nem estão mais lá, ou não continuam fazendo sentido de estarem lá.

Como Santo Antão, espero poder deixar algo de bom da experiência do deserto.

Ao meu amigo Cassiano Meirelles, por tanta verdade na missão, tanta alegria e bom humor contagiante.

A Rafael, que com sua bondade me fez seguir em frente, quando eu achei que não era mais possível, quando a amizade me feriu.

Agradeço aos Padres Daymon Dias Alves, Diogo Maurício Affonso, Adilson Ramos de Melo, Gledson Eduardo de Miranda Assis, Ignácio Pérez Rodrigues, s.j. (*in memorian)*, padre Gilberto Oliveira Versiani s.j. (*in memorian), ao padre* Valdomiro Soares Machado*, (in memorian).*

Aos amigos professores das letras: Bruna Soares, Lillian Melo, Rosilene Santos, Shirlene Rocha, Wesley Thalles e Willian Fernandes, pelo

imprescindível incentivo, principalmente naqueles momentos em que se pensa em desistir.

Ao Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, nas pessoas da Sra. Reitora, Professora Dra. Joaquina Nobre, do Pró-reitor de Ensino, Wallas Siqueira Jardim, e do Diretor Executivo, Thiago Lamonier, dos demais pró-reitores com quem eu trabalhei, dos colegas intérpretes de Libras que continuaram perseguindo um trabalho justo e de qualidade, dos colegas de setor e dos amigos que tenho na instituição, e ainda por conseguir algumas bolsas do programa PBQS - Programa de Bolsas para Qualificação dos Servidores – que embora não vultuosas, muito me ajudaram nos deslocamentos e aquisição de livros que foram fundamentais, dos colegas da Reitoria, do Campus Pirapora e do Campus Araçuaí.

À toda a equipe do CEFET-MG, terceirizados, contratados, efetivos e colegas, em especial Weliton, que me fizeram ficar apaixonado por esta escola, com destaque para a secretária Karen, aos professores Dra. Raquel Bambirra, Dra. Paula Renata Moreira, Dr. Renato Caixeta, Dr. Rogério Silva, Dr. Luiz Henrique, aos coordenadores do Posling no período, prof. Dr. Luiz Antônio e prof. Dra. Cláudia Cristina.

Às professoras convidadas que aceitaram fazer parte da minha banca, Shirlene Aparecida da Rocha e Lillian Gonçalves de Melo.

Sem nenhuma possibilidade de esquecer, à minha professora orientadora, Dra. Olga Valeska Soares Coelho, a quem me faltam palavras de gratidão pela autonomia que me proporcionou, sabendo que eu vinha das Ciências Sociais Aplicadas, e pelo acolhimento quando eu achei que não daria conta, por tanta paciência, compreensão, doçura, delicadeza e sensibilidade. Suas características me ajudaram com o meu tema da tese. Meu desejo é ser um professor assim também. Saímos de uma pandemia, tivemos muitas aulas ainda online, me propus a escrever mesmo com a formação em Administração, mudou a orientação, mudamos o projeto, mudamos o tema. Ambos adoecemos. Foi necessário conciliar com outra graduação. Mas os desafios foram vencidos. Mudou minha forma de ver o mundo. E conseguimos chegar aqui.

Aos queridos que me acolheram em suas casas, Camilla e Juninho, Lorena e Eduardo e Lígia.

Aos meus afilhados Rafaela, Mateus e Samuel, que me encheram de sorrisos.

Aos meus santos de devoção, São José, Santa Tereza D'Ávila, São João Bosco, Santa Teresinha do Menino Jesus e São Carlo Acutis.

É de verdade uma rede imensa. Mas uma rede, como eu já disse, de sensibilidade, de empatia, e até mesmo de amor, que se deram as mãos em círculo e me sustentaram em cima dela para que eu escrevesse sobre a amizade.

Não só a esses, mas a todos por quem passarem essas páginas, o meu desejo é que se sintam que o mundo pode ser mais humano, e rever como estão conduzindo suas relações de amizade. Talvez seja preciso recalcular a rota. Talvez seja preciso resgatar quem está sozinho. Talvez seja preciso começar de novo, da forma certa. Talvez seja preciso visitar alguém que te espera. Talvez seja preciso agradecer e comemorar mais. Talvez seja preciso enviar mais flores aos vivos.

Profundos agradecimentos,

Nivaldo.

A bem da verdade, talvez devamos reconhecer, por absurdo que pareça, que as coisas fundamentais para nós – ou a defesa do que venha a ser fundamental para nós – possam ser precisamente aquelas que nos destroem; que só merecemos viver por aquilo que merecemos morrer.

(Adam Philips, 2008, p.17)

Cinema é a fraude mais bela do mundo.

(Jean-Luc Godard, FILHO, online)

RESUMO

A presente tese tem o objetivo de tratar dos atributos da amizade, em suas várias concepções: na fantasia e na vida real, e nos vários ambientes, como a escola, a família, as festas, o deserto. Aborda ainda a amizade nas várias idades, desde a infância até a fase adulta. Tratamos de como a amizade é essencial ao ser humano, como pode ser base para outros relacionamentos, como pode curar e como pode ferir. Discutimos ainda vários temas transversais que estão ligados à amizade – e a inimizade, quando foi necessário. Para tanto, o método utilizado foi a escolha de seis filmes: O Pequeno Príncipe (1974), Intocáveis (2011), As vantagens de ser invisível (2012), Histórias Cruzadas (2011), Eu, você e a garota que vai morrer (2015), Legalize já – Amizade nunca morre (2018) e a partir deles, encontrar as relações de amizade e suas características. São filmes que tratam destes temas, de modo a trazer ao leitor uma experiência sinestésica e polissêmica, já que o cinema tem uma linguagem rica e possibilita conduzir o leitor sobre reflexões sobre as relações humanas e a sociedade, com foco na amizade. Nosso objeitvo não foi fazer uma análise técnica de cada filme, mas foram utilizadas cenas e diálogos para iustrar aquilo que se quer discutir. Os filmes forma escolhidos pelas diferenças entre eles, de modo a proórcionar uma reflexão com mais elementos. A base teórica partiu do princípio de que já não temos mais tempo para relações sólidas em uma sociedade líquida, objeto de estudo do Sociólogo Zygmunt Bauman, principalmente em suas obras *Modernidade Líquida* (2000) e *Amor Líquido* (2004). Conforme pudemos perceber, o ter passou à frente do ser e, assim, das relações. Fizemos aqui também uma abordagem de como a amizade vem da filosofia clássica, e ainda trazendo os gregos, os romanos, os poetas e os místicos. Ao iniciar o trabalho, sabíamos que muito foi escrito sobre a amizade, mas ainda precisamos refletir sobre ela, de outras formas, como proposto, e também sobre os conceitos que a acompanham. Por essa razão, foi feita a escolha pelas relações interpessoais e pela linguagem das artes. Os resultados e as conclusões da pesquisa apontam que a “modernidade líquida” vem nos desumanizando, que ainda precisamos ser mais gente, agir com mais empatia e que temos possibilidades de devolver e recriar a vida aos outros. A amizade surge como um caminho. Nesse sentido, o tema pode abarcar outras pesquisas, e demonstrar como as relações, a linguagem, a filosofia e as artes podem nos aprimorar como seres humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Amizade; Cinema; Sociedade; Modernidade Líquida. Peace Culture.

ABSTRACT

This thesis aims to address the attributes of friendship in its various conceptions: in fantasy and real life, and in various settings, such as school, family, parties, and the desert. It also addresses friendship at various ages, from childhood to adulthood. We explore how friendship is essential to human beings, how it can be the foundation for other relationships, how it can heal and how it can hurt. We also discuss several cross-cutting themes linked to friendship—and to enmity, when necessary. To this end, we selected six films: The Little Prince (1974), The Intouchables (2011), The Perks of Being a Wallflower (2012), The Help (2011), Me, You and the Dying Girl (2015), and Legalize Já (2018), and from them, find the relationships of friendship and their characteristcs. These are films that address these themes, providing the reader with a synesthetic and polysemic experience, as cinema has a rich language and allows the reader to reflect on human relationships and society, with a focus on friendship. Our goal was not to conduct a technical analysis of each film, but rather to use scenes and dialogue to illustrate the points we wish to discuss. The films were chosen because of their differences, in order to provide a more nuanced reflection. The theoretical basis was based on the principle that we no longer have time for solid relationships in a liquid society, a subject of study by sociologist Zygmunt Bauman, primarily in his works Liquid Modernity (2000) and Liquid Love (2004). As we have seen, having has taken precedence over being, and thus over relationships. We also explored how friendship stems from classical philosophy, including the Greeks, Romans, poets, and mystics. When we began this work, we knew that much has been written about friendship, but we still need to reflect on it, in other ways, as proposed, and also on the concepts that accompany it. For this reason, we chose interpersonal relationships and the language of the arts. The results and conclusions of the research indicate that "liquid modernity" has been dehumanizing us, that we still need to be more human, act with more empathy, and that we have the potential to give back and recreate life for others. Friendship emerges as a path. In this sense, the theme can encompass other research and demonstrate how relationships, language, philosophy and the arts can improve us as human beings.

KEY WORDS: Friendship; Cinema; Sciety; Liquid Modernity. Peace Culture.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

Ecl	Eclesiastes (livro bíblico)
EN	Ética a Nicômaco
Jo	Evangelho segundo João (livro bíblico)
Mt	Evangelho segundo Mateus (livro bíblico)
ONU	Organização das Nações Unidas
PBQS	Programa de Bolsas para Qualificação dos Servidores
Pv	Provérbios (livro bíblico)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poster do filme “Le Petit Prince”, distribuído pela Paramount Pictures, em 1974 96
Figura 2 – Pôster “Intouchables”, publicado em 2 de abril de 2012 129
Figura 3 – Poster “As vantagens de ser invisível”, publicado em 19 de outubro de 2012.....155
Figura 4 – Cartaz do filme Histórias Cruzadas 187
Figura 5: Cartaz do filme Eu, você e a garota que vai morrer 216
Figura 6: Cartaz do filme Legalize Já - Amizade Nunca Morre.....242

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 20
1.1. Contextualização do estudo 36
1.2. Definição do problema de pesquisa e do corpus 45
1.3. Procedimentos Metodológicos 46
1.4 Resultados Esperados 58

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS ANÁLISES FÍLMICAS 59
CI.I Cinema, a sétima arte 61
C.II Considerações sobre o cinema 63
CI.III Lendo as imagens do cinema 74
CI.IV Construção de identidades 79
CI.V As Relações Humanas 87

CAPÍTULO 1 – O PEQUENO PRÍNCIPE (1974) 96
1.1 Observações iniciais 97
1.2 Considerações da crítica especializada 101
1.3 Breve análise das sequências sobre amizade 107
1.4 A questão das identidades 126

CAPÍTULO 2 - Intocáveis (2011) 129
2.1 Observações iniciais 130
2.2 Considerações da crítica especializada 131
2.3 Breve análise das sequências sobre amizade 135
3.4 A questão das identidades 152

CAPÍTULO 3 – As vantagens de ser invisível (2012) 154
3.1 Observações iniciais 155
3.2 Considerações da crítica especializada 159
3.3 Breve análise das sequências sobre amizade 163
3.4 A questão das identidades 181

CAPÍTULO IV - HISTÓRIAS CRUZADAS (2011) 186
IV.I Observações Iniciais 187

IV.II Considerações da crítica especializada 189
IV.III Sinopse e breve análise das sequências sobre amizade..... 194

CAPÍTULO V – EU, VOCÊ E A GAROTA QUE VAI MORRER (2015)..... 215
V.I Observações Iniciais 216
V.II Considerações da crítica especializada 220
VI.IIII Sinopse e breve análise sobre as sequências sobre amizade..... 225
V.VI A questão das identidades 238

CAPÍTULO VI - LEGALIZE JÁ - A AMIZADE NUNCA MORRE (2018) 241
VI.I Observações iniciais 242
VI.II Considerações da crítica especializada 246
VI.III Sinopse e breve análise sobre as sequências sobre amizade..... 251
VI.IV A questão das identidades 264

CONSIDERAÇÕES FINAIS 268

REFERÊNCIAS
..... 282

APÊNDICE I – Trecho de *O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo* (2014), mencionado na página 154 301
APÊNDICE II – Última carta que Charlie escreveu para seu amigo imaginário, mencionada na página 189. 303
APÊNDICE III – CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL 306
APÊNDICE IV – Eu tenho um sonho, por Martin Luther King 309
APÊNDICE V - A culpa é de quem?, canção do Planet Hemp, com letra de Marcelo D2..... 309

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a amizade a partir das questões trazidas nos filmes O Pequeno Príncipe (1974), Intocáveis (2011), As vantagens de ser invisível (2012), Histórias Cruzadas (2011), eu, você e a garota que vai morrer (2015), Legalize já – Amizade nunca morre (2018).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), em sua obra *Modernidade Líquida* (2000), discute a emancipação e a individualidade, num tempo em que as relações sociais são fluidas, mutáveis, inconstantes e provisórias em detrimento de uma época anterior em que as estruturas econômicas, sociais e políticas que regiam a sociedade e a tornavam sólida. Ainda no prefácio da obra, ele traz a pergunta de Paul Valéry[1]: “pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?” (BAUMAN, 2021, p. 7). Na sociedade liquefeita, é possível buscar elementos que são feitos para durar?

Em um mundo hiperconectado pelas redes sociais, a solidão ainda é uma característica presente e o conceito de amizade foi se perdendo. As pessoas, cada vez mais, estão adoecendo de individualismo, egoísmo e isolamento. Diante dos conceitos atribuídos à “amizade”, podemos inferir que se a amizade fosse mais presente e mais real, mais materializada nas linguagens, os consultórios psiquiátricos estariam menos concorridos, como concluímos a partir das obras pesquisadas.

O poeta inglês John Donne (1624 Meditation XVII), afirmou: “Nenhum homem é uma ilha”. A amizade é, nessa perspectiva, uma prática saudável, que se opõe à solidão e, como discutiremos, não implica necessariamente uma relação de romance, de casamento, de erotismo, visto que, para muitos pensadores da Antiguidade, da Modernidade e da Contemporaneidade, amizade também é amor.

Conforme o estudo “Uma visão senequiana da amizade” de Ariovaldo Augusto Peterlini (1999, p. 95), “Ora, a relação entre os homens, o relacionamento com o outro foi objeto perene de estudo, já que a nossa vida se realiza normalmente em grupo, em sociedade e, como se trata de seres racionais, deveria ser consciente”. Percorreremos brevemente os caminhos que

[1] Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry (1871-1945) foi um filósofo, escritor e poeta francês.

o conceito de amizade atravessou – e ainda não estão consensuados – bem como as características que esse conceito foi incorporando ao longo do tempo, de modo a demonstrar sua importância nas várias épocas e nas diversas fases do ciclo vital do ser humano.

Desde a Antiguidade, há uma tentativa de definir e separar a amizade dos outros tipos de amores. Surgem os conceitos, não totalmente delimitados, de Ágape, Eros e Philia, sendo que a amizade se enquadra neste último. Para Thais Florêncio de Aguiar, no estudo *"O que a amizade (philia) nos diz sobre os fundamentos da democracia? Pressupostos de uma demofilia"* (2019), "A palavra *philia* (*φιλία*), embora traduzida por amizade, pode ser entendida como tipo para todas as afeições, consistindo na afeição-matriz mais forte e desenvolvida na cultura da Grécia Antiga". O escritor cristão C.S. Lewis (1898-1963), na obra *Os 4 amores* (2017) [2], identifica ainda mais uma palavra, além das três já citadas. São elas: O amor fraternal – *storge* (muitas vezes englobado no philia), representando o afeto com a família; a amizade (a philia propriamente dita), o amor romântico (eros) e o amor incondicional, divino e perfeito (ágape). (Lewis, 1960).

Platão não se preocupa em fazer a diferenciação entre amor e amizade. Já "Aristóteles é o pensador que estuda a *philia* com maior interesse e amplitude, fazendo de dois dos dez livros de Ética a Nicômaco (livros VIII e IX) um verdadeiro tratado sobre o tema" (Aguiar, 2019, p. 92). Assim, diverge, em alguns momentos, do pensamento do seu mestre.

Desse modo, a palavra *philia* é geralmente traduzida por amizade. No entanto, já assumiu outras conotações mais amplas, como no conceito de Zeferino Rocha (2006) em "O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles", em que o termo serviria:

> (…) para traduzir um vínculo de união ou de interesse entre os homens, quer este fosse devido ao sentimento de mútua simpatia, quer fosse fruto de uma vantagem específica, ou até mesmo do próprio acaso (…) Assim, o termo envolve também o amor do gênero humano (*philantrôpia*), o amor entre companheiros (*philia hétairiké*), a amizade entre concidadãos (*politiké philia*) (KONSTAN, 2005; MACHEREY, 1995 apud AGUIAR, 2019, p. 91).

[2] Original de 1960.

Como dissemos, Aristóteles deu um destaque especial à *philia* em seus escritos sobre a Ética. “Em primeiro lugar, porque a verdadeira amizade era para ele uma autêntica virtude, [...]; e em segundo lugar, porque a amizade tinha [...] função importante na vida da Cidade (pólis), pois tinha o valor e a dignidade de uma ‘virtude política’ (πολιτικη αρετη).” (Rocha, 2006, p. 66).

Em outras palavras, reforçando o que foi dito acima, Mateus Perito (2017), no estudo “A Extensão e a Definição do Conceito de Philia” afirma, chamando a atenção para a amizade como um bem:

> Assim, nos últimos anos, novos estudos aristotélicos acerca do conceito de philia vêm aparecendo e gerando diversas discussões em torno de um tema que foi deixado à margem das pesquisas éticas durante muitos anos. Porém, quando a devida atenção lhe é dada, dentro do sistema da ética aristotélica nota-se que o estagirita[3] atribuía uma importância fundamental para o conceito, o que se comprova a partir de duas afirmações do autor: (I) “A amizade parece também manter as cidades unidas, e parece que os legisladores se preocupam mais com ela do que com a justiça” ; e (II) “De fato, ninguém deseja viver sem amigos, mesmo dispondo de todos os outros bens”. Essas duas afirmações, contidas na Ética a Nicômaco, deixam claro que a philia é parte integrante da vida humana. (PERITO, 2017, p. 145-146).

Aristóteles observa a amizade como importante para a manutenção das cidades, bem como uma posição superior da amizade numa comparação até mesmo com a justiça, indispensável à vida humana.

No livro *Genealogias da Amizade* (2002), Francisco Ortega ressalta que, antes de Aristóteles, na Grécia Homérica, quando não existia ainda um conceito estruturado para *philia* (amizade), existiam outros tipos de associações, que compunham a *polis* (a cidade), mas que não tinham o sentido completo de amizade como conhecemos hoje. Havia a *heteria, que* era

> uma relação de camaradagem militar, uma fraternidade de armas, um "clube político", no qual os homens da mesma idade e camada social ingressavam na juventude e ficavam até a velhice. Essa forma de associação teve um papel fundamental nos assuntos políticos, militares e jurídicos [...]. (ORTEGA, 2002, p. 22).

Para além da *heteria*, Ortega também destaca que:

> as formas de amizade eram ligadas ao parentesco, encontrando nele sua origem. Tratava-se de relações institucionalizadas e ritualizadas, muitas delas já dadas e estandardizadas, as quais deixavam pouco espaço para a liberdade de escolha, espontaneidade e preferências pessoais. Esse tipo de amizade exercia as funções de coesão social e proteção em um mundo descentralizado que não podia

[3] Estagirita é o habitante de Estagira, cidade da Macedônia (pátria de Aristóteles).

> garantir a vida dos indivíduos, representando uma possibilidade de assegurar a existência e manutenção da sociedade. (ORTEGA, 2002, p. 23).

Podemos, então, concluir com Emily Katz (2023), no estudo “As lições de Aristóteles para entender se somos amigos por prazer ou por interesse*”* que “a amizade existe há tanto tempo quanto os seres humanos”. No entanto, o conceito paradigmático, epistemológico, finalístico, pode ser muito rico e ampliado. Helena Andrade Maronna (2014, p. 34), na dissertação “Lísis, de Platão: Tradução, Estudo Introdutório e Notas”, afirma que “Sócrates evidencia [...] a condição de que a amizade se estabelece sempre em vista de algum bem que uma pessoa ou uma coisa possa trazer a outro”. Segundo Ortega, “Platão afirma: Devemos ter um com o outro um trato filosófico [...] pois juntos temos de conhecer a verdade sobre o bem e o mal e também a aparência e a verdade da natureza com muito trabalho e muito gasto de tempo." (ORTEGA, 2002, p. 23).

Platão também afirma que todo homem precisa da amizade:

> Diante de Platão, mesmo o homem bom não é auto-suficiente e precisa de amigos. A presença do amigo não faz somente nos sentirmos felizes, mas é necessária, não só porque o homem é um ser social, mas uma vez que, na condição de agentes absorvidos na própria ação, não temos a distância necessária que permite determinar o significado e o valor pleno das ações e obter o prazer que acompanha a contemplação das ações boas, parte constitutiva da felicidade. Por isso, é mais fácil atingir a felicidade contemplando as ações do amigo; ações ante as quais podemos ganhar a distância que permite melhor avaliação e adotar um ponto de vista externo, de expectador, por serem ações do outro, mas que, ao mesmo tempo, reconhecemos como expressão nossa, precisamente por ser o outro, o amigo, um outro eu, isto é, idêntico em caráter. (ORTEGA, 2002, p. 41).

Percebendo o amigo como um outro eu, torna-se mais fácil contemplar as ações que levam à felicidade, o que não acontece no ser autosssuficiente. Essa é uma outra definição de amizade.

Para Aristóteles, "a amizade seria um afeto temperado pelas funções racionais do homem, [...]" (EN, 1171a,11[4]). Com isso, o componente racional será colocado acima do elemento afetivo; as amizades são governadas pelas partes mais elevadas na alma (Ortega, 2002). Assim, as amizades influenciavam também nas esferas civil e política. Aristóteles também afirma que existem três tipos de amizade: “as baseadas na utilidade, no prazer e no caráter. Cada uma surge a partir do que é valorizado no amigo: sua utilidade, o prazer de sua

[4] Conforme citado no original.

companhia ou seu bom caráter” (Katz, 2023, online). Ortega disserta sobre esse ponto:

> Aristóteles distingue três tipos de amizade, segundo se baseiam na virtude, no agradável e no interesse, estabelecendo uma hierarquia entre eles. Só o primeiro equivale a amizade perfeita" (teleia philia), ao passo que as outras duas formas são consideradas imperfeitas, acidentais ou instrumentais. Amizade perfeita é definida como uma benevolência recíproca, em que o amigo é amado por si mesmo ("em relação a um amigo dizemos que desejar-lhe o que é bom por sua causa"; EN 1155b, 30[5]); é um fim em si mesmo e não um meio para se atingir algum fim, como no caso das amizades baseadas no agradável e/ou na utilidade. A amizade perfeita é, no entanto, útil e agradável (EN, 1156b, 20-30[6]). (ORTEGA, 2002, p. 39-40).

Aristóteles afirma que “perceber um amigo deve ser, de certo modo, perceber-se a si mesmo e conhecer-se a si mesmo” (Ortega, 2002, p. 42). Ele reforça a importância e particularidade da convivência – em uma amizade os amigos devem dialogar, ter interesses em comum e realizar atividades em conjunto para que a amizade seja virtuosa:

> Essa consciência de si através da consciência do outro exige uma convivência, indispensável para amizade ("nada é mais característico dos amigos que o desejo de viver juntos" EN, 1157b,19[7]). [...], não um simplesmente estar juntos, mas compartilhar interesses e engajar-se conjuntamente na procura do conhecimento, uma comunhão intelectual, que requer uma vida em comum. A prática da amizade é parte constitutiva da comunidade de vida, a reflexão da amizade se insere na reflexão sobre a vida filosófica. Na comunidade dos amigos, os homens tornam-se mais virtuosos porque se aperfeiçoam reciprocamente. [...] Repetimos, que para os amigos o que há de mais desejável é a convivência? Com efeito, a amizade é uma parceria, e uma pessoa está em relação a si própria da mesma forma em relação ao seu amigo; em seu próprio caso, a consciência de sua existência é um bem, e portanto, a consciência da existência de seu amigo também o é, e a atuação desta consciência se manifesta quando eles convivem; é, portanto, natural que eles desejem conviver. E qualquer que seja a significação da existência para as pessoas e seja qual for o fator que torna a sua vida digna de ser vivida, elas desejam compartilhar a existência de seus amigos, [...]; de fato, já que os amigos desejam conviver, eles fazem e compartilham as coisas que lhes dão a sensação de convivência" (EN, 1171b, 30-1172a, 5[8]). (ORTEGA, 2002, p. 42-43).

Como explica Danièle Brun (2007, p. 311), em *A gramática amorosa da amizade,* “A grande diferença entre o amor e a amizade, como escreve Michel

[5] Conforme citado no original.
[6] Conforme citado no original.
[7] Conforme citado no original.
[8] Conforme citado no original.

Tournier[9], ‘é que não pode haver amizade sem reciprocidade’ [...]. O amor, em compensação, nem sempre é pago na mesma moeda”. Segundo Perito, “A amizade, como vista acima, pressupõe escolha, ação e outros requisitos, dentre eles o da reciprocidade” (Perito, 2017, p. 157). Perito também notou a necessidade da convivência, conforme destacado na citação de Ortega, acima. Amizade envolve o processo de construção e reconstrução. Não é um sentimento simples.

> Não é certo que as formas de amizade tenham mudado consideravelmente ao longo dos séculos, apesar da modernização dos meios de comunicação. Embora seja verdade que, hoje, o envio de mensagens é muito rápido, a amizade responde, desde a aurora das civilizações, a uma necessidade real de encontro com o outro, renovada ao longo da existência. Não devemos confundi-la com a solidariedade, mas sim descobrir o que nela há de passional e a torna especificamente humana. (BRUN, 2007, p. 312).

Conforme Duarte da Cunha (2010), na obra *A Amizade em São Tomáz de Aquino*, na cristandade, a amizade também tem o seu lugar. Para Santo Agostinho, "a amizade era uma necessidade, e foi um facto permanente em todas as etapas da sua vida" (Cunha, 2010, p. 75). Pode-se inferir de sua obra que:

> 1. Deus é o autor da amizade e ela é dom; 2. A amizade só é estável em Deus (só em Deus as almas não são mutáveis, só em Cristo se pode ser fiel); 3. A amizade cristã é transfigurada pela Graça; 4; A amizade só será perfeita no Céu (neste mundo ainda há pecado, não é aqui embaixo que a Paz perfeita será alcançada). (CUNHA, 2010, p. 76).

Segundo Cunha (2010), Santo Agostinho vê como deveres da amizade o amor, a confiança e a franqueza. Cunha cita o conceito de amizade de Santo Agostinho sintetizado por McNamara[10]: "é uma simpatia por alguém que deseja estar com Deus, simpatia que o ajuda a progredir no amor a Deus”. (Cunha, 2010, p. 87).

No estudo “‘Vera Amictia’ em As Confissões de Santo Agostinho de Hipona” (2016), Luana Pantoja Medeiros e Alexandro Melo Medeiros, é narrado que Santo Agostinho também descreve a dor da perda de um amigo na obra Confissões. "De todas as amizades cultivadas por Agostinho nos tempos de escola, uma delas se tornaria tão profunda e intensa que ele a consideraria,

[9] Michel Tournier (1934-2016) foi um escritor francês.
[10] McNamara (1916-2009) foi um empresário e político estadunidense.

posteriormente, como se fosse uma parte de si" (MEDEIROS; MEDEIROS; Medeiros, 2016, p. 77). "Como nos consola, nesta humana sociedade, plena de enganos e tribulações, a confiança sincera e o mútuo amor dos verdadeiros e bons amigos..." refletia o santo. (AGOSTINHO, 2000, p. 1899).

Santo Agostinho sempre cita muitos amigos, conforme a seguir:

> Algumas dessas amizades surgiram com a proximidade que Agostinho teve com alguns de seus alunos de suas aulas de retórica em Cartago, como foi o caso de Alípio e Nebrídio. E sobre este grupo de amigos, Agostinho confessa: "sem eles não poderia ser feliz (...) eu não amava esses amigos por interesse, e também eles me amavam desinteressadamente. (Agostinho, 1980, p. 169 apud MEDEIROS; MEDEIROS, 2016, p. 78-79).

Outra visão importante é a de São Tomás de Aquino. O santo "foi uma pedra essencial na história da filosofia e da teologia da amizade. A sua relevância parte da afirmação de que a caridade é uma espécie de amizade com Deus, abrindo, por isso, um campo, que até então só o medo era aflorado". (CUNHA, 2010, p. 17).

Cunha (2010) lista os princípios encontrados por São Tomás de Aquino na leitura de Aristóteles para elaborar suas próprias teses: "a amizade, uma necessidade da natureza do homem", "amizade como relação de amor", "dos três amáveis às três espécies de amizade", "hábito e eleição", "reciprocidade e igualdade", e os aspectos determinantes: benevolência, concórdia, beneficência e convívio.

A Bíblia é rica em definições e menções a amizade: "O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade (Pv, 17,17)"; "Quem tem muitos amigos pode chegar à ruína, mas existe amigo mais apegado que um irmão (Pv 18, 24)"; Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! (Ecl 4, 9)"; "Amigo fiel é refúgio seguro, quem o encontra, encontra um tesouro (Eclo 6, 14)"; Os que temem o Senhor vão encontrar um amigo" (Eclo 6,16b)."; "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; mas Eu vos tenho chamado amigos, pois tudo o que ouvi de meu Pai Eu compartilhei convosco". (Jo 15,15), dentre outros versículos. Narra também que Jesus chorou ao saber da morte do seu amigo Lázaro (Jo 11,35). Na dissertação de Darlan Aurélio Aviz, intitulada "'Uma alma em dois corpos' A amizade cristã como processo de humanização e

manifestação do amor de Deus na oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo” (2017), o autor observa:

> O amor de Jesus é o paradigma do amor fraterno, é o amor de gratuidade e de amizade, portanto gera comunhão, dá frutos (cf. Jo 15,5) e quebra paradigmas, como fez com Pedro (cf. Jo 21, 15-17), pois na amizade existe intimidade “porque tudo o que ouvi do meu Pai vos dei a conhecer” (cf. Jo 15, 15) e existe eleição “não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (cf. 15, 16). A eleição quer introduzir uma nota basilar que faz da relação de amizade algo interpessoal, que nos singulariza e nos aprofunda no mistério que se desvela frente ao outro, visto que os amigos formam uma comunidade: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estarei no meio deles” (Mt 18,20). O amor de amizade é sempre uma relação pessoal, segundo Bruno Maggiono, “não se é amigo da comunidade, mas dos membros que a compõe, um a um”. (AVIZ, 2017, p. 50-51).

Destacamos, desse fragmento de Aviz, que a eleição, livre e recíproca, é uma condição para a amizade entre duas pessoas e não é, necessariamente, uma condição para estabelecimento das comunidades. Dessa forma, não são necessários outros atributos como o familiar, o erótico e o espiritual para o nascimento de uma amizade e abre uma gama de possibilidades.

Jelson Roberto de Oliveira, em sua tese de doutorado, intitulada “Para uma ética da amizade em Nietzsche” (2009), demonstra como Nietzsche (1844-1900) também escreve sobre amizade, em diversos momentos. Para ele, o indivíduo é compreendido como “múltiplo e constituído a partir de relações com seus pares, cujo resultado é a asserção da vida” (Oliveira, 2009a, p. 8). Para o filósofo alemão, existem ainda dois movimentos complementares:

> Primeiro, a partir da provação consigo mesmo, em especial da solidão e da doença, segundo, das relações colidentes entre os seus pares e o mundo que os cerca a partir da necessidade de compartilhamento da abundância e do contentamento conquistado nessa afirmação de si. (OLIVEIRA, 2009(a), p. 140).

Na dissertação “Foucault: A experiência da amizade” (2006), de Sandra Maria Fernandes, a autora expressa que “a concepção da amizade, em Nietzsche, ao contrário da Aristotélica, não tem como propósito exclusivo fortalecer a identidade, mas sim, constituir-se como uma ascese que implica autotransformação e aperfeiçoamento”. (FERNANDES, 2006, p. 28).

Katz (2023) diz que as relações entre amigos podem ser bastante intensas e que o seu rompimento pode ser um processo muito doloroso, como já reproduzimos do pensamento de Santo Agostinho e do próprio Cristo. Essa

ponderação leva-nos a pensar sobre a máxima: “a amizade é um amor que nunca morre”, já que são empecilhos o tempo (de convivência), a distância, a falta de prioridade de interesses em comum e do esforço em estar junto. Raramente alguém se prepara para o fim de uma amizade, ou mesmo por longos períodos de distância. Amizades não foram feitas para acabar. Mas não estão imunes. E quando acabam, deixam um rastro de destruição que pode durar por um longo período. Acontece também quando a escolha não é mais recíproca e o devido valor não é dado a ela. Amizade precisa ser cuidada. Na poesia – e na vida – é importante o cultivo da amizade. Não significa só lançar as sementes. É preciso antes preparar o solo, regar, levar ao sol, cuidar do pequeno broto até que ele se fortaleça. Na amizade também deve ser assim. Se não houver disposição para o cuidado, dedicação de tempo e investimento emocional em ambos, está fadada a cair no esquecimento e na morte.

No entanto, para outro filósofo alemão, Arthur Schopenhauer (1788-1860), que tinha da vida uma visão mais pessimista, a amizade não é recomendada. É o que consta na pesquisa de Paulo Jordão, “A natureza da amizade à luz da filosofia de Schopenhauer” (2013):

> Schopenhauer não defende a amizade como benéfica ao ser humano, pois para ele os homens apenas se socializam em razão da incapacidade de suportar a solidão e a sua própria companhia. É o vazio interior e o tédio que levam aos homens a cultivarem, vulgarmente, os laços da amizade (SCHOPENHAUER: 2002, p. 163). O que acontece, na realidade, é negação da amizade, pois ela nasce de uma insatisfação e do sofrimento. A amizade verdadeira não existe, mas como o contato com os homens é inevitável; é sábio, segundo Schopenhauer, restringir ao máximo possível da intimidade com os demais, sendo esta uma atitude sábia para preservar ou ampliar a própria liberdade (SCHOPENHAUER: 2002, p. 164-165). Para o pensador, como é impossível não interagir com os demais, é precisar atentar-se ao fato de que se fortalece a amizade ao dar demonstração de que inexiste dependência. Nas palavras de Schopenhauer é possível perceber que, para ele, o sábio é evitar o sentimento da amizade, incentivando o isolamento e a solidão. (JORDÃO, 2013, p. 3).

Todavia, Schopenhauer não encontra coro em quase tudo o que já foi dito e pesquisado e no que ainda há a se dizer, considerando, principalmente, a sociedade observada por Bauman. Inês Pedrosa (2012) sintetiza o que para ela significa a amizade, conforme o excerto abaixo, retirado da tese de Ulysses Rocha Filho: “Recorrências temáticas na poética de Inês Pedrosa: Erotismo, Amizade, Memória e Morte” (2013):

> Agora venho a essas teorias sobre amizade. Para mim, amor é poesia. Amizade é prosa. Antes de tudo, uma das mais lindas formas de amor é a verdadeira amizade. Plenitude. Companheirismo. Entrega. Torcer e pedir todas as noites para que aquele amigo seja feliz. Que seus sonhos, desejos, planos, enfim que sua vida seja maravilhosa. Amizade é exatamente isso. Ver o outro feliz e se sentir melhor. E quando ele estiver precisando, ajudar a plantar aquele sorriso lindo – que só ele tem – no rosto novamente. Ser o motivo do sorriso de um velho amigo, é indescritível. Sejam eles velhos ou novos, como já disseram: "Amigos a gente não faz, reconhece-os." Reconhece-os, onde? No brilho do olhar, no encanto do sorriso, na doçura da palavra e no abraço carinhoso. Que a vida me leve tudo, mas que ela deixe os meus verdadeiros amigos. Já disseram também que: "Suportaria embora não sem dor que morressem todos os meus amores, mas enlouqueceria se morressem todos os meus amigos." Amo quem os trata bem e quem machucá-los, ah, pode crer que arrumou um inimigo – e dos mais raivosos. (Pedrosa apud ROCHA FILHO, 2013, p. 37).

Nesse ponto, já podemos afirmar, como Aviz trata em sua dissertação, que "a amizade é um fenômeno universal e próprio da condição humana que nasce da livre oferta de si mesmo para lançar-se ao mistério do outro. Por meio dela, os homens tornam-se capazes de encontrar um caminho para sua humanização" (AVIZ, 2017, p. 6). Por outro lado, sem amigos, o ser humano vai perdendo suas habilidades sociais e humanas, o que pode ser potencialmente danoso.

Para Juliana Callegaro Borsa, no texto "O papel da amizade ao longo do ciclo vital" (2013), "As relações de amizade permitem ao indivíduo o aprendizado de habilidades sociais importantes para o estabelecimento de relações interpessoais satisfatórias e harmoniosas ao longo de todo o ciclo vital" (BORSA, 2013, p. 161). A pesquisa bibliográfica feita por Thaisa da Silva Fonseca, Cassia Maria Lopes Dias Medeiros e Ana Célia Souza Cavalcante, intitulada "Habilidades sociais de amizade e civilidade no contexto escolar" (2016), demonstra que a habilidade para amizade é desenvolvida – e necessária – desde a infância, vejamos:

> Del Prette e Del Prette (2005) discorrem que a habilidade de fazer amizades envolve fazer e responder perguntas, oferecer e aproveitar informações livres, sugerir atividades, cumprimentar, apresentar-se, elogiar e aceitar elogios, iniciar e manter conversação, dentre outras subclasses. (FONSECA; MEDEIROS; CAVALCANTE, 2016, p. 148).

Enquanto na infância poucas são as bases para se estabelecer uma amizade, que acabam tornando-a menos sólida, com o tempo esse conceito vai mudando. Agnaldo Garcia e Paula Coimbra da Costa, na pesquisa "Amizade na

infância: um estudo empírico" (2008), afirmam que "as concepções de amizade avançam do concreto para o abstrato com a idade, o que se reflete em seu comportamento com os amigos" (p. 26). Portanto, a amizade vai se transformando e se tornando um vínculo mais robusto e significativo. Para os mesmos autores:

> Com a idade, as amizades das crianças demonstram mais estabilidade, mais altruísmo recíproco e mais conhecimento pessoal íntimo. Os amigos participam de mais tipos diferentes de interações do que não amigos. As crianças em processo de fazer amigos têm maior probabilidade de se comunicar claramente, se auto-revelar mais freqüentemente e resolver mais eficazmente conflitos. Embora conflitos ocorram freqüentemente dentro das amizades, estes são resolvidos por amigos de maneira a aumentar a probabilidade de continuação do relacionamento. (GARCIA; PEREIRA, 2008, p. 26).

O altruísmo, característica de quem é capaz de abnegar-se dos seus interesses egoístas, trata-se de uma condição indispensável para a amizade. É na doação, no fazer gratuito, na ausência de interesses ocultos de qualquer dos lados que ela acontece e não necessariamente somente na infância.

Na adolescência, fase complexa de transição, mudam-se e/ou consolidam-se as visões de mundo, há um esforço para provar sua própria identidade e encontrar seus pares, seus gostos, pensar num futuro. Essa é uma etapa complicada para os adolescentes que são mais tímidos e introspectivos e têm dificuldade de fazer parte dos grupos ("bandos"). O que é característico dessa idade. A formação de pares de amizade ou de grupos é crucial nessa fase. As amizades são fundamentais para a concretização das identidades, dos caminhos a serem percorridos e geralmente duram por longos períodos. Os autores Renato Gomes Carvalho, Eduardo Fernandes, Joana Câmara, José Alberto Gonçalves, João Rosário, Sandra Freitas e Sandra Carvalho trataram deste tema no artigo "Relações de amizade e autoconhecimento na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar" (2017). Senão vejamos:

> Com efeito, o grupo de pares corresponde a um laboratório social, no qual o adolescente experimenta funções e papéis, toma decisões sem a intervenção dos seus pais e adequa os seus comportamentos às normas socioculturais (RABAGLIETTI & CIAIRANO, 2008). É através do desenvolvimento de relações marcadas pela amizade que cada adolescente caminha em direção à autonomia e adquire um sentido de reciprocidade e cooperação (SIMÕES, 1997). (CARVALHO et al, 2017, p. 380).

Carvalho *et al* ainda destacam que:

> A capacidade de construção e manutenção de relações de amizade satisfatórias constitui-se como um indicador fidedigno da saúde física e mental do adolescente (Carvalho & Novo, 2013; HARTUP & SSTEVENS, 1997; RABAGLIETTI & CIARIANO, 2008), além de ser um fator psicossocial protetor, estando associado a níveis superiores de autoestima, autoeficácia e bem-estar (FREITAS, 2014). (CARVALHO el, 2017, p. 381).

"A amizade estimula a aquisição de diversas competências, ao mesmo tempo que oferece várias provisões e serve funções distintas" é o que afirmam Miguel Freitas, Antônio J. Santos, Olívia Ribeiro, Margarida Pimenta e Kenneth H. Rubin na pesquisa "Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares" (2018, p. 220-221). Quando tratam da resolução de conflitos, Freitas et al (2018) exemplificam bem essa afirmativa como fizeram Garcia e Pereira, acima.

> Quando dois amigos discordam, ambos são confrontados directamente com o facto de que os outros podem ver o mundo de forma diferente, de que a perspectiva do próprio pode não ser a mais correcta, que a felicidade de um amigo pode ser importante, entre outos aspectos. Assim, o conflito pode promover o conhecimento social, criando oportunidades para a tomada de perspectiva e a consciência de que os comportamentos e objectivos dos outros interessam (BAGWELL & SCHIDT, 2011). Desta forma, talvez por recorrerem a formas mais competentes e construtivas de resolver as suas discordâncias, os adolescentes que participam em amizades ricas podem ter uma percepção dos conflitos como menos intensos, negativos e nocivos (p.e., BURK & LAURSEN, 2005). (FREITAS et al, 2018, p. 229).

A pesquisa de Freitas *et al* (2018) define que "a amizade é uma relação inerentemente didática, próxima, mútua e voluntária (Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicz, 2005), resultante de diversas interconexões frequentes, fortes e bidireccionais que se prolongam no tempo (Laursen, 2005)". (Freitas et al, 2018, p. 219). Os autores reforçam que "a amizade deve ser reconhecida pelos seus dois membros, pelo que deve existir uma história partilhada e um compromisso mútuo presente entre os amigos torna a amizade uma relação de natureza simétrica e horizontal". (Freitas et al, 2018, p. 220).

Desse modo, é impossível que um só seja amigo do seu eleito, se não houver uma eleição correspondente no sentido contrário. A balança deve ter os mesmos pesos e contrapesos, de modo que ela seja frutífera e verdadeira e não apenas um desejo, uma admiração, ou uma relação de exploração ou de

subjugação de algum modo. Na adolescência, também a amizade ganha outras características e outra envergadura, conforme a seguir:

> Na adolescência, as amizades assumem uma importância particular. A prioridade social deixa de ser a aceitação pelo grupo de pares, sendo substituída por uma emergente necessidade de intimidade interpessoal (isto é, de proximidade, empatia, amor e segurança), que é preenchida fundamentalmente por amigos do mesmo sexo (BIGELOW, 1977; SULLIVAN, 1953; YOUNISS, 1980). Neste sentido, embora se verifique um aumento da rede social (FURMAN & BUHRMESTER, 1992; VAN LIESHOUT, CILLESSON, & HASELAGER, 1999), registra-se também uma diminuição do número de amigos (EPSTEIN, 1986). No entanto, estas amizades são mais estáveis (BERNDT, HAWKINS, & HOYLE, 1986) e, principalmente, caracterizadas por uma forma mais sofisticada de intimidade (BERNDT, 2004; SULLIVAN, 1953; VAN LIESHOUT et al., 1999; YOUNISS & SMOLLAR, 1985). Esta dimensão da intimidade, altamente saliente e investida, é combinada com expectativas de lealdade, autenticidade e compreensão empática (p.e., BERNDT & PERRY, 1986). (FREITAS et al, 2018, p. 220).

Embora os aspectos da amizade sejam qualitativos, os autores analisaram estatisticamente suas dimensões positivas em função dos seguintes fatores: 1) perfis de amizade (companheirismo e recreação, validação e cuidado, ajuda e orientação, partilha de intimidade, resolução de conflito); 2) perfis de amizade, qualidade global da amizade e conflito e traição em função dos perfis de amizade e do sexo; 3) perfis de amizade e ajustamento social (agressividade, retirada ansiosa, exclusão, vitimização, comportamento pró-social, popularidade/sociabilidade).

Pelos fatores citados, percebemos como a amizade é aspecto fundamental a ser considerado no trabalho com adolescentes e como influencia seus futuros. Mas não só com eles. A amizade é um fenômeno importante em qualquer etapa da vida do ser humano.

Os estudos da amizade entre adultos são em menor quantidade, e evocam particularidades culturais, sem, contudo, diminuir a importância deles, conforme veremos a seguir. Luciana Karine de Souza e Claudio Simon Hutz fizeram esse recorte no estudo “Relacionamentos Pessoais e Sociais: Amizade em Adultos” (2008). Segundo os autores, “A preocupação com o desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital incentivou o estudo dos relacionamentos nas diferentes etapas da vida e a análise desenvolvimental de relacionamentos de longa duração” (Souza; Hutz, 2008, p. 258). Também afirma que:

> Estudos epidemiológicos demonstram que indivíduos socialmente integrados vivem mais (Fehr, 1996). Relacionamentos pessoais ou mais próximos – por exemplo, com familiares, amigos e parceiros românticos – atenuam a solidão e proporcionam bem-estar subjetivo, tendo, portanto, papel importante na felicidade pessoal e na promoção da saúde (Argyle, 2001; Berscheid, Regan, 2005 apud SOUZA; HUTZ, 2008, p. 258).

A pesquisa de Souza e Hutz lista ainda uma série de fatores que influenciam no conceito de amizade e na amizade propriamente dita:

> Buscando uma definição de amizade (...) (DUCK & PERLMAN, 1985; SARASON et al., 1995), FEHR (1996) considera-a "um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra" (p.7). Identificam-se aspectos similares aos apontados por ARGYLE (2001): em ajuda, visualiza-se a utilidade e a recompensa; em gostar um do outro e buscar sua companhia está o prazer e o companheirismo; e, em intimidade, o apoio emocional. Outros aspectos também vêm sendo abordados nas investigações: abertura, auto-revelação, autenticidade, aceitação, força de caráter, similaridades, compreensão, expressão dos sentimentos, dedicação mútua, altruísmo, reciprocidade, cuidado, confiança, compromisso, honestidade, facilidade de comunicação, aconselhamento, singularidade, duração da amizade, coexistência, tolerância, disponibilidade, respeito, confidência, espontaneidade, estabilidade, sucesso, contato físico, contato sexual, acessibilidade, interdependência, aparência física, habilidades sociais, responsividade, dependência, freqüência de contato, proximidade (closeness), autovalidação, conformidade ao grupo, autodefensividade e cooperação (ARGILE & HENDERSON, 1985; BELL, 1981; COLE & BRADAC, 1996; DAVIS & TODD, 1985; FEHR & LAGAIPA, 1977; MAEDA & RITCHIE, 2003; MENDELSON & ABOUD, 1999; MONSOUR, 1992; PARKS & FLOYD, 1996; TESCH & MARTIN, 1983). (SOUZA; HUTZ, 2008, p. 259).

Algumas características como altruísmo, além da reciprocidade – insistentemente citada – respeito, estabilidade, acessibilidade, proximidade e autovalidação são também atributos mais próprios da fase adulta. "Com o avanço etário, sente-se nostalgia dos amigos da juventude, como se a amizade transcendesse o tempo" (Bell, 1981 apud Souza; Hutz, 2008, p. 261). Apesar da afirmação de "transcender o tempo", com o envelhecimento, o tempo torna-se cada vez mais vazio, sem rotinas, sem algo que o preencha: os filhos saem de casa, a aposentadoria afasta os colegas, os vizinhos se mudam, os amigos vão ficando debilitados e até morrem. A afirmação de Bell mostra que nem toda a amizade está pronta para resistir ao tempo, como diriam vários autores, pesquisadores e várias tentativas de conceituá-la. Milton Nascimento cantou em "Canção da América" (1979): "mesmo que o tempo e a distância digam: não! Mesmo esquecendo a canção". Sem muitos dos atributos listados pelos autores

e até mesmo por falta de um esforço mútuo, as amizades se desfazem e tornam-se “nostálgicas”.

Nostalgia das amizades antigas e amizade são sentimentos distintos. Enquanto nostalgia é apenas sentimento; amizade é decisão, pois envolve a alteridade e as próprias ações em relação a ela, como, por exemplo, aprender a ceder. Sobre isso, Rubem Alves (1992) escreveu:

> Lembrei-me dele e senti saudades... Tanto tempo que a gente não se vê! Dei-me conta, com uma intensidade incomum, da coisa rara que é a amizade. E, no entanto, é a coisa mais alegre que a vida nos dá. A beleza da poesia, da música, da natureza, as delícias da boa comida e da bebida perdem o gosto e ficam meio tristes quando não temos um amigo com quem compartilhá-las. Acho mesmo que tudo o que fazemos na vida pode se resumir nisto: a busca de um amigo, uma luta contra a solidão…[...] Mas a diferença está em que, quando a pessoa não é amiga, terminado o alegre e animado programa, vêm o silêncio e o vazio - que são insuportáveis. Nesse momento, o outro se transforma num incômodo que entulha o espaço e cuja despedida se espera com ansiedade. Com o amigo é diferente. Não é preciso falar. Basta a alegria de estarem juntos, um ao lado do outro. Amigo é alguém cuja simples presença traz alegria independentemente do que se faça ou diga. A amizade anda por caminhos que não passam pelos programas. [...] Por ser inútil, sobreviveu. [...] Vive de sua inutilidade. Pode até ser útil eventualmente, mas não é isso que o torna um amigo. Sua inútil e fiel presença silenciosa torna a nossa solidão uma experiência de comunhão. Diante do amigo sabemos que não estamos sós. E alegria maior não pode existir. (ALVES, 1992, online).

Como já dissemos, a poesia tem grande potencial para contribuir nessa construção. Não só os textos clássicos, mas autores da contemporaneidade, especialmente religiosos, têm se aventurado no caminho de reconhecer a importância da amizade.

Ao longo do tempo, e principalmente na atualidade, vários autores (desde os consagrados aos iniciantes) trazem em suas obras a temática da amizade e vêm conquistando os vários tipos de público. Assim, acreditamos que esses escritos não acadêmicos podem contribuir para a reflexão, seja reverberando o que já foi dito ou trazendo coisas novas. Não se trata de textos de autoajuda, mas que buscam encontrar também o sentido da amizade. A amizade, como já dissemos, não pode acontecer por si só. Desse modo, trouxemos do livro de poesia de Fábio de Melo, intitulado *Amigo*: Somos muitos, mesmo sendo dois (2007), a formulação: “Desde quando a vida me permitiu conhecer você, tenho experimentado a beleza do significado da amizade”. (Melo, 2007, p. 12). O

significado da amizade é uma busca e é encontrada na sua plena vivência, no real. Fábio de Melo também diz:

> A vida fica muito mais bonita quando partilhada. Tanto as alegrias quanto as tristezas são realidades que não foram feitas para serem vividas na solidão. É na partilha do que é triste que nos preparamos para a superação, e é na partilha da alegria que nos tornamos capazes de prolongá-la no tempo. Nós sempre precisamos de amigos; gente que seja capaz de nos indicar direções, despertar o que temos de melhor e ajudar a retirar os excessos que nos tornam pesados. É bom ter amigos. Eles são pontes que nos fazem chegar aos lugares mais distantes de nós mesmos. (MELO, 2007, contracapa).

Depois de tanto que foi falado, e ainda, de tanto que foi vivido, é possível que cada leitor por um pedido, por um motivo que os une tenha uma história envolvendo amizade para contar. Assim, podemos intuir que ela é indispensável à vida humana, em aspectos diferentes. Amizade é virtude, amizade é crescimento, amizade é remédio, amizade é cura. Novamente, num mundo adoecido, de relações líquidas e fugidias, amizade é esperança. Num cenário de hipervalorização das coisas, da matéria, do dinheiro e do consumo, amizade é a chance de voltarmos a sermos humanos e de alcançarmos o transcendente.

Cabe aqui citar o discurso final de “O Grande Ditador” (1940), do gênio da arte cinematográfica, o britânico Charlie Chaplin, ainda nos inícios do cinema falado. É incrível como o Chaplin coloca seu personagem – caricatura dos autocratas e chefes de empresas do século XX – para nos brindar com uma reflexão extremamente profunda. Ainda naquele ano o autor há previa muito do que agora vivemos.

> O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido. (CHAPLIN, *O Grande Ditador*, 1940, transcrição 1h59’21’’).

Talvez a amizade seja a nossa redenção. Lívia Godinho Nery Gomes, em sua dissertação “Semânticas da amizade e suas implicações políticas. Familialismo e alteridade entre amigos nas classes populares” (2008), afirma que “o contemporâneo resgate de interesse pela amizade é, portanto, sintomático e

pertinente (GOMES, 2005, p. 62). A autora busca embasamento no pensamento de Allan Bloom[11], que denuncia “a deterioração das relações humanas consequente do empobrecimento da linguagem do amor”, em sua obra *Amor & Amizade* (1993). Para Bloom, “o isolamento, o sentimento de ausência de um contato profundo com outros seres humanos parece ser a doença do nosso tempo” (BLOOM, 1996, p. 14).

Em síntese, o cinema nos proporciona esses momentos de reflexão. Por conseguinte, constitui-se como problema desta pesquisa a discussão de como as relações de amizade foram apresentadas em filmes, considerando as identidades dos amigos e as propriedades que constituem os tipos de amizade em cada filme da amostra, associando-as ao que já foi dito.

A nossa hipótese é que há diversos tipos de amizade, de se constituir uma amizade, de se manter uma amizade e que, para que seja de fato amizade, são necessários outros compromissos, assumidos tacitamente e cumpridos de forma prazerosa.

1.1. Contextualização do estudo

A amizade é um tema que perpassa diversas esferas. Pode ser a base para outros relacionamentos e está presente nos vários âmbitos da sociedade. Como dissemos, há a amizade das crianças, dos adolescentes e dos adultos, amizades que levam ao amor erótico, à transcendência, amizades que são de fato o amor *philia*, amizade na visão dos filósofos, dos santos e dos poetas e amizade que praticamos (ou não).

Nesse contexto, a amizade vai além de um sentimento simples para uma decisão complexa. Dentro do conceito de amizade, cabem vários outros. Para além dos filmes (objetos de estudo desta pesquisa), as Nações Unidas dizem que “a amizade pode contribuir para mudanças fundamentais que são necessárias urgentemente”. (ONU, 2018, online).

Em 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou, na sua Assembleia Geral, o dia 30 de julho como Dia Internacional da Amizade, como uma forma de sublinhar a amizade entre os povos, países, culturas e indivíduos,

[11] Allan David Bloom (1930-1992) foi um filósofo e professor norte-americano, estudioso da cultura e do movimento neoconservador norte-americano.

convidando-nos também para os esforços de paz e de construir pontes entre comunidades. Especialmente neste tempo de guerras em várias partes do planeta, guerras armadas e guerras comerciais, a cultura da não violência é imprescindível.

Trazido pela ONU, verificamos que é um tema vinculado à atualidade, tem importância nos assuntos internacionais e por isso também nos leva a esta investigação.

O tema já foi (e ainda é) estudado na filosofia, na sociologia, nas linguagens, na psicologia e até mesmo na medicina, como demonstramos na seção anterior. Trata-se, além de uma questão acadêmica, voltada para um viés de coesão social, de uma questão de saúde pública, como citamos e citaremos e relação às pesquisas voltadas para esta área.

Mesmo com a potência tecnológica em que estamos imersos, de comunicação e informação, a solidão não apresenta diminuição, configurando-se a depressão como o mal do século e o suicídio sua confirmação máxima. Amizades vão no sentido contrário: diminuem a solidão, demonstram empatia pelo sentimento alheio e propõem a busca da virtude.

Conforme o artigo "Suporte Social de Familiares e Amigos: Discurso de Pessoas com Comportamento Suicida" (2009), de autoria de Isabela Carolyne Sena de Andrade, Nadirlene Pereira Gomes, Cíntia Mesquita Correia, Josinete Gonçalves Lírio, Ionara Rocha das Virgens, Nildete Pereira Gomes e Deise da Silva Monteiro,

> estudos revelam uma complexa rede de fatores biológicos, psicológicos e sociais que perpassam, dentre outros, por transtornos mentais, doenças físicas crônicas ou incapacitantes, traços de impulsividade, inabilidade para lidar com eventos infelizes de vida e dificuldades para estabelecer vínculos sociais Em face do desejo de livrar-se de dores existenciais intoleráveis, urgem estratégias de cuidado, sendo o suporte social, sobretudo por parte de familiares e amigos, elemento essencial nesse processo. (ANDRADE et al, 2009, p. 3).

Segundo o livro de Andrew Solomon *Um Crime da Solidão: Reflexões sobre o suicídio* (2018),

> a cada 40 segundos alguém comete suicídio. Nos Estados Unidos, é a décima causa de morte mais comum do que a morte por homicídio, aneurisma ou aids. Quase meio milhão de americanos são levados ao hospital todos os anos por tentativa de suicídio. Uma em cada cinco pessoas que sofrem de depressão severa fará essa tentativa; são cerca de 60 tentativas não letais para cada tentativa letal. A taxa de suicídios está subindo, sobretudo entre homens de meia-idade [...].

> Uma grande esperança é esmagada toda vez que alguém nos lembra que a felicidade não pode ser nem presumida nem adquirida; que somos todos prisioneiros do nosso cérebro defeituoso; que a solidão fundamental em cada um de nós é, em última análise, inviolável. (SOLOMON, 2018, p. 44-48).

Nesse caso, sem desconsiderar a importância destes, não basta um tratamento que seja somente medicamentoso, psicoterapêutico ou religioso, mas a ênfase nas relações humanas, tendo a amizade por excelência, pode fazer grande diferença. A amizade pode contribuir para evitar a depressão e o suicídio, conforme o pensamento dos autores que trouxemos acima, reconhecendo que não é a única solução. Diante dessa reflexão, pontuamos que o amigo, segundo a Bíblia, é poderosa proteção, é um tesouro, não há nada que se compare e é bálsamo de vida. (Eclo 14-16, adaptado).

Em outra perspectiva, Bauman (2004), em *Amor Líquido*, apresenta o conceito:

> O principal herói deste livro é o relacionamento humano. Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por "relacionar-se" e, no entanto desconfiados da condição de "estar ligado" em particular de estar ligado "permanentemente" para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para — sim, seu palpite está certo — relacionar-se...
> Em nosso mundo de furiosa "individualização", os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência.
> É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p. 9-10).

A individualização, a libertação das relações sólidas e a fluidez que assumiram acabaram por trazer uma contradição. O homem anseia pelo convívio, no entanto, desaprendeu as premissas de uma convivência sadia, quer ser livre e tem medo de tudo que pode vir a ser sólido. Em *Modernidade Líquida*, Bauman diz que a "situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos de limitar a liberdade individual de escolher e agir" (BAUMAN, 2021, p. 12). O autor cita da obra de Richard Sennett algumas técnicas (velocidade, fuga, passividade) "que

permitem que o sistema e os agentes livres se mantenham radicalmente desengajados e que se desencontrem ao invés de se encontrar (ibdem).

As linguagens têm muito para contribuir neste assunto, uma vez que nos permitem abordar a amizade de diferentes formas, seja na construção de textos que vão ser úteis para a consciência individual e social, seja nas suas várias possíveis formas de demonstração, como palavras de afirmação (ou o silêncio, quando necessário), tempo de qualidade, atos e serviços, toque físico (ou olhares e gestos) e presentes, conforme Gary Chapman[12] (2012). Verificaremos esses pontos a partir da linguagem do cinema. Cada ponto desse, e outros mais, constituem uma linguagem que será observada a partir de uma linguagem maior: o cinema.

O estudo analisa os processos de amizade apreendidos a partir do discurso cinematográfico dentro do campo dos estudos das linguagens e observando a amizade em diferentes contextos. Os textos e temáticas paralelos que foram trazidos ajudarão na compreensão do tema central. Além disso, não nos coube falar de cinema como técnicos desta arte, mas observar o que a cena, as ações e os diálogos dos personagens permitiram-nos concluir sobre a questão da amizade.

Escolher pesquisar “amizade” em uma tese de doutorado não é uma opção trivial. Trata-se de uma discussão que perpassa (ou deveria perpassar) a vida de todo ser humano, além de ser uma temática que proporciona a interdisciplinaridade como a filosofia, a sociologia, a teologia, a antropologia, a história, as linguagens e até mesmo a administração.

> Desde o momento em que o homem conseguiu alongar seus olhos para além da comida e da reprodução, entrou a refletir sobre si, sobre seus atos e enveredou para o mundo sublime e terrível das reflexões mais profundas sobre sua existência e natureza, na busca de um sentido para a sua vida”. (PETERLINI, 1999, p. 5).

A proposta foi utilizarmos obras cinematográficas selecionadas para cada um dos capítulos (que serão descritos na seção 1.3. “Procedimentos Metodológicos”), de acordo com as formas de amizade que foram observadas em cada um. Assim, a partir da possibilidade de ilustrar os conceitos por meio dos filmes, foi feita uma discussão palpável e sensível – que se aproxima do

[12] Gary Chapman (nascido em 1938) é um escritor, conselheiro matrimonial e pastor batista estadunidense.

grande público, com as obras literárias e pesquisas científicas que compõem o trabalho. A bibliografia escolhida apoia as análises, na intenção de criar uma ideia entre o corpus, os conceitos e as discussões propostas. A amizade, esse sentimento às vezes tão contraditório, de alegria e de dor, em que um amigo pode provocar contentamento ou sofrimento, gera um abundante debate. Conforme os objetivos do trabalho, foi possível ainda, com esse estudo, identificar amizades e caracterizá-las, a partir de como foram reproduzidas em obras cinematográficas.

A experiência do cinema é enriquecedora, dada a quantidade de elementos que o compõem e como pode ser apreendida por cada espectador. As histórias ali contadas proporcionam diversas emoções. As imagens e os sons são capazes de transportar-nos para lugares variados, tempos diversos e idades diferentes. Não por acaso, a argumentação sobre a amizade no cinema é diversa e cada filme pode nos proporcionar reflexões diferentes, sobre, por exemplo, como lidamos com as pessoas que nos são dadas pelas circunstâncias e que chamamos ou que nos chamam de “amigo”, como os caminhos se cruzam, seguem na mesma direção ou se distanciam. Nesse sentido, trouxemos alguns pensamentos da pesquisadora Mônica Almeida Kornis, do artigo “História e Cinema: um debate metodológico” (1992):

> Não é possível ignorar o impacto causado pela criação e difusão do cinema e outros meios de comunicação de massa na sociedade do século XX. Como objeto industrial, essencialmente, reproduzível e destinado às massas, o cinema revolucionou o sistema da arte, da produção à difusão. Entre as mudanças ocorridas na sociedade nas primeiras décadas deste século, o historiador inglês Eric Hobsbawn inclui o surgimento das artes de massa em detrimento das artes de elite, e destaca o cinema, que iria influir decisivamente na "maneira como as pessoas percebem e estruturam o mundo". (KORNIS, 1992, p. 237).

Para Kornis (1992, p. 238), “o que é importante registrar é que hoje se admite que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico”. Aqui não é nosso objetivo trazer e aprofundar as Teorias dos autores das Representações Sociais, embora a afirmação da autora leve-nos a pensar em conceitos práticos construídos no cotidiano, em determinados contextos, possibilitando novos objetivos para pesquisas futuras.

Desse modo, podemos refletir sobre esse assunto fundamental, com o qual lidamos desde a infância, considerando que as linguagens são um importante elemento para construção das identidades e das subjetividades.

A amizade é vista sob óticas individuais e sociais, possui inúmeras características e propriedades e ora cura, ora fere, ainda que não intencionalmente. A amizade tem o poder de destruir muros e construir pontes. A amizade tem a faculdade de mudar a visão das estruturas de poder da sociedade. Quantos são os benefícios da amizade?

Sobre essas reflexões, DaMatta afirma que:

> num mundo que cada vez mais se desencanta consigo mesmo e institui um individualismo sem limites, que reduz os valores coletivos a mero apêndice da felicidade pessoal, a capacidade de deslumbrar-se com a sociedade é algo muito importante, muito positivo (DAMATTA, 1986, p. 125).

Assim, ao estudar a amizade em filmes (citados a seguir), e diante do que foi explicitado na introdução e na contextualização, e posteriormente nas perguntas de pesquisa e nos objetivos, é razoável conceber que a amizade é uma poderosa força contra o individualismo e cria laços sociais sadios capazes de modificar, ampliar, refazer o indivíduo, a família, a política, a cultura e as visões de mundo, conforme afirma Douglas Ceccegano em sua dissertação “Ovelhas merinas: malditas feras. O imaginário socila no teatro de Qorpo Santo” (2006). Ceccegano afirma:

> A cultura é constituída por elementos que podem ser descritos, tanto em um sentido mais restrito, que vê a cultura no teatro, na dança, na música, quanto em um sentido antropológico, que inclui os fatos cotidianos, a organização social, os costumes, os meios de produção etc. (CECCEGANO, 2006, p. 34-35).

As artes em geral, pelo seu caráter polissêmico, permitem formar essa aura e, consequentemente, a elaboração da crítica. É importante registrar que a literatura e o cinema, focos deste trabalho, são linguagens que, para além de registrar, têm o poder de influenciar a cultura de um povo. Os vários sentidos se formam ali, para quem produz e para quem recebe, e muitas vezes estão encapsulados e precisam ser decodificados.

Está convencionado, na sociedade em que vivemos, uma ideia dos valores da amizade, que é mais aceita e que se sobrepõe as outras, mas também existem possibilidades de haver vozes destoantes, como citamos Schopenhauer

e, sempre que possível, elas serão aqui consideradas. Como dissemos anteriormente, acreditamos ser necessário pesquisar, escrever e falar dos afetos no mundo contemporâneo. O tema já foi estudado não apenas em questões sociológicas e filosóficas, mas também como questões de saúde. A pesquisa descrita abaixo, desenvolvida na Universidade de Harvard, relata que este é um aspecto crucial para a construção da felicidade.

> O que nos faz feliz? Esta foi a questão central de um estudo longitudinal do comportamento humano – o mais longo até agora feito. Robert Waldinger, que é o quarto condutor da pesquisa, é professor de Psiquiatria Clínica na Faculdade de Medicina de Harvard e psicanalista didata do Instituto da Sociedade Psicanalítica de Boston. Uma coorte de 724 adultos foi acompanhada durante mais de 75 anos. Observaram estes homens ao longo da sua vida, incluindo a qualidade de suas relações matrimoniais, satisfação com o trabalho e atividades sociais, e avaliação clínica cada cinco anos.
> Aos questionamentos do estudo a maioria dos jovens adultos respondeu que o seu objetivo de vida era ser rico e famoso, ou seja, tinham objetivos regidos pelo narcisismo. Mas a conclusão da pesquisa foi que não é dinheiro, poder ou fama que torna as pessoas felizes. O que realmente contribuiu para a felicidade e para saúde destes homens foi o fato de terem bons relacionamentos. Assim se comprovou a importância da qualidade dos relacionamentos próximos com a família, com os amigos ou com a comunidade. (DIEFENTHAELER, 2016, p.1).

Mesmo discutida em vários ramos da ciência, o presente trabalho tem a visão de que os conhecimentos não são estanques em suas respectivas áreas. São vários os exemplos de exposições de amizade na música, na poesia e até no cinema. “Por você, eu faria isso mil vezes”, é uma frase emblemática dita por um amigo que sofreu, pelo outro, uma injustiça na obra *O Caçador de Pipas* (HOSSEINI, 2003, p. 10) que nos emociona e nos faz refletir sobre lealdade, redenção e perdão, e até que ponto vai a força da amizade. O cinema possui um grande rol de filmes que possibilitam sensações sobre os mais diversos tipos de amizade. Em produções baseadas em livros, ou em fatos reais, ou até fantasiosas, a amizade é um tema recorrente.

Conforme já dissemos, o sociólogo Zygmunt Bauman reflete sobre a liquidez nos relacionamentos, o que em nossa hipótese não deve acontecer na amizade, uma vez que é um vínculo estabelecido para durar, muitas vezes desde a infância. A liquidez anula outras características da amizade e faz com que pareça outros tipos de relacionamento, como coleguismo, convencional, puro e simples. Está se tornando comum chamar “colegas” de “amigos”, mas há uma distinção entre esses conceitos. Diferentemente dos tempos de Aristóteles e Santo Agostinho, em tempos líquidos, tudo é muito veloz, e nada é feito para

durar, para ser sólido. Segundo MEDEIROS; MEDEIROS (2016, p. 844), “isso afeta diretamente o homem e suas relações pessoais”. Para Bauman:

> No mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, assim como a solidez dos vínculos humanos, é vista como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, qualquer compromisso a longo prazo (e mais ainda por prazo indeterminado) prenuncia um futuro prenhe de obrigações que limitam a liberdade de movimento e a capacidade de perceber novas oportunidades (ainda desconhecidas) assim que (inevitavelmente) elas se apresentarem (BAUMAN, 2010, p. 40-41)

Embora muito já tenha sido falado sobre amizade, há sempre pontos novos a serem observados e repensados. Buscamos aqui, dentre outras discussões, refletir como nasce uma amizade, como se cuida dela, como se fortalece e como ela morre.

Em tempos de tecnologias que regem todas as coisas, não podemos esquecer da “tecnologia do afeto”, a “tecnologia humana” (se assim podemos definir a fala de Chaplin, citada na Introdução), afinal, é o que somos, inclusive para o bem de nossa saúde, conforme dito acima. É preciso vencer tais distâncias, que transformam os continentes em ilhas[13] e, respondendo à pergunta de Paul Valéry na introdução deste trabalho (Pode a mente humana dominar o que a mente humana criou?), Fehr afirma que “Amigos dialogam mais, trocam mais abraços e beijos, revelam um maior número de assuntos e com mais profundidade, são parecidos quanto a traços de personalidade e atitudes, e se assemelham em sentimentos e gostos à medida que interagem” (Fehr, 1996 apud SOUZA; HUTZ, 2008, p. 260).

Interessante reforçar, conforme já foi dito, que as questões relativas à amizade não transitam apenas no campo sociológico – ela é motivo de estudos em saúde humana, principalmente saúde mental. A amizade é um espaço seguro para manifestações físicas, manifestações de afeto e está também relacionada às pesquisas na área da saúde. Pesquisas acadêmicas tratam deste tema. A questão do afeto em manifestações físicas, por exemplo, amigos que se abraçam, é também muito importante, como afirma a psicoterapeuta norte-americana Virginia Satir: “Precisamos de 4 abraços por dia para sobreviver. Precisamos de 8 abraços por dia para nos manter. Precisamos de 12 abraços por dia para crescer”. (Revista Saúde, online).

> Quando damos um abraço e somos abraçados em troca, temos uma sensação de bem-estar e satisfação imediata, Estudos mostram que

[13] Em concordância com a fala de Donne (1823), citada na seção Introdução.

> os abraços têm o poder de reduzir os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea, além de diminuir o risco de doenças cardíacas. [...] Um abraço também é capaz de fortalecer o sistema imunológico. [...] Por último, os abraços ainda diminuem os níveis de cortisol, conhecido como o hormônio do estresse. Altos níveis deste hormônio podem prejudicar a saúde, por isso esta queda na produção dele é importante. Dar ou receber um abraço é a forma mais simples de fazer o corpo liberar oxitocina, conhecida como o hormônio do amor e da felicidade. Ela aumenta os sentimentos de apego, conexão, confiança e intimidade e ajuda a curar a solidão, o isolamento e até a raiva. O abraço é processado pelo sistema nervoso como uma recompensa, e por isso tem um impacto importante na mente humana, fazendo com que tenhamos uma sensação de felicidade e alegria. [...] Os abraços ainda ajudam a cultivar a paciência e demonstrar apreço, além de estimular a liberação de dopamina, o hormônio do prazer, e serotonina, o hormônio do bem-estar, amplamente associado ao bom humor. Por todos estes motivos, os abraços podem inclusive ser importantes no tratamento da depressão. [...] Outro benefício é o fato de que abraçar alguém relaxa os músculos, ajudando a liberar e diminuir a tensão no corpo, deixando-nos mais calmos e relaxados. Os abraços foram incluídos na mesma categoria do riso e da meditação. Os três são considerados atividades que relaxam e nos ajudam a estar completamente presentes no momento, esquecendo temporariamente dos problemas que enfrentamos no dia a dia. [...] O toque carinhoso de um abraço ajuda a criar uma sensação de segurança, [...] aumentar nossos sentimentos de confiança, autoestima e amor próprio. [...] Um abraço ainda pode oferecer conforto a alguém que esteja passando por um momento ou situação difícil na vida. Às vezes não temos ideia do quanto uma pessoa pode estar precisando de um abraço, e de como um contato próximo, mesmo que rápido, pode trazer um sorriso e um pouco de luz a um dia triste. (REVISTA SAÚDE, online).

Diante de tantas nuances, não foi nossa intenção esgotar o assunto, que, como dissemos, já vem sendo discutido desde a Antiguidade. É possível também, a partir do estudo dos filmes, fomentar outras discussões e trazer, para cada leitor deste estudo, uma proposta de reflexão, de identificação, de concordâncias ou discordâncias, ou seja, um movimento que faça emergir variados entendimentos das relações de amizade. Emssencialmente, produção de significado que o estudo intenciona mobiliza as vivências individuais e particulares de cada um.

A pesquisa justifica-se pelo fato de o tema manter-se atual, apesar de todas as discussões já realizadas sobre ele e mais ainda em tempos líquidos e virtuais. De 2010 a 2024, foram publicadas, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, 276 teses com temas ligados à amizade, de modo que o estado da arte do tema, em cada área do conhecimento já foi iniciado e desenvolvido, mas não finalizado, e trazer os títulos e vieses empregadados em cada uma dessas pesquisas tornou-se inviável. Algumas pesquisas já publicadas afiliam-se em pensamentos de autores, ou correntes de pensamentos, ou ainda sobre os

grupos minoritários e majoritários existentes na sociedade, espaços e identidades. O diferencial desta pesquisa é trazer novos atributos que formam ou impedem de formar uma amizade, a partir do que foi percebido na construção cinematográfica. Desta forma, é um tema que permanece na atualidade, tornando relevante a pesquisa na direção de entender os movimentos sociais e suas alterações e diferenças, a partir das tecnologias que permeiam a amizade, proporcionando reflexões sobre a sociedade em que vivemos e as características das relações humanas.

É útil porque analisa, no contexto atual, o que é saudável e o que não é, a partir das inflexões científicas, podendo ser aplicada socialmente e individualmente; é necessária, porque as pesquisas já feitas sobre o tema não esgotaram o assunto; é prática, pois se utiliza de filmes que abarcam essa causa, demonstrando ainda que nem tudo o que parece amizade é, e por outro lado, o que realmente caracteriza a amizade. O estudo ainda mantém a sua relevância pelas reflexões sobre a linguagem do cinema, pela possibilidade de criticar, interpretar e reinventar o mundo, a partir das pessoas e das relações, e procura responder perguntas fortes, não-óbvias quanto parecem ser, ampliando os conhecimentos sobre este tema. A presente tese busca, assim, contribuir no campo dos estudos de linguagens, nas proposições teóricas, sociais, de saúde entre outras.

1.2. Definição do problema de pesquisa e do corpus

O problema para que justifiquemos a pesquisa, como identificamos na seção anterior, é: de que formas e com quais características as várias formas de amizade são tratadas no cinema, considerando sua importância e suas características, a partir dos filmes escolhidos? O estudo pretendeu reconhecer, utilizando-se da linguagem do cinema, se, em cada filme, a amizade é uma ligação importante ou não, como se torna uma base imprescindível para outros relacionamentos. Buscamos analisar como as amizades se formam, se fortalecem (dependendo do suporte, da frequência, do ano, do objetivo, da idade, da classe social) e se mantém ou se dissolve.

Uma vez que definimos nossa temática para esta pesquisa, que se mostrou extensa, é necessário que o *corpus* da pesquisa fique claro. Reinoldo Marquezan, no artigo “A constituição do corpus de pesquisa” (2009), afirma que:

> A problemática de pesquisa consiste em um conjunto de questões relacionadas entre si que penetram na espessura da temática e prefiguram a direção e as possíveis etapas do movimento de pesquisa que se inicia. O dispositivo teórico consiste num conjunto de princípios e procedimentos aos quais se vincula a pesquisa. O *corpus* entra no processo como a materialidade composta pelo entrecruzamento da problemática com a fundamentação teórica da pesquisa tornando-se um ponto onde se reúnem e se dispersam efeitos de sentido (MARQUEZAN, 2009, p. 98).

Dessa forma, apoiando-nos no conceito de Marquezan, identificamos um *corpus* para o estudo em questão de forma que se pudesse materializar a problemática apresentada com condições para explorar a fundamentação teórica e, a partir de então, criar sentidos, criar conexões e apresentar a temática de forma mais abrangente possível.

Sendo assim, coletamos seis filmes para realizar a presente pesquisa. Trata-se de um número grande de amostra, considerando o espaço de tempo e a grande quantidade de teorias envolvidas. No entanto, a intenção foi buscar diferentes visões da amizade, não afiliando-nos apenas em um autor ou em uma corrente teórica, pois focaremos, em cada filme, nas relações de amizade de diretores com propostas diferentes. Assim, trata-se de um *corpus* de um tamanho plausível e ao mesmo tempo rico, escolhido criteriosamente. Trouxemos filmes que retratam amizades envolvendo crianças, adolescentes e adultos. Amizades entre indivíduos e amizades entre grupos. Amizades que possuem características diversas. Amizades situadas em épocas diferentes. Com esse processo, houve uma tentativa de não enviesar as análises, utilizando, por exemplo, filmes de um único diretor. Ainda assim, pode ser considerado seletivo, pois não é possível exaurir o tema. No entanto, mostra-se um conjunto tão variado quanto possível.

Foram selecionados cinco filmes da década de 2010, que, para maior coincidência com as teorias e o pano de fundo social, foram inspirados por livros e por histórias que de fato aconteceram, a partir do olhar do diretor. Dessa forma, reforçamos a ligação da pesquisa com a Linha I do Programa de Pós-graduação em Estudos em Linguagens, centralizada na relação entre Literatura, Cultura e

Tecnologia, e uma posição crítico-analítica, utilizando-se o método comparativo, aproximando, destarte, daquilo que podemos chamar de sociedade e cultura.

Os filmes selecionados para a composição do *corpus* são: “Intocáveis” (2011), “As Vantagens de Ser Invisível” (2012), “Histórias Cruzadas” (2011), “Eu, Você e a Garota que vai morrer” (2015), “Legalize Já – Amizade Nunca Morre” (2017). A escolha por produções baseadas em livros ou produções baseadas naquilo que se convencionou chamar de “fatos reais”, faz referência à Linha I do Programa de Pós-graduação em Estudos em Linguagens, que trata de cultura e literatura, como já dissemos anteriormente. Outras informações sobre os filmes serão encontradas em cada capítulo, com diversos fatos sobre eles, a recepção do público e da crítica das páginas da internet especializadas em cinema.

Além dos cinco filmes citados acima, da década de 2010, o primeiro filme a ser analisado será “O Pequeno Príncipe” (1974)[14] baseado na obra literária homônima de Antoine de Saint-Exupéry, que, pela forma como trata a amizade e os conceitos transversais que traz, faz-se importantíssima nesta seleção. Outro filme “O Pequeno Príncipe” foi lançado em 2015, porém no formato de animação, e por esta razão optamos pela versão de 1974.

Poderíamos considerar aqui outros diversos filmes, conforme citados na seção a seguir e outros mais. As animações, então, são abundantes em histórias de amizade. Por isso foram colocados critérios de seleção, de acordo com os autores já citados: É um conjunto finito de enunciados, é uma amostra significativa, e tão variado quanto possível (apesar de cinco dos filmes serem da década de 2010, não coincidem os diretores e os países de produção).

Por ser “tão variado quanto possível” (Ducrot; Todorov, 2001), de modo a evitar que tenhamos apenas uma perspectiva e dificultar o método comparativo, é um *corpus* extenso. No entanto, cada filme tem sua peculiaridade, e faremos um recorte que trata das relações de amizade em cada um, sem prender-nos a detalhes das histórias em si, considerando o que foi tratado na seção “Contextualização do Estudo”. É um convite ao leitor a buscar as obras e

[14] O Pequeno Príncipe, obra literária de Saint-Exupéry, recebeu várias adaptações em diversos formatos. Na década de 2010, especificamente em 2015 foi lançada uma animação dirigida por Mark Osborne. No entanto, como o no corpus formado não foram incluídos filmes de animação, substituímos pela obra de Stanley Donen, de 1974, já que O pequeno Príncipe é uma obra *oconcur* no que diz respeito à amizade e seus temas transversais e que também busca ser fiel a obra universal. Consideramos que falar de amizade excluindo uma obra *sui generis* sobre esse tema deixaria a pesquisa incompleta.

encontrar outras reflexões. É também uma forma de responder, com a mais inteireza, as perguntas de pesquisa, que se mostram complexas, quais sejam: 1) É possível construir um conceito de amizade a partir das obras selecionadas? Em caso afirmativo, como isso seria feito? 2) Quais outros conceitos estão ligados à amizade? 3) Qual a importância da amizade para o indivíduo e para a sociedade? 4) De que maneiras implícitas a amizade se manifesta? 5) Em quais contextos se constrói a amizade (e a inimizade)?

A razão de escolha desse *corpus* e da metodologia (explicada na seção correspondente) também encontra amparo na obra *Um discurso sobre as ciências* (2008), de Boaventura de Souza Santos, que diz que

> o comportamento humano, ao contrário dos fenómenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis, uma vez que o mesmo acto externo pode corresponder a sentidos de ação muito diferentes. (SANTOS, 2008, p. 38).

Diante dos objetivos deste trabalho e das perguntas de pesquisa, o *corpus* escolhido permitiu um maior alcance nas respostas e resultados, sendo que este não é o único corpus possível, embora tenha sido, de acordo com as concepções de corpus, a escolha para o presente trabalho.

Desta forma, definimos como objetivo geral deste trabalho analisar o que é a amizade a partir das obras cinematográficas, de modo a explicitar sua importância e procurar construir um conceito que abarque a amizade em suas variadas formas. A forma de seleção e delimitação das obras estão definidas na seção “Definição do Corpus e Problemas de Pesquisa” e “Procedimentos Metodológicos”, no capítulo relativo à metodologia.

Como objetivos específicos, pretendemos: 1) apontar as relações de amizade e o contexto em que se formam e se desenvolvem e como se manifestam; 2) descrever os atributos presentes (temas transversais) nas relações de amizade encontradas, contextualizando-os e demonstrando a importância de cada um nos processos de amizade, bem como a importância destes na vida individual e social dos personagens e 3) demonstrar a importância da temática da amizade e os atributos que compõem esse conceito dentro das relações humanas, inclusive de forma implícita, de modo a ilustrar relações e práticas reais e possibilidades de mudanças e aprimoramentos, individuais e coletivos.

A amizade é um tema recorrente no cinema. Seja qual for o gênero do filme, há distintas possibilidades de representação da amizade. Deste modo, nos filmes, espera-se podemos perceber diversos tipos de amizades, suas características e assimilações com nossa própria identidade ou identidades de amigos.

Os filmes escolhidos trazem cenas, frases, personagens que nos fazem refletir sobre a amizade. No entanto, como a linguagem do cinema é multimodal, gestos, olhares, abraços, sorrisos, choros, todos eles contribuem para nos transportar para essa realidade.

> Enfim, seria possível listar muitos filmes e incontáveis relações [...] que nos inspiram a pensar o conceito de amizade de uma outra forma. (MARCELLO, 2009, p. 216). [...] Assim, ao invés de simplificarmos as discussões, lançando-as para um rol de "exemplos" de amizade – passíveis ou não de serem repetidos –, o que os filmes nos mostram são apenas algumas das inúmeras formas que a amizade pode encarnar. (MARCELLO, 2009, p. 228).

Na próxima seção faremos o esclarecimento dos procedimentos metodológicos utilizados para estruturação do trabalho.

1.3 Procedimentos Metodológicos

A ideia em que se baseou o registro da pesquisa é que o texto caminhe numa estrada mais ensaística, trazendo, para discussão, textos líricos e outros que serão explorados ao longo dos capítulos. Para um estudo sobre amizade, é importante buscar autores das diversas áreas da literatura e da cultura de um modo geral, a fim de dar corpo ao tema e aproximando-o da sociedade em geral.

É importante iniciar essa seção com a fala de Ernest Nagel, reproduzida por Boaventura de Souza Santos, uma vez que se trata de uma análise fílmica, que, por sua natureza, não pode ser cartesiana, mas enquadrada em uma pesquisa social, uma pesquisa em Ciências Humanas.

> Ernest Nagel, em The Structure of Science, simboliza bem o esforço desenvolvido nesta variante para identificar os obstáculos e apontar as vias da sua superação. Eis alguns dos principais obstáculos: as ciências sociais não dispõem de teorias explicativas que lhes permitam abstrair do real para depois buscar nele, de modo metodologicamente controlado, a prova adequada. As ciências sociais não podem estabelecer leis universais porque os fenómenos sociais são historicamente condicionados e culturalmente determinados; as ciências sociais não podem produzir previsões fiáveis porque os seres humanos modificam o seu comportamento em função do

> conhecimento que sobre ele se adquire; os fenómenos sociais são de natureza subjectiva e como tal não se deixam captar pela objectividade do comportamento; as ciências sociais não são objectivas porque o cientista social não pode libertar-se, no acto de observação, dos valores que informam a sua prática em geral e, portanto, também a sua prática de cientista (SANTOS, 2008, p. 36).

A presente pesquisa é do tipo crítico-analítica. “A análise e a interpretação desenvolvem-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 112).

Assim, de cada filme, extraímos as cenas em que se fala de amizade, em que se mostra a amizade, suas características intrínsecas, para fazer a descrição da mesma, utilizando também seus diálogos e silêncios. Não foi feita nossa intenção fazer uma análise técnica de cada cena, descrevendo, por exemplo, os movimentos de câmera, a profundidade de campo, e outros elementos da análise cinematográfica, como é explicado mais a frente. A escolha baseou-se na explicação de que não é nossa intenção fazer uma análie cinematográfica, das escolhas do diretor, uma vez que não era este o nosso foco, concentrando-nos na questão da amizade, dos desdobramentos e das demais relações. As cenas foram utilizadas para ilustrar e dar sentido à discussão, e, como são filmes de fácil acesso, foram identificadas em minutos e segundos, de modo que podem ser revistas pelos leitores. A imagem diz muito, e a imagem em movimento, aliada ao som, pode dizer ainda mais. No entanto, trazer estes elementos na tese com tantas cenas poderia prejudicar a formação de opinião do leitor. Alem disso, em cada capítulo, foram utilizados textos de outros autores para dar suporte à descrição da cena, em alguns casos, além de trazer conceitos já formulados para comparar com o que acontece na cena e favorecer a interpretação e atribuição dos valores presentes na amizade.

Como constituímos um corpus bem diversificado, ao final, foi possível fazer, nas considerações finais, um somatório de tudo o que foi observado sobre a amizade, formando uma nova conceituação, com muitos atributos, contudo, podendo ser ampliado ainda mais, de acordo com a experiência pessoal de cada leitor e de cada pesquisador e conforme explicamos a seguir, a partir dos autores

que tratam da metodologia do trabalho: o que levar em conta, o que não, de que maneira é feita a análise do fenômeno, o que os olhos do pesquisador buscarão.

Penafria explica o método de analisar e criticar filmes:

> Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceite para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. [...] Já a crítica tem como objectivo avaliar, ou seja, atribuir um juízo de valor a um determinado filme - trata-se de determinar o valor de um filme em relação a um determinado fim (o seu contributo para a discussão de um determinado tema, a sua cinematografia, a sua beleza, a sua verdade, ...). Este tipo de discurso não é pois uma análise propriamente dita, mas poderá beneficiar do trabalho de análise que consideramos anterior a uma atribuição de um juízo de valor. (PENAFRIA, 2011, p.1-2).

Podemos completar o pensamento de Oliveira com o de Pérez:

> A pesquisa crítica possui uma preocupação diacrônica, na qual a história é um eixo de explicação e compreensão, concebendo os fenômenos estudados em um contexto mais amplo. Assim, a realidade é dinâmica, e o mundo está em construção e inserido em seu movimento e em sua história. (PÉREZ, 2012, p. 146).

A pesquisa não tem intenção de dar respostas conclusivas à questão problema. “À parte desta orientação teórica, os estudos qualitativos, nos quais a teoria (ou alguma outra explicação ampla) torna-se o ponto final de um estudo” (Creswell, 2007, p. 142).

Diversos autores também falaram sobre a pesquisa qualitativa, que se enquadra perfeitamente para uma análise crítico-analítica, no método comparativo, que “investiga indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, visando ressaltar as diferenças e semelhanças entre eles. É amplamente usado nas Ciências Sociais” (Duarte et al, 2009, p.176). Desta forma,

> Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.
> De acordo com Bogdan & Biklen (2003), o conceito de pesquisa qualitativa envolve cinco características básicas que configuram este tipo de estudo: ambiente natural, dados descritivos, preocupação com

> o processo, preocupação com o significado e processo de análise indutivo.
> [...]
> Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos, fotografias, desenhos, documentos, etc. Todos os dados da realidade são importantes.
> A preocupação com o processo é muito maior que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. (OLIVEIRA, 2011, p. 24-25).

Oliveira complementa o pensamento dos autores afirmando que:

> o "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, examinam-se como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (OLIVEIRA, 2011, p. 25).

As imagens são importantes para realizar a análise. Para Roland Bathes (1990), é preciso passar do conteúdo para o conteúdo suplementar, o segundo sentido:

> Existirão outras mensagens sem código? À primeira vista, sim: são precisamente todas as reproduções analógicas da realidade: desenhos, quadros, cinema, teatro. Mas, de fato, cada uma dessas mensagens desenvolve de maneira imediata e evidente, além do próprio conteúdo analógico (cena, objeto, paisagem), uma mensagem suplementar, que é o que se chama comumente o estilo da reprodução; trata-se pois de um segundo sentido, de que o significante é um certo "tratamento" da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete a uma certa cultura da sociedade que recebe a mensagem. Em suma, todas essas "artes" imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem denotada, que é o próprio analogon, e uma mensagem conotada, que é a maneira como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que ela pensa. (BARTHES, 1990, p.12).

Desse modo,

> Na esteira do raciocínio proposto por Souriau[15], acreditamos que o estudo acerca correspondência entre as artes, pode, de um lado, trazer uma maior compreensão e conhecimento das artes colocadas em diálogo, mas pode, por outro lado, ampliar nossa compreensão do fenômeno estético como um todo, o que corrobora a idéia inicial deque "a arte são todas as artes" (SORIAU, 1983, p. 2 apud PEDROSO JUNIOR, 2009, p. 103)

Para Jullier e Marie, "Para 'ler o cinema' não existe um código indecifrável, receita milagrosa ou método rígido. Aliás, muitos filmes exigem menos ser lidos como mensagens cifradas do que ser sentidos, experimentados carnalmente ou

[15] Étienne Souriou (1982-1979) foi um filósofo francês, especialista em estética.

quase. (JULLIER; MARIE, 2009, p. 15-16). Assim recorreremos a metodologias que permitam diversas análises, como as propostas pelos autores.

As ferramentas da análise fílmica abrangem os níveis do plano (o ponto de vista, o comprimento do eixo da objetiva, a lateralidade, a verticalidade, a frontalidade do enquadramento, distância focal, profundidade do campo, espaço de foco, os movimentos da câmera, a fluidez, a manejabilidade, luzes e cores, os ruídos, a música, as palavras) da sequência (os pontos de montagem, a cenografia, efeitos visuais, metáforas audiovisuais) e do filme (recursos da história, a distribuição do saber, gêneros, estilos e dispositivos, o jogo com o espectador) (JULLIER; MARIE, 2009).

No entanto, como as análises podem ser diversas, os autores afirmam que não há conceitos fechados para analisar um filme:

> Grandes campos teóricos não se cristalizam como pólos de gravidade, traindo a análise pelos conceitos. [....] uma análise fílmica densa, que escapa ao "bom-mocismo" do culturalismo norte americano e deixa para trás a camisa de força da semiologia estrutural. (JULLIER; MARIE, 2009, p. 12-13).

Em primeiro lugar, trouxemos algumas características e curiosidades sobre a linguagem cinematográfica nas Considerações Iniciais sobre as Análises Fílmicas. Em seguida, analisaremos o fenômeno da amizade a partir do comportamento e das características dos personagens nos filmes que serão analisados, de acordo com a Seção 2 (Definição do Corpus e Perguntas de Pesquisa). O capítulo “Considerações iniciais sobre análises fílmicas” apresentará um maior aprofundamento da teoria, seguido pelos seis capítulos com as análises dos filmes, e por fim, as Considerações Finais.

Segundo PRADANOV; FREITAS (2013, p. 145): “O leitor deve fazer uma análise crítica formulando um juízo crítico (tomada de posição) sobre o conteúdo e sobre a forma utilizada para argumentação e conclusão”. Os filmes foram escolhidos com base nos critérios explicitados anteriormente. O Quadro 1, a seguir, apresenta os filmes que fazem parte do *corpus*. Incluímos ainda o ano em que o filme se passa.

Quadro 1 – Filmes selecionados para análise

Título	Ano de produção	País	Direção	Ano em que se passa

O Pequeno Príncipe*	1974	EUA/ Reino Unido	Stanley Donen	1935
Intocáveis* **	2011	França	Olivier NaKache e Éric Toledano	1993
Histórias Cruzadas*	2012	EUA/ Emirados Árabes Unidos/ Índia	Tate Taylor	Anos 60
As vantagens de ser invisível*	2011	EUA	Stephen Chbosky	1992
Eu, você e a garota que vai morrer*	2015	EUA	Alfonso Gomez-Rejón	Provavelmente 2012 (Ano de lançamento do livro que inspirou o filme).
Legalize já – amizade nunca morre**	2018	Brasil	Johnny Araújo e Gustavo Bonafé	Anos 90

* Baseado em livro

** Baseado no que se convencionou chamar “fatos reais”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A análise do cinema passa por outras artes, como a música, e a literatura principalmente. Assim, em conformidade com Soriau, estão intimamente ligados ao mundo da linguagem.

Os filmes elencados foram produzidos com focos diferentes, contudo, todos abordam a questão da amizade representada de uma forma ou de outra. “Essa liberdade de interpretação na qual a fruição estética faz morada revela uma ética: uma permissão à possibilidade de várias leituras, dos diversos pontos de vista e ao livre exercício do raciocínio hipotético-dedutivo”. (SANTOS, 2011, p. 19).

Não há uma premissa de abordar os pensamentos filosóficos, sociológicos e de linguagens de forma linear. Eles podem estar em qualquer capítulo, de acordo com o que estiver sendo explorado, alinhando-se com o que

já foi escrito por filósofos, poetas, reportagens de veículos reconhecidos e outras pesquisas.

Nas Considerações Iniciais sobre as Análises Fílmicas, buscamos falar brevemente sobre o cinema, situando-o na história e demonstrando como a linguagem do cinema tem suas particularidades, para identificarmos as relações a partir da observação das imagens e dos sons e de como eles foram montados.

Nas análises de filmes, é possível, muitas vezes, perceber claramente a intenção da obra, além dos assuntos paralelos trazidos ali e das variações das identidades nos diferentes ambientes.

No Capítulo 1 iniciamos a análise de cada fime, começando por “O Pequeno Príncipe”, será enfatizada a importância da amizade para a criança, a facilidade de fazer amigos, o processo do encantamento e do cativar, a importância do tempo dedicado para a amizade, a reciprocidade, e o desejo de conviver. Baseado na obra de Antoine de Saint-Exupèry, o filme, que parece ser uma história de criança traz diversos ensinamentos e reflexões sobre amizades nas relações do Pequeno Príncipe travadas com a raposa, a serpente, o aviador e com a sua rosa, além das impressões formadas a respeito dos habitantes dos planetas pelos quais ele passou até chegar ao deserto do Saara.

No Capítulo 2, “Intocáveis”, procura-se focar a amizade entre pessoas de classes sociais diferentes, a eleição do amigo, o poder transformador e a revitalização que a amizade tem, as discordâncias e o conflito que são resolvidos, e mais uma vez a redenção pela amizade. Inspirado no que se convencionou chamar de “fatos reais”, Phillip e Driss tem histórias de vida completamente diferentes, vêm de espaços diferentes, mas a amizade estabelecida entre eles faz com que ambos mudem suas vidas e passem a enxergar novas formas de serem felizes, com as limitações de ambos, a partir da confiança que foi desenvolvida, de modo que cada um proporciona ao outro momentos de alegria e reflexões sobre o futuro.

No Capítulo 3, “As vantagens de ser invisível”, serão demonstradas as inseguranças dos adolescentes, a solidão como um processo doloroso, a dificuldade em saber quem se é e encontrar outros que o enxergue, a ajuda mútua, com o melhor de cada um, as percepções de similaridades e diferenças entre amigos, a formação de uma identidade, a importância da amizade nesta idade, as memórias dos bons momentos. O filme é baseado no livro homônimo

de Stephen Chbosky, que procura demonstrar como a amizade é importante na adolescência, a partir da solidão de Charlie e as mudanças pelas quais passou quando encontrou amigos de verdade. Antes, ele convivia com um amigo imaginário, em função da sua timidez e sua introversão.

No Capítulo 4, “Histórias Cruzadas”, mostraremos amizades constituídas pelas classes sociais, pela posição, pela origem, e o desprezo das demais classes. A formação de grupos de iguais, oprimidos, que, ao se tornarem amigos, encontram forças para enfrentar o dia a dia e mudar suas situações, a amizade com o papel de ajudar o outro, não semelhante, a amizade como propositora de reflexão da sociedade. O filme é baseado no livro homônimo de Kathryn Stockett e ambientado nos Estados Unidos, na década de 1960, quando eram fortes as questões de preconceito contra os negros e que vigorou abertamente durante vários anos, mostrando, por exemplo, entradas separadas para negros e para brancos, banheiros diferentes, locais de se estabelecerem, sob a doutrina “separados, mas iguais”. A obra demonstra as amizades rasas na alta sociedade, que segregavam inclusive brancos que não tinham uma ascendência tradicional, e a amizade entre as negras, empregadas domésticas, que também se uniam. A chave é a personagem Skeeter, inconformada com a situação, e engajada na mudança da mentalidade e da estrutura social, principalmente com a escrita de um livro que faça as pessoas refletirem.

No Capítulo 5, “Eu, você e a garota que vai morrer”, discutiremos a solidão velada, o papel da família na amizade, a descaracterização da amizade em função da classe social, o tempo de construção de amizade, ao tempo que parece passar rápido, a necessidade de reciprocidade, a importância da presença física, a amizade como redenção para ambos os lados. O filme é adaptado do livro homônimo de Jesse Andrews, discute para além da amizade, aspectos morais do personagem Greg, que muitas vezes se mostra egoísta, privilegiado (talvez racista), e sua mudança ao perceber o valor da vida a partir das amizades de Rachel e Earl. Apesar de terem crescido juntos e serem inseparáveis, Greg não chamava Earl de “amigo” por sua cor e classe social. No entanto, teve a oportunidade de se redimir com Rachel, demonstrando a força que tem uma amizade e quanta vida ela pode nos trazer.

No capítulo 6, “Legalize já – Amizade nunca morre”, é demonstrada a amizade entre adultos, a dificuldade em se dizer que ama o amigo, o acreditar

no potencial do amigo, a disposição em estarem juntos, a questão da classe social determinando a amizade, amizade proporcionando ascensão social e a morte como escolha, pela solidão. O filme conta parte da história real de Skunk e do cantor Marcelo D2, ambos vindos da classe social mais baixa, mas ao estreitar a amizade e perceberem que a música era uma importante forma de expressão das questões sociais do país, formam a banda Planet Hemp. Importante destacar que, mesmo adultos e sem muito trato social, os dois acreditavam no amor como matéria da amizade. No entanto, Skunk deixou-se dominar pela violência simbólica apresentada no filme e perde a vontade de viver.

Nas Considerações Finais, faremos um apanhado das variadas características da amizade observadas nos filmes, à luz das concepções teóricas, e nossas inflexões e reflexões sobre os temas trabalhados nos capítulos. Esta tese é um meio de chamar a atenção para os valores da amizade na atualidade e provocar discussões sobre a sociedade atual e como se estabelecem vínculos e comprometimentos nos relacionamentos afetivos e sociais.

Assim, iniciaremos nossa jornada pelos caminhos do cinema, na análise do corpus escolhido e conforme descrito acima. Cada capítulo fala de um filme, de modo que o leitor possa assisti-los separadamente ou na sequência que desejar. Os capítulos trarão a seguinte sequência: Observações iniciais, que nos permitirão uma visão geral da recepção do filme, curiosidades e prêmios e indicações recebidas; Considerações da crítica especializada, que traz as visões dos profissionais que publicam em veículos especializados em cinema. Aqui, podemos ver críticas sobre a produção, a atuação, a criação dos personagens e ter uma visão geral da história que será contada. É possível ver o que foi mais destacado no filme e o que, na visão deles, foi bom, acertado, e o que foi ruim. Como já dissemos, não se trata da opinião de cineastas, ou uma visão técnica/analítica ou acadêmica do filme; Breve análise das sequências sobre amizade, de modo que não se estenda muito e, nesse mesmo tópico, há a observação dos temas e contextos que perpassaram, em cada obra, essas amizades, como bullying, preconceito, aceitação e outros. Cada obra traz temas diversos que merecem, a posteriori, serem analisados com mais profundidade. Aqui citaremos e traremos alguns estudos, sem aprofundarmos, para que a

palavra-chave do objetivo geral – a amizade – seja posta em evidência. Dessa forma, a comparação ficará mais evidente e propiciará uma melhor forma de se utilizar o método comparativo. Para finalizar cada capítulo, traremos alguns traços das identidades que influenciaram no desenrolar do filme. Após os seis capítulos analíticos, traremos, nas considerações finais, aquilo que colhemos ao longo do trabalho.

Finalizamos essa seção com a fala de Jullier e Marie: “os maiores sucessos da história do cinema sem dúvida se prestam à reflexão, instruem acerca da situação do mundo, mas antes de tudo, dão satisfação”. (Jullier; Marie, 2009, p. 15).

1.4 Resultados Esperados

.

Conforme já dissemos, a nossa hipótese é de que amizade é importante em qualquer idade e possui vários conceitos transversais imprescindíveis para que seja plena. É preciso, e vêm sendo feitas, em vários campos do saber, pesquisas que falam sobre este tema, ainda mais na atualidade, em que as relações são líquidas e não são feitas para durar.

Assim, coletando informações para um conceito de amizade, o qual discutiremos nos capítulos, esperamos possibilitar a reflexão e a prática de relações mais coesas e saudáveis, além de um olhar mais aprofundado para os filmes pesquisados. Assim, esperamos fornecer insumos para que outros pesquisadores possam desenvolver outros trabalhos acadêmicos dentro do campo dos estudos de linguagens.

Uma vez que fizemos uma pesquisa que pode ser chamada de social, envolvendo a linguagem cinematográfica, de modo que não se restringisse puramente à academia, ao final da leitura da tese, espera-se que o leitor possa identificar, em sua própria vida e em suas próprias relações, qual é o espaço que tem dado à amizade, com qual filme se identifica mais e de que forma pode criá-las e fortalecê-las para uma participação mais saudável, mas também para uma proteção de saúde mental. Desde a concepção desta tese, a intenção era de que ela atingisse a maioria das pessoas, propondo reflexões sobre as relações humanas, conforme dito anteriormente e corroborado por SANTOS (2008):

> Rousseau formula várias questões enquanto responde à que, também razoavelmente infantil, lhe fora posta pela Academia de Dijon. Esta última questão rezava assim: o progresso das ciências e das artes contribuirá para purificar ou para corromper os nossos costumes? Trata-se de uma pergunta elementar, ao mesmo tempo profunda e fácil de entender. Para lhe dar resposta — do modo eloquente que lhe mereceu o primeiro prémio e algumas inimizades — Rousseau fez as seguintes perguntas não menos elementares: há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituirmos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? Perguntas simples a que Rousseau responde, de modo igualmente simples, com um redondo não. (SANTOS, 2008, p. 16).

Numa tentativa de responder os questionamentos de Rousseau, com outro viés, passaremos, agora, às considerações iniciais sobre o cinema e na sequência, os seis capítulos, cada um com um filme, culminando nas considerações finais.

Acreditamos, como já dissemos, que a amizade caracterizada como uma relação sólida é um relacionamento que ainda pode acontecer, mesmo com as observações de Bauman, e buscamos retratá-las em cada filme. Por fim, acreditamos que essas é que podem ser chamadas de amizade. Como exemplo, o Pequeno Príncipe é um livro lançado em 1943, num período pré-guerra e já fala sobre amizades sólidas, bem como Chaplin, ainda em 1940 (citado na Introdução) destaca que o capitalismo e o imperialismo não podem ser colocoados acima dos nossos sentimentos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE AS ANÁLISES FÍLMICAS

> Muitos são os tipos de produção artística a que o homem tem se dedicado ao longo de sua história. Uns perduram, tem braço mais longo em sua descendência; outros rapidamente se extinguem mesmo que na época pareçam maiores. No andar da carruagem, depois que o novo perdeu a magia da novidade, resta ver no “balanço das almas”, o que restou no balaio.
> (FERNÃO PESSOA RAMOS in: A HISTÓRIA DO CINEMA MUNDIAL - APRESENTAÇÃO)

Neste capítulo, apresentaremos os principais conceitos ligados ao cinema, já que a metodologia do trabalho prevê uma análise de filmes. Não aprofundaremos nas questões técnicas de concepção de elaboração dos filmes

(pois não é um objetivo desta pesquisa), mas destacaremos como a linguagem cinematográfica é ligada à arte, suas peculiaridades, a questão das identidades e das relações humanas. Nos próximos capítulos partiremos para a análise das sequências de amizades nos filmes que compõem o corpus. O leitor pode aprofundar estes conceitos com a bibliografia utilizada neste trabalho.

Acreditamos, como já dissemos, que a amizade caracterizada como uma relação sólida é um relacionamento que ainda pode acontecer, mesmo com as observações de Bauman, e buscamos retratá-las em cada filme. Por fim, acreditamos que essas é que podem ser chamadas de amizade. Como exemplo, o Pequeno Príncipe é um livro lançado em 1943, num período pré-guerra e já fala sobre amizades sólidas, bem como Chaplin, ainda em 1940 (citado na Introdução) destaca que o capitalismo e o imperialismo não podem ser colocoados acima dos nossos sentimentos.

CI.I Cinema, a sétima arte

Iniciaremos esta seção com o texto de André Guirland Vieira e Margarida Rangel Henriques, “A construção narrativa da Identidade” (2014), que associa as artes (ou as ciências) às narrativas de identidade de cada ser humano. Os autores trazem as postulações de Jerome Bruner[16], que, por sua vez, trouxe as frases de Aristóteles e Oscar Wilde, “a arte imita a vida” e “a vida imita a arte”, respectivamente. Para BRUNER (1987), a construção das representações de mundo se dá a partir da cultura, para cada indivíduo, a partir de narrativas, quer seja através da ciência ou das artes.

> A ideia da narrativa como ferramenta na construção da representação do mundo parte da concepção de Kant de que, enquanto o espaço é a forma de nossa experiência exterior, o tempo é a forma de nossa experiência interior. Além de Kant, Bruner toma Ricoeur (1994), quem propõe que a representação humana do tempo só pode se dar na forma de uma narrativa. A partir daí, Bruner (1987) irá postular duas teses. A primeira tese é a seguinte: nós não temos outra maneira de descrever o tempo vivido a não ser na forma de uma narrativa. Minha segunda tese é a de que a mimesis entre o que chamamos de vida e a narrativa é uma via de mão dupla: isto é, assim como a arte imita a vida, no sentido de Aristóteles, assim, como propõe Oscar Wilde, a vida imita a arte. Narrativa imita a vida, vida imita a narrativa. Vida, neste sentido, é o mesmo tipo de construção da imaginação humana do que a narrativa. Ela é construída pelos seres humanos a partir de um raciocínio ativo, através do mesmo tipo de raciocínio a partir do qual nós construímos as narrativas. (Bruner, 1987, pp. 12-13 apud VIEIRA; HENRIQUES, 2014, p.1)

Considerando as narrativas como forma de elaborar o próprio mundo, é importante, em qualquer forma de arte, que ela faça sentido para quem contempla e para quem elabora, que desperte os sentidos em quem está em contato com ela. Seguindo Fogazzi (2012):

> É o sentido que permite escolhas de atitudes perante a vida. Dependendo do sentido, da situação, você escolhe ter um ou outro comportamento, realizar uma ou outra ação. [...] De modo que importa perceber os inúmeros sentidos, as nuances de significados possíveis. (FOGAZZI, 2012, p. 27-28).

A autora frisa que a percepção desses sentidos dará novos sentidos para a vida, "dando possibilidade de escolha de atitudes, de construção de ‘uma vida como obra de arte’, com Nietzsche”. (FOGAZZI, 2012, p. 28). Uma vida como

[16] Jerome Seymour Bruner (1915-2016) foi um psicólogo estadunidense, professor de Psicologia em Harvard e Oxford.

obra de arte é uma vida que faça sentido, que despretensiosamente desperte nas outras pessoas atenção para os significados e os caminhos que estão percorrendo na vida. Uma vida que possa criar valores. No entanto, segundo a mesma autora, “a vida contemporânea está em contato permanente, através das redes sociais e da internet, com outros valores e outras culturas. Descobre-se que não há um valor, ou conjunto de valores, válidos para toda a humanidade”. (FOGAZZI, 2012, p. 28).

Sobre o cinema, Orson Welles[17] afirmou: “O cinema não tem fronteiras nem limites, é um fluxo constante de sonho” (Antunes, 2012, p. 20). A frase demonstra o entusiasmo com que o mundo recebia o cinema e via suas várias possibilidades.

Canudo chama a atenção para a mercantilização do cinema, em que os produtores o viam como mercadoria e não como arte. Se formos aprofundar o pensamento, nos dias de hoje todas as artes estão expostas a esse mal, o da arte como bem de consumo e não uma forma de demonstração do belo.

Segundo o professor Matheus Benites (2020), no final do século XIX, “um grupo de críticos começou a discutir o cinema como arte e defender o cinema como arte, e buscar a essência do cinema, o que ele tem como específico e o distingue das demais formas de arte” (BENITES, 2020, online). O cinema, despretensiosamente, caiu no gosto popular e tornou-se um importante meio para contar histórias e veicular ideias. Benites também cita Canudo que diz que “o cinema é o “supra-sumo” da experiência estética, é o ápice de um processo teleológico (telos: finalidade) que culmina no cinema.” (BENITES, 2020, online).

Canudo era especialmente encantado pelo cinema e o colocava acima das outras artes, como uma síntese espaço-temporal que traz atributos de todas as outras artes. “Canudo classificava que a arquitetura, a pintura e a escultura estavam mais relacionadas ao espaço (forma), a música, a dança e a poesia estavam relacionadas com tempo (ritmo). O tempo é a união dessas duas formas de arte”. (Benites, 2020, online, adaptado).

Ismail Xavier, na obra *Sétima Arte: Um culto moderno* (2017), ressalta que, para Canudo, “o cinema é um coroamento desse processo de evolução das

[17] George Orson Welles (1915-1985) foi um ator, produtor, escritor e diretor estadunidense.

artes que permite a percepção clara, retrospectiva do desenvolvimento anterior de todos os recursos expressivos" (BENITES, 2020, online).

O fim do século XIX e o início do século XX é um período de muita novidade e muitas invenções e de muito entusiasmo em relação ao futuro. Canudo, então, é, em alguns momentos, associado ao grupo chamado "futuristas", que classificavam o cinema como se fosse uma coisa completamente nova, separada da tradição e que não precisava dela. O cinema criava os seus próprios caminhos.

Canudo, entretanto, se distancia em alguns momentos do movimento futurista, quando este fala de violência e guerra. É importante aqui trazer uma descrição maior do futurismo e suas premissas, já que o cinema – depois de algumas invenções – teve, nesse período histórico, as bases lançadas para o seu desenvolvimento.

O futurismo iniciou-se como um movimento em Milão na Itália, em 1909-1910, a partir do Manifesto Futurista escrito pelo poeta Fillipo Marinetti, e tornou-se conhecido a partir de sua publicação, em 1909, no jornal francês Le Figaro. Marcado pela Segunda Revolução Industrial e de natureza italiana, o movimento influenciou também as artes de outros países como França, Rússia e Brasil. Os futuristas exaltavam a tecnologia e a velocidade como libertação do passado, e viam, entusiasmados, as novas invenções humanas. A frase "É mais belo um ferro elétrico do que uma escultura", de Giacomo Balla, um dos fundadores do movimento, retrata essa posição, na substituição do carvão pela eletricidade. Outro exemplo é o da velocidade. Fillipo Marinetti ressalta: "O esplendor do mundo se enriqueceu com uma nova beleza: a beleza da velocidade. Um automóvel de carreira é mais belo que a Vitória de Samotrácia[18]. O período era caracterizado pelos avanços industriais, pelas engrenagens dos maquinários, enfim, tudo o que representava um novo mundo e um novo homem. Era o momento da substituição do ferro pelo aço, do carvão pelo petróleo como principal recurso energético, o que permitiu a criação dos motores a combustão, e em 1908 aconteceram os primeiros voos públicos em Paris, a bordo do 14-bis. (BRANDINO, online).

[18] A Vitória de Samotrácia é uma escultura romana, produzida entre 220 e 190 a.C., que representa a deusa grega Nice.

No entanto, o movimento futurista italiano foi marcado, no início, por um nacionalismo agressivo, que levou muitos de seus integrantes a um entusiasmo com a guerra e ao apoio ao fascismo de Benito Mussolini. Eis um trecho do manifesto: “Queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo – o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarquistas, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo da mulher”. Canudo não se identificava com esse pensamento. (BRANDINO; BENITES; Benites, 2020, online).

Assim como a velocidade e o rompimento com a tradição, o Futurismo tinha outras premissas, entre elas, o rompimento com o tempo e o espaço (premissa do cinema) como observa Brandino em um trecho do manifesto futurista: “Estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveremos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Vivemos já o absoluto pois criamos a eterna velocidade onipresente” (Brandino, online). A obra de Bauman também ressalta esse papel do tempo e do espaço.

Além disso, eram premissas do movimento futurista: dinamicidade, contestação do sentimentalismo e consequente valorização do homem de ação, enaltecimento da audácia e da revolução, exaltação da vida contemporânea, com ênfase em temas de tecnologia e em novos aparatos industriais; rejeição ao moralismo e ruptura com a tradição. Era um movimento que impulsionava a arte para violência, para a energia, para agressividade, para a luta. O cinema adotou parte dessas rupturas e tornou-se uma arte revolucionária.

Segundo Benites, para Canudo, o cinema é a arte que desnuda para o espectador a realidade, porque tem um “quê” a mais. Canudo procurou defender o cinema como forma de arte, uma arte que deve se diferenciar do teatro, e inevitavelmente, romper com a tradição. Pode ser observado, nesse período, que o cinema europeu buscava atores de teatro – era dependente de outras formas de arte. O grupo de críticos percebe essa dependência como um parasitismo e, não à toa, eles passam a elogiar o cinema americano desse período (Benites, online).

Canudo destaca que os estadunidenses só conseguiram criar um cinema inovador, interessante, narrativo, diferente do europeu, porque não tinham um passado, uma tradição estética com a qual teriam que romper, como os

europeus, estagnados e dependentes da tradição cultural. Ismail Xavier chama a atenção para esse ponto, baseando-se na formulação de Canudo:

> o fato é que os americanos [...] não têm tradições intelectuais, não se embaraçam em nenhum entrave cultural, nasceram esteticamente com a arte da tela como o velho mundo nasceu com a arte dos sons ou das cores ou da pedra. Eles não têm nada a esquecer. (Canudo apud XAVIER, 2013, 56).

Por essa razão, por exemplo, os filmes do D. W. Griffith[19], que foi o principal diretor americano desse período, impactaram tanto o mundo com a sua potência e com a sua nova linguagem, que ditava os termos do cinema narrativo que é assumido sobretudo em Hollywood até hoje.

A fusão de inspirações diversas é nítida no pensamento de Canudo. Para compor o seu conceito, ele apresenta um modelo de arte em que a tendência é destacar a experiência sensorial como expressão de um desejo de onipotência, de comunhão com o transcendente, ou da posse do sentido da vida, que ganham um toque futurista: é exaltada a essência íntima do cinema como espetáculo síntese (BENITES, 2020).

O cinema, diferentemente de outras artes, ao invés de ser uma representação da vida, lida com a própria vida como sua matéria-prima. Aqui não falamos de teatro, que era considerado estagnado na época, mas buscamos o novo no cinema, com a arte do futuro, a arte da imagem em movimento. O cinema lida com a realidade: capturá-la como numa cápsula, utilizar o tempo decorrido no interior do plano e lançar para a eternidade. Pode-se assistir, por exemplo, “Coração Fiel”, de Jean Epstein, filme de 1923, na atualidade e os fotogramas que ele capturou ali naquele tempo podem ser vistos como se tivessem na nossa frente, na nossa realidade, descontando as mudanças técnicas que aconteceram durante esse tempo (BENITES, online).

Canudo mostra que o nosso tempo sintetizou, por um impulso divino, múltiplas experiências do homem, da vida prática e da vida sentimental: casamos a ciência com a arte, dizendo das descobertas (que aprimoraram o cinema), e o ideal da arte, aplicando-as uma à outra para captar e fixar os ritmos da luz, ou seja, o cinema (BENITES, 2020)

[19] David Llewelyn Wark Griffith, geralmente conhecido por D. W. Griffith (1875-1948) foi um diretor de cinema estadunidense, apontado por muitos críticos, cineastas e especialistas como o mais influente diretor da história do cinema.

Canudo também percebe a arte como uma espécie de elipse sagrada na qual o homem depositou, desde sempre, o melhor de sua emoção, o mais profundo de sua luta contra o fugidio dos aspectos e das coisas. Ele nos diz ainda que a experiência estética como complemento da vida tem enriquecido sucessivas gerações, elevando-as para além das realidades efêmeras, afirmando a eternidade das coisas com as quais os seres humanos se emocionam. (BENITES, 2020).

A importância do movimento para o cinema é um outro componente de sua essência. Para Heráclito[20], o movimento também é a essência da realidade. É famosa a sua formulação: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontram as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou” (LÔBO; RIBEIRO, 2022, p. 141). Tudo flui, tudo está sempre mudando, tudo está sempre desconfigurando e se reconfigurando de formas diferentes e o cinema é o que permite a gente desvelar isso, quando possibilita entrar em contato com essa realidade profunda da existência. (BENITES, 2020).

CI.II Considerações sobre o Cinema

Nesta seção utilizaremos prioritariamente os postulados do livro *A linguagem do Cinema* (2013), dos autores Edgar-Hunt, John Marland e Steve Rawie, que trazem elementos importantes para as análises dos capítulos posteriores.

Segundo o diretor Frank Capra, “o cinema é uma das três linguagens universais. As outras duas são a matemática e a música” (apud Edgar-Hunt Marland; Rawle, 2013, p. 6). Com essa máxima, o diretor reforça a importância da linguagem do cinema e atribui a ela características que outros tipos de linguagem não apresentam. Uma vez que só o cinema possui certos artefatos, torna-se uma linguagem muito particular.

O Livro do Cinema (2022) salienta que

> O cinema está tão entranhado na nossa cultura que é difícil imaginar uma época sem ele. Também é difícil imaginar a reação atônita das

[20] Heráclito (500 a.C - 450 a.C) foi um filósofo da região de Éfeso, pré-socrático, considerado o “Pai da Dialética”.

> primeiras plateias, nos anos 1980, quando as figuras espectrais ganhavam vida diante de seus olhos. O verdadeiro choque para nós, do século XXI, é como as “imagens em movimento” evoluíram velozmente nas três décadas seguintes, tornando-se mais vívidas e atraentes. (LEIGHT et al, 2022, p.18).

O cinema também passou por transformações para sair da classificação de técnica, para ser considerado arte. Em *A história do cinema para quem tem pressa* (2022), Sabadin afirma que:

> Nos primeiros momentos do século 20, o cinema estava inventado e difundido mundialmente como técnica, mas não como linguagem, já que os primeiros filmes pouco diferiam de meros cartões postais em movimento, com cerca de 50 minutos de duração. Num primeiro momento, os cinegrafistas de Lumiére limitaram-se em fixar a câmera em algum lugar supostamente interessante, a apontar as lentes para algo que se movia e a rodar a manivela. Plano único, sem cortes. (SABADIN, 2022, p. 24)

No entanto, à medida em que a técnica foi se aperfeiçoando, tornou-se uma linguagem única e especial, conforme dito anteriormente, e foi importante marco na História dos Estados Unidos, assim como na de outros países.

> A magia das imagens em movimento – com a linguagem muda e universal dispensando o conhecimento do idioma – se transformou no divertimento ideal para milhões de imigrantes que povoaram aquele país [os Estados Unidos] naquela virada de século. (SABADIN, 2022, p. 35).

Como qualquer linguagem, o cinema não é despretensioso. É um veículo de um ponto de vista, de ideologia. Na maioria das vezes sutilmente, a ideia dos produtores ali está. Essa discussão está presente no artigo “Linguagem, Ideologia e Poder: o desvelamento das marcas culturais no filme Náufrago”, dos autores Sueli Aparecida da Costa e Antônio Donizeti da Cruz, publicado em 2006. O que Bakhtin denomina palavra pode ser entendido como linguagem e, dentre as linguagens, está a imagética.

> Só existe consciência na medida em que esta se concretiza através de algum tipo material semiótico, seja sob a forma de discurso interior , texto escrito ou oral, seja no processo de interação verbal. A palavra circunda todas as relações de vida social e registra todas as transformações deste processo. O que Bakhtin chama de palavra deve ser entendido como a linguagem, em seu sentido mais amplo, e deve ser colocada em primeiro plano no estudo das ideologias, pois é na palavra que melhor se revelam as formas ideológicas da comunicação social e da interação social de seus produtores. (COSTA; CRUZ; 2006, p. 11).

Reforçando a ideia de que o cinema é uma construção social, com uma finalidade definida no diálogo com o interlocutor (o espectador), Bakhtin chama

a atenção para a condição histórica e social desse interlocutor, considerando a cultura e os valores ideológicos dos sujeitos (autores do filme) da enunciação. Por ser veículo de ideologias, é também expressão de poder.

> Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem possui um caráter eminentemente social, tendo como conceito norteador o dialogismo: princípio constitutivo da linguagem e a condição para o sentido do discurso, já que toda enunciação é sempre marcada pela interação verbal e social. A expressão nunca é isolada, ela supõe e pressupõe um interlocutor inserido historicamente numa dada situação social e comunicativa. Quando se observa a língua do ponto de vista interacionista e dialógico, é possível analisar, para além do signo, a cultura e os valores ideológicos que se encontram camuflados ou explícitos no discurso dos sujeitos da enunciação. (COSTA; CRUZ 2006, p. 11).

No livro *Cinema e Educação* (2002. p. 3), a autora Rosália Duarte afirma que “sabemos que os filmes criam um efeito de realidade que supera em muito o de qualquer obra de arte; a imagem em movimento produz o que convencionou chamar de impressão da realidade, base do grande sucesso do cinema”. A autora complementa seu pensamento com a máxima: “Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade” (Duarte, 2002. p. 3).

O pesquisador Sílvio César Silva, no artigo “Cinema, Multidimensionalidade e Ideologia” (2008), afirma que “há mais um aspecto presente no cinema – embora não restrito a ele – que, mesmo que não o vejamos como uma das dimensões a respeito das quais falamos até aqui, temos que considerá-lo como um elemento sempre presente [...]: a ideologia”. (SILVA, 2008, p. 91). O autor afirma que “o debate acerca do termo ideologia tem uma longa história e o termo em si possui uma enorme variedade de significados dentro das ciências sociais” (SILVA, 2008, p. 91). Não dissertaremos sobre essa discussão e consideraremos que ideologia pode ser entendida tanto na "visão clássica, [pois] o termo tem o significado de uma espécie de ciência capaz de organizar metodicamente e estudar rigorosamente o conjunto de ideias que formam a intelectualidade humana” (PORFÍRIO, 2024, online), mas também “na visão crítica, [em que] a ideologia é uma ilusão criada por uma classe para manter a aparente legitimidade de um sistema de dominação." (SILVA, 2008, p. 91). De qualquer forma, ideologia é uma forma de exercer o poder. Silva esclarece:

> Neste sentido [...] devemos ter claro que a imagem não é, ela simplesmente representa, simboliza e/ou significa. Desta forma,

> percebemos que, mesmo que não se considere a ideologia como uma das dimensões do cinema, há que se admitir sua presença em praticamente todas as (outras) dimensões, uma vez que o próprio aparato de base do cinema – a câmera – é, em si, ideológico. Para finalizar, gostaríamos de endossar da proposta de Costa (1989) a respeito da urgência de uma didática da imagem, uma vez que não perceber esta multi-dimensionalidade do cinema significa não percebê-lo enquanto instituição, ficando assim vulnerável à sua ideologia, que, como vimos, embora (mais ou menos) oculta, está presente. (SILVA, 2008, p. 91).

No livro *A linguagem do Cinema* (2013), os autores Robert Edgar-Hunt, John Marland e Steven Rawle apontam que é fácil a compreensão, seja nas salas de cinema ou em casa, quando assistimos a um filme. E deve ser, uma vez que precisa atrair espectadores. No entanto, apreciamos a obra como um todo. Para analisá-la, é preciso identificar os fragmentos. “Embora a maioria dos filmes seja um mosaico de imagens e narrativas fragmentadas, [...] raramente as experienciamos como fragmentadas” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p.6).

> Somos capazes de seguir os enredos mais labirínticos, de nos emocionar genuinamente com as personagens mais inverossímeis e de acreditar que seus mundos continuam a existir após o fim do filme. Não sabemos como fazemos isso (ou que fazemos qualquer coisa), mas fazemos. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p.6).

No entanto, para os autores, enquanto para o espectador a capacidade de ler o cinema é inata, para os cineastas a profundidade é maior.

> Um cineasta competente precisa saber como essa linguagem funciona, como a tela se comunica com as pessoas, como o significado é gradualmente construído de pequenos elementos e como controlar os pensamentos e sentimentos do público. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p. 6).

O cineasta precisa conhecer as possibilidades da linguagem cinematográfica com clareza para conseguir expressar uma história que faça sentido e que emocione. “Em outras palavras, os cineastas precisam aprender a criar experiências pelas quais o público anseia e explorar o poder de ilusão que torna o filme um meio tão popular e único”. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 6).

Interpretar o cinema pode parecer uma tarefa fácil, mas, segundo os autores, não é tão simplista assim e é preciso dedicar mais atenção em alguns pontos. Segundo EDGAR-HUNT; MARLAND E RAWLE, “temos de desaprender muito do que achamos que sabemos e, então, começar de novo” (2013, p. 7). O

cinema apresenta diversas possibilidades de análise a partir de sua linguagem peculiar.

Nessa linha, os autores recorrem à citação do teórico de cinema Cristian Metz, conforme abaixo:

> Christian Metz, teórico do cinema, tem uma frase famosa que diz: "Porque o filme é facil de entender e difícil de explicar". Assim, Metz faz a distinção essencial entre o que uma coisa significa e saber como ela ganha esse significado, entre o conhecimento "tácito" e o tipo de conhecimento que pode ser facilmente articulado a outros. Cineastas [...] precisam ser capazes de conversar sobre o que estão fazendo, sobre o significado do que estão tentando criar [...]. (. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p. 7).

É por essas razões que elaborar, e mais profundamente, analisar um filme não é uma tarefa tão simples. Ao tentar definir a linguagem cinematográfica, Edgar-Hunt, Marland e Rawle afirmam que “a linguagem cinematográfica é, na verdade, formada por diferentes linguagens, todas subordinadas a um meio. O filme pode agregar em si todas outras artes: fotografia, pintura, teatro, música, arquitetura, dança e claro, a palavra falada” (2013, p. 9).

Há um número infinito de criações e possibilidades no cinema e essa é uma característica da sétima arte. Edgar-Hunt, Marland e Rawle, no entanto alertam que:

> Não que o filme não tenha limitações. Há coisas que são difíceis de fazer no cinema. O próprio fato de ele ser um meio predominantemente visual torna as coisas invisíveis (as coisas da mente e do coração), impossíveis de serem transmitidas, exceto de maneira indireta. (. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p. 9).

No exemplo citado, a literatura tem mais condições de exprimir os pensamentos e sentimentos dos personagens que o cinema. Os autores concordam que “de fato é uma limitação, mas a mesma que experimentamos na vida real” (EDGAR-HUNT, MARLAND, RAWLE, 2013, p. 9). É verdade que, na vida real, não conseguimos ver o pensamento e os sentimentos das pessoas, então o cinema vai bem com a frase já citada aqui, “a arte imita a vida”. A frase se justifica porque a linguagem do cinema é tão poderosa, mesmo com as limitações que possam existir, que ela se assemelha à vida real e faz com que os espectadores sintam-se parte da história.

Os autores afirmam que não basta que a câmera fique ligada gravando o que autores encenam, contando a história. Cinema é mais que isso. “Fazer um filme de verdade envolve escolher as imagens precisas que necessita para

contar a história. Esse processo de seleção é feito na sala de edição mais bem equipada do mundo: a sua imaginação" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 95). Os autores citam ainda a máxima de John Berger[21]: "ver precede as palavras" (p. 96). Por isso essa necessidade de selecionar cuidadosa e criteriosamente as imagens que comporão o filme. Os autores também recorrem a outra máxima: "Uma imagem vale mais que mil palavras". Vejamos no exemplo abaixo:

> Normalmente são os pequenos detalhes que contam mais. Por exemplo, em uma cena de casamento, pode ser o brilho nos olhos da noiva ou, em vez disso, a maneira altiva com que ela mantém a sua cabeça; a maneira como o noivo mexe sua gravata ou lança o olhar sobre outra mulher na cerimônia, o andar tenso do pai da noiva e a lágrima na face da mãe; a agitação das crianças no fundo e a expressão de pavor do padrinho ao procurar pelo anel no seu bolso. (E. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p. 98).

Dessa forma, na escolha correta das imagens, mesmo em cenas clichês, como as citadas no exemplo, e sem palavras, o público irá sentir as mesmas emoções, animação e ansiedade que teriam, se estivessem numa igreja para um casamento de verdade (Edgar-Hunt; Marland; Rawle, 2013).

Segundo os autores, a preocupação do cineasta está em criar algo que seja memorável e que seja prazeroso de assistir diversas vezes. Lembram também que o cinema incorpora a prática humana do voyeurismo, um "prazer secreto que temos em assistir outras pessoas". (p. 99).

As linguagens estão intrinsecamente ligadas à comunicação e os autores demonstram como ela se faz importante na construção do filme, conforme o excerto abaixo:

> Um filme é um ato de comunicação altamente complexo, e nenhum ato de comunicação é eficaz a menos que se leve em consideração como o receptor irá recebê-lo. Se um filme deve ter um efeito desejado, o cineasta precisa saber exatamente como a tela significa. Ele precisa saber como as imagens produzidas serão entendidas pelo público e trabalhar conforme a sua imaginação, instante por instante. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p.10).

Os autores pontuam que "todos nós conseguimos pensar em imagens de cinema que ficaram para sempre em nossas memórias. Uma vez vistas, nunca foram esquecidas". (p. 16). Porém, para criar essas memórias, são necessárias competências e conhecimentos próprios do cineasta, para "criar algo que seja memorável e que recompense assistir repetidas vezes. Mas antes do seu filme

[21] John Berger (1926-2017) foi um crítico de arte, romancista, pintor e escritor inglês.

ficar na memória de alguém, ele deve primeiro criar vida na sua memória" (p. 16).

> Um filme é um ato de comunicação altamente complexo, e nenhum ato de comunicação é eficaz a menos que se leve em consideração como o receptor irá recebê-lo. Se um filme deve ter um efeito desejado, o cineasta precisa saber exatamente como a tela se comunica. Ele precisa saber como as imagens produzidas serão entendidas pelo público, e trabalhar conforme a sua imaginação, instante por instante. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p. 18).

Para os autores, "geralmente, quando falamos sobre cinema, fazemos referências a personagens, ações e diálogos. Na verdade, cada um desses elementos é formado por unidades bem menores" (EDGAR-HUNT; MARLANE; RAWLE 2013, p. 18). Os autores exemplificam com as personagens, que "são formadas por pequenos fragmentos de informação (como características físicas, gestos corporais e palavras faladas), cada um deles selecionados e justapostos para criar a ilusão de um ser humano tridimensional da vida real" (p. 18). Desse modo, tudo que foi utilizado na cena foi utilizado para dar sentido a algo maior. "No contexto do cinema, um 'signo' é qualquer coisa pequena ou grande, à qual reagimos. Ou seja, algo se torna um signo quando prestamos atenção especial a ele" (p.18). Os autores definem a importância dos signos, conforme abaixo:

> O cinema é a arte da abreviação visual. Cineastas usam sorrisos e cicatrizes, distintivos e barbas, para dizer ao público mais do que pode ser mostrado ou dito explicitamente. O público vê significado neles porque é um filme, e esses signos foram colocados lá por alguma razão. Um filme é uma matriz de signos interrelacionados erguidos pelo cineasta para guiar o público na viagem (. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWIE, 2013, p.19).

De acordo com os autores, outro ponto a ser analisado na linguagem do cinema são as narrativas, como já dissemos. O cinema apresenta uma ampla estrutura narrativa, mais ou menos complexa. A partir da narrativa, são desenvolvidas as histórias, mas esse tópico não deve ser visto com pouca importância. A narrativa deve ser cuidadosamente construída, relacionando-se com o todo e com os detalhes da construção do filme e ainda conectá-la ao "mundo real" do filme analisado. "Essa forma de linguagem incluía várias cenas, as câmeras eram posicionadas com cuidado, e a edição foi introduzida, particularmente o corte entre duas ou mais linhas de ação" (Edgar-Hunt;

MARLAND; RAWLE, 2013, p. 40). Este ponto é onde o cinema mais se difere da literatura e começou a definir a linguagem cinematográfica, vejamos:

> Essa incursão recente no cinema baseado em narrativa começou a definir a linguagem cinematográfica. Agora é tão familiar quanto qualquer linguagem falada ou escrita. Apesar dos usos da linguagem cinematográfica parecerem naturais, eles são baseados em contextos e construídos com cuidado como qualquer outra linguagem. (EDGAR –HUNT, MARLAND, RAWLE, 2013, p. 40).

Os autores criticam os teóricos de cinema que desconsideram as variáveis da produção, do estabelecimento da narrativa a partir dos elementos, o contexto de produção do filme e também de recepção do público, o que faz com que o filme se torne especial. Assim, “o cinema passa a ser um tipo de literatura com imagens em movimento” (p. 39). Para eles, são o pior tipo de teórico. É útil ter um conhecimento básico do processo de produção do filme. “É essencial conhecer os tipos de plano, como o som é gravado, como uma equipe de filmagem realmente trabalha junta, a realidade de ter de usar a filmagem disponível na pós-produção e assim por diante” (EDGAR-HUNT, MARLAND; RAWLE, 2013, p. 41).

Ainda sobre a narrativa, os autores recorrem a fala de Roland Barthes[22], na obra *An introduction to Structural Analysis of Narratives*, de 1965:

> A narrativa pode incorporar a linguagem articulada, falada ou escrita; imagens em movimento ou não; gestos; e a organização de todos esses ingredientes. Está presente em mitos, lendas, fábulas, histórias curtas, épicas, na história, tragédias, comédias, tirinhas, no jornalismo, na conversa... em todos os tempos, lugares e sociedades; a história da narrativa começa com a historia da humanidade... A narrativa despreza a divisão em categorias de literatura boa ou ruim: ela é internacional, trasn-histórica e transcultural. Está aí como a própria vida. (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 44).

“A narrativa não é a mesma coisa que uma história; isso é muito simplista. A narrativa trata da compreensão. A narrativa é uma faceta fundamental da comunicação humana” (EDGAR-HUNT, MARLAND, RAWLE, 2013, p.43)

Os autores lembram que, na análise de um filme, não é possível prescindir de dar atenção ao público espectador. Ao levar em consideração apenas o filme, dissecá-lo, identificar as peculiaridades, é comum esquecer do ponto de recepção. "O filme não é nada sem o público". É preciso colocar o público, por

[22] Roland Barthes (1915-1960) foi um escritor, sociólogo, crítico literário, sismólogo e filósofo francês.

mais diverso e imprevisível que seja, como o X da questão. O filme é feito para alguém, caso contrário, perde a razão de ser.

Falar da linguagem do cinema e tudo o que a compõe é uma tarefa grandiosa. Para Sabadin, “todos esses assuntos, e muitos outros, não cabem em um único livro. Talvez nem mesmo caibam em uma enciclopédia. Mas são fascinantes para o conhecimento do Homem e seu Tempo” (SABADIN, 2022, p. 192).

CI.III Lendo as imagens do cinema

No livro *A Análise do Filme* (2015), de Jacques Aumont e Michel Marie, os autores observam que “os estudos sobre o cinema tornaram-se um componente essencial dos setores ‘humanistas’ da universidade, que também foram redefinidos em larga medida, em detrimento de aprendizagens outrora fundamentais” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 13). Segundo os autores, a análise fílmica sempre esteve presente nesse campo disciplinar “porque é o componente que se lida verdadeiramente com o filme, as respectivas matérias e textura íntimas e que permite, além disso, refletir tanto sobre a sua produção como acerca de sua reação” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 13).

A análise de filmes é feita porque é “pedagogicamente fácil ver e comentar excertos de filmes, embora sem se pensar muito no que ela pode, no fundo, proporcionar” (AUMONT; MARIE, 2015, p.15). “Pensamos que a análise fílmica é um momento prático e concreto, mas que só faz inteiramente sentido se conduzir a uma reflexão geral, superando o caso particular analisado” (AUMONT; MARIE, 2015, p.13). É o que pretendemos com este trabalho, com os temas transversais citados e presente nos filmes, a questão da diferença pelo momento histórico que representa e outros.

Para analisar os filmes, os autores observaram três grandes blocos: o “estudo das narrativas, das ficções e do seu destinatário; o estudo das imagens e dos sons; a história” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 15). Porém, mesmo com essa metodologia, AUMONT; MARIE afirmam que “não existe, nunca existiu e provavelmente nunca existirá um método geral que permita analisar qualquer filme – e ainda menos uma grelha universal que possa ser aplicada indiferente a todos os filmes” (2015, p. 15).

Os autores pretendem “dizer por que razão se pode fazer uma análise fílmica, por que é que esta tem sido feita com tanta frequência há desde há 50 anos e qual a importância que teve na compreensão do cinema” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 15-16). Os autores chamam a atenção para a diferença entre fazer a análise de um filme e falar de cinema, que são atividades diferentes:

> Aquilo a que chamamos cinema abrange um conjunto variável de técnicas, práticas e produtos, mas é sempre a produção e a difusão de obras constituídas por imagens em movimento e sons, visíveis em condições específicas; além disso essas obras são geralmente consideradas como pertencentes a uma arte (a arte cinematográfica), ou antes, a um meio de expressão (o cinema). Um filme é uma manifestação unitária deste meio, e não é possível dar-lhe uma definição mais precisa, pois a variedade dos filmes existentes e potenciais é infinita. (AUMONT; MARIE, 2015, p. 18).

Para os autores, “a análise fílmica, é portanto, a análise do singular: existem métodos mais ou menos generalizáveis, problemas recorrentes, formas canônicas, mas cada obra usa-os de maneira própria” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 18). Além disso, analisar um filme é analisar uma “obra da mente, ou seja, um produto artificial, imaginado por humanos e destinado a outros humanos”. (AUMONT; MARIE, 2015, p. 17). Trata-se, então,

> de compreender uma coisa que tem sua própria racionalidade, exterior a nós, e *a priori* desconhecida. No entanto, analisar é sempre decompor de uma maneira significativa, e a primeira definição da atitude analítica consiste em produzir o tratamento intelectual de um todo, definindo os seus elementos interdependentes e tentando compreender as suas relações. (AUMONT; MARIE, 2015, p. 17).

Segundo os autores Laurent Jullier e Michel Marie, na obra *Lendo as imagens do cinema* (2009), “nem sempre conseguimos explicar por que determinada cena de um filme não sai da nossa cabeça. Apenas sabemos que nos toca, nos agrada ou nos surpreende. As cenas se sucedem e somos apanhados em nossa emoção”. (JULLIER; MARIE, 2009, p. 7). Nesse ponto, pode-se começar a análise do filme, certamente porque “isso não é apenas questão de intuição do diretor, exige rigor, técnica e compreensão ou familiaridade com as paixões humanas (JULLIER; MARIE, 2009, p. 7).

Desse modo, com essa grande possibilidade que existe no cinema, sobre a análise fílmica, os autores dizem que uma análise espontânea é

> A discussão à saída de um de uma sessão de cinema é uma prática banal e quase obrigatória; ora, ainda que se limite a constatações superficiais, já é um gesto de reflexão sobre o que se viu, podendo

> prolongar-se através do confronto de diversos pontos de vista que destacam aspectos diferentes do filme (AUMONT; MARIE, 2015, p. 18).

No entanto, segundo os autores, “a análise deixa de estar à mercê do mero bom senso, quando adota um procedimento”. Trata-se de “saber de onde ela pode partir”. É importante lembrar “que um filme é um reservatório quase inesgotável de significados e emoções”. O interesse no filme pode vir por aquilo que ele narra ou pela maneira como narra e mostra. Essa é uma primeira divisão para a análise. (AUMONT; MARIE, 2015).

Os autores observam que “se a análise é uma prática difundida, o mesmo acontece com a crítica – singularmente na França, onde a cinefilia passou há muito a fazer parte dos hábitos culturais” (AUMONT; MARIE, 2015, p. 20). Desta forma,

> o discurso crítico é decerto o discurso mais frequente sobre filmes, se incluirmos não só os críticos profissionais que trabalham em revistas mensais, [...] o dos jornalistas que redigem críticas regulares nos semanários e nos diários, mas também o discurso de todos os críticos ocasionais (o cinema é hoje comentado por quem quiser, entre outros lugares, na Internet, onde se tornou um objeto social muito partilhado. (AUMONT; MARIE, 2015, p. 20).

Crítica e análise são ferramentas diferentes que possuímos diante de uma obra cinematográfica. Ao longo dos próximos capítulos, lidaremos com essas duas formas. Os autores pontuam sobre as diferenças entre ambas:

> a) Criticar um filme é, por um lado, explicá-lo, e por outro, avaliá-lo, sendo pela proporção variável destes dois desígnios que se diferenciam as críticas; nos jornais diários e semanários, a crítica é geralmente avaliativa (por vezes reduzida ao estado mais elementar: gosto/não gosto) e raramente explicativa, limitando-se, em geral a ser descritiva (o que não é mau de todo se a descrição for exata.
> b) A crítica também tem as faculdades de informar e promover. “Informar é dar ao espectador elementos úteis para uma boa apreciação do filme; mas isto também pode significar escolher falar de determinado filme e não de outro (fenômeno sensível nas avaliações de festivais) o que depressa se torna numa atividade de promoção, nem que seja pela negativa (aquilo que a crítica não fala tem dificuldade de existir socialmente”.
> c) Pode-se imaginar que uma crítica ideal deve incluir elementos - exatos, se possível - de descrição do filme em apreço (tanto da sua ficção como da sua formatação) e, segundo este princípio, elementos de explicação que permitam compreender o filme (ou seja, importa frisá-lo, menos entender a história que ele conta do que compreender o ato cinematográfico que o produziu); com base nisto o crítico deveria fazer uma apreciação avaliativa, para determinar o interesse desse filme em relação ao cinema enquanto meio (ou arte). poucos críticos sabem fazer isso ou tem tempo para fazê-lo.
> d) a crítica é um ato analítico, a descrição é uma primeira fase e, se for feita com esmero, pode ser reveladora. Do mesmo modo, se o crítico

> realça excessivamente os próprios gostos, o analista pode absolutamente evitar um juízo de valor sobre o que analisa.
> e) A crítica é diferente da análise. A primeira visa uma eficácia imediata e tem de reagir depressa, a segunda, tem o tempo por sua conta, pode escolher seus objetos na história dos filmes e estabelecer o seu prazo útil, visando uma eficácia indireta. A primeira raramente tem a possibilidade de ir muito longe, a segunda está, por definição, destinada a ir o mais longe possível.
> f) Ambas são solidariamente projetos intelectuais, que visam a compreensão e a explicação e enfrentam o risco representado por qualquer hipótese (em particular, o risco interpretativo).
> (AUMONT; MARIE, 2015, p. 20-22).

Fernão Pessoa Ramos[23], na apresentação da obra de Laurent Jullier e Michel Marie (2009), diz que "cinema pode ser muita coisa, inclusive aquilo que parece ser: filmes (narrativa com imagens em movimentos e sons) exibidos em salas escuras ou monitores de vídeo" (Ramos in: JULLIER, MARIE, 2009, p. 9). Ele complementa: Ler cinema não é fácil. A maior parte dos críticos da mídia cotidiana sofre para ir além do conteúdo mais explícito. A escrita se reduz à máxima: o bom filme é aquele que coincide com minha visão de mundo" (JULLIER; MARIE, 2009, p. 12).

Jullier e Marie, antes de apresentarem o método em sua obra, afirmam que:

> Sentar-se diante de uma tela e se deleitar assistindo a um filme é algo tão simples e tão evidente que não se imagina para que que serve um manual de leitura seria de qualquer utilidade. [...] A maioria dos filmes parece transmitir sua mensagem imediatamente, e a ideia de uma ajuda parece chocante. [A metodologia proposta] não é uma série de regras gramaticais [...]. [A razão] mais comum, aquela que justifica que milhares de pessoas fiquem 2 horas sentadas sem se mexer com os olhos fixados em fantasmas animados e tagarelas é o prazer. [...] (JULLIER, MARIE, 2009, p. 15).

Com essa proposição, os autores afirmam que aprofundar nas análises do filme, como que "desvendando, olhando com uma lupa", prolonga esse prazer. Portanto, propõem caminhos para análise do filme, que se dá sob três óticas: no nível do plano, no nível da sequência e no nível do filme.

No nível do plano, consideramos o ponto de vista, distância focal e profundidade do campo, os movimentos da câmera, luzes e cores, as combinações audiovisuais. No nível da sequência, consideramos os pontos de

[23] Fernão Vitor Pessoa de Almeida Ramos (nascido em 1957) é um professor de Cinema vinculado à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e autor de obras sobre o assunto.

montagem, o poder da montagem, a cenografia, suspense e *coups de théâtre*[24], o efeito clipe e o efeito circo, as metáforas audiovisuais. No nível do filme, os recursos da história, a distribuição do saber, gêneros, estilos e dispositivos, o jogo com o espectador. A obra *A Análise do Filme*, dos autores Jaques Aumont e Michel Marie, aprofunda em cada um desses pontos.

AUMONT E MARIE (2019) afirmam que não há uma forma única de se analisar filmes. A análise vai depender da finalidade que se quer atingir. Existem diversas ferramentas e técnicas que podem ser utilizadas nesse processo.

No entanto, afirmam que a análise se preocupa com a argumentação do filme, que é o texto que dará origem ao roteiro, a partir de uma narrativa convincente, de uma sequência lógica de apresentação, de uma apresentação dos temas que se propõem, apresentação dos personagens. A análise do argumento encontrará qual mensagem quer ser transmitida ao público.

Com as narrativas formando o argumento do filme, os diretores, produtores e escritores darão sentido à obra. Lígia Maria da Costa observa:

> Barthes mostra que a língua da narrativa é um fenômeno de pura lógica, onde as unidades podem ser separadas por longa seqüência de inserções pertencentes a esferas funcionais completamente diferentes. "Assim se estabelece uma espécie de 'tempo lógico', que tem pouca relação com o 'tempo real.' A significação de uma seqüência e de uma obra não decorre, portanto, da sucessão "natural" dos acontecimentos que as compõem, mas da lógica que faz solidárias as unidades significativas, num conjunto homogêneo. A narrativa é, pois, uma estrutura, um sistema de unidades e regras que geram significação. Sua sintaxe se organiza por uma lógica própria, intemporal, diferente do tempo real e cronológico. O tempo real não pertence ao discurso, mas ao referente. Falar do tempo verdadeiro no discurso, é falar de uma ilusão referencial de marca realista. (COSTA, 1993, p. 28).

O cinema é uma linguagem que precisa de artefatos para ser analisada, como o conhecimento prévio, a ideologia, a época e outros tantos. Existe um muro entre a ficção e a realidade, pois mesmo nos chamados filmes “baseados em fatos reais”, há uma intenção por parte do diretor, algo que o diretor quis destacar e outros pontos que ele permitiu omitir. E mesmo que em alguns momentos imaginemos estar do lado de lá do muro, não temos condições para interferir na cena.

[24] Expressão de origem francesa que se refere a uma reviravolta inesperada na trama, um acontecimento surpreendente e decisivo que modifica o rumo da narrativa.

Espera-se que o filme cause esse impacto no espectador, a partir do sentido transmitido e assimilado por cada um.

> Bem, parece então que tudo é calculadamente pensado para que entremos com todo nosso afeto e nossas expectativas no mundo da ficção cinematográfica: as luzes vão se apagando devagarzinho, o som aumenta e logo vê-se aquele quadrado imenso e luminoso a refletir imagens que vão se tornando nossas “estranhas familiares”, para utilizar um termo de Freud. No início tudo é novidade, nos acomodamos na poltrona, conversamos com a companhia do lado, mas depois de algum tempo o silêncio denuncia a atenção. Aquela luminosidade que perfura a escuridão com suas imagens pulsantes, vai se tornando mais íntima. Conhecemos e elegemos nossos personagens favoritos e com eles nos envolvemos via amor, ódio, constrangimento, ternura, agressividade, entre vários outros sentimentos. Isso porque o cinema lida basicamente com algo muito caro ao ser humano, atualmente um pouco relegado a segundo plano, é bem verdade, em nossa civilização ocidental emblemática da razão: De fato, o cinema lida com o afeto. E, se o filme não nos convence, é porque de alguma forma não nos tocou. Nesse caso, nem adianta insistir, pois afeto é assim, anterior a razão, é alguma coisa, que como se diz por aí: “rola”. Isso tudo sem contar todo o cálculo que o diretor deve fazer para tentar nos convencer. As cenas são repetidas inúmeras vezes, os figurinos são característicos de cada personagem, a música nos envolve pelo sentido da audição. Enfim, para um filme acontecer, são várias as pessoas envolvidas em sua produção. Desde o maquiador até o editor do filme, quando ele já está em sua fase final. São grandes os esforços de sedução aos quais o cinema recorre, e, como ocorre com certas mulheres, fica difícil resistir. [...] Parece ser driblando o horrível da morte, do sem sentido, que doamos amor e ficções às coisas. Se o homem é um ser de cultura, como nos diz Lacan, é por ser a cultura uma subversão da natureza, algo da ordem de uma invenção. [...] Para Barthes, por exemplo, o encontro com o cinema é sempre da ordem de logro. (BENEDICTO, 2010, p. 1)

Barthes ainda complementa:

> É preciso entender essa palavra no sentido analítico do termo. Eu estou fechado com a imagem como se estivesse tomado pela famosa relação dual que funda o imaginário. A imagem está aí, frente a mim, para mim, analógica, global, impregnada: é um logro perfeito. (BARTHES, 1990, p. 124)

O cinema sendo uma forma de arte, caracteriza-se também como linguagem, é necessária a construção das narrativas a partir das cenas e de todos os elementos que contém. Segundo BENEDICTO, “Para a saída do cinema ter tal efeito, certamente é necessário um consentimento em participar de uma suposta ‘realidade a parte’. Olhar e se deixar ser olhado pela arte. Afinal, como nota Lacan, a arte também nos interpreta. Ainda bem.” (BENEDICTO, 1990, p.30).

CI.IV Construção de identidades

A questão das identidades, embora não existam sem as linguagens, sejam elas quais forem, também é discutida em outros campos do saber, como a filosofia, a psicologia, a sociologia, a educação e até a medicina.

Ainda que a palavra “identidade” frequentemente esteja presente nos textos de psicanálise, o discurso do analista não produziu uma teoria ou uma lógica da identidade [...]. “A identidade é, antes, um conceito transversal utilizado de maneiras muito diferentes por uma pluralidade de discursos”. (VENTURA, 2018, online).

Na dissertação “Entre o couro e a carne: Jaques Lacan e a questão da identidade e identificação” (2018), o pesquisador Alexandre Augusto Garcia Starnino encontra, nos filósofos modernos, conceitos que apresentam possibilidades de delimitação da identidade, “justamente para evitar ‘entidades supra sensoriais’ (como é o caso da correlação entre alma e identidade)”. (STARNINO, 2018, p. 64).

Os filósofos trazem, na construção da identidade, “elementos apriorísticos, ‘unidade’; ‘síntese’; ‘Eu’; ‘Consciência’; ‘Percepção’” (STARNINO, 2018, p. 64), indicando uma individualização, uma distinção do coletivo. A formação da identidade também envolve questões como afeto, elaboração das sensações, subjetividade e intimidade. Starnino também cita Descartes “penso, logo existo” é forma de se diferenciar e de subjetividade, demarcando uma premissa da identidade: a capacidade de pensar. Bauman também fala da necessidade, no mundo moderno, em que as pessoas buscam um distanciamento do coletivo e criam uma própria identidade.

Ederson de Faria e Vera Lucia Trevisan de Souza, no trabalho “Sobre o conceito de identidade: apropriação de estudos em formações de professores”, recorrem, primeiramente, às conclusões de Antônio Costa Ciampa, na abordagem da Psicologia Social. Analisando por esse viés,

> Ciampa[25] (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem, que, para o autor, é a

[25]Antônio Ciampa (1937-2022) foi um pesquisador brasileiro com vasta contribuição para a Psicologia Social e um dos pioneiros da produção científica sobre o conceito de identidade.

> vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença. (FARIA; SOUZA, 2011, p. 36).

Percebemos que, já em 1987, havia a concepção de que não há uma única identidade, e de que, para ser formada, ela leva em conta o contexto histórico e as vivências pessoais, que são únicas para cada ser humano, tendo como pano de fundo questões culturais e as atividades que, utilizando o conceito de Ciampa, a personagem desenvolve. Deste modo, para dizer da identidade de alguém é preciso considerar um contexto e atividades desenvolvidas por ele.

Ainda que durante muito tempo na história tenha-se vigorado o paradigma de que a identidade é formada pelos traços biológicos e genéticos, as teorias que surgiram com o tempo demonstraram que esses são apenas componentes de uma fórmula mais ampla da identidade. É o que faz com que irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, com a mesma criação, tenham identidades diferentes. Esse pensamento é confirmado pelo postulado de Maria Gladis Sartori Proença e Neide Araujo Castilho Teno, no estudo “Algumas aproximações: compreendendo o sentido de identidade” (2011): A concepção de identidade pode ser entendida, segundo o dicionário, como: “os caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo etc.” (Aurélio, 2001, p.371 apud PROENÇA; TENO, 2011, p. 133-134).

Contudo, considerando a fala de Ciampa, acima, e de outros pesquisadores que serão aqui considerados,

> se ampliarmos o escopo da compreensão, encontraremos aspectos sociais, históricos e subjetivos do ser humano que acrescentam um qualitativo diferenciado conforme o grupo em que está inserido, o trabalho que exerce. Assim, a identidade da pessoa ultrapassa a simples carteira de identificação. (PROENÇA; TENO, 2011, p. 134).

As autoras observam que a questão do pertencimento também interfere nas questões de identidade. Para pertencer a determinados grupos, classes, é necessário que se tenha alguns traços identitários. Citando a fala de Delgado (2009, p. 71 apud PROENÇA; TENO, 2011, p. 135), as autoras sublinham: “[...] as identidades são constituídas por um mecanismo contrastante de afirmação das diferenças e de reconhecimento das similitudes”.

Os primeiros vínculos identitários são os familiares, mas posteriormente, outros são acrescentados. Segundo Starnino (2018),

> O sujeito forma sua identidade através de laços ou vínculo identitários. Os laços identitários se formam no seio do social em modalidades de práticas, discursos e narrativas que se repetem; sempre havendo aqueles que atingem hegemonia em dada época histórica, revelando modalidades subjetivas de um tempo histórico. Alguns se extinguem precocemente. Outras narrativas identitárias têm como função ao se afirmar justamente extinguir o outro no horizonte político, como por exemplo, o fascismo que marcou a primeira metade do século XX. Outros laços identitários permanecem cristalizados na cultura e se repetem de geração a geração, como é, por exemplo o caso do judaísmo ou do cristianismo. Outros laços identitários deflagram com mais agudes um modo mercantil de imposição do laço, produção de subjetividades a partir de regimes de produção. (STARNINO, 2018, p. 15-16).

O cinema é um importante meio de se fantasiar sobre as identidades. Quando bem construídos (e isso depende do texto e da interpretação), podemos identificar traços de personalidade dos personagens e as camadas que compõem suas identidades e colaboram para o andamento da narrativa e do entendimento do filme. Por outro lado, personagens sem uma identidade bem delineada comprometem o bom andamento da obra, ou dão mais possibilidades de interpretação. De acordo com suas características, o personagem permite inúmeros sentimentos por parte do espectador: identificação, repulsa, amor, ódio, compaixão, torcida – pelo bem ou pelo mal.

Para Anthony Giddens[33], a autoidentidade não é um conceito bem delineado e estático. Está sempre em criação e recriação, a partir das reflexões do indivíduo no tempo e é atualizada e construída, de uma forma que não é universal, mas individual e precisa ser contextualizada. Vejamos:

> Mas o que é exatamente a autoidentidade? Como o eu é um fenômeno um tanto amorfo, a autoidentidade não pode referir-se meramente à sua persistência no tempo, à maneira como os filósofos poderiam falar da ‘identidade’ dos objetos ou das coisas. A ‘identidade’ do eu, ao contrário do eu como fenômeno genérico, pressupõe uma consciência relativa. É aquilo de que o indivíduo está consciente no termo ‘autoconsciência’. A autoidentidade, em outras palavras, não é algo simplesmente apresentado, como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo. (GIDDENS, 2002, p. 49).

Desse modo, a autoidentidade envolve questões como a subjetividade, a reflexividade, a forma como a pessoa se enxerga atuando junto às estruturas.

Por isso mesmo, não é universal e é fluida. Reforçamos essa ideia com a explicação de Giddens (2002):

> "Eu" é um comutador linguístico, que toma seu significado das redes de termos através dos quais um sistema discursivo da subjetividade é adquirido. A capacidade de usar "eu" e outros termos associados de subjetividade é uma condição para o surgimento da autoconsciência, mas não a define enquanto tal. A autoidentidade não é um traço distintivo ou mesmo uma pluralidade de traços, possuído pelo indivíduo. É o eu compreendido reflexivamente pela pessoa em sua biografia. A identidade ainda supõe a continuidade no tempo e no espaço: mas a autoidentidade é essa continuidade reflexivamente interpretada pelo agente. (GIDDENS, 2002, p. 50-51).

Com a concepção de "modernidade líquida", o sociólogo Zygmunt Bauman também reflete sobre as estruturas inflexíveis de identidade da primeira modernidade. No período pré-moderno [...] "você era algo e ponto final, não havia opção, ou mesmo esforço capaz de mudar isso" (MOCELLIM, 2008, p. 21). "E assim, as identidades nesse novo período também se tornam diferentes das identidades sólidas da primeira modernidade" (MOCELLIM, 2008, p. 10). É o que ele diz no fragmento abaixo:

> O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que diligente trabalho de construção pode tornar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre "mantendo as opções abertas". (BAUMAN, 1998, p. 112-113).

BAUMAN (2003, p. 21) diz que "identidade significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular - e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar". Por essa razão, a identidade aparece como uma disruptura da antiga forma de comunidade. Bauman observa que "as identidades se tornam, em nosso mundo moderno-líquido mais ambivalentes e líquidas. A continuidade para toda uma vida, assim como a coerência e univocidade das identidades não são mais algo que exija grandes preocupações". (BAUMAN, 2005, p. 38).

Mocellin conclui que as formas de sujeito estão em transformação, bem como as formas de exercermos nossa identidade. "A construção da identidade é um processo que não tem fim ou destino, e no qual os objetivos se transformam

antes mesmo de serem alcançados. A construção da identidade é sempre um projeto incompleto". (MOCELLIM, 2008, p. 26-27).

Já para Stuart Hall[26], no mundo pós-moderno, a reflexão feita é que:

> [...] O que denominamos "nossas identidades" poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos "viver", como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (Hall, 2000 apud MORAES, 2019, p. 170).

Hall conceitua identidade como:

> [...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar'" (Hall, 2000, p. 111-112 apud MORAES, 2019, p. 170).

Para o autor, "[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente" (Hall, 2006, p. 10-13 apud MORAES, 2019, p. 171).

Um conceito atual de identidade, cunhado por Block[36] (2007), define que:

> Em suma, os cientistas sociais enquadram as identidades como narrativas socialmente construídas, autoconscientes e contínuas que os indivíduos executam, interpretam e projetam no vestuário, nos movimentos corporais, nas ações e na linguagem. O trabalho de identidade ocorre na companhia de outras pessoas – seja cara a cara ou num modo mediado eletronicamente – com quem, em graus variados, os indivíduos partilham crenças, motivos, valores, atividades e práticas. As identidades tratam da negociação de novas posições de sujeito na encruzilhada do passado, presente e futuro. Os indivíduos são moldados por suas sócio-histórias, mas também moldam suas sócio-histórias à medida que a vida avança. Todo o processo é conflituoso e não harmonioso e os indivíduos muitas vezes se sentem ambivalentes. Há relações de poder desiguais com que lidar, em torno dos diferentes capitais – económico, cultural e social – que tanto facilitam como restringem as interações com outros nas diferentes comunidades de prática com as quais os indivíduos se envolvem durante as suas vidas. Finalmente, as identidades estão relacionadas com diferentes categorias tradicionalmente demográficas, tais como etnia, raça, nacionalidade, migração, gênero, classe social e língua. (Block, 2007, p. 27, tradução nossa)[27].

[26] Stuart Hall (1932-2014) foi um teólogo cultural e sociólogo britânico-jamaicano.

[27] No original: In a nutshell, these social scientists, including applied self-conscious, ongoing narratives that individuals perform, interpret and project in dress, bodiliy movements, actions and language. Identity work occurs in the campany of others - eiter faca to face or in an electronnicaly mediated mode - with whom to varying degreee ande practices. Identitites are about negotiating nem subject positions at the crossroads of the past, present and future. Individuals are shaped

Antes dessa concepção, como dissemos no início desta seção, outras abordagens trataram de identidade, como no século XX, o “determinismo biológico” (características de família) somado ao comportamento individual, produz marcas nos discursos. Block (2007) aborda essa temática.

A abordagem socioestruturalista (séculos XIX/XX), descrita por Block, buscava leis universais invariáveis para explicar o comportamento humano, que enquadrava as pessoas em categorias sociais estanques e simplistas – e nem sempre reais (classe, religião, educação, família, grupos) e a cultura (visão de mundo, comportamento e artefatos usados). Nessa abordagem, é o contexto que define a identidade. O “eu” é o produto das condições sociais nas quais e sob as quais a pessoa se desenvolve. Os grupos sociais em que estão inseridas as pessoas definem sua identidade.

Essas são visões essencialistas (determinismo biológico e socioestruturalista) cujos grupos são claramente definidos e os membros de cada grupo guardam semelhanças entre si.

Já no final do século XX e início do século XXI, a visão pós-estruturalista se consolidou, com a globalização e as novas tecnologias, rompendo, não totalmente, com as visões anteriores. Nessa teoria, há uma busca por padrões mais pronunciados no mundo, compostos em multicamadas. Os membros dos grupos não são todos “semelhantes”, e uma única característica não é determinante para formular a identidade. Pensa-se em um “mosaico identitário”, as identidades são multimodais. Há uma percepção de inadequação do pressuposto iluminista do sujeito racional autônomo e maneiras contrastantes pelas quais os indivíduos são constituídos como sujeitos. Aqui não há a noção de que “o homem é produto do meio” (Rousseau[28]), mas um ser consciente.

---

by their sociohistories as life goes on. The entire process is conflictive as opposed to harmonious and individuals often feel ambivalent. The are unequeal power relations to deal with around the different capitals - economic, cultural and social - that both facilitate and constrain interaction witn others in the different comunities of practice with witch indiduals egage in their lifetimes. Finally, identitites are related to different tradicionally demographic categories such as ethnicity, race, nationality, migration, gender, social class and language.

[28] Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) foi um importante filósofo, teórico político e escritor genebriano. Essa sua máxima vem sendo debatida ao longo dos anos nas várias áreas do conhecimento.

Segundo Delanty[29], na epígrafe de BLOCK (2007, p. 11) os pontos de referência para definir as questões identitárias não são fixas, as estruturas não são rígidas e as identidades são definidas em relações de diferença. Para BLOCK (2007), as identidades são construídas social e conscientemente na interação (em cada contexto, assume-se uma identidade: professor, pai, amigo, chefe). Há narrativas em progresso encenadas pelas pessoas e projetadas na vestimenta, nos movimentos corporais, nas ações e na língua e há as negociações de posição em cada contexto. Podemos pensar em uma identidade de amigo, identidade de pai, identidade de professor, identidade de crítico. Em cada uma delas, o sujeito vai mobilizar certas estruturas do seu constructo biográfico. Essa mobilização não significa uma falta de caráter ou uma personalidade fraca, ao contrário, significa que o sujeito sabe mobilizar suas características, conhecimentos, habilidades e discursos para cada situação específica.

Observando todos os postulados citados acima, desde Giddens até Block, notamos que um relato autobiográfico depende de um contexto, uma localização no tempo e no espaço. É o que diz Isabel Cristina Moura Carvalho, no estudo "Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica" (2003):

> O auto-relato pode ser tomado como um locus privilegiado do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural. A biografia, ao tornar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária. Os métodos biográficos nas ciências sociais, na psicologia social contemporânea e na psicanálise, por exemplo, operam neste interjogo entre a privacidade de um sujeito e o espaço sócio-histórico de sua existência, seja ampliando a compreensão dos fenômenos sociais e grupais, seja fazendo emergir um sujeito capaz de recontar a narrativa sobre si mesmo, na clínica. (CARVALHO, 2003, p. 284).

Assim, as identidades estão intimamente ligadas à história social e cultural do indivíduo e, por essa questão, estão sempre em processo de ampliação e de mudança, de modo que uma autobiografia num determinado contexto seja diferente em outro, de acordo com as negociações de identidade mobilizadas.

Apesar de individuais – mesmo sendo plurais – alguns autores consideram também a existência de uma identidade coletiva, que, numa

[29] Gerard Gelanty (nascido em 1960) é um sociólogo britânico e professor de Sociologia e Pensamento Social e Político.

perspectiva maior, constitui a cultura. Podemos exemplificar com as proposições de Cláudia Wasserman, no artigo “Problemas Teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades” (2002). A autora afirma que:

> O indivíduo se constrói como pessoa relacionando a sua vida com a vida de uma comunidade, que possui uma história coletiva, vivida por todos, que acompanha a sua, vivida apenas por ele. A aquisição de mitos e heróis, ao longo da vida dos indivíduos, depende das circunstâncias constituintes da memória coletiva e da própria história daquela sociedade, mas não apenas disso. A aquisição ou valorização de certos mitos e heróis, símbolos e ícones para cada indivíduo, também está relacionada com as suas próprias vivências dentro dessa sociedade. Essa aquisição e valorização de mitos e heróis também se relaciona com uma árdua luta política pela construção desses símbolos, dentro dos moldes dos projetos de poder construídos pelas classes e frações de classe em disputa. (WASSERMAN, 2002, p. 95).

A autora afirma ainda que

> A identidade coletiva do sujeito conforma-se, portanto, a partir de sua localização geográfica e dos antecedentes, que atribuíram a essa localização espacial um significado diverso dos demais territórios. Assim, dois países, como Brasil e Uruguai, por exemplo, podem ter uma história comum de colonização, exploração, dependência econômica, mas tiveram também antecedentes históricos que tornaram os dois países diferentes entre si, fazendo com que uma pessoa nascida em Rivera sinta-se uruguaio e uma pessoa nascida em Livramento, brasileiro. A consideração de uma identidade comum a ambos (uruguaios e brasileiros), a latino-americanidade, deve-se também às atribuições de semelhança entre um grupo de países, localizados territorialmente no sul do continente americano e que tiveram raízes históricas comuns. (WASSERMAN, 2002, p. 96)

As bases políticas, étnicas, religiosas, e outras – de outros grupos sociais e ideológicos – determinam a identidade coletiva, formando, na visão macro, a cultura e pautando as práticas culturais. Essas são mais engessadas e menos fluidas que as identidades individuais.

CI.V As Relações Humanas

Com os nossos postulados na Introdução e na Justificativa deste trabalho, acreditamos que o ser humano precisa de constante relacionamento uns com os outros. Em 1967, o poeta Tom Jobim cunhava “é impossível ser feliz sozinho”, em “Wave”. Não queremos com isso afirmar, como o autor, que é preciso viver um amor romântico, mas que as relações humanas estão postas na sociedade de diversas formas.

As relações humanas, do modo como vão surgindo e se moldando ao longo do tempo, são determinantes para acreditarmos o que é importante ou não na construção das estruturas sociais. A forma como se dão as relações constrói e muda a sociedade, seus valores e a hierarquia entre eles.

Eurídice Feitas, em *O Estudo das Relações Humanas* (1960), traz os conceitos dos psicólogos Charles Cooley e Alfred Adler, conforme abaixo:

> Charles Cooley[30] aponta um dos princípios em que se baseiam as relações humanas, quando afirma que "só, o indivíduo é abstração que a experiência desconhece". Não pode, pois, o homem ser analisado nem compreendido isoladamente, e sim em função de sua totalidade individual e social. Ao conceber indivíduo e sociedade como aspectos de um único fenômeno, a vida humana, em sua totalidade, aquele psicólogo considerou um e outra indissociáveis e, assim, Cooley indica fundamento da maior importância para o estudo das relações humanas. (FREITAS, 1960, p. 103).

Alfred Adler[31] também vai por esta via,

> Não reconhece sentido à existência individual senão em função do todo - a sociedade, de que o homem é parte inseparável, pois os indivíduos são, em realidade, co-indivíduos. (FREITAS, 1960, p. 103).

De variadas formas, em variados espaços, em períodos diferentes, vão sendo concebidas as relações humanas. Na família, no trabalho, nos estudos, no lazer, em qualquer serviço – ainda que cada vez mais tecnológicos e robotizados (como os bancários, por exemplo). Nas relações de amizade, nas relações políticas e sociais, nas relações afetivo-sexuais. Pelo sentimento que nutrimos, mútuos ou não, relações de amor, de ódio, relações de bondade e relações de vingança, dentre tantas outras. Estamos sempre ligados uns aos outros por algum motivo. As relações são manifestadas por uma ou mais linguagens, de acordo com o contexto em que estão inseridas.

No livro *Seja bem sucedido nas Relações Humanas* (2004), a autora Maria Luiza Marins Holtz afirma que “é muito claro que o grande segredo do sucesso profissional e pessoal está em saber como nos relacionarmos bem com as pessoas” (HOLTZ, 2004, p. 7). Com essa afirmação, a autora argumenta que é necessário um certo esforço para que as relações aconteçam e sejam

[30] Charles Cooley (1864-1929) foi um sociólogo norte-americano que defendeu a aproximação sócio-psicológica para a compreensão da sociedade.
[31] Alfred Arley (1780-1937) foi um psicólogo austríaco fundador da psicologia do desenvolvimento individual.

positivas, e que não vão acontecer apenas no “deixe estar”. É preciso das duas partes uma vontade para que a relação se realize.

A autora completa dizendo que “todas as dificuldades que encontramos nos diversos ambientes empresariais, familiares, escolares e sociais estão concentradas na qualidade das relações humanas” (Holtz, 2004, p. 7). É, portanto, um tema que pede uma maior dedicação, uma reflexão para, então, passarmos adiante. HOLTZ (2004, p. 8) conclui: “Vivemos uns para os outros”, e aqui está a necessidade da qualidade das relações.

A relação acontece no processo de comunicação, em que alguém (um emissor) emita uma mensagem a um receptor, por um meio, e recebe deste o *feedback*, considerando que podem acontecer ruídos nesse processo. Os ruídos são falhas que distorcem o sentido original da mensagem, podem acontecer em qualquer fase do processo e atrapalhar a efetividade da comunicação. Vários fatores contribuem para a ocorrência dos ruídos. Os ruídos podem representar conflitos. Por essa razão, trouxemos o conceito que é formulado por Eurídice Feitas:

> Do ponto de vista científico, porém, a expressão ganha significado mais profundo, não estando superficialmente adstrita às boas maneiras no trato social. O contexto de relações humanas equivale ao de interação humana, implica o de integração da personalidade no nível social, por ausência de componentes de conflito. Identifica-se, pois, com a capacidade de viver em sociedade, sem despertar conflitos e sem experimentar sofrimento íntimo no processo de adaptação ao mundo. (FREITAS, 1960, p. 101).

Neste tempo em que estamos vivendo, em que cada um está mergulhado em seu próprio mundo, em sua própria tela, os ruídos têm acontecido com frequência. Do cineasta, ator e poeta chileno Alejandro Jodorowsky, trouxemos a conclusão: ‘‘Entre o que eu penso, o que quero dizer, o que digo e o que você ouve, o que você quer ouvir e o que você acha que entendeu, há um abismo.’’ (Jodorowsky, 2024, online, tradução nossa[32]). A esse abismo soma-se uma sociedade pouco empática, em que as pessoas que demonstram sentimentos são consideradas mais fracas.

Já identificamos até aqui algumas características das relações humanas: são necessárias aos seres humanos; são necessárias à organização da

[32] No original: “Entre lo que yo pienso, lo que quiero decir, lo que digo y lo que tú oyes, lo que quieres oir y lo que crees comprender, hay un abismo”.

sociedade; existem em vários espaços, formas e níveis; envolvem sentimentos; envolvem um certo nível de dedicação dos envolvidos; podem determinar o sucesso ou fracasso em determinadas empreitadas; são a razão de algumas dificuldades e conflitos; refletem a capacidade de viver em sociedade; possibilitam a adaptação ao mundo sem sofrimento íntimo; na sociedade atual, há uma dificuldade em demonstrar sentimentos.

Com este exemplo queremos dizer que as relações não são necessariamente benéficas, capazes de proporcionar a felicidade. Algumas relações não são saudáveis e devem ser consideradas, também conforme já dissemos, e poderemos chegar à conclusão, como Sartre[33], que “o inferno são os outros”, em sua frase mais célebre (Lima, 2011). “Com esta [...] frase o filósofo francês referia-se ao fato de que muito do que padecemos é o resultado do nosso encontro com a alteridade” (LIMA, 2011, p. 245).

O que se faz importante, para que se estabeleça a relação, conforme as que exemplificamos acima, é o olhar para o outro, reconhecer a alteridade. Cada pessoa é única e diferente, então apreende e atribui significado às situações diferente das outras pessoas. Por sua vez, o mesmo referente pode ser interpretado sob diversos pontos de vista, a depender de quem o observa e como o observa. “Olhar o outro, seja alguém que maliciosamente observa determinada cena pelo buraco de uma fechadura, seja alguém que entra em contato com uma cultura estrangeira, significa, em um outro viés, a possibilidade de ser olhado” (LIMA, 2011, p. 250). É a forma de olhar que determina que tipo de relação será travada naquele contexto. Sobre a importância de participar do grupo e da forma com é visto pelos demais membros, Freitas (1960), complementa:

> Seja na família, seja no grupo de trabalho ou em outro qualquer grupo social, as relações humanas envolvem associação, cooperação, participação; caracterizam-se pela compreensão mútua, pelo sentimento de integração no conjunto e pela satisfação de considerar-se "alguém" entre os semelhantes. Implicam ainda as relações humanas num sentimento de identificação positiva com o grupo, sentimento que permite ao indivíduo reconhecer a própria responsabilidade e deveres para com o grupo que integra e onde acha força e apoio, conservando intacta, não obstante, a individualidade. (FREITAS, 1960, p. 101).

[33] Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo.

Já, quando não acontece essa identificação positiva, pode ocorrer o que chamamos de “relações tóxicas”, ou “abusivas”, para aquelas que são ameaças para uma ou para as duas partes da relação. Ameaça aqui se entende principalmente no sentido psíquico-emocional, mas também físico e socialmente. Relações baseadas em sentimentos bons como a amizade e o amor, ou em espaços aparentemente saudáveis, como a família, podem assumir esse caráter: as características narcisísticas, a dependência emocional, as diversas formas de violências. O adoecimento é uma consequência frequente. Os relacionamentos tóxicos sempre existiram e, com o avanço da discussão sobre diversidade na sociedade, ganharam mais visibilidade. Vejamos:

> Relacionamentos tóxicos são relações que permeiam ações não saudáveis, que transmitem emoções negativas, fazendo com que os indivíduos que estão nessa relação tenham prejuízos emocionais. Esta categoria de relacionamento tem como principal vertente o fator psicológico, sendo uma relação disfuncional, colocando em assimetria o modo de tratamento entre os indivíduos, em que um busca poder, principalmente poder emocional perante o outro. (RIO BRANCO, 2021, p. 20).

A autora complementa com a fala de Bento (2018):

> É uma relação empobrecida do ponto de vista emocional, pouco criativa, permeada por um vínculo destrutivo, alimentado pela dependência emocional. A pessoa se sente refém do relacionamento, aprisionada, com suas autopercepções, autoestima e capacidade de pensamento crítico abaladas. (Bento 2018, p. 1 apud RIO BRANCO, 2021, p. 20).

Se retornarmos aos primeiros postulados filosóficos e também aos dos primeiros escritos dos santos, como Agostinho, Tomás de Aquino, Teresa D’Avila, Teresa de Lisieux, dentre outros, veremos que o relacionamento entre duas pessoas deve buscar uma *ascese*, a elevação e o crescimento de ambos, com o ideal da liberdade e o princípio de que ambos devem “ganhar” com a relação, sem, contudo, ter essa finalidade específica.

Rio Branco (2021) traz ainda uma referência importante no que diz respeito a relações abusivas e o prejuízo destas para crianças e adolescentes, cada vez mais fácil de ser observado:

> O relacionamento abusivo abrange vários sentimentos negativos, como ansiedade, estresse, culpa, medo, baixa autoestima e isolamento, entre outros. Uma criança ou adolescente que sofre abuso emocional, por exemplo, pode desenvolver um comportamento antissocial, inseguro e depressivo. Caso a situação não seja tratada como deve, a pessoa se tornará vulnerável a ambientes tóxicos, e terá

> dificuldades para se impor e tomar decisões sobre o seu futuro. Ela também pode ter problemas com o uso de substâncias químicas, além de doenças físicas e psicológicas (Carvalho, 2020, p. XX apud RIO BRANCO, 2021, p. 24).

É interessante trazer que um maior conhecimento de si próprio e de como se relacionar com o outro poderiam evitar boa parte do sofrimento provocado pelas relações tóxicas e abusivas. Trata-se das inteligências intrapessoal e interpessoal, do esquema de inteligências múltiplas proposto por Howard Gardner em 1983.

Para Gardner, a inteligência baseada no QI levava em conta apenas os aspectos lógicos e linguísticos. Para ele, os seres humanos são dotados de outros tipos de inteligências, como, por exemplo, a de um grande jogador de xadrez ou de um grande violinista, que se manifestam em situações diferentes. GARDNER (1995) propõe que analisemos a inteligência de um agricultor e de um engenheiro civil, por exemplo. Se quisermos saber sobre a época da colheita, qual a melhor maneira de fazê-la, o agricultor será mais útil, mas se precisamos saber quantos ferros devem ser utilizados em determinada construção, então deveremos contar com o engenheiro civil (ALMEIDA et al, 2016).

Por essa razão, trazer a Teoria das Inteligências Múltiplas é importante quando colocamos o foco nas relações humanas.

> Para Gardner (1995), a essência da Teoria das inteligências Múltiplas é respeitar as muitas diferenças entre as pessoas, as múltiplas variações em suas maneiras de aprender e os vários modos pelos quais elas podem ser avaliadas, levando em consideração a sua competência em resolver problemas perante os estímulos que o ambiente apresenta.
> [Inteligência] Interpessoal: habilidade de entender intenções, motivações e desejos dos outros, encontra-se mais desenvolvida em políticos, religiosos e professores.
> [Inteligência] Intrapessoal: refere-se às pessoas que têm a capacidade de entender a si mesmas, como psicoterapeutas e escritores. (ALMEIDA et al, 2016).

Ao falarmos das relações humanas, é fundamental também lembrar que a Administração, ciência nova, contribuiu para este estudo com a chamada “Psicologia do Trabalho” ou “Psicologia Industrial”. Do início do século XX, em que os trabalhadores ainda eram tratados ainda como peças de máquinas – programáveis, postas e repostas, manipuláveis – e com as mudanças sociais provocadas pela crise de 1929, a Grande Depressão, surgiu a escola Humanística, principalmente por meio dos estudos do psicólogo Elton Mayo, conhecidos como experiências de Hawthorne. Sem nos aprofundarmos no

assunto, as experiências mostraram que os pequenos grupos informais das organizações tinham grande peso no que dizia respeito à motivação e à produtividade e considerava as questões subjetivas do trabalhador.

Assim, a Escola das Relações Humanas da Administração, que a princípio visava ao aspecto meramente produtivo, o treinamento, o método de aprendizagem, a orientação profissional, a fisiologia do trabalho, o estudo dos acidentes e fadiga, passou a considerar também os aspectos individuais e sociais do trabalhador, os estudos sobre a personalidade do trabalhador e do gerente, a motivação, a liderança, a comunicação, e as relações interpessoais e sociais dentro da organização (MONEGO et al, 2021).

Os princípios que desumanizavam o trabalhador e o trabalho, com aplicação de métodos científicos e precisos das Escolas Clássicas da Administração anteriores, foram postos à prova, voltando a atenção às relações humanas, ao comportamento humano, aos grupos informais e aos fatores emocionais (MONEGO et al, 2021).

Apesar dos movimentos do século XX em prol da humanização, já na virada do século e no século XXI, as tecnologias de inteligência artificial e robótica apresentam um crescimento exponencial e mostram que têm muito espaço ainda para crescer.

A tecnologia surge, se fortalece, se transforma e se reinventa a cada minuto no nosso tempo, sendo que é impossível que não influenciem nas relações humanas. As redes sociais, por exemplo, ao invés de aproximarem as pessoas – como pensou-se que o fariam, há um tempo – fizeram justamente o contrário. Hoje conhecemos pessoas com muitos amigos e seguidores e, dependentes disso, são pessoas extremamente solitárias.

Há quem diga que a melhor rede social acontece quando as pessoas se juntam ao redor de uma mesa, o que vem acontecendo cada vez menos, num tempo em que cada um está mergulhado no mundo do próprio celular ou tablet.

Segundo o trabalho de Prado (2013), ainda nos anos de 1980, a professora do Sherry Turkle observava que "enquanto seus colegas do MIT insistiam que os computadores eram apenas ferramentas, seus questionamentos procuravam entender como esses dispositivos mudavam as pessoas” (PRADO, 2013, p. 235).

A autora também observa que:

> A tecnologia, como sintoma de uma sociedade que permanece cada vez mais conectada, mas que não encontra tempo e espaço suficiente para cultivar uma reflexão solitária, aponta para a predominância de laços fracos que caracterizam as relações mediadas digitalmente. Como sonho, vislumbra um tempo futuro em que seja possível se relacionar com novas criaturas que estarão presentes para atender às nossas vulnerabilidades, evitar os riscos emocionais que as relações sociais têm oferecido de certo modo. (PRADO, 2013, p. 240).

O computador não vai substituir o humano. A tecnologia não vai substituir o humano. Apesar de facilitar-lhe (será?) a vida: a tecnologia do afeto não pode desaparecer. Uma mesa de café com a família, um cinema com os amigos, uma confraternização no trabalho. É preciso o olho no olho, a tonalidade das palavras, o toque, a construção conjunta, valores que estão se perdendo junto do aumento dos casos de doenças psíquicas.

Na sociedade que urge por relações humanas saudáveis, finalizamos esse bloco com a reflexão de Cristiana Passinato, por vezes atribuída a Charlie Chaplin, e de acordo com o que pretendemos trazer nos capítulos seguintes.

> Preciso de alguém.
> Que me olhe nos olhos quando falo.
> Que ouça as minhas tristezas e neuroses com paciência.
> E, ainda que não compreenda, respeite os meus sentimentos.
> Preciso de alguém, que venha brigar ao meu lado sem precisar ser convocado;
> alguém Amigo o suficiente para dizer-me as verdades que não quero ouvir,
> mesmo sabendo que posso odiá-lo por isso.
> Nesse mundo de céticos, preciso de alguém que creia,
> nessa coisa misteriosa, desacreditada, quase impossível: A Amizade.
> Que teime em ser leal, simples e justo, que não vá embora se algum dia eu
> perder o meu ouro e não for mais a sensação da festa.
> Preciso de um Amigo que receba com gratidão o meu auxílio, a minha mão estendida.
> Mesmo que isto seja muito pouco para suas necessidades.
> Preciso de um Amigo que também seja companheiro, nas farras e pescarias,
> nas guerras e alegrias, e que no meio da tempestade, grite em coro comigo:
> " Nós ainda vamos rir muito disso tudo " e ria muito.
> Não pude escolher aqueles que me trouxeram ao mundo, mas posso escolher meu Amigo.
> E nessa busca empenho a minha própria alma, pois com uma Amizade Verdadeira, a vida se torna mais simples, mais rica e mais bela.
> (PASSINATO, online).

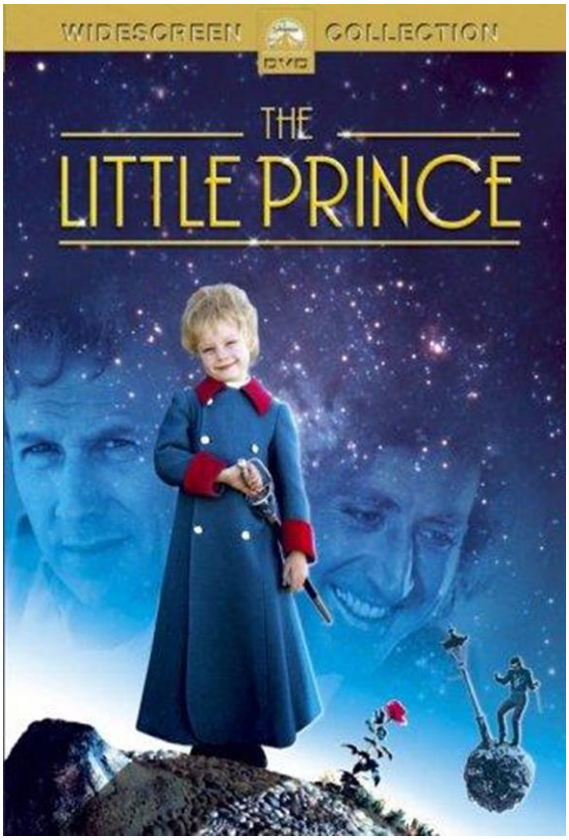
Passaremos, nos próximos capítulos, à análise de cada um dos filmes selecionados.

CAPÍTULO 1 – O PEQUENO PRÍNCIPE (1974)

> O musical, devido à sua flexibilidade narrativa, abriu as portas para todo tipo de experimentações interessantes com o som. Diferentes produções exploraram e continuam explorando a música enquanto recurso formal para expressar a subjetividade de personagens. (Christine Veras de Souza In.: O show tem que continuar: o gênero musical no cinema, 2005, p. 6).

Este capítulo tem como objeto de análise o musical “O Pequeno Príncipe” de Stanley Donen, de 1974. Baseado na obra de mesmo nome, de Saint-Exupéry, o filme nos possibilita uma série de reflexões – para adultos e não só para crianças, como pode parecer a princípio. A nossa ideia inicial, na formação do corpus, era trazer filmes produzidos a partir de 2010, mas, conforme justificado na Introdução desta tese, pela relevância desta obra, e pela temática que iremos tratar, consideramos que *O Pequeno Príncipe* não poderia ficar fora desta antologia. A Figura 2, a seguir, traz o cartaz da produção de 1974.

Figura 1 – Poster do filme “Le Petit Prince”, distribuído pela Paramount Pictures, em 1974



Fonte: IMDb.com (2024)

1.1 Observações iniciais

Na concepção inicial deste trabalho, nossa proposta era trazer filmes que trabalham a amizade em tempos de Modernidade Líquida (2000), conceito criado e explorado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1920-2017), para quem as relações, antes sólidas, foram se tornando mais líquidas, sem forma e sem durabilidade, escorrendo entre os dedos, à medida em que o capitalismo e o consumismo exagerado foram tornando-se cada vez mais dominantes. Para ele, as relações humanas deixaram de ser duradouras como outrora para se transformar num jogo desumano de enxergar o ser humano pelo quanto ele valeria ou me renderia em capital – “vale quanto pesa” – ou pelo seu poder de consumo. Tradições e crenças deixaram de ser sólidas e se tornaram velharias para o homem moderno. É como diz Bauman em sua obra:

> Os tempos modernos encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e portanto, administrável. [...] Os primeiros sólidos a derreter e os primeiros sagrados a profanar eram as lealdades tradicionais, os direitos costumeiros e as obrigações que atavam pés e mãos, impediam os movimentos e restringiam as iniciativas. Para poder construir seriamente uma nova ordem (verdadeiramente sólida!) era necessário primeiro livrar-se do entulho com que a velha ordem sobrecarregava os construtores. "Derreter os sólidos" significava, antes e acima de tudo eliminar as obrigações "irrelevantes" [...]. (BAUMAN, 2000, prefácio).

Bauman observa desintegração social, uma espécie de desengajamento que pode parecer conferir poder, exatamente o oposto do conceito que via Aristóteles, que dizia da coesão da cidade. Bauman pontua que o poder precisa da liberdade de fluir e que o no mundo não deve haver qualquer tipo de fronteira, de barreira. Tudo é fluido. Um relacionamento social que se torne denso, que crie raízes, nas palavras dele, “é um obstáculo a ser eliminado”. As redes densas de laços sociais deveriam ser eliminadas, pois representavam um obstáculo para a modernidade líquida.

Com essas premissas, foram se construindo as novas relações. Relações e laços líquidos, sem forma, frágeis. Alguns seres humanos, pode-se dizer, foram

invisibilizados, pois já não tinham valor nessa nova lógica do capital à frente do humano. Eles ainda existem nas ruas, nas praças, nos viadutos, nas favelas, sendo lembrados em momentos estrategicamente específicos, ou quando nos incomodam. Os amigos, quando não têm algo para nos oferecer naquele exato momento, não são tão necessários, numa relação clara e consumista e de utilidade. Não há mais tempo para se construir e cuidar das relações humanas. O dia parece ser mais curto, há sempre alguma coisa mais importante para ser feita. As amizades das mídias sociais vieram substituir as amizades sólidas, de muitos anos, conhecimento profundo do outro e disponibilidade dos amigos para estarem juntos. No entanto, não fizeram isso com perfeição, como mais a frente explica o autor. Presenciamos muito claramente essa liquidez das relações, no Brasil, nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, que dividiram o país. Famílias e amizades foram liquefeitas. A partir dessa mudança descrita por Bauman, torna-se mais difícil falar sobre amizade, percebê-la diante das várias redes de relações.

Nosso corpus inicial trazia filmes lançados a partir de 2010, baseados em livros ou em histórias que de fato aconteceram, a partir do olhar do diretor, o que se convencionou chamar “fatos reais”. No entanto, por esses critérios, uma obra acabaria ficando de fora: *O Pequeno Príncipe*. Houve o lançamento de uma animação homônima em 2015, dirigida por Mark Osborne, no entanto, neste trabalho não focaremos em filmes de animação. Por isso, o filme de 2015 foi substituído pelo de 1974, ambos baseados na obra de Saint-Exupéry. Apesar da distância temporal e da diferença de método, as obras conseguem contemplar o pensamento de Exupéry, sendo que a de 2015 é contruída a partir de uma linguagem que encanta mais o público infantil e torna as suas máximas mais claras a esse público.

Dissertar sobre essa película dirigida e produzida por Stanley Doney, em 1974, fez com que retroagíssemos para um período em que as reflexões de um mundo onde as relações ainda eram sólidas, ainda demandavam tempo e investimento em sentimentos e implicavam ser necessariamente um empreendimento de valor e virtude, longe da fluidez e da objetificação descrita na obra de Bauman. Analisemos esta descrição:

> [O livro] foi criado e escrito pelo escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry e publicado originalmente em 1943, quando o autor se encontrava exilado nos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial (1939-1945). Embora considerada uma obra para crianças, o livro nos traz várias reflexões e discute valores como amor, amizade e solidão em pleno deserto, a partir do encontro do príncipe com o piloto acidentado. O tratamento poético dado a essas questões ajuda a explicar a popularidade da obra, que já foi traduzida para mais de 200 idiomas (e dialetos). É, a propósito, o livro em língua francesa que mais foi vendido no mundo, com cerca de 140 milhões de exemplares e quase 500 edições. (LIMA, 2016, prefácio).

A edição em cordel baseado no Pequeno Príncipe (2016), com o texto de Stélio Torquato Lima, traz, na fala das editoras Mirian Paglia Costa e Helena Maria Alves, que "cada passo do Pequeno Príncipe é uma cena inesquecível, com sua graça e sua moral da história, formulada em máximas, que fazem parar e pensar". (LIMA, 2016, capa). No livro (2009) de Mathias Jung, ele recorre a Stacy Schiff, biógrafo de Saint-Exupéry, para afirmar que:

> de uma vida definitivamente realista, ele escolheu os momentos sublimes e com muita dedicação, os colocou no papel [...]. A obra parece compacta, no entanto é espiritualmente rica. Desperta em nós o desejo de ir além de nosso próprio alcance. Ela nos permite sonhar. (JUNG, 2009, p. 7).

Sonhar, no tempo atual, é um acontecimento cada vez mais escasso. Num mundo cinzento, rotineiro, onde não há tempo, construímos uma vida sem sonhos e matamos os que ainda habitavam em nós, sem relações duradouras e significativas. O Pequeno Príncipe vem na contramão. "Trata-se da maior obra existencialista do século XX, segundo Martin Heidegger[34]. É o livro mais traduzido da história, depois do Alcorão e da Bíblia". (Editoras.com, online). Em 2023, completaram-se 80 anos de sua publicação.

> O clássico de Antoine de Saint-Exupéry, publicado em 1943, já foi traduzido para 301 idiomas e dialetos, vendeu mais de 140 milhões de exemplares e é um dos livros mais conhecidos mundialmente. O pequeno príncipe foi adaptado para o cinema e para a TV mais de 17 vezes, em diversos países. A primeira delas foi um longa lançado em 1966, produzido na União Soviética.
>
> O primeiro filme em língua inglesa foi lançado em 1974, como uma adaptação musical, e é uma das versões mais conhecidas. [É sobre ele que vamos nos ater]. Dirigido por Stanley Donen para a Paramount, o longa foi um fiasco de bilheteria, mas posteriormente tornou-se um clássico cult. No Brasil, foi televisionado muitas vezes nos anos 1980

[34] Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo, escritor, professor e reitor universitário alemão.

> e 1990, tornando-se amplamente conhecido pelo público brasileiro. (AUTÊNTICA, 2022, online).

Também foi lançada, no Japão, em 1978, uma série animada, pelo Instituto Knack. Nessa série, o pequeno príncipe ia até os locais da Terra para ajudar as pessoas. Foi traduzida para o inglês e reproduzida em canais como a ABC e Nickelodeon, entre os anos 1980 e 1990, e tornou-se conhecida pelas crianças da época. Depois, ganhou uma versão em desenho animado na Rússia e na Alemanha, *live-action*[35] na França, curta metragem e até ópera em 2004. Em 2010 surgiu a série animada na França, mais moderna e produzida digitalmente. Com 36 capítulos, foi vista em 150 países. Em 2015 estreou a mais recente versão para cinema, dirigida por Mark Osborne, conforme já citamos. Filmada em *stop motion*[36]*,* a película se tornou o filme animado de maior sucesso fora da França. Trata da história de uma garotinha que conhece o narrador, já muito idoso, e ele conta a ela sobre o encontro que teve com o Pequeno Príncipe no Saara (AUTÊNTICA, 2022, online).

> O pequeno príncipe também já foi transformado em balé, graphic novel[37], jogo de computador, jogo de tabuleiro e teatro musical, em diversos países. É, sem sombra de dúvidas, uma das obras mais adaptadas do mundo.
> Agora, no Brasil, temos a adaptação de O pequeno príncipe para a literatura de cordel. Herança portuguesa, o cordel é popular principalmente no norte e nordeste do país. Tornou-se conhecido por meio dos repentistas, violeiros que percorriam as ruas das cidades contando histórias rimadas e musicadas. (AUTÊNTICA, 2022, online).

Com muito a aprender com uma criança perdida no deserto, embarcaremos nessa jornada com o aviador e o Pequeno Príncipe. Jung afirma:

> Saint-Exupéry escreveu O Pequeno Príncipe para crianças. O livrinho, ilustrado pelo próprio autor, alavancou as vendas de Natal de seu editor em Nova York e foi fonte de inspiração não só para crianças. Em suas dimensões mais profundas, a extraordinária narrativa consiste em uma parábola sobre infância e vida adulta, humano e inumano, amor e amizade, crise, morte e esperança. (JUNG, 2009, p.10).

---

[35] *Live-action* é o termo que define os trabalhos que são realizados por atores e atrizes reais, ao contrário das animações.
[36] *Stop Motion* é uma técnica artesanal da animação que envolve fotografar, quadro-a-quadro, objetos físicos.
[37] Graphic novel é arte de retratar um romance, com toda a sua complexidade de narrativa e personagens, em quadrinhos.

Podemos concluir, também, com tudo o que ela tem a nos ensinar, que se trata de uma obra para adultos.

1.2 Considerações da crítica especializada

Stanley Donen, o diretor, optou por adaptar a obra em formato de musical. E a locação do deserto foi gravada na Tunísia. Na introdução da crítica que foi publicada no sítio Sublime Irrealidade, o autor J. Bruno pontua:

> O musical foi um dos gêneros cinematográficos de maior sucesso nas primeiras décadas que sucederam o advento do cinema falado, durante os anos 30, 40 e 50 o gênero foi um dos grandes filões da indústria Hollywoodiana. Produções realizadas com orçamentos megalomaníacos faziam uma confluência de diversas expressões artísticas; teatro, ópera e arte circense se misturavam em verdadeiros espetáculos sonoros e visuais. Neste período todos os grandes estúdios investiram muito dinheiro em filmes que tinham retorno praticamente garantido, contudo, durante os anos 60 o cenário começou a mudar. (BRUNO, 2012, online).

No Podcast do sítio especializado em crítica cinematográfica – Cinematório, os críticos Renato Silveira e Kel Gomes discutem sobre o filme e o livro, e trouxemos aqui os principais pontos abordados por eles. Os críticos apresentam a ficha técnica do livro, ressaltando a importância de Stanley Donen como cineasta, além dos outros participantes da obra, produção e atores. O livro foi lançado em 1943, e no ano seguinte ao lançamento, em função da Segunda Guerra Mundial, “os Estados Unidos enviam suas primeiras tropas para a África do Norte, e Saint-Exupéry, com 44 anos, fez o seu último voo. Seu avião desaparece sem deixar vestígio”. (SAINT-EXUPÉRY, 2020, XXIV).

No Podcast citado, Kel Gomes comenta a importância e atemporalidade da obra. Os críticos dialogam sobre como o livro passa várias lições de forma lúdica, e que é importante, mesmo na adultez, não perder a criança interior que cada um carrega, dotada de esperança, de criatividade, de imaginação, de inocência, dentre outros atributos, como valorizar as pequenas coisas, as belezas das relações, a importância de se conectar verdadeiramente com alguém. A obra descreve sentimentos, conexões, afetos. Kel Gomes faz algumas críticas à montagem do filme e da escolha dos atores, e observa que Steven Warner (intérprete do Pequeno Príncipe) não se integrou ao todo do filme. Já para Renato Silveira, Steven Warner está muito integrado ao filme e acredita que foi uma boa escolha para o papel, embora o próprio Steven Warner não tenha

seguido a carreira de ator. Reforça que não foi um sucesso de audiência e de crítica. Kel Gomes acredita que foi criada uma expectativa de que seria um outro tipo de obra, dados os nomes envolvidos e a importância do livro a ser adaptado. Os críticos falam também sobre os planetas que o príncipe passou antes de chegar à Terra, que são diferentes do livro, mas ambos têm a intenção de passar uma mensagem. Renato Silveira acredita que não foi um fracasso, mas que não foi o sucesso esperado, e lançar um musical fora da era de ouro[38] dos musicais era um risco.

Kel cita uma lição apreendida já no início do filme: num planeta tão grande, os personagens encontram-se no deserto. “A imensidão do mundo e a gente tão pequeno” – como não se encontrassem nas cidades, enxergando apenas a si mesmas. “Cada pessoa carrega um universo dentro de si”. Saint-Exupery escreveu em sua obra *Terra dos Homens*: “Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam as flores no leito dos ventos, em que o cisne conhece todos os cisnes, só os homens constroem a sua solidão” (SAINT-EXUPÉRY, 2020, XXIII).

Para Jung (2009), o deserto representa a crise e a possibilidade de se encontrar consigo mesmo:

> Na crise, nos encontramos em nossas limitações, mas também em nossas possibilidades de mudança. Só aquele que muda permanece verdadeiro. Na “crise do deserto”, temos a chance de vivenciar a grande história de amor da nossa vida – o amor próprio. Saint-Exupéry teve essa experiência no deserto líbio:
> “Enquanto apostava com a morte no deserto, me dei conta novamente de algo que me fora sempre difícil de entender. Perdido, estava já às raias do desespero, mas na verdade a única coisa que precisava fazer era desistir de buscar a paz. O homem deve viver suas horas com o intuito de se encontrar e de se tornar seu próprio amigo”.
> Individualização e isolamento são sinais marcantes da modernidade. Em uma medida ainda não conhecida historicamente, sou autossuficiente em minha vida, em minha existência. A vida está permanentemente em construção. As crises se mostram como desertos necessários, reparos dessa construção”. (JUNG, 2009, p. 21-22).

Ambos elogiam a atuação de Bob Fosse, que faz o papel da serpente, personagem que nos prepara para discutir a finitude da vida. Há uma licença poética de escolher atores para representarem os animais e a rosa (antropomorfização), o que, segundo eles, foi acertada.

[38] A era de ouro dos musicais compreende as décadas de 1940, 1950 e 1960. O filme foi lançado em 1974.

Conforme já dissemos, não foi um sucesso de bilheteria, e considerando toda a aura que envolve o nome “O Pequeno Príncipe”, não foi, nem de longe, aprovado pela crítica especializada. No sítio AdoroCinema, que recolhe críticas de especialistas e do público em geral, o filme recebeu dos espectadores nota 4,3, uma nota muito boa – considerando que 5 é a nota máxima – e essa foi sua maior nota. Já no sítio especializado em crítica cinematográfica Plano Crítico, o filme recebeu, da crítica, 2 estrelas e meia, o correspondente a um conceito regular. No sítio francês AlloCiné, o filme recebeu uma média de 2,3 estrelas dos espectadores.

O crítico Luiz Santiago, do sítio Plano Crítico, afirma que o espectador fica sem acreditar que o filme “O Pequeno Príncipe” (1974) é do diretor Stanley Donen. O mesmo diretor que dirigiu grandes obras, como Cantando na Chuva, Sete Noivas para Sete Irmãos, Cinderela em Paris e Um Dia em Nova York. Essa perplexidade se dá porque, segundo ele, falta a inteligência, a coesão e a forma rigorosa na concepção de um filme, como era característica do diretor. O problema não era a escolha pelo estilo do musical, já que o diretor dominava essa técnica. Também as adaptações e ambientações de obras ligadas à fantasia não eram um problema para o diretor. No entanto, na adaptação de “O Pequeno Príncipe”, chama atenção pela menor qualidade. O crítico lembra-se de ter assistido à obra quando criança e adorado, especialmente pela interpretação de Steven Warner. No entanto, quando adulto, mesmo percebendo bons momentos, afirma que o todo da obra não é muito interessante (Santiago, 2015).

O crítico acredita que filmar um musical já em meados dos anos 1970, quando já havia passado a era de ouro dos musicais, e ainda para um diretor “arguto” como Stanley Donen, não era a melhor escolha, não homenageia os grandes musicais dos anos 1950 e também não se reveste da atmosfera dos grandes musicais alternativos dos anos 1970 (SANTIAGO, 2015).

Para Luiz Santiago, o roteiro de Alan Jay Lerner é fraco, não cria as devidas conexões entre os diálogos do piloto e as canções entoadas no filme. Para ele, as canções causam estranheza no público quando aparecem. (Santiago, 2015).

Por outro lado, o crítico vê uma coreografia meio cômica muito boa (mas longa demais e editada de forma irresponsável, segundo ele) de Bob Fosse, “que

está ótimo com a Serpente" e Gene Wilder, a raposa, que tem em si uma bela mensagem atrelada, de acordo com o livro, mas "não toca o espectador como deveria". Luiz Santiago aponta que a representação da rosa (Dona McKechine) merecia melhor cuidado, bem como dos planetas visitados pelo príncipe. Como dissemos, os planetas não são os mesmos apresentados no livro e quase nada carregam deles. Para o crítico, o problema não é a falta de fidelidade, mas a falta de correspondência com a essência da obra original, "algo que passa à margem deste filme" (SANTIAGO, 2015).

Por fim, o crítico afirma:

> O trabalho de pintura matte para compor alguns cenários (as cenas filmadas em locação na Tunísia não cobrem os efeitos ruins), o uso de lentes convexas no formato de íris para representar os planetas visitados pelo protagonista (recurso que é parcialmente interessante mas deslocado no todo) e a fotografia bipolar de Christopher Challis ajudam a tornar o filme uma salada estilística no sentido mais negativo da palavra. Ou seja, falta identidade e isso só não derruba completamente o longa porque ele é pontuado aqui e ali de bons e dóceis momentos que acabam nos divertindo um pouco e nos deixando com um certo calor no coração. Ao menos no quesito fofura o filme agrada.
>
> Com duas indicações ao Oscar (categorias musicais) e tendo marcado algumas gerações devido ao apelo de sua fonte, O Pequeno Príncipe de Stanley Donen poderia ter sido um grande filme, mas não é. No entanto, o longa apresenta alguns poucos momentos de beleza e magia que acabam valendo a sessão, seja como uma experiência do presente, seja como memória de um tempo em que tenha sido visto com olhos inocentes. (SANTIAGO, 2015, online).

J. Bruno, do Sublime Irrealidade, concorda com a crítica de Luiz Santiago e complementa que "[...] a minha afirmação (polêmica) de que ele é um exemplo perfeito da decadência criativa de um cineasta e do ostracismo de um determinado formato" (BRUNO, 2012, online). O crítico continua:

> A obra não possui sintonia estética alguma com a época na qual foi lançada e eu não consigo ver nela nada que sustente sua volta ao passado. Não se trata de um filme saudosista, nem há a pretensão de prestar homenagem à época a qual ele nos remete e a trama em si não depende deste formato para ser trabalhada. Esta discrepância estilística denota a falta de criatividade de Donen e sua tentativa de restabelecer seu prestígio voltando ao gênero que o consagrou. O problema é que no caminho desta "volta" há inúmeros tropeços e ele não consegue chegar nem perto do sucesso de outrora. (BRUNO, 2012, online).

Segundo Bruno, aquilo que pode ter sido acerto para alguma parte dos críticos, o filme erra, primeiramente, no processo de adaptação e construção do roteiro, já que há uma tentativa exagerada de ser fiel a prosa da obra literária, de modo que o filme perdeu sua própria essência de obra artística (Bruno, 2012). Ele complementa:

> Alan Jay Lerner, o roteirista, quase não foge do texto original e da sequência dos fatos narrados no livro e quando ele o faz é da pior maneira possível, eliminando personagens e situações de grande importância para a trama. Neste processo toda a aura da história contada por Antoine de Saint-Exupéry é perdida, o que faz com que o filme se torne superficial, ele não consegue nos emocionar e tão pouco nos conduzir às mesma reflexões que o livro nos inspira sobre temas diversos, como a infância, o apego ao 'visível' e as relações interpessoais. (BRUNO, 2012, online).

Ainda assim, o filme foi indicado ao Oscar de Melhor Música Original e Melhor Canção Original (segundo o sítio Cinematório) e recebeu os prêmios Globo de Ouro de Melhor trilha sonora (1975) e Grammy Award de Melhor Álbum Infantil (1976). A direção musical ficou sob a responsabilidade de Angela Morley[39] (BRUNO, 2012, online).

O crítico destaca também pontos positivos na produção, apesar de tantos "desacertos". A atuação do ator-mirim Steven Warner, como o Pequeno Príncipe, embora não tenha sido extraordinária, consegue cativar o público, feito que nenhum outro ator consegue alcançar, nem mesmo o experiente Gene Wilder (como a raposa). Os figurinos dos personagens foram bem feitos e são condizentes com a imagem formada no imaginário de quem leu o livro, pelas aquarelas de Saint-Exupéry (BRUNO, 2012). O autor relembra o enredo do filme: a história do principezinho com sede de aprender sobre a vida, que sai do seu asteroide B-612 e passa por vários planetas até encontrar um aviador na Terra, no deserto do Saara e conclui:

> Pessoalmente entendo este último encontro como uma metáfora para a busca da infância perdida, se o aviador é um alter-ego do escritor, o principezinho é a idealização da meninice e de sua magia e simplicidade; de acordo com minha interpretação, o deserto seria um período da vida adulta no qual nos vemos num conflito entre aquilo que éramos e aquilo no que nos tornamos...
> Para quem nunca leu a obra literária, o filme pode parecer bonitinho, apesar de ser tecnicamente ordinário, afinal ainda que reduzida a uma trama superficial a história ainda continua bela e memorável, no

[39] Angela Morley (1924-2009) foi uma compositora e maestrina inglesa, transgênero, que ganhou três prêmios Emmy e ainda foi a primeira mulher transgênero indicada para o Oscar, em duas ocasiões.

> entanto não recomendo que a opção pelo filme seja feita em detrimento da leitura do livro, afinal, como eu já havia dito, apesar de usar a obra de Saint-Exupéry como muleta, o longa de Stanley Donen não chega nem perto de atingir a sensibilidade e a poesia tocante do texto original. A minha conclusão é a de que o diretor deveria ter buscado reencontrar sua criança interior ante de meter a filmar esta adaptação. (BRUNO, 2012, online).

Na dissertação de mestrado de Christine Veras de Souza, “O show tem que continuar: o gênero musical no cinema” (2005), a autora afirma que “de qualquer forma não é o fato de um filme possuir música que o torna um musical, vários outros elementos podem ser agregados como, por exemplo: dança, canto enquanto expressão da subjetividade do personagem [e outros]” (SOUZA, 2005, p. 2).

A autora traça um panorama do que é o gênero musical para o cinema. Tendo surgido nos primeiros anos do cinema sonoro, contar histórias com músicas era uma forma de atrair o público. Assim, o musical não era um gênero consolidado, pois se acreditava que toda história poderia ser contada com música. Com a introdução das músicas e devido à influência do teatro e uma herança do cinema mudo, os melodramas musicais encheram as telas. Somente na década de 1940 fica consolidada a criação de um novo tipo de musical, conhecido como o musical clássico norte-americano por excelência. Nessas produções, a música é parte fundamental da narrativa, pois, através dela, a história é continuada. Isso fez com que os números musicais fossem bem inseridos no filme, possuindo uma razão para estarem ali (SOUZA, 2005).

> O musical foi um gênero muitas vezes marginalizado e banalizado por ter contribuído para a construção de uma visão escapista e alienante da realidade. Na verdade, do ponto de vista cinematográfico, o gênero contribuiu para a criação de um imaginário fantástico, através de mecanismos narrativos com soluções típicas do cinema. As produções analisadas neste estudo apontam um caminho em direção ao futuro do gênero, resgatando-o e comprovando que o musical não deixou de existir, mas teve suas estratégias absorvidas, adaptadas e reinventadas por outras cinematografias, outros gêneros e estilos. [...] E, como nas fábulas que recriam as situações reais de maneira fantástica e de fácil compreensão, a fantasia pode ser utilizada enquanto sugestão de um olhar diferenciado sobre as situações cotidianas. Por isso, na escuridão do cinema, em pleno ritual cinematográfico, sempre será possível encontrar a fantasia novamente e, como num jogo de faz-de-conta, [....], acreditando que o mundo pode se tornar um lugar melhor (SOUZA, 2005, p. 282-285).

Com o tempo, o gênero musical continuou se firmando e se aprimorando no mundo da sétima arte, deixando de ser uma fuga para os tempos de guerra, mas apresentando produções cada vez mais bem elaboradas, que abarcaram todo o tipo de público.

1.3 Breve análise das sequências sobre amizade

Em cada obra discutida nesta tese, verificaremos que, antes de entrar no conceito de amizade, nas cenas de amizade, outros constructos são necessários. Para tratar da amizade na obra, os roteiristas e diretores (e autores, no caso de obras baseadas em livros), utilizam-se de conceitos transversais, importantes para revelar as características e a forma de surgimento desse sentimento e importância que adquire no enredo. No caso de *"*O Pequeno Príncipe" (1974), são constructos importantes para a compreensão do tema, como inteligência emocional, alegoria, solidão, superficialidade e comunicação não violenta, demonstrando, assim, um pouco da riqueza da obra. O trabalho de Stanley Donen não fugiu muito do original de Saint-Exupéry, embora não tenha se preocupado em transmitir os mesmos conceitos que o autor do original, ou com a mesma clareza. Talvez, como dissemos, isso tenha ocorrido pela escolha pelo gênero musical ou pelo pouco tempo que tinha o filme para discutir tantos assuntos que o livro traz em profundidade.

A fotografia do filme é quase aquarelada, como os desenhos do livro, e cada personagem apresenta um número musical de acordo com sua personalidade.

O filme procura ser fiel ao livro, com algumas adaptações necessárias. Tanto é que começa com a cena do elefante dentro da jiboia (0h3'57''), incompreensível aos adultos. O musical inicial "*It's a hat*" (É um chapéu) demonstra esse momento de frustração (0h4'51''). Com isso, o autor quis mostrar uma certa dificuldade entre crianças e adultos e que, desse modo, a relação de amizade entre crianças ou entre adultos tem premissas diferentes. Demonstrou também uma dificuldade em se estabelecer uma amizade totalmente compreensível entre uma criança e um adulto.

O piloto (Richard Kiley) acabou desistindo de sua carreira de desenhista (0h6’22’’). É verdade que, para os adolescentes, esta é uma difícil decisão a tomar, e dependendo do lugar e do tempo, conquistar amizades é muito difícil.

A escolha de uma carreira a seguir não é um processo simples. Normalmente ele acontece na adolescência, apesar de que o nosso personagem tinha seis anos quando desistiu da carreira. É realmente difícil, normalmente aos 17 anos, ou seja, ao final do Ensino Médio, decidir o que se quer fazer na vida inteira. Há influência da família, dos amigos, das profissões em alta na sociedade. E Saint-Exupery quis mostrar que não deveria ser assim. Afinal, durante toda a obra, ele nos lembra sobre manter a criança interior. E quando é preciso realizar uma mudança no plano inicial, na carreira escolhida, também é muito difícil. Muitos não têm escolha. A esses cabe apenas seguir a carreira possível: a que é ofertada em sua cidade, a que pode ser paga pela família, a que pode ser alcançada numa prova de vestibular a partir das condições de preparação. Outros procuram seguir a carreira dos pais, dos amigos, e outros, ainda, quando escolhem caminhos diferentes não têm apoio. Da visão de Bauman, podemos inferir que as escolhas hoje são feitas a partir da capacidade de consumo.

É comum que muitos artistas não tenham concluído os estudos formais, especialmente naquela época, nos idos de 1900. Segundo o sítio da internet Observatório do Cinema, “nem sempre a escola é o lugar que vai te dar todas as habilidades necessárias para a vida adulta”. A verdade é que, para muita gente, a escola é apenas uma parada no caminho do sucesso. Podemos perceber que o mundo oferece diversos tipos de letramentos e as habilidades, notadamente as relacionadas às ciências humanas, não são necessariamente aprendidas somente na escola. O sítio citado apresenta alguns casos assim, como Katy Perry, Quentin Tarantino, Al Pacino e Jim Carrey, dentre outros.

Saint-Exupéry, aos 17 anos, já havia passado por diversas escolas recebendo o rótulo de distraído. Com todos os avanços, a escola é um lugar, ainda e infelizmente, onde se carimbam rótulos nas pessoas. Os rótulos limitam e matam possibilidades, levam os olhares apenas para a superficialidade, como fica provado neste caso, com alguém com tamanha genialidade como Saint-Exupéry. Muitas vezes, os rótulos são cruéis e difíceis de carregar. Parecem separar as pessoas como se separam os produtos em uma prateleira de

supermercado, isolando alguns, e desconsiderando as inteligências múltiplas[40] e as histórias e contextos que cada um traz em sua bagagem de vida. Os rótulos dificultam a formação de amizades, desde a infância, conforme explicaremos a seguir, e podem refletir em toda a vida social dos indivíduos. No entanto, é próprio do ser humano colocá-los, no ambiente familiar e escolar, e são muito mais danosos que simples apelidos, que também podem causar perdas irreparáveis. É o que dizem em seu estudo "Apelidos na escola: Como os estudantes entendem esse fenômeno?", Ana Carolina Vilar e Raquel Jerez (2010):

> Percebemos através de observações cotidianas, que as rotulações, sejam positivas ou negativas, criam estereótipos para os estudantes, desestimulando-os a experimentar diferentes papéis e posturas durante suas trajetórias escolares. [...] Durante o levantamento bibliográfico identificamos que o foco das atenções está, geralmente, nos apelidos depreciativos. Julgamos necessário tratar dos rótulos em uma perspectiva mais ampla, pois acreditamos que os apreciativos podem acarretar consequências nem sempre benéficas aos educandos. O julgamento do outro, com base em nossos padrões e concepções é algo bastante presente em nossa sociedade. Podemos relacionar o fenômeno à dificuldade de aceitar o diferente, aquele que não corresponde ao padrão hegemônico em uma sociedade. A nosso juízo, essa estereotipação mostra uma necessidade dos indivíduos de se defenderem da diferença que o outro representa, negando sua alteridade. Sendo assim, os rótulos enquadram os sujeitos que os recebem em uma categoria reducionista, na qual são ignoradas todas as suas demais características. [...] O que este trabalho nos proporcionou de mais significativo foi o alerta que aponta para um possível fenômeno relacionado à prática de apelidos em contextos escolares: o rotulado tolera os ataques a ele direcionados em vez de ter suas diferenças respeitadas pelo coletivo, seria uma a aceitação como forma de defesa, uma naturalização deste tipo de violência. (VILAR; JEREZ, 2010, p.1-9)

Na pesquisa de Carolina Saraiva Macedo Lisboa, "Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de proteção" (2005), a autora relata que a tese em questão teve por objetivo analisar o comportamento agressivo, a relação de vitimização e as

[40] Conforme já dissemos, a teoria das inteligências múltiplas, liderada por Howard Gardener, (nascido em 1943), psicólogo educacional estadunidense, junto com outros pesquisadores de Harvard, na década de 1980, identifica nove tipos diferentes de inteligência que as pessoas podem desenvolver, quais sejam: Naturalista, Linguística, Lógico-Matemática, Interpessoal, Corporal-Cinestésica, Musical, Existencial, Visual-Espacial e Intrapessoal. "Além disso, a definição de quem é Howard Gardner também se passa pelo fato de que ele sempre foi muito dedicado às artes e à música. Nesse sentido, imerso em um mundo que manifesta atividades estéticas e de comunicação com grande força, Gardner começou a supor que as aptidões intelectuais humanas não eram tudo o que uma pessoa precisava ter. Ou seja, o seu QI (Quociente de Inteligência, que mede o conhecimento cognitivo e lógico-matemático de uma pessoa) não era suficiente para medir suas reais competências e habilidades". (LIV - Laboratório de inteligência de vida, 2018, online).

relações de amizade entre pares, para verificar o risco ao desenvolvimento saudável que estes processos podem representar. A autora afirma que é na relação didática ou grupal que uma criança pode mostrar seu comportamento agressivo, ser vítima ou agressor de um processo de vitimização e, ainda, fazer e manter amigos. Ela continua:

> É consenso na Psicologia que as pessoas têm necessidades interpessoais que demandam tipos específicos de relações. [...] Sullivan (1953) afirmou que a personalidade é influenciada, modificada e reforçada pelos relacionamentos que a pessoa em desenvolvimento mantém com outras pessoas (pais, professores, colegas, irmãos, entre outros). Piaget e Vigotsky também salientaram que a interação da criança com o grupo de iguais poderia contribuir para o desenvolvimento cognitivo e sócio-cognitivo (ver Azmitia, 1988). E ainda, as relações sociais positivas e recíprocas são responsáveis pelo aumento do bem estar subjetivo e da auto-estima individual (Bronfenbremnner, 1979; 1996; Lisboa e Koller, 2004). O microssistema escolar é, sob vários prismas, um "ensaio" da sociedade em geral. [...] Neste contexto, relações são estabelecidas e destas emergem compromissos, negociações, cooperações e reconciliações. [...] Assim como ocorre entre adultos, algumas crianças alcançam com êxito seus objetivos pessoais e, neste processo, podem ser agressivas, enganosas e manipuladoras para conseguir o que desejam. Quando se observa estas crianças agressivas em ação (ou interação) é possível que os resultados de seus comportamentos mesmo que possam prejudicar os outros causem surpresa, preocupação e, ainda, admiração em vista de seu significado potencial adaptativo. (LISBOA, 2005, p. 12-13).

A pesquisadora conclui dizendo que, de um modo geral, as crianças que participaram do estudo mostraram-se satisfeitas com suas relações de amizade. Tal dado que confirma esta relação é um fator de proteção ao desenvolvimento no ciclo vital, especialmente por propiciar uma experiência única, de afeto incondicional e vínculo de livre escolha, diferente das demais relações sociais estabelecidas em outros ambientes como na família, por exemplo. O resultado da pesquisa é relevante para o desenvolvimento de intervenções preventivas ou focalizadas em escolas que deveriam promover o estímulo a amizades, desde a infância, bem como ressaltar a importância dessa relação (Lisboa, 2005).

No filme, a criança que queria ser desenhista cresceu, abandonou os desenhos e se tornou um aviador. Ao decorrer da vida, viveu muito no meio das “pessoas grandes” e isso não melhorou a opinião que tinha sobre essas, pois, segundo suas palavras: “com o tempo parei de mostrar meu desenho e não lhes falava de jiboias, elefantes nem de estrelas”. O personagem diz: “Ao invés disso falava de golf, dinheiro, política e gravatas e as pessoas grandes ficavam

encantadas em conhecer um homem tão razoável. Vivi, portanto, só, sem amigo como quem pudesse realmente conversar" (0h20'00''). Mais uma vez o autor reforça a diferença de prioridades nas amizades entre crianças e adultos e faz valer a sua máxima: "só se vê bem com o coração".

Na cena em que vai testar um novo modelo de avião, e precisava fazer isso com rapidez, de Paris à Índia, ele encontra problemas (ventos fortes a frente, como dito no filme), até perder a comunicação com a torre e cair no deserto do Saara (0h09'08''). As cenas no deserto apresentam um plano mais aberto, com profundidade de campo, deixando a ideia da imensidão do deserto. O mesmo acontece quando o príncipe e o aviador observam as estrelas no universo. Enquanto tentava consertar o motor da aeronave, escuta uma voz de criança: "por favor, desenha um carneiro pra mim?" (0h'11'19''). Ele virou-se e a visão era inacreditável: um garoto vestido como um príncipe e com uma espada em pleno deserto, que insistia pelo desenho de um carneiro. O piloto diz que não sabia desenhar, que só tinha feito um desenho na vida, e mostra sua jiboia ao Pequeno Príncipe (Steven Warner). Imediatamente o príncipe diz: "Não, não quero um elefante numa jiboia, a jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é muito pequeno onde eu moro. Eu preciso de um carneiro". (0h13'03''). Aqui as crianças se encontram.

Saint-Exupéry chama a atenção para dois aspectos: primeiro, a superficialidade em que tratamos as necessidades dos outros, uma vez que o piloto utilizou-se de um desenho que já tinha pronto e não se aprofundou na necessidade do príncipe, apesar de estar tão surpreso. A superficialidade vai crescendo com a idade. As pessoas consideram o que é importante para elas naquele momento e não se importam em aprofundar relações. A criança reconheceu rapidamente o que antes ninguém tinha percebido. Os adultos preferem tratar de assuntos que só importam a eles, às suas vidas, às suas rotinas e não se deixam cativar pelas questões mais básicas, sem tempo e sem capacidade de olhar mais profundamente para as pessoas e as coisas ao seu redor.

Segundo, podemos reconhecer também o individualismo: os assuntos dos adultos já não abordam tanto os sentimentos, o ser humano ao invés do ter. Não olha nos olhos e não veem além das aparências, perde-se a empatia. Como disse Bauman, as 24 horas já não são suficientes, e não conseguimos ter um

olhar profundo àqueles que estão ao nosso lado. “Há que ser profundo, há que fugir da superficialidade.” (COMUNICAÇÃO ORAL, 2023, minicurso online – parte 2).

Considerando a narrativa da *Bíblia Sagrada*, foi num olhar assim que Jesus salvou muitas pessoas. Quando atiraram próximo dele uma mulher pega em adultério, com as pedras na mão para matá-la, Jesus se abaixou, se colocou no mesmo plano que ela, enquanto escrevia no chão e a olhou. A partir desse olhar, ela mudou de vida e passou a segui-lo. E não foi morta pelos seus algozes, graças a inteligência de Jesus (Bíblia Sagrada, João 8, 1-11). A maioria de nós não é mais capaz de buscar ou de oferecer esse tipo de olhar, que enxerga por dentro, que enxerga novas possibilidades de futuro, que enxerga o humano. E as nossas relações de amizade também acabam ficando superficiais. Em uma canção, Fábio de Melo (a) percebe que, no olhar, Jesus “fizeste a vida retornar aos olhos dela” (Melo, online), mas nós já não temos tempo para isso, não nos permitimos olhar demoradamente para alguém, não nos abaixamos como Jesus havia feito, impedidos, muitas vezes, pelo nosso próprio ego, que prejudica as relações de qualidade.

Quando, enfim, o aviador desenha o carneiro dentro de uma caixa, o príncipe fica satisfeito. Assim estava no tamanho ideal e ele poderia levá-lo para seu planeta (0h15’46’’). Para as crianças, é mais fácil sonhar e realizar. Com o tempo, parece que perdemos nossa capacidade de sonhar, em meio às rotinas e às frustrações. O sonho é o motor da história pessoal e particular, em muitos casos. “Eu tenho um sonho” é o nome de um famoso discurso de Martin Luther King sobre o fim do racismo. Jung (2009) sublinha:

> Todas as pessoas são capazes de voar. Essa é a mensagem oculta da trama. Nem só de pão vive o homem. Ele precisa escalar as encostas dos vales cotidianos, ampliar horizontes. Lutar por ideais e vivenciá-los. O homem é o único ser de reflexão, inspiração espiritual, heroísmo e ambição. Dentro de suas possibilidades ele é uma verdadeira águia. Entretanto, por causa do lado avesso de sua essência, também pode desmoronar. (JUNG, 2009, contracapa).

É importante resgatar a fala do piloto, em relação a viver no mundo das “pessoas grandes”: “Vivi, portanto, só, sem amigo com quem pudesse conversar” (0h20’00’’). Essa frase é emblemática. Estar só na multidão. Para fins de organização do trabalho, exploraremos mais este tema nos capítulos posteriores. Embora não tenha citado no filme, no livro, o piloto reflete:

> (As pessoas grandes) adoram números. Quando contamos pra eles, por exemplo, sobre um grande amigo, eles nunca perguntam o que realmente importa. Jamais perguntam: Qual é o tom de voz dele? De quais brinquedos gosta? Faz coleção de borboletas? Nada disso. Apenas perguntam: Qual a idade dele? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha o pai dele?. Somente assim acreditam que conhecem as pessoas. (Saint-Exupéry, 2020, p. 25-26).
> Esquecer um amigo é muito triste. Não é fácil ter um amigo de verdade. Temo ficar como os adultos. Que só se interessam por números. (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p. 27).

Podemos perceber que, no nosso mundo pós-moderno, cada vez mais (à exceção de algumas casos a serem discutidos na tese), é assim que têm sido estabelecidas a maioria das amizades adultas: com base mais em números ou outras coisas sem importância (na fala do piloto), passageiras, superficiais, que em olhares aprofundados e sentimentos, de forma que, como frisa Bauman, caminham para a liquidez. Segundo o sociólogo e outras pesquisas, o capital e a tecnologia muitas vezes suplantam os sentimentos e emoções, mesmo que nem sempre, como podemos verificar nesta obra e em outras.

O pequeno príncipe estava preocupado se os carneiros comeriam flores, mesmo elas tendo espinhos. O piloto disse que sim (0h19’10’’). O príncipe ficou preocupado com a situação das flores, dos espinhos e dos carneiros. Mas o piloto estava concentrado no conserto do avião. O príncipe explicava veementemente que havia apenas uma flor igual a sua em todo o universo e, se o carneiro a comesse, seria como se todas as estrelas se apagassem. O pequeno príncipe chora, se aborrece e some em meio às areias do deserto (0h20’26’’). É o seu problema e é importante para ele. Então o piloto começa a procurar por ele e a gritar pendido desculpas.

Ele estava imerso no conserto do avião, na sua própria situação, e não viu que o príncipe estava sofrendo, com o pensamento ansioso que estava lhe perturbando. “Sua flor é importante! Eu estava agindo como gente grande!” (0h21’21’’). Aqui, percebemos que o que é importante para uma pessoa, pode não o ser para outra, ainda assim, não deixa de ser importante e atingir sentimentos e emoções profundas. É necessário ter mais cuidado com o sagrado do outro – aquilo que é importante para ele. Para isso, é necessária uma boa dose de altruísmo, uma característica da amizade. Só quem viveu sabe as circunstâncias e o valor de cada fato e, muitas vezes, por mais que explique, nem todos entenderão.

Caio Fernando Abreu, na obra *Pequenas Epifanias*, diz: “Um amigo me chamou para ajudá-lo a cuidar da dor dele. Guardei a minha no bolso. E fui”. (Abreu, 2014, p. 36). Chegamos a um nível de individualismo, de amizades virtuais, que isso é quase impossível de se acontecer. Não temos tempo para o outro. Temos dificuldade para perceber os sentimentos que estão à nossa volta, imersos nos nossos próprios ou enganados pelos sorrisos das mídias sociais. As mídias sociais permitem que as identidades sejam ainda mais fluidas, como podemos perceber no seguinte excerto do trabalho de FARIAS; MONTEIRO, “A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona” (2012):

> Exatamente para poder se relacionar com outro indivíduo independente do grau de proximidade e de intimidade, cada usuário dessas redes sociais deve e, de fato, se preocupa com a imagem que veicula de si mesmo através de definições, fotos, aplicativos, entre outros métodos de aparição pública. É importante que se note que outro ser é criado nesse processo: a versão de si mesmo para objetivos distintos. No momento em que um indivíduo se filia a redes sociais, este deve, no mínimo, ter o objetivo de agradar àqueles que visitam sua versão de si mesmo virtualmente. Nesse processo de “agradar”, deve-se levar em conta que o perfil do usuário também possui a função de convencer outros usuários dos seus propósitos. Dessa forma, são veiculadas informações que expressam não exatamente o seu gosto pessoal e intransferível, mas sim aquele tipo de informação que, de acordo com o usuário, irá agradar o tipo de usuário que ele considera importante para si mesmo. Os componentes de caracterização de seu perfil, de sua versão virtual, relacionam-se diretamente com aquilo que o usuário pensa ser positivo para a sua reputação dentro daquele domínio. (FARIAS; MONTEIRO, 2012, p. 3).

Dessa forma, as redes sociais, no momento de construção de identidades, mascaram a verdade das pessoas e criam um tipo de amizade diferente, superficial, como já dissemos. Cria identidades fluidas. O texto vai ao encontro do que dizem SIMONARD; SANTOS, no artigo “Identidade, pertencimento e engajamento político nas mídias sociais” (2017), que aclaram:

> Desde a sua popularização, as mídias sociais realizam uma verdadeira revolução na forma de elaborar e acessar conteúdo, seja ele jornalístico, de lazer ou informacional. Em um só ambiente, as pessoas leem notícias, acompanham os amigos por fotos e vídeos e compartilham links de forma gratuita e ilimitada. O tempo e a diluição do espaço são elementos-chave nesse processo, pois é a partir deles e por causa deles que todo conteúdo é produzido e distribuído mais rapidamente, como se pudéssemos acompanhar cada link em tempo real. Esse mesmo tempo modifica, de forma acelerada, valores e conceitos que antes alteravam-se lentamente, fazendo com que a modernidade seja cada vez mais líquida (BAUMAN, 1999 e 2000) e produza a chamada crise de identidade e o fenômeno da solidão de massa. Estamos cercados de pessoas no ambiente virtual, mas as nossas diferenças não são bem aceitas nesse meio que tende a

> padronizar emoções, modo de vestir, de falar e de reagir aos fatos, quando as interações se dão dentro de comunidades virtuais, ao mesmo tempo em que permite ao interagente contato com múltiplas culturas e redes variadas que diluem padrões de comportamento. A identidade, que por si só já apresenta natureza negociável e revogável, torna-se ainda mais instável neste ambiente, apresentando-se fluida e frágil, assumindo múltiplas facetas em prol da exibição nas redes. (SIMONARD; SANTOS, 2017, p. 15-16).

O piloto procurou o principezinho por muito tempo, mas não o encontrou. E anoiteceu no deserto. Ele refletiu: “Senti saudades dele. Mas ele foi embora e com ele seu mistério. Afinal… era um amigo e nem todos tem um amigo, muito menos eu.” (0h23’18’’). Como podemos perceber, o deserto, em sentido figurado, é esse lugar em que somos colocados frente a frente conosco mesmos e podemos refletir sobre as nossas relações. Relações que a cada dia são mais distantes. Nesse momento, o príncipe reaparece e acontece a reconciliação. Para a criança, é mais difícil evitar o ressentimento (0h23’53’’). O piloto admite que o problema da flor e do carneiro – o problema do outro – é, sim, importante. Então pensou em desenhar uma mordaça para o carneiro e uma cerca para a flor (0h25’31’’).

O príncipe explicou como era seu planeta, provavelmente, para o piloto, tratava-se do asteroide B-612 (0h18’09’’), descoberto por um turco. Mas não lhe deram credibilidade. Quando, enfim, o turco apresentou sua descoberta vestido e falando nos padrões europeus, foi aceito. O ensinamento que fica é damos mais valor à aparência que ao conteúdo. Esse conceito vai de encontro à amizade. O turco precisou vestir-se com outra identidade para que lhe fosse conferida a confiabilidade.

O príncipe começou a descrever sua flor (Donna McKechnie). Era extremamente bela, mas muito egoísta, queria atenção somente para si e para as necessidades dela. A flor utilizava-se do fato de ter o príncipe apaixonado por ela e age com um jogo de sedução. O príncipe fez tudo o que podia por ela. Construiu um biombo para evitar as correntes de ar. Mas a flor era sempre muito exigente. Ela queria uma redoma de vidro. Então o príncipe disse que amava a rosa, mas era tão infeliz assim (0h29’23’’). Claramente se faz presente uma relação de submissão e não uma relação horizontal, como a amizade. Relações com essa característica, sem reciprocidade, podem gerar infelicidade. A rosa não era grata e nem reconhecia os esforços do príncipe, além de fazer inúmeras exigências. . No livro, o autor coloca como fala do príncipe: “Devia tê-la julgado

pelos seus atos, e não por suas palavras" (Saint-Exupéry, 2020, p. 45), e reforça que são as atitudes que determinam quem uma pessoa é, e não as palavras dela. A rosa chantageava-o com as palavras "Você me ama?" (0h29'17'').

Então o príncipe sentiu que não entendia das coisas e decidiu deixar seu planeta e partir para o universo em busca de conhecimento, "tentar aprender alguma coisa" (0h29'56''). A rosa não gostou da ideia do príncipe de partir. Ela se perguntava quem a visitaria. Ela havia travado uma relação objetal com o príncipe, uma escravização, por saber do amor do príncipe por ela. Então ela se lembrou que tinham as larvas que poderiam visitá-la, e embora não gostasse das larvas, se quisesse conhecer as borboletas, precisaria suportá-las. (0h30'51''). Como as agruras da vida, é possível superá-las para valorizar os bons momentos. Assim, o autor nos transmitiu mais um conhecimento. Às vezes precisamos conhecer algum lado ruim das pessoas, para encontrar também o melhor delas. Muitas pessoas são "descartadas" no seu lado feio, triste, doente… no rótulo que lhe foi colocado. Certamente deixaremos de conhecer o seu lado mais bonito. A nossa pressa, nosso culto apenas ao belo, impede que as larvas se transformem no que são… borboletas, e perdemos oportunidades de conhecer pessoas com características incríveis, que como todos, pelo menos uma vez na vida, têm o direito de não se sentirem bem, não se apresentarem na melhor forma.

O príncipe então partiu, levado por pássaros, para um planeta todo delimitado por fronteiras. O rei (Joss Ackland) ficou muito preocupado, uma vez que o príncipe não tinha os papeis para viajar de um planeta a outro. No entanto, o planeta era tão pequeno que ele perguntou: "Por que precisam de fronteiras?". (0h33'08''). As fronteiras nos dividem. Vivemos em uma sociedade de muitas fronteiras. A cena com esse planeta não aparece no livro, foi uma opção do diretor de fazer a junção de características de outros, para inserir um número musical. Mas leva-nos a refletir: "quais são as nossas fronteiras? Até onde permitimos que as pessoas se aproximem de nós? Quem são as pessoas mais próximas? E os amigos, vão até onde?".

As fronteiras nos privam de algumas aproximações e tantas vezes são impostas por nós por sentimentos como medo, dor, orgulho e até individualismo. O rei pareceu bem contraditório, ora dizendo que o príncipe entenderia as fronteiras, porque era uma criança, ora dizendo que não, também porque era

uma criança (0h33’40’’). Ele mesmo não soube explicar o porquê de tantas fronteiras, de tanta divisão. E queria carimbar o passaporte do príncipe, que não tinha um. Ao final, ele não sabia se queria que o príncipe voltasse ou que fosse embora do planeta, tantas eram suas contradições que mostravam que nem ele sabia o motivo de tantas fronteiras, tanta divisão.

Enquanto o príncipe está em seu planeta e viajando pelos outros planetas do universo, o diretor optou por uma visão quase de close, na intenção de mostrar que os planetas eram pequenos em relação ao universo.

A modernidade líquida analisada por Bauman cria fronteiras à medida em que os relacionamentos se esvaem e os indivíduos conhecem cada vez mais a solidão. Andrew Soloman é autor de uma obra que reflete sobre esse tema, chamada: “Um crime da solidão – Reflexões sobre o suicídio” (2018). Sobre o suicídio, falaremos nos capítulos à frente, mas é possível concluir que a solidão não é uma condição favorável. Existem, sim, momentos em que preferimos a nossa solitude que o barulho da multidão, mas com o tempo, ela se torna adoecimento.

As fronteiras individuais servem também para compor a nossa identidade. Estar dividido de uns e próximo de outros. Por outro lado, as fronteiras também ficam difusas no ambiente em que vivemos, hiperconectado, e em que tudo se sabe do outro pelas mídias sociais. Pouco de si é preservado. No texto “As Fronteiras Difusas das Redes Sociais”, (2020), a autora Angélica Consiglio chama a atenção para este assunto:

> Tudo o que se diz ou faz, curte ou compartilha, passa a compor sua imagem, seja para o bem, seja para o mal. Um palpite apressado ou mal redigido passa a ser considerado como manifestação de seu pensamento, de sua filosofia de vida ou de seu ideário ideológico. Muitas vezes, a interação na rede nos leva a ignorar filtros e cuidados que geralmente assumimos em outras ocasiões. (CONSIGLIO, 2020, online).

Essa falta de privacidade pode interferir em outras esferas. Existem empresas que já monitoram seus colaboradores nos perfis da internet. Perdem-se as fronteiras e tudo passa a ser público. A internet foi se transformando em um local onde tudo pode ser dito, mesmo aqueles sentimentos mais mascarados que existiam antigamente (e aqui volto a citar as eleições no Brasil de 2018 e 2022), bem como as notícias falsas *(fake news)* facilmente e rapidamente disseminadas pelas mídias sociais. Discussões e “cancelamentos”, tudo passou

a ser normal. A linha entre amizade e solidão, a partir das mídias sociais, ficou bastante tênue. Sherry Turkle, no seu livro *Alone Together: Why we expect more from technology and less form each other* [Sozinhos juntos: Por que nós temos mais expectativas da tecnologia e menos de cada um - em livre tradução], de 2011, já visualizava algumas distorções:

> As reflexões, ilustradas pelos relatos que percorrem o livro, permitem entender como a relação com e através da tecnologia redesenha as fronteiras entre intimidade e solidão, na medida em que vai ao encontro de nossas vulnerabilidades – em especial com nossa demanda por relações de intimidade nas quais não haja propriamente um comprometimento exigido pelas relações humanas e desenvolvidas face a face. (PRADO, 213, p. 236).

Diferentemente da observação do autor, o Pequeno Príncipe aprendeu o que é ter compromisso com o outro. O príncipe vai guiado pelos pássaros a outro planeta, onde um homem fazia várias contas (Clive Revill). O homem contava as estrelas, que, segundo ele, eram todas suas e serviam para que fosse rico, ele explicou que foi o primeiro a ter essa ideia (0h36'50''). O Pequeno Príncipe pergunta de que lhe serve ser rico de estrelas. A riqueza para ele significava outras coisas. Mas a resposta foi "Você não entenderia, é uma criança". O príncipe realmente não entendeu o motivo da acumulação e partiu daquele planeta (0h38'26''). Jung também fez uma observação sobre este personagem: "o homem de negócios conta 'milhões dessas coisinhas que se veem no céu'. Nem ao menos sabe o nome delas Não tem tempo para divagações" (Jung, 2009, p. 52). Saint-Exupéry chama-nos a atenção porque temos grande tendência a assumir essas características: "Em algum lugar, nos desviamos do caminho. O formigueiro humano está maior do que nunca. Alegramo-nos mais com bem estar e mais tempo de lazer e no entanto, algo essencial nos falta" (Jung, 2009, p. 51). O autor desenvolve o pensamento:

> O pequeno príncipe pergunta, com sua agradável perspicácia o que ele faz com quinhentos milhões de estrelas. A resposta é imediata. "Nada, eu as possuo". Então o pequeno viajante faz a pergunta decisiva. "Para que te serve ser rico?" O milionário das estrelas dá uma resposta tautológica, sem sentido. Para comprar outras estrelas, se alguém achar". [...]. Você já disse algo como "vou morrer de tanto trabalhar?" Em caso afirmativo, você pertence ao [...] planeta do homem de negócios. [...]. A brilhante criança tem razão. Ele depende de uma substância chamada trabalho, como um viciado em drogas injetáveis, dependente tóxico [...]. O que significa? O indivíduo que tem, como o homem de negócios, é tomado pelo medo de empobrecer. Não confia no mundo nem no ser humano. Só confia naquilo que possui. [...] Segundo Fromm, "na existência para o ter, o homem só encontra felicidade em se sentir superior aos outros, na consciência de seu

> poder. [...] O que faria bem a ele é tornar alguém que é. O “homem que é”, diferente do homem que tem, como definiu Fromm, confia que é, sabe que está vivo e que algo novo acontecerá, se tiver a coragem de se libertar e reagir. [...] Saint-Exupéry disse: “Só existe um luxo real, as relações humanas”. [...] Vive a premissa de Nietzsche, em Assim Falou Zaratustra: “Quem pouco possui, menos ainda é possuído” (JUNG, 2009, p. 52-55)

É sobre isso que pretendemos falar neste e nos outros capítulos. No “luxo real” – utilizando as palavras do autor, que são as relações humanas, com foco nas amizades. Ser, sem precisar possuir. Colocar o ativo humano acima de outras habilidades, conhecimentos, atitudes e posses que alguém possa ter. Essa é mais uma mensagem do Pequeno Príncipe.

O príncipe viajante chegou a um planeta onde um historiador (Victor Spinetti) escrevia as histórias como queria e as tornava verdadeiras para ele. Em tempos de pós-verdade[41], é justamente o que acontece (0h40’10’’). Logo depois vai a um planeta que está em guerra, mas só é habitado por um general (Graham Crowden). Para ele, o sentido da vida é morrer como um herói (0h41’30’’). Mais uma vez, o Pequeno Príncipe não entendeu o sentido da existência das guerras. Podemos inferir que para ele, teriam mais sentido as pontes. E então partiu para o planeta Terra, onde foi deixado no deserto do Saara e ouvia apenas o eco da sua própria voz (0h44’02’’). “Que planeta estranho, eu pensei. [...] Exatamente, concordou o piloto. Isso foi há um ano atrás e tudo que eu aprendi desde que eu a deixei [a rosa], foi que não deveria tê-la deixado. Eu simplesmente deveria ter adivinhado a ternura sobre os pobres ardis daquela rosa” (0h44’27’’).

O príncipe e o piloto buscam por água e o príncipe acaba por encontrar um oásis no deserto (0h48’30’’). Começa a escurecer e o príncipe diz que as estrelas são belas por causa de uma flor que não se vê (0h50’20’’). O belo só é belo até que se possa conhecê-lo de fato.

Após encontrarem a água, o príncipe conta então sobre a serpente (Bob Fosse), que estava em uma árvore (0h54’39’’). A serpente se mostra extremamente pessimista e desencantada com a terra (0h56’00’’) e diz que pode, com uma picada especial, levar o príncipe para o céu, para o planeta do príncipe novamente (0h57’32’’). Nesse momento de início de amizade da serpente com

[41] Quando os fatos objetivos têm menos influência que aos apelos, às convicções e às crenças pessoais. Esse conceito de pós-verdade está intrinsecamente ligado ao de Modernidade Líquida.

o príncipe, como já dito, Bob Fosse, apresenta uma coreografia que nos remete a um serpentear, como artifício de caracterização (0h58’01’’).

No original, há um diálogo não reproduzido no filme, mas essencial: “Onde estão os homens? perguntou de novo o pequeno príncipe – Estamos um pouco sós no deserto… Estamos sós também entre os homens, disse a serpente” (Saint-Exupéry, 2020, p. 86). Estar sozinho no deserto pode ser uma situação temporária, mas estar sozinho entre os homens representa uma dor, uma falta de identificação, uma falta de laços que a amizade pode suprir. Como dissemos na introdução deste trabalho, nenhum homem é uma ilha, e viver sozinho entre seus iguais é um tipo de solidão que adoece e retira o sentido da vida. É como explica José Machado Pais, no livro *Nos rastos da solidão: Deambulações psicológicas* (2016):

> A solidão não é o pouso inevitável de quem está só. É sobretudo [...] um sentimento de quem não pode assumir uma autonomia de vida, nem ajudas que preencham esse desígnio. Podemos estar sós sem que estejamos em solidão. E podemos viver um sentimento de solidão quando não estamos sós. Isso ocorre quando alguém, carente de relacionamentos, olha em seu redor e se vê entre estranhos e indiferentes. [...] Quando o outro está fisicamente próximo mas socialmente distante, quando os muros de silêncio não deixam ver nem ouvir o que o outro tem pra dizer, então, o conceito de solidão pode desenhar-se apropriado [...] Norbert Elias mostrou claramente como ela decorre de um sentimento de exclusão em relação à comunidade dos viventes. "Se uma pessoa sentir quando está morrendo que, embora ainda viva, deixou de ter significado para os outros, essa pessoa está verdadeiramente só". Se não houvesse a necessidade do outro não haveria lugar ao sentimento de solidão. Ninguém se sente em solidão se não sente a necessidade da presença de alguém. (PAIS, 2016, p. 6-7)

As relações humanas, e, em especial, a amizade, combatem com vigor esse sentimento. Fábio de Melo definiu, ao dizer sobre amizade: “Quando a solidão doeu em mim, quando meu passado não passou por mim, quando eu não soube compreender a vida, tu vieste compreender por mim”. (Melo, online).

O príncipe conta que a proposta da serpente era envenená-lo para voltar ao planeta dele. A serpente já havia plantado no coração do príncipe a ideia de se deixar morrer, e não conviver com a raça “inumana” da terra. Seduziu-o no deserto com a ideia de caminhar no azul do céu. E no filme, ainda faz um gracejo com “o Senhor” (1h00’12’’), lembrando a serpente que aparece na narrativa da criação do mundo no livro do Gênesis. Trata-se de uma sequência grande do filme, que mostra como a morte é uma ideia sedutora quando se está solitário. O piloto afirma que não vai permitir que nenhuma serpente envenene o príncipe

(1h02’45’’). O príncipe conta que também conheceu uma raposa, num jardim com muitas rosas (1h03’19’’). Ele ficou extremamente decepcionado quando viu tantas rosas. Ele achava que a sua rosa era a única no universo, acreditando no que ela havia lhe dito, e por isso lhe dava tanta importância. No filme, o príncipe chorou desapontado. “Achei que tinha uma rosa sem igual no mundo inteiro. Mas é apenas uma rosa comum que eu possuo” (1h04’25’’). Desta forma, para ele, ele não era mais rico. Sua rosa não era especial. Foi o que ele concluiu. No entanto, na individualidade mora a identidade, e assim, sua rosa era especial. Mesmo com tantas semelhantes.

Então apareceu a raposa. O príncipe queria brincar com ela, pois estava triste, mas ela está preocupada com os outros caçadores. (1h06’10’’). A raposa explica que só pode brincar com ele depois de ser cativada. (1h06’23’’).

> Você é para mim um rapazinho igual a cem mil outros e não preciso de você para nada. Você também não precisa de mim e sou para você apenas uma raposa dentre outras cem mil semelhantes. Mas, se você me conquistar, então teremos necessidade um do outro. Você será para mim único no mundo e eu serei para você única no mundo. (SAINT- EXUPÉRY, 2020, p. 96).

A raposa diz que após ser cativada pelo príncipe, até mesmo os campos de trigo terão um significado diferente para ela, pois lembrarão os cabelos do príncipe, pela cor de ouro, e a vida dela não será mais tão monótona (1h07’42’’). A raposa continuou com seus ensinamentos. Pela relevância destes, trouxemos o que está escrito no livro, já que no filme algumas frases foram retiradas para apresentação de um número musical (1h08’50’’):

> Procuro amigos (disse o pequeno príncipe) Que quer dizer “conquistar”? É uma coisa que já esqueceram - disse a raposa. - Significa criar laços. A gente só conhece bem as coisas que conquista - disse a raposa. As pessoas já não têm tempo para conhecer nada. Compram tudo pronto nas lojas. Como não existem lojas para vender amigos, as pessoas não têm amigos. Se você quer um amigo, me conquiste! O que preciso fazer? Perguntou o pequeno príncipe. É preciso ter muita paciência - respondeu a raposa. Primeiro, você vai se sentar um pouco longe de mim, assim, na grama, Eu olharei para você e você não dirá nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos…A cada dia você se sentiria mais perto… [....] É melhor que você venha sempre na mesma hora - disse a raposa. Se você vem, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora se aproxima, mais feliz sentirei. Às quatro, estarei agitada e inquieta, e assim descobrirei o quanto vale a felicidade. [...] As pessoas se esqueceram dessa verdade - disse a raposa. Mas você não pode esquecer. Você se torna eternamente responsável por aquilo que conquista. Você é responsável por sua rosa… (SAINT-EXUPÉRY, 2020, p. 96-101).

Oitenta anos depois, parece estranho dizer “criar laços”. Em tempos em que é mais importante que “as pessoas compram tudo nas lojas”, que as pessoas se voltaram tanto para si, para relações sem profundidade, como já dissemos, que bradaram sobre liberdade, criar laços é uma tarefa difícil. Na liquidez, os laços se vão. Mas a raposa não para por aí. Como é explicado por ela, a amizade requer um ritual. Requer tempo. Requer comprometimento. Requer conquista. Traz felicidade para uma vida monótona como era a dela própria.

Outro ensinamento, esse repetido tantas vezes sem a leitura que merece é, “tu te tornas eternamente responsável pelo que cativou” (1h14’11’’). A frase tem atravessado décadas e, mais recentemente, vem causando uma certa confusão e pode ser problematizada, conforme o Podcast do sítio Cinematório. Tornar-se responsável não significa uma exigência de reciprocidade, uma obrigação de amar aquele que te ama, mas implica outras questões, como a responsabilidade afetiva. A frase tem muito mais a ver com empatia que com a obrigação de amar reciprocamente, cada pessoa tem sua forma de amar. Sobre o conceito de responsabilidade afetiva, trouxemos a matéria de Cecília Sóter para o Correio Braziliense (2022):

> Atitudes como não deixar claro o que queremos em um relacionamento — ou simplesmente sair da vida de uma pessoa sem dar uma explicação — vão em total contramão à chamada responsabilidade afetiva. E se engana quem acha que o termo refere-se apenas a relações amorosas. [...] A especialista explica que a responsabilidade afetiva é a aplicação de noções básicas de respeito e honestidade nas relações interpessoais. É demonstrar cuidado com o sentimento do outro, zelando pela transparência na relação. "Não significa falar tudo o que pensa sem pensar na consequência do que está sendo dito, mas cuidar em compartilhar com o outro o que sente de forma genuína e honesta, sendo cuidadoso nesta comunicação. Não é também compartilhar apenas informações positivas ou elogios, mas transmitir o que se pensa e sente sobre o outro e em especial sobre a relação estabelecida com o outro de forma cuidadosa, responsável. Comprometendo-se neste processo comunicacional direto e verdadeiro", detalha Ana Cristina. A psicóloga afirma que a transparência e a fluidez que a responsabilidade afetiva confere ao compartilhar o que se sente (e o como se sente) com o outro são pontos importantes para as relações interpessoais. "Essa transparência deve ser cuidadosa, de forma a ilustrar para o outro que a forma como ele se sente diante do que eu me sinto é importante para mim. (SÓTER, 2022, online).

A autora frisa que reconhecer o outro como uma pessoa que merece respeito, atenção e cuidado é tornar essa relação positiva e produtiva. Desse modo, mesmo quando o sentimento não é o mais agradável, a iniciativa em ser

verdadeiro e cuidadoso é um importante indicativo de que se importa com o outro e com seus sentimentos e que se quer contribuir para o seu desenvolvimento. Segundo a autora, essa ação sugere uma disposição para a mudança, para o aprendizado.

> Entre pais e filhos, entre irmãos, assim como entre amigos; além é claro de ser importante para os relacionamentos amorosos. Fica difícil e confuso pensar que uma pessoa possa ter uma postura responsável afetivamente com o companheiro, compreendendo a importância dessa ação; e, ao mesmo tempo, agir com indiferença ou desrespeito para com seus filhos ou pais, por exemplo. Seria uma situação que geraria, no mínimo, um estranhamento. (SÓTER, 2022, online).

Segundo Roberta Fuks, doutora em Estudos da Cultura em artigo publicado no sítio Cultura Genial (Literatura), intitulado “Frase ‘Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas’ (Explicada)”:

> A frase original, escrita em francês, “Tu deviens responsable pour toujours de ce que tu as apprivoisé” é retirada do clássico da literatura mundial Le petit prince (em português O Pequeno Príncipe). A primeira tradução para o português (feita pelo imortal Dom Marcos Barbosa) gerou como resultado a famosa frase cristalizada no inconsciente coletivo: "Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas". O autor quer dizer que aquele que é amado passa a ser responsável pelo outro, por aquele que nutre o afeto por si. O ensinamento sugere que devemos ser prudentes com os sentimentos daqueles que nos amam. A reflexão serve tanto para o bem quanto para o mal: se você gera sentimentos bons, é encarregado por aquilo que emana, se gera sentimentos maus, também deve ser culpabilizado por isso. A sentença afirma que quando você faz alguém gostar de si, terá de corresponder aquilo que o outro viu na sua pessoa. Uma das máximas fundamentais do Pequeno Príncipe é que devemos cuidar uns dos outros, zelando pelo bem estar recíproco. É de se sublinhar na frase o termo "eternamente", que parece assustador à primeira vista. A verdade é que, na frase, o advérbio significa "constante", o que quer dizer que, se você conquista o sentimento do outro, é responsável por cuidar, proteger e dedicar-se, sem prazo definido. (FUKS, online)

Essa reflexão proporcionada por Exupéry vai além de uma obrigação gerada pelo sentimento de outrem, mas, segundo Fuks, serve para se opor à noção do cada um por si. Eu estarei para o outro assim como ele estará por mim. Trata-se de fomentar a reciprocidade num mundo cada vez mais egoísta, de falar sobre consciência coletiva, ao dizer que somos responsáveis uns pelos outros, especialmente pelos que cruzam o nosso caminho e nos enxergam com admiração. A autora continua:

> Apesar da tradução brasileira ter escolhido transformar o verbo francês "apprivoisé" em "cativar", na realidade a tradução mais literal seria "domar" ou "domesticar".

> Dom Marcos Barbosa optou por tirar uma licença poética e adaptou "apprivoisé" para "cativar", um verbo que pode ser tido como sinônimo de encantar, seduzir, atrair, enfeitiçar, fascinar e envolver.
> O verbo escolhido por Dom Marcos Barbosa envolve entrega, necessidade um do outro, dedicação. No caso do livro de Exupéry, o Pequeno Príncipe é cativado pela rosa, o que quer dizer que ele se tornará responsável por ela.
> A frase em questão é dita pela raposa para o Pequeno Príncipe no capítulo XXI e é uma das passagens mais citadas da obra. (FUKS, online).

Para a raposa, a amizade faz com que os dias sejam diferentes, faz com que a espera seja alegre. Tem sua linguagem própria, própria dos amigos. Uma linguagem de entendimento. No filme, é possível verificar que os campos de trigo onde vive a raposa lembram os cabelos dourados do príncipe e esse jogo de cores faz com que tais campos adquiram outro significado. No livro de John M. Perkins, *O Poder da Amizade* - A resposta para um mundo de solidão e discórdia, Ken Smith[42] relata:

> Meu querido amigo John Perkins pediu que eu refletisse sobre nossa amizade. [...] [Um dia] John atravessou o palco todo desajeitado, se aproximou de mim e disse: “Ken, como você está essa manhã? Você quer ser meu amigo?
> Respondi: “Claro que quero ser seu amigo”.
> Ao que John respondeu: “Quero dizer pra sempre!”
> [...] Uma das coisas que meu pai me ensinou foi não esquecer meus compromissos com os outros, e só agora, em retrospecto, consigo avaliar o valor de seu ensinamento.
> [...] Acredito que a amizade deve ser definida tanto pelo ela é quanto pelo que ela não é. É um desejo do coração por algo que não pode ser preenchido por nenhuma outra coisa que não a própria amizade. A verdadeira amizade não é algo que seja preciso reafirmar todos os dias; em vez disso, é uma garantia profunda de relacionamento com a qual se pode contar e na qual se pode confiar quaisquer que sejam as circunstâncias ou os desafios envolvidos.
> A amizade está profundamente enraizada na transparência e na honestidade. Está firmada no terreno comum do arrependimento e do perdão. É duradoura em vez de temporária. A amizade é a própria vida - a vida real. E dura para sempre. [...] (PERKINS, 2019, p. 66-68).

O autor procura definir mais características da amizade, que lembram os diálogos e os musical com a raposa reproduzido no filme.

O príncipe conta ao piloto que precisou se despedir da raposa (1h13’35’’), depois de bastante tempo, e esse não foi um momento fácil. A raposa disse: “por você ter perdido tanto tempo comigo, você me fez me sentir muito importante (1h14’00’’). Mas você vai chorar. Você se torna eternamente responsável por aquilo que cativa”. O príncipe disse que tinha, enfim, entendido. A raposa era,

[42] Ken Smith (nascido em 1965) é um investidor imobiliário estadunidense.

para ele, única no mundo, bem como a rosa: foi ela que ele escutou queixar-se ou gabar-se. Era a sua rosa. (1h14’34’’) E ele precisava voltar para tomar conta dela. No livro, a raposa lhe disse: “O que fez a sua rosa tão importante, foi o cuidado que você teve com ela”. Assim foi com a rosa, assim é com as pessoas. Só serão importantes para nós, se cuidarmos delas e dedicarmos tempo e prioridade. Assim são as relações sólidas.

O príncipe disse que viu a raposa, pela última vez, quando ela observava os campos de trigo. A raposa entregou a ele um papel com um segredo. “Somente com o coração nós podemos ver com clareza. O essencial é invisível aos olhos”. (1h15’22’’). Essa é, sem dúvida, uma das frases mais famosas da história. No entanto, é necessário aprofundar nela. O que é ver com o coração? Como, na nossa representação, o coração é o órgão dos sentimentos, principalmente do amor, então, só se vê bem quando se tem amor. E isso é que é o essencial. Outras coisas passam. O amor permanece. E, muitas vezes, o que sentimos não é tão fácil de se ver com os olhos, como dissemos anteriormente, sobre superficialidade, individualismo... é preciso ir mais além. Diríamos que é urgente ir mais além, algo que foi fácil para o príncipe. Mesmo a rosa tendo defeitos, o príncipe a amava, mesmo havendo outras iguais, aquela era especial porque foi nela que ele investiu seu tempo e sua emoção. E, por isso, era essencial que ele estivesse com ela.

O piloto conseguiu, enfim, consertar o avião (1h16’02’’), mas quando encontrou o príncipe, ele já havia sido picado pela serpente (1h16’53’’). Ele disse que voltaria para casa no mesmo dia. E pediu para cumprir a promessa de desenhar a mordaça para o carneiro e a cerca (1h17’55’’), pois era responsável pela flor.

> Seus desenhos ficaram muito bons. Obrigado, amigo. Não quero que sofra. [...] Eu parecerei morto, mas não será de verdade. É apenas muito longe para carregar esse corpo junto [...]. Minha estrela é tão pequena, eu não posso mostrar onde ela fica. Vou voltar para lá agora, mas antes de partir gostaria de te dar uma coisa. Só quero escutar o seu riso ainda. Você irá me ouvir rindo, muito mais do que antes, porque numa daquelas estrelas, estarei rindo, mas não saberá em qual delas, então todas estarão rindo, todas as estrelas. Será como um montão de guizos pendurados em cada estrela do céu. Pronto. Acabou. (Saint-Exupéry, 2020, p. 120-125).

Já em outra cena, o piloto acorda e não vê o corpo do pequeno príncipe, então fica desapontado e muito triste, por ter perdido o amigo (1h24’30’’). Mas

escuta os sorrisos nas estrelas, e com o avião consertado, parte para casa (1h26’11’’).

> Quando pessoas queridas se vão, a ideia de nunca mais ouvir sua voz nos fere, como se uma faca penetrasse nosso coração; “eu compreendi que não podia suportar a ideia de nunca mais escutar esse riso. Ele era para mim com fonte no deserto. Sim, algumas pessoas são a água da vida para nós - mãe, pai parceiro, amigos, colegas, vizinhos. Podemos nos virar e tocar o barco de jeito ou de outro, mas a morte é sempre um escândalo [...]. Entretanto, como no desfecho da obra de Saint-Exupéry, a morte é também um consolo. (JUNG, 2009, contracapa).

Como podemos perceber, *O Pequeno Príncipe* trata da amizade, mas traz à nossa reflexão outros temas que se fazem importantes como descritos na obra de Bauman. A cada leitura do livro, a cada vez que se assiste ao filme, podem-se inferir ideias que se fazem presentes na nossa modernidade, de modo que nos fazem refletir para qual caminho estamos indo. A capacidade da criança de fazer amizades leva-nos a pensar como estamos a fazer as nossas, o que consideramos válido, em que podemos demandar tempo e como podemos refletir sobre nossas atividades. Em sua busca por conhecimento, é impossível não se falar sobre amizade.

1.4 A questão das identidades

“Eu não gostaria que subestimassem meu livro”. (SAINT-EXUPÉRY apud JUNG, 2009, p. 9). O pedido de Saint-Exupéry é quase uma ordem e é fácil de cumprir. Apesar de algumas adaptações e supressões no filme, não há motivos para não seguir uma obra tão cheia de ensinamentos. Em cada capítulo seguinte, aprofundaremos mais nas definições de amizade e naquelas que atravessam o tema, demonstrando como esse sentimento é importante e tem se tornado cada vez mais raro. Aqui demonstramos os principais temas que serão trabalhados.

No mundo pensado por Bakhtin e apresentado por Bubnova (2021),

> tanto o da voz quanto o da letra, aparece unificado pela produção dinâmica dos sentidos, gerados e transmitidos pelas vozes personalizadas, que representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes. No centro de sua concepção de mundo, encontra-se o homem em permanente interação com seus semelhantes mediante a linguagem entendida como ato ético, como ação, como comunicação

> dinâmica, como energia. Desse ponto de vista, a escrita é a transcrição codificada das vozes, capaz de transmitir os sentidos desse diálogo ontológico - posto que, segundo Bakhtin, ser é comunicar-se dialogicamente - e não um meio autônomo que organiza sentidos próprios, muitas vezes contraditórios, e frequentemente em conflito com as supostas "intenções" dos sujeitos que escrevem, como acontece nas teorias da desconstrução dedicadas à escrita. (BUBNOVA, 2011, p. 269-270).

Essa obra traz algumas considerações sobre a identidade dos amigos. Primeiramente, quando o príncipe vivia sozinho em seu planeta, não havia com quem estabelecer uma relação de amizade. No entanto, ao nascer da rosa, ele acreditou que isso pudesse acontecer. Pela personalidade individualista e orgulhosa da rosa, não aconteceu. A rosa não conseguia enxergar o príncipe estabelecer uma relação horizontal com o príncipe, e o queria como alguém que estavivesse à sua disposição, no momento que utiliza de seus atifícíos para conquist-lo. Não havia partilha, não havia reciprocidade. Por vezes, a rosa tornava o príncipe infeliz – não que isso não possa acontecer em uma amizade – mas não repetidas vezes.

É por aí que parte a busca do príncipe. Ele resolve sair pelo mundo para aprender sobre convivência, sobre amizade. Reconhece que, para ser amigo, precisa aprender. Nos planetas em que passou antes de chegar à Terra, ele também não aprendeu sobre isso, pois seus moradores estavam preocupados com fronteiras, com números, com ser donos de histórias.

A amizade acontece com o aviador, que, por ter conservado um coração de criança, consegue estabelecer a relação com o príncipe. E, principalmente, na cena em que encontram o oásis, percebe que gostam de estarem juntos e que fazem bem um ao outro, embora erros possam acontecer.

Mas as maiores lições sobre amizade vieram da raposa. Com ela, ele aprendeu que a amizade é um processo, que demanda construção, que demanda tempo, que demanda dedicação. Não se faz amizade no primeiro encontro, e a alegria da amizade está presente até na alegria de se observar os campos de trigo, que lembram os cabelos do amigo. Aqui a amizade adquire uma profundidade que, conforme Saint-Exupéry, “só se vê bem com o coração”. Aqui há reciprocidade aparece claramente quando a raposa consola o príncipe e o príncipe a consola. E fica aparente outra característica da amizade: consolo.

O príncipe também faz amizade com a serpente do deserto, que, embora estivesse pensando apenas em seu instinto, ensina-lhe uma lição: “os homens

também podem sentir-se sozinhos em meio a outros homens” e o convence que, ao morrer, o príncipe se tornará eterno. Talvez tenha desejado passar a sua própria decepção com a humanidade. Com a desilusão que carrega, a serpente contamina o príncipe que aceita morrer, como se a serpente estivesse fazendo isso por amizade. Talvez para o temperamento dela, sim. Com sua morte, e os sorrisos nas estrelas ao final, a obra quis mostrar que a amizade permanece na lembrança, o que num mundo líquido pode fazer algum sentido.

Jung finaliza seu cordel com os versos:

> Termina assim a minha história.
> Ela é triste? O que dizer?
> O que garanto é que ele
> Transformou meu viver.
> O meu olhar para o mundo
> Ficou mais claro e profundo
> Pondo o ser sobre o ter.
>
> Só peço, nesse momento
> Em que a história acabou:
> Se um dia encontrarem
> O guri que me salvou,
> Me escrevam bem depressa
> Dizendo, em carta expressa,
> Que o meu príncipe voltou.
> (JUNG, 2016, p. 52).

O aviador finaliza ressaltando que não entendeu a partida do príncipe o que provavelmente torna sua história triste. Ele ainda tem a esperança de encontrá-lo. A questão da profundidade do olhar é trazida novamente, a possibilidade que a amizade tem de transformar uma vida e que, principalmente, amizade é presença.

No próximo capítulo, Intocáveis (2011), falaremos da amizade entre adultos, com histórias de vida e concepções iguais e diferentes, das amizades e da relação de poder, das amizades que transformam e salvam, e retomaremos alguns aspectos da filosofia clássica.

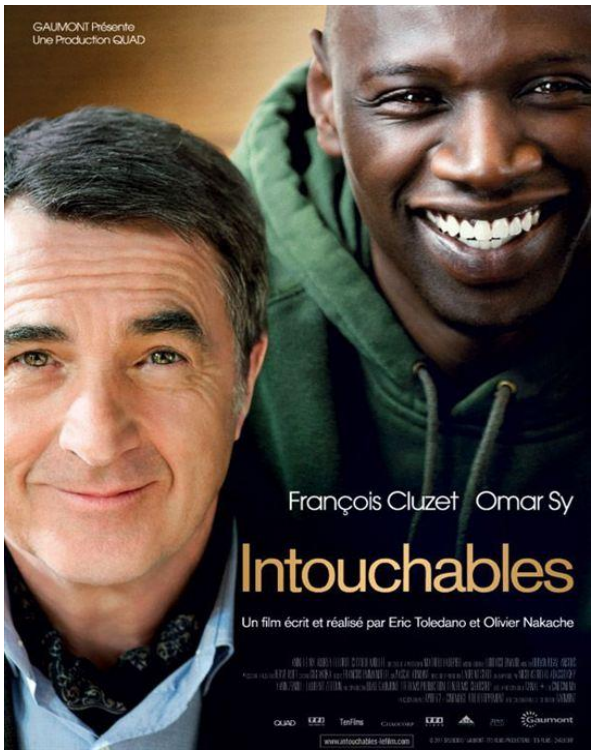
CAPÍTULO 2 - Intocáveis (2011)

> Não por acaso, a questão central [...]
> é a vocação realista do cinema,
> não propriamente como veiculação de uma visão correta e fechada do mundo, mas como forma de olhar que desconfia da retórica (montagem) e da argumentação excessiva, buscando a voz dos próprios fenômenos e situações.
> (Ismail Xavier apud André Bazin - O que é Cinema?, 2018, p. 6)

Este capítulo pretende trazer à tona as reflexões que emergem no filme “Intocáveis”. Como foi uma escolha para esta pesquisa, os filmes são inspirados por fatos da chamada “vida real”, como é o caso deste.

O filme trata de uma amizade que só tem início na fase adulta dos personagens e demonstra como é redentora para ambos. Como é proposta deste trabalho, mergulharemos na história contada pelo filme, enfatizando o surgimento da amizade e também trazendo temas paralelos que foram importantes na narrativa, sem, contudo, aprofundar nestes.

Figura 2 – Pôster “Intouchables”, publicado em 2 de abril de 2012



Fonte: AdoroCinema.com (2024)

2.1 Observações iniciais

"Intocáveis" (*Intouchables*) é um filme francês de 2011, dirigido e roteirizado por Oliver Nakache e Eric Toledano (ambos muito jovens à época, tendo em 2011, 38 e 40 anos, respectivamente), e "baseado em fatos reais"[43], especialmente no livro autobiográfico *Le second souffle* (2001), de Pozzo de Borgo. Embora aborde temas como a desigualdade social, a questão das drogas e tem seu personagem principal tetraplégico, o filme é enquadrado também no gênero da comédia, especialmente pelas frases e atitudes do personagem Driss, vivido impecavelmente por Omar Sy, demonstrando como a amizade pode tornar a vida mais leve e divertida, apesar dos problemas que inevitavelmente estão presentes, trazendo, também, traços dramáticos ao longa-metragem.

O filme considerado em 2012 o mais rentável da história do cinema na França, é um sucesso estrondoso na história do cinema, uma taxa de rentabilidade de 602%, quase 19 milhões de espectadores (até 2012) e 9 indicações ao César (sendo vitorioso em uma delas - melhor ator: Omar Sy), que é o prêmio mais importante do cinema na França. Além disso, ganhou outros prêmios, como no Festival de Cinema de Tóquio 2011 (Japão), em que venceu nas categorias Grande Prêmio Sakura e Melhor Artor (Omar Sy e François Cluzet), Prix Lumières 2012 (França): Melhor ator (Omar Sy), Globos de Cristal 2012 (França): Melhor Filme e Melhor Ator (Omar Sy) e foi indicado a inúmeros outros.

Omar Sy, nascido em 20 de janeiro de 1978, de origem senegalesa e mauritana, não era ator profissional na época, embora já tivesse trabalhado com os diretores do filme, ganhou bastante destaque com "Intocáveis", que foi uma virada na carreira do ator. No Globes de Cristal e no César, foi o primeiro ator negro a ganhar o prêmio. O ator mudou-se para Los Angeles, aprendeu inglês e ganhou reconhecimento da crítica e do público. Segundo Sy, mesmo sem a formação, "foi fácil (...) atuar porque é fácil para um ator representar a realidade.

[43] Neste trabalho, não iremos tratar das questões que envolvem o gênero ficção auto-biográfia e auto-ficção ou discutir o conceito de real. Utilizaremos "baseado em fatos reais" que se apoia no senso-comum e na abertura dos filmes.

Nunca fiz uma escola de teatro, então é apenas uma escola de vida" (Collider, 2013, apud Correio Brasiliense, online, 2021).

O valor arrecadado por Pozzo di Borgo, o rico empresário que havia relatado seu testemunho no livro *Le Second Souffle*, cerca de 650 mil dólares, foi doado para uma associação de deficientes físicos, conforme noticiado pelo Portal G1, já que esse era o drama vivenciado pelo autor.

De acordo com o sítio Críticas, e também publicada em *O Globo*, em 30/08/2012, a crítica "Recuperação Indolor", de Susana Schild afirma que:

> Mais de 20 milhões de espectadores (segunda maior bilheteria do cinema francês), nove indicações ao César (o Oscar francês), uma comoção nacional diante dos bons frutos da convivência entre um representante da elite branca, rica e bem-nascida versus um integrante da periferia pobre, imigrante e africana. A maior façanha de Intouchables (no original), no entanto, é transformar o encontro entre dois personagens tão antagônicos em um conto moral bem-humorado, praticamente livre de arestas e conflitos. A façanha é ainda mais surpreendente levando-se em conta a base real da trama, inspirada em acidente que deixou tetraplégico Philippee Pozzo di Borgo, herdeiro de duas tradicionais famílias francesas, e que se diz muito feliz com a leveza da versão cinematográfica de sua tragédia.

É nessa obra marcante que buscaremos mais conotações sobre a amizade, trazendo da linguagem cinematográfica aquilo que foi capturado na produção.

2.2 Considerações da crítica especializada

O filme, que tem como mote principal a amizade, revelou-se surpreendente em vários aspectos. É, ainda, o segundo maior sucesso de bilheteria francês, segundo o sítio AdoroCinema. O filme recebeu nota 3 em 5 dos críticos do próprio site e também das críticas da imprensa e nota 4,6 dos usuários, com 8.743 notas e 243 críticas. No sítio Omelete, o filme recebeu a classificação "Ótimo", correspondente a 4 estrelas em 5. Na França, o filme obteve nota 3,7 da crítica e 4,4 dos espectadores, segundo o sítio AlloCiné.

Na crítica de Bruno Carmelo, publicada no AdoroCinema, "Os opostos se atraem" o autor prefere chamar a atenção para o lado cômico do filme. Mas, até mesmo por ter sido inspirado por uma história real, entendemos que este foi um artifício do diretor. Carmelo Escreve:

> Não é só no Brasil que as comédias populares são peças indispensáveis do mercado de cinema nacional. A França também não

> vive sem suas produções com atores televisivos, de humor fácil, às vezes apelativo. A base das histórias costuma ser a comparação entre opostos, a diferença nada sutil entre grupos distintos. Assim como o Brasil tem seu Se Eu Fosse Você, a França tem este Intocáveis, que se tornou o segundo maior sucesso de bilheteria da história do cinema francês. (ADOROCINEMA, Intocáveis, online)

De fato, o filme trata de personagens opostos, mas diferente de “Se eu fosse você”, os personagens convivem e partilham suas visões de mundo, enriquecendo a história um do outro.

> Os opostos em questão são Driss (Omar Sy), que é negro, pobre, inculto e agressivo, e Philippee (François Cluzet), que é branco, milionário, refinado e elegante. O primeiro dança como um rei da soul music, já o segundo é tetraplégico. Com um recurso bastante improvável do roteiro, Driss torna-se o assistente de Philippee. Assim começa a comédia. (ADOROCINEMA, Intocáveis, online)

No entanto, o autor observa também outros aspectos importantes na construção do filme:

> Diversas pessoas pararam por aí e já criticaram o filme em sua origem. A simples presença de estereótipos, evidentes e voluntários neste caso, foi percebida como sinônimo de baixa qualidade. Ora, o mais interessante neste caso é pensar como foram usados os estereótipos. O que poderia constituir apenas mais um filme grandiloquente sobre a tolerância da diferença acaba sendo, neste caso, uma obra muito mais inteligente.
> Inicialmente, Intocáveis está interessado em mostrar como estes dois homens reconhecem muito bem seus grupos sociais, e estão cansados de serem inseridos neles. Para o roteiro, interessam mais as semelhanças improváveis entre ambos (a paixão pela música, o respeito pela família, o prazer pelos esportes radicais, o desprezo pelas convenções) do que suas diferenças. Grande parte do humor vem justamente das aproximações entre ambos.
> Isto não significa que esta produção seja subversiva, ou que ela rompa com os clichês, nada disso. Ela apenas o utiliza como ponto de partida. Os dois homens são devidamente humanizados, e mantém seus tons politicamente incorretos do início ao fim. As deficiências de cada um (social em um caso, física no outro) servem para torná-los semelhantes e complementares.
> Com esta parte esclarecida, pode-se dizer que Intocáveis tem um ritmo notável, praticamente um modelo a ser seguido por muitas comédias por aí. Com quase duas horas de duração, ele explora todas as possíveis piadas de origem religiosa, política, sexual e outras, sem jamais se estender demais no texto ou na montagem. Apresenta-se o humor e passa-se a outra coisa. Isso evita que algumas sequências percam a graça, ou que o filme canse. Da primeira à última cena, o ritmo do texto é intenso, enxuto. O cuidadoso trabalho do roteiro foi essencial para o sucesso desta produção. (ADOROCINEMA, Intocáveis, online)

Finalizando seu texto, o autor destaca as críticas negativas que o filme recebeu de críticos estadunidenses, com relação a racismo e estereótipos, principalmente porque o ex-presidiário era negro. No entanto, para nós, não nos parece a intenção do roteiro:

> A crítica americana acusou Intocáveis de racismo, já a francesa insistiu que o filme quer propagar estereótipos. Os dois argumentos parecem exagerados para esta produção muito mais humana do que se imaginava. Ao evitar tanto o moralismo quanto o prazer da polêmica, Intocáveis consegue ser uma comédia escrachada, politicamente incorreta, mas perfeitamente equilibrada em seu discurso, capaz de agradar adultos e jovens, de direita ou esquerda, de qualquer etnia ou grupo social. Talvez por isso ele tenha conquistado um sucesso tão grande na França e no mundo. (ADOROCINEMA, Intocáveis, online).

Apesar da crítica moralista trazida acima, decharlie 2020, os Estados Unidos chamaram a atenção do mundo com o caso George Floyd, um caso emblemático de racismo, seletividade racial e violência policial, muito mais opressivo e mais impactante do que o caso do filme em questão. Podemos dizer que o racismo aparece claramente no filme em uma cena em que o personagem Philippee conversa com um de seus amigos da mesma classe social, e este último pergunta se ele sabe sobre o passado de Driss.

No sítio Plano Crítico, o especialista Luiz Santiago celebra o filme de Olivier Nakache e Eric Toledano, na crítica de 2015:

> De tempos em tempos, o cinema nos apresenta obras baseadas em histórias reais (esta, na relação de Philippee Pozzo di Borgo e Abdel Sellou) que simplesmente nos fazem parar um pouco, pensar, respirar fundo e admirarmos o quanto a sétima arte consegue fazer ligação entre ficção e realidade com um misto de exagero, verdade, humor e humanidade. Intocáveis (2011), filme dos parceiros de longa data Olivier Nakache e Eric Toledano, é uma dessas obras.
> Utilizando-se de uma concepção já bastante comum para as biografias de superação ou dramas morais com apelo emocional (inclusive no excelente trabalho de direção de arte ao mostrar os clichês de contrastes entre pobreza e riqueza), os diretores e também roteiristas partiram de um princípio bastante simples e eficiente para contar a história de Philippee (François Cluzet, em ótima interpretação), um milionário tetraplégico que contrata Driss (Omar Sy, simpaticíssimo), um auxiliar sem nenhum treinamento prático para esse tipo de cuidado, mas com um coração enorme e uma forma de tratamento livre de preconceitos e estereótipos de “coitadismo” para com o outro. (SANTIAGO, 2015, online)

Como observou o crítico, o cinema tem a propriedade de fazer a ligação entre ficção e a sociedade em que vivemos e, já dito na *Introdução* e nas *Considerações Iniciais* do trabalho, esse foi o nosso objetivo. O autor percebe e salienta outros aspectos do filme, também citando o politicamente incorreto, que faz parte do personagem de Driss:

> Ao tomar esse ponto de vista humano e talvez interpretado como “politicamente incorreto” se posto em situações cotidianas comuns, os diretores saíram do maior conforto desse tipo de enredo e entraram em um uma seara mais difícil de se trabalhar. O texto de Intocáveis não

> cai na armadilha de contar várias histórias ao mesmo tempo e deixar nas mãos do público o que deve acontecer no final. A trama é rigidamente objetiva, focada em especial na relação entre Philippee e Driss (com sequências de outros personagens aqui e ali, quase todos bem colocados no texto, à exceção da filha de Philippee) e escrita de forma a dar a cada um dos protagonistas duas coisas: a oportunidade de criar laços que jamais haviam imaginado criar nesse atual estágio de suas vidas e a maturidade para poder seguir sem a dependência um do outro, apesar da saudade e do alento pela possibilidade de encontros posteriores.
>
> Sem pesar a mão em um único bordão emocional, como é frequente nas fitas menos exigentes desse modelo fílmico, percebemos que os diretores focaram em uma personalidade mais realista para os protagonistas, tratando-os como indivíduos em estado de crise e mudança. Há emoção, frustração e superação, mas tudo isso exposto de forma a fazer sentido dentro de determinado momento e sem exageros. Dessa forma, quando vemos as "sequências musicais" com September (Earth, Wind & Fire) e Feeling Good (Nina Simone) que, em um outro cenário, poderiam parecer artificias, somos tomados pelo imediato efeito que essas canções deveriam trazer aos personagens: a felicidade e a sensação de liberdade. É impossível assistir a estes momentos, ou àqueles com sequências clássicas como a da ópera O Franco-Atirador (Carl Maria von Weber) ou o concerto na casa de Philippee com Vivaldi, Bach, Haendel, Rimsky-Korsakov e Mozart sem abrir um gostoso sorriso.
>
> A visão que Driss possui para a erudição de Philippee é um choque de culturas que ajuda a delinear os personagens e tornar realista a visão de mundo de cada um. Perceba que o roteiro não patroniza o senegalês como uma espécie de "bom selvagem" que precisa ser salvo das trevas obscuras do pop, da libido à flor da pele, da falta de modos em lugares públicos. Esses incômodos morais e éticos são essenciais para opor a poesia, a arte moderna, a música clássica e qualquer outro tipo de manifestação cultural ao lugar onde elas sempre estiveram antes de serem engessadas: numa forma genuína de manifestação dos sentimentos, pesares, desejos e dúvidas humanas, sem valor algum se não tocarem intimamente quando vistas. E percebam que é justamente essa a essência do filme, a forma como determinadas pessoas ou ações nos tocam e nos modificam ao longo tempo.
>
> Essa mesma humanidade que a trilha sonora e o roteiro trabalham com um humor meio existencialista, também ganha espaço nas referências externas, com Driss comparando a vendedora da galeria de arte com Marge Simpson; ou o interlúdio O Voo do Besouro como "música de Tom & Jerry"; ou citando Michelangelo (a Tartaruga Ninja) e mais uma série de pintores e compositores fora de contexto. É a partir das enormes diferenças e necessidades (metafísicas) mútuas que Philippee e Driss estabelecem uma amizade. O afeto vindo do lugar improvável. (SANTIAGO, 2015, online)

O autor cita fatos que nos chamaram a atenção no filme: "ponto de vista humano", "trama objetiva", "criação de laços que jamais haviam imaginado criar", "maturidade para seguir sem a dependência um do outro", e diferenciamos dependência de parceria e de reciprocidade, "indivíduos em estado de crise e mudança", "choque de culturas", "arte como manifestação de sentimentos", e deixa claro uma convicção que nos ajuda na busca pelos atributos da amizade: "determinadas pessoas ou ações nos tocam e nos modificam ao longo do

tempo", mesmo com as "enormes diferenças", o afeto e a amizade vêm de um "lugar improvável". O autor finaliza com a observação:

> A relação benéfica para os dois lados, o amor, o orgulho e a teimosia de cada um aparecem em momentos diferentes da fita, que ganha muitos pontos por conseguir mostrar um cenário de elementos genuinamente cômicos onde dificilmente poderia haver um. Esse ganho não nubla as outras reflexões, ao contrário, as enriquece e faz com que o público atente para cada novo acontecimento com outros olhos. No fim, a felicidade vinda após uma série de tristezas não é filmada como um plano de despedida e promessas de eterno sorriso, mas sim como um capítulo adicionado à [longa?] jornada imprevisível que é a vida. (SANTIAGO, 2015, online)

Destacamos aqui que houve uma relação benéfica para ambos e, com esse olhar, chamamos a atenção para a imprevisível jornada da vida, em que os vínculos de amizade são muitas vezes subvalorizados.

2.3 Breve análise das sequências sobre amizade

A cena inicial já apresenta um momento no futuro, em que Philippe (François Cluzet) e Driss (Omar Sy) estão no carro, em um engarrafamento nas ruas de Paris. Driss não tem medo de sair fazendo manobras perigosas entre os carros, em alta velocidade, para apressar sua chegada. O olhar de Philippe para ele demonstra confiança e até segurança em Driss. No entanto, a polícia passa a persegui-los e Driss tem uma nova ideia. Quando são parados pela polícia, Driss mostra que Philippe é tetraplégico, enquanto este simula uma crise de epilepsia, de modo que os dois não encontram grandes problemas com os policiais. (0h2'10'').

Nessa primeira cena, já é possível notar a amizade entre os dois, mesmo sem saber quem são na história. A confiança desde as manobras radicais, o pensamento rápido e a descontração que Philippe demonstra ter em seu motorista é atributo da amizade. A comunicação pelo olhar e a alta adrenalina compartilhada também o são. A pesquisa de Douglas Murilo Siqueira, Almir Martins Vieira e Viviane Celina Carmona, intitulada "Rede de confiança e amizade: Relações de trabalho em uma cooperativa" (2013), traz o conceito de Ribeiro e Ximenes (2009): "A confiança é uma atitude que tem como base aquilo que se espera do outro. Para os autores, a relação de confiança nasce de uma sequência de interações existentes entre as pessoas". (Siqueira; Vieira; Carmona, 2013, p. 301). Nessa cena crítica, envolvendo a polícia, Philippe confia

totalmente em Driss, por duas vezes, e participa da sua encenação sem que tenham combinado isso antes. É como se a amizade que nutriam um pelo ouro norteava as ações de ambos. Percebe-se que essa confiança foi construída em momentos pré-existentes, como dizem Ribeiro e Ximenes. Siqueira et al também citam FUKUYAMA (1996), que destaca que a "confiança surge, muitas vezes, da reciprocidade moral e da experiência, ou seja, quando a expectativa com a promessa é atendida". (SIQUEIRA et al, 2013, p. 301). SIQUEIRA; VIEIRA E CARMONA citam ainda uma outra pesquisa de FUKUYAMA (1995) que conclui que "a relação de confiança, quando presente entre os atores, reduz a necessidade de regras explícitas e regulamentos, passando a vigorar por meio de hábitos éticos e obrigações morais internalizadas e recíprocas". (SIQUEIRA, VIEIRA, CARMONA, 2013, p. 301-302).

No caso específico do filme "Intocáveis", não há, como veremos, uma reciprocidade moral, uma vez que os personagens principais têm histórias de vida, valores e experiências diferentes. Ainda assim, quando passam a conviver e fazer parte da vida um do outro, há uma expectativa mútua sobre quais ações cada um pode tomar. É a construção da reciprocidade, como na definição de Pereira e Garcia (2007), também reproduzida no trabalho de Siqueira, Vieira e Carmona:

> consideram-na como reciprocidade entre as identidades dos amigos, existindo o reconhecimento dos atributos mais importantes entre eles. Segundo os autores, a amizade tem seu alicerce na confiança, lealdade, interdependência, atividades compartilhadas e compromisso. (Pereira; Garcia, 2007, apud SIQUEIRA; VIEIRA; CARMONA, 2013, p. 302).

As identidades iguais e o reconhecimento dos atributos mais importantes não aconteceram, no caso desse filme, que é inspirado por uma história real. Postula-se, então, que a amizade também pode ser construída entre "diferentes". Após a cena inicial, o filme retroage para o momento em que Philippe e Driss se conhecem.

A sequência a seguir (0h8'10'') mostra um ambiente diferente. A música de fundo é um instrumental clássico. As paredes têm tons de dourado nos afrescos. Na sala, há obras de arte e antiguidades, objetos de valor. É a sala de espera da mansão de Philippe. Todos os objetos são meticulosamente colocados para demonstrar a capacidade financeira do personagem. Estão acontecendo entrevistas de emprego com vários candidatos aguardando em

uma fila, organizada em uma mansão, e Driss é um deles. Cada candidato é chamado e entrevistado. Philippe, na cadeira adaptada, acompanha cada entrevista. Sua expressão é de que já está enfadado das falas dos candidatos a trabalhar na mansão. Driss observa mais de perto algumas obras de arte, como uns ovos de porcelana provavelmente asiáticos. Ele entra na sala de entrevistas, conduzidas pela secretária Magalie (Audrey Fleurot), mas não tem cursos e nem credenciais para apresentar como os demais candidatos fizeram. Ele sabe que não cumpre as exigências para a vaga e explica que precisaria passar por uma entrevista de emprego para receber um visto e apresentar ao serviço público e poder receber um auxílio-desemprego. De maneira improvável, Philippe e Driss começam uma conversa sobre música e sobre compositores. (0h10’00’’). É importante notar que o filme não mostra Philippe conversando com nenhum outro candidato, e com este, que nem fazia questão do emprego, ele trava um diálogo. Philippe e Driss começam a falar então sobre música e gostos musicais, que também eram diferentes entre eles, quando buscam referências de Tim Maia, Chopin, Schubert e Berlioz. Nota-se aqui a diferença entre o linguajar entre os dois. Os olhares de Magalie mostram como está surpresa com Driss e que não é o tipo de pessoa com quem tem contato frequente. Philippe pede a Driss que volte no dia seguinte para retirar seu documento com Magalie. É quando Driss percebe que Philippe é tetraplégico. (0h12’35’’).

Driss chega no subúrbio onde mora, um ambiente totalmente diferente, um apartamento pequeno para muitos irmãos e sobrinhos. (0h13’57’’). Percebe que seu irmão está provavelmente envolvido com pessoas perigosas e drogas. É a vida real. No fim da noite, quando a mãe deles chega em casa, após o trabalho, ele a presenteia com um dos ovos de porcelana que ele furtou da mansão. A mãe não aceita dar valor ao ovo e diz que sabe onde ele passou os últimos seis meses. Ela devolve o ovo e pergunta por onde ele andou nos últimos seis meses sem dar notícia. Ela, nervosa, explica que tem outros filhos para criar e não quer Driss em sua casa, assim, pede que saia de lá. (0h17’00’’). Driss vai para as ruas, onde encontra amigos que dividem cigarros e um lanche e depois dorme no metrô, sozinho.

Esse tipo de amizade difere bastante daquelas baseadas na virtude. A sensação que a cena mostra é que ninguém ouve o que os outros falam, as falas são desconexas, o lugar tem baixa iluminação e a música de fundo é triste.

Segunda a pesquisa de Marcos Rogério Nunes Costa, intitulada “A construção do conceito de Amizade em Agostinho: De uma experiência vivencial de ‘amizade incipiente’ à definição de verdadeira amizade” (2024), Santo Agostinho, em suas Confissões,

> faz sua autocrítica em forma de lamento, enfatizando a diferença entre sua concepção de amizade na época em que vivenciou os fatos na adolescência/juventude e o que pensa no momento em que os descreve retrospectivamente. É o que vemos, por exemplo, quando narra o [...] “roubo das peras”, onde diz que umas das motivações para o fato era o prazer do riso entre amigos, que só tem sentido ou prazer quando entre amigos, ou melhor, movido por uma amizade incipiente, a que Agostinho chega a chamar de “amizade inimiga”:
> Sozinho, não cometeria aquele furto, em que não me aprazia o que roubava mas o ato de roubar, porque, completamente só, não sentiria prazer em praticar o furto. Nem sequer o faria. Ó amizade tão inimiga, ó sedução impenetrável da mente, avidez de perpetrar o mal por brincadeira ou gracejo, ó apetite do dano alheio, sem lucro algum, sem paixão de vingança, mas só porque sentimos vergonha de não ser desavergonhados, quando nos dizem: ‘Vamos, façamos’.
> Ao que comenta Enrique A. Eguiarte Bendímez:
> Nesta passagem, que nos poderia parecer ser o simples relato de um ‘capricho’ de um revoltoso grupos de adolescentes, Santo Agostinho expressa, em primeiro lugar, a força ou influência que pode ter um grupo ou comunidade, que no caso da maliciosa aceitação dos amigos pode ser denominada de consenso (consortium): aqueles que compartilham uma mesma sorte e destino. Em segundo lugar, assinala que o que une o grupo é uma amizade prejudicial, na qual se põe de manifesto um appetitus alieni dammi, o desejo de causar dano a outra pessoa [...]. Assim, pois, um grupo influi sobre seus membros positiva ou negativamente dependendo dos appetitus que os movam e dirijam. Em outras palavras, se queremos conhecer como é um grupo ou uma comunidade, temos que interrogar acerca de seus amores (Agostinho, 2015, p. 67-68 apud COSTA, 2024, p. 57).

O Santo se arrepende de atitudes que tomou enquanto participava de um certo grupo de amigos que não buscava a virtude, como “roubar peras[44]”. A atitude não tinha outro objetivo que um riso sem sentido entre amigos e que não acrescentava nada a nenhum deles. Santo Agostinho chama de “amizade inimiga”, e reflete que não cometeria tais atos se não estivesse naquele grupo. O pesquisador Bendímez (citado por Costa) reforça que a fala de Santo Agostinho serve para mostrar a influência do grupo sobre o indivíduo e que, muitas vezes, grupos são formados por uma amizade presencial, diferente do conceito inicial e básico da amizade, por isso, para conhecer um grupo, é necessário saber o que move as atitudes dele.

[44] Ver mais informações sobre este fato no estudo original.

Esses amigos correspondem ao perfil de Driss, têm hábitos parecidos, entretanto, como Santo Agostinho, podemos chamá-las de “amizades inimigas”. Os laços não parecem fortes ou duradouros. Apesar de parecidos, estão sozinhos. Reúnem-se no “cada um por si”.

O dia seguinte era o dia de buscar o seu documento na mansão de Philippe. Lembra-nos alguns versos bem conhecidos de Carlos Drummond de Andrade, do poema “E agora, José?”:

> *Está sem mulher,*
> *está sem discurso,*
> *está sem carinho,*
> *já não pode beber,*
> *já não pode fumar,*
> *cuspir já não pode,*
> *a noite esfriou,*
> *o dia não veio,*
> *o bonde não veio,*
> *o riso não veio,*
> *não veio a utopia*
> *e tudo acabou*
> *e tudo fugiu*
> *e tudo mofou,*
> *e agora, José?*
> *[...]*
> *Se você gritasse,*
> *se você gemesse,*
> *se você tocasse,*
> *a valsa vienense,*
> *se você dormisse,*
> *se você cansasse,*
> *se você morresse...*
> (Andrade apud FLORÊNCIO; SANTOS, 2019, p. 201-204).

E o poeta vai descrevendo a vida solitária de seu personagem até o final. Amigos sem virtude. Amigos apenas para aquele momento. Esse tipo de amizade com iguais, sem os predicados que dissemos na introdução e no capítulo anterior, apesar de ser mais fácil de se conquistar, é também mais fácil de se perder. E prevalece a sensação de estar sozinho na multidão. Nesse momento, as imagens dos amigos aparecem desvanecidas no filme. Amigos sem rosto. A esse respeito, atribui-se a São João Bosco os seguintes escritos:

> Fujam de companheiros ruins como se fugissem da picada de uma cobra venenosa. Se você mantiver bons companheiros, posso assegurar-lhe que um dia se alegrará com eles no céu; ao passo que se ficar com os que são maus, você também se tornará mau e correrá o risco de perder sua alma. (São João Bosco, 2011 apud PARÓQUIA MÃE DA IGREJA, online).

Por isso é tão difícil definir a amizade e escolher apenas um autor para falar sobre ela. Esse exemplo do filme mostra relações sem compromisso, e existem as relações com tempo para terminar, objetos para conquistar e só. Pessoas vistas como objetos, como escadas, como máquinas de produzir. Amizades que (se assim podem ser chamadas) não superam a solidão. Reforçam-na. Amizades líquidas, como diria o sociólogo Zygmunt Bauman, o qual citamos na introdução deste trabalho.

> Um viciado em Facebook se gabou para mim, dizendo que ele havia feito 500 amigos num dia. Minha resposta foi que eu tenho 86 anos, mas não tenho 500 amigos, então presumidamente, quando ele fala "amigo" e quando eu falo "amigo" nós não estamos querendo dizer a mesma coisa. (BAUMAN, 2011, online).

É necessário repensar o que chamamos de amizade e quem chamamos de amigos. O estudo de Danichi Hausen Mizoguchi, "Modulações da Amizade: Os conceitos e a produção do mundo" (2015), expõe esses questionamentos diante do principal postulado de Aristóteles, de que a amizade é uma virtude:

> Os homens maus, [...] não podem estar de acordo, a não ser dentro de limites muito pequenos. Por isso, também não podem ser verdadeiros amigos, uma vez que têm em vista o seu quinhão de vantagens – e não, como nos bons e verdadeiros amigos, a justiça. Se de fato a existência é desejável em si mesma para o homem sumamente feliz – uma vez que para Aristóteles existir é bom e agradável por natureza – , e o ser de seu amigo é mais ou menos idêntico ao seu, a existência de um amigo será sempre uma coisa desejável. Portanto, diz Aristóteles, "para ser feliz o homem necessita de amigos virtuosos" (ARISTÓTELES, 2012: 14[45]). Outras perguntas se anunciam: quais implicações tal cisão – os bons e os maus, os virtuosos, os hedonistas e os utilitários – pode acarretar? Que mundos tal classificação ajuda a construir? Que modos de governar a coletividade estão justapostos a tais conceituações de amizade? (MIZOGUCHI, 2015, p. 194).

Mizoguchi ainda questiona:

> Mas que modulações – na plena separação universal entre bons e maus – se engendram com tamanha nobreza? Que modos de governo – modos de condução das existências, portanto – tal entendimento da amizade pode ajudar a construir? Retirados da naturalidade, quais os riscos implicados na estranha vinculação aristotélica entre a amizade, a virtude, a nobreza, a cidade e o bem? Que micropolítica tal tradição de relação social ajuda a instaurar? E por fim: em que amizade apostar em um mundo tomado como infindo e sempre em construção? (MIZOGUCHI, 2015, p. 195).
> .

[45] Conforme citado no original.

A partir desses questionamentos, o autor demonstra as duas figuras idealizadas por Plutarco[46]: o adulador (um amigo por interesse) e o verdadeiro amigo, e a necessidade de discerni-los. No entanto, Plutarco também bebeu nas fontes de Platão e Aristóteles, quando fala das identidades, regimes de vida e semelhança de hábitos. Vejamos:

> o que funda a amizade em primeiro lugar é a identidade dos regimes de vida e semelhança dos hábitos; e geralmente a semelhança dos gostos e das aversões é a primeira coisa que nos liga e afeiçoa um ao outro, tendo em vista a conformidade das sensações (Plutarco, 2008, p. 142. apud MIZOGUCHI, 2015, p. 195).

Segundo o filósofo, "onde quer que estivesse, ele [o adulador] adulava o povo e conquistava as boas graças de todos identificando-se [assumindo identidades diferentes em cada local] a eles e adequando-se a seus costumes (Plutarco, 2008: 146 apud Mizoguchi, 2015, p. 196). Plutarco criticava algumas postulações de Alcibíades[47] no que diz respeito ao adulador e ao verdadeiro amigo e questionava:

> Que posso fazer com um amigo que segue todos os meus movimentos e que opina sem cessar no mesmo sentido: minha sombra neste caso faz melhor do que ele. Prefiro um que procure comigo a verdade e me ajude a proferir um julgamento. Eis aí, portanto, uma das maneiras de reconhecer o adulador, (PLUTARCO, 2008: 147[48]) e diferenciá-lo do verdadeiro amigo. (MIXOGUCHI, 2015, p. 196).

Nesse ponto Plutarco anunciava uma característica diferente da amizade, mas que em muitos casos está presente: a adulação, o amigo que tem sempre a mesma opinião, uma sombra. Esse tipo de amizade parece ser mais pobre, sem a partilha de experiências entre os pares. Plutarco chama de "uma estranha função da amizade".

Seguindo a montagem, no dia seguinte, Driss comparece à mansão para retirar o seu visto, é recebido pela governanta Yvonne (Anne Le Ny), que começa a explicar a ele a rotina da casa, mostrando inclusive as acomodações reservadas para Driss, incluindo um banheiro privativo. (0h21'03''). Ele ficou visivelmente impressionado. Driss observa o luxo da mansão. Philippe diz que o visto está assinado, mas faz a proposta para que Driss aceitasse ser seu

[46] Plutarco ou Lúcio Méstrio (46 d.C - 120 d.C) foi um historiador, biógrafo, ensaísta e filósofo grego de nacionalidade romana.
[47] Alcibíades Clinias Escambónidas (450 a.C - 404 a.C) foi um estrategista e político ateniense.
[48] Conforme citado no original.

cuidador, apostando que ele não aguentaria. O candidato mais improvável, o que nem poderia ser chamado de candidato, foi o escolhido pelo milionário para cuidar dele mesmo.

Driss aceita a proposta e começa a aprender o serviço (0h22’38’’), no início, com algumas trapalhadas e resistências para com as necessidades próprias de um tetraplégico, mas que não desagradam Philippe, que se mostra paciente. E aí está mais uma característica da amizade, a paciência com a limitação do outro, uma vez que todos somos limitados. Essas cenas rendem algumas risadas, e o diretor sutilmente nos mostra que podemos lidar com nossas faltas e nossas falhas com bom humor, já que teremos que lidar com elas no dia a dia.

Driss vai se adaptando ao trabalho, aprimorando-se, conhecendo a rotina da casa e colocando ali também um pouco dos seus traços. (0h28’27’’). Ambos se permitem a se interessar pela vida um do outro e aí aquela que era uma semente no escuro da terra começa a brotar. Naturalmente, começa a nascer uma amizade, apesar das diferenças, e dos erros que naturalmente acontecem entre pessoas que não conviviam e não se conheciam. Driss vai se aperfeiçoando nos cuidados com Philippe, que jamais havia imaginado fazer. É no interesse pelo outro, pelos sentimentos, pelas emoções, pela história de vida, que ela vai começar a dar os primeiros frutos.

Driss não aceita sair com Philippe no carro adaptado para tetraplégico com tantos outros na mansão. (0h’31’10’’). “Isso aí é lugar de levar bicho, não vou andar nisso aí não”. Com essa frase, nada polida, nada politicamente correta como disseram os críticos, porém de acordo com a identidade de Driss, aquele que não tinha nada a oferecer, devolve a dignidade ao seu patrão e demonstra profundo respeito que tem por ele, que veio da amizade entre os dois. Ele escolhe outro carro da coleção do milionário, um carro de luxo, provando que Philippe pode andar em qualquer carro e juntos vão a uma exposição de arte.

Philippe se interessa por uma pintura de arte moderna. Driss não concorda que seja um bom quadro. No diálogo, Driss diz que arte é um negócio. Já Philipe diz que as pessoas gostam de arte porque é a única prova da nossa passagem pela terra. A cena confirma o pensamento de Plutarco sobre o adulador, que explicamos no momento anterior. Os amigos não têm que concordar em tudo. O quadro custa 41 mil e quinhentos euros. Ainda assim,

Philippe resolve levá-lo. (0h34’31’’). Em momentos como esse, de discordância, de reflexão, de descontração, a amizade vai se fortalecendo.

Na cena seguinte, o advogado (Grégoire Oestermann) de Philippe expõe sua insatisfação com o novo cuidador, ressaltando que Philippe precisa ter cuidado, “ainda mais no seu estado”. A frase não soou bem para Philippe, que já estava encarando a vida de outra forma, graças ao seu cuidador. O advogado continua dizendo que Driss cumpriu pena de seis meses por assalto a uma joalheria, além de não ter nenhuma credencial. “E que essa gente não tem pena de ninguém”. A resposta de Philippe foi surpreendente: “É exatamente isso que eu quero”. (0h36’08’’). Aqui, ele deixa claro, nas entrelinhas, que ao longo da vida muitas pessoas se aproximaram dele por dó, por piedade e com Driss foi diferente. Dó e piedade são sentimentos diferentes de amizade. Ao contrário. “Oferecer compaixão equivale a desprezar”, escreve Nietzsche. [...] O amor verdadeiro não é o do compadecimento, mas o da alegria: o primeiro nasce da fraqueza e da vergonha, o segundo, da exuberância afirmativa da vida. (Oliveira, 2010, p. 369). O amigo é aquele que incentiva, que potencializa e não o que diminui, aquele que vê o melhor do outro e confia nele. “De onde ele veio e o que ele fez antes não me interessa”, diz Philippe (0h36’23’’). Aqui percebe-se que não é apenas uma relação de trabalho. Fica claro que já está estabelecida a relação de amizade. A amizade fez com que Philippe desse um novo sentido à sua vida, mesmo limitada.

À noite, Driss escuta Philippe ditando uma carta de amor para que Magalie escrevesse (0h37’45’’), e pergunta a Yvonne o que significa. Ela explica que há uma mulher, Eleonor, com quem Philippe tem uma relação de amor, por cartas, “uma relação epistolar”, mas Driss não se conforma com o fato de eles não se conhecerem e manterem uma relação amorosa apenas por cartas.

Na sequência seguinte, Driss percebe que Philipe está passando mal (0’39’35’’), cuida da febre e procura acalmar o amigo. Philippe torna a passar mal. Sem saber o que fazer para que a febre melhorasse, Driss resolve levá-lo para passear na orla do rio Sena (0h42’21’’). Deveria ser mais comum quando os amigos cuidem ou desejem estar presentes na hora da doença ou da dor do outro. O que não faz muito sentido é que vivemos nossas vidas correndo de um lugar para outro, numa rotina que não permite o olhar para o outro, que vai do trabalho para as compras e daí para a escola, e outros compromissos vão

surgindo até que não exista mais a figura do amigo presente. Bauman afirma que as nossas 24 horas já não são suficientes. Amigos que se falam pouco, monossilábicos até mesmo nas mídias sociais, amigos que se veem pouco, quando der, ou “vamos marcar”. Neste momento cabe-nos trazer a reflexão de Ingridy Ribeiro, as perguntas e os conselhos que ela traz no texto “Dê Flores aos Vivos”, conforme abaixo:

> Como eu adoro as verdades esquecidas...
> Estamos ocupados demais para verbalizar o que sentimos. Não raro o sentir se confunde com o ter. A ansiedade de "ganhar a vida" muitas vezes nos cega para obviedades como esta não é mesmo? Afinal, quem precisa de flores depois de morto? Quantos de nós estamos existindo e não vivendo? Existindo em suas casas, mas não vivendo e nutrindo as relações no nosso lar, com os velhos amigos, no trabalho, no amor...
> Seguimos oferecendo flores aos mortos, mas e quanto aos vivos?
> Qual foi a última vez que sentou disposto para ouvir como vai seu filho, seus pais, seus avós, seu cônjuge, seu colega de trabalho, todas aquelas pessoas que importam pra você?
> Se você quer fazer algo por alguém, faça isso em vida. Diga "eu te amo", "você é importante", "eu reconheço", "sinto muito", obrigada"... Não espere um funeral para reunir os amigos e a família! Não esperar perder para valorizar" Dê flores aos vivos!
> Que a gratidão seja mais presente do que o remorso em nossas vidas! Que possamos valorizar o que temos, antes que a vida nos ensine a valorizar o que tínhamos. (RIBEIRO, 2017, online).

É incrível como os mortos recebem mais flores que os vivos. Ricas coroas de flores. Palavras que deveriam ser ditas antes. Encontros que poderiam mudar ou dar muito sentido a tantas passagens da vida. Estamos perdendo cada vez mais essas oportunidades diante de um mundo que gira no tempo e no espaço de uma liquidez que não se prende aos sentimentos.

Driss confidencia a Philippe como sente prazer pela estimulação das orelhas (0h43’51’’). Parece estranho. Mas essa é uma qualidade da amizade: saber de que forma o outro se sente bem e sempre que possível propiciar esses momentos. Um amigo conhece a alegria do outro. E, assim, a intimidade e as confidências entre ambos continuam se desenvolvendo.

Pela expressão dos personagens, descontraída, é possível notar que já se sentem à vontade um com o outro, que já partilham segredos e que a amizade se consolidou, até por causa do tempo que passam juntos. Tempo, como já dissemos, é um atributo do qual não se pode prescindir.

Philippe conta sua história. Diz que conheceu sua esposa Alice aos 20 anos na faculdade (0h45’28’’). Ela era alta, elegante, uma mulher brilhante. Driss disse que viu as fotos de uma loira bem bonita. Philippe conta que tiveram uma

história incrível. Ela teve cinco abortos consecutivos porque tinha uma doença incurável, então resolveram adotar uma filha. Em determinado momento, riem das diferenças entre eles. Ainda assim, já são grandes amigos. Philippe conta que sempre adorou esportes radicais, velocidade, que tinha um parapente. “Mas num dia de tempo ruim, o parapente não tem chance” (0h47’24’’)”. Foi quando sofreu o acidente e não se moveu mais do pescoço pra baixo. Talvez para ficar sofrendo como sua esposa, porque sabia que ela não ia durar. “O acidente só não quebrou a minha alma. Minha deficiência não é só andar de cadeira. É não viver sem ela (0h47’50’’)”. Driss refletiu que se o acidente tivesse sido com ele, ele se mataria, mas Philippe diz que no seu estado, nem isso ele pode fazer. Em outros casos, é a alma que está quebrada. Vivemos em um tempo em que os problemas da mente proliferam e atingem um grande número de indivíduos. Por não sangrar, por não deixar paralisado, vamos deixando essas doenças se multiplicar em nós e nos outros, como se não fossem doenças de verdade. Os médicos dizem que poderá viver até os 70 anos, se cuidando bem. No entanto estamos diante do mal do século. As doenças psicológicas.

Ainda há o mal de não enxergar: não se sensibilizar com o peso do outro. Por serem dores que não se vê, para alguns parecem dores menores, ou inexistentes. A indiferença é uma doença. A diminuição da dor do outro somente faz com que ela cresça. E, num mundo onde é imperativo estar bem, saudável, próspero, bem-disposto, há uma preocupação de se esconderem as doenças da mente. Os males da mente já existem há muito tempo. No tempo de Cristo, Ele já dizia: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. [...] encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve (Bíblia Sagrada, Mateus 11, 28-30).

A autora Ana Clara Cristina Arantes, na obra *A morte é um dia que vale a pena viver*, reflete:

> Sempre digo que a medicina é fácil, chega a ser até simples demais perto da complexidade do mundo da psicologia. [...] Observando um ser humano, seja ele quem for, não consigo saber onde fica sua paz. Ou quanta culpa corre em suas veias, junto com seu colesterol. Ou quanto medo há em seus pensamentos, ou mesmo se estão intoxicados de solidão e abandono. (ARANTES, 2016, p. 43).

Philippe pede de volta o ovo que Driss roubou (0h48’55’’). Foi presente da Alice. Driss não confessa o roubo, mas procura seus irmãos para tentar recuperá-lo. Aqui, já não é Driss que muda a vida de Philippe, mas Philippe

mudando a vida de Driss, ensinando-lhe virtude, valores. Além disso, há o perdão gratuito, uma porção da amizade, como explica o Nobel da Paz sul-africano, o bispo anglicano Desmond Tutu[49] e sua filha Mpho Tutu na obra *O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo* (2014). O trecho destacado encontra-se no Apêndice I desta tese. Foi com o perdão de Philippe que ele conseguiu mudar algo em Driss.

Driss decide acelerar a relação amorosa de Philippe (0h52'57'') e o convence a marcar um encontro no teatro. Eleonor pede uma foto, mas Philippee mostra-se preocupado, porque certamente ela veria a cadeira adaptada. Ele está preocupado em encontrar alguém que goste dele e não do seu saldo no banco. E aqui está sublinhada mais uma característica importante: gostar do outro pelo que se é, pelo que já foi e pelo que pode ser, e não pelo que se tem ou pelo que pode fazer. Driss disse que é muito provável que ela goste dele pelos poemas, e resolvem enviar a foto (0h'58'08''). Certa feita, Driss leva Philippe a um spa para estimularem suas orelhas, enquanto também aproveita os atrativos do local (1h02'57'').

Yvonne, a governanta, prepara a festa de aniversário de Philippe. "Convida minha família inteira, gente que não tá nem aí pra mim. Eles só vêm pra ver se ainda estou vivo" (1h04'25''). A fala de Philippe mostra um descontentamento com suas relações familiares, que não têm a obrigação de serem perfeitas, e que seus parentes esperam apenas a herança. Como dissemos na introdução deste trabalho, Ortega afirma que as relações de amizade na antiguidade eram ligadas ao parentesco, situação que não se prolongou com o passar dos tempos. A festa se mostra muito tediosa e formal. Driss encontra a filha de Philippe, Elisa chorando no quarto (1h06'11''). Ela parece querer se matar. Disse que o namorado havia terminado com ela. "Só me usou e me chamou de vadia". Mais uma vez, uma relação objetal, sem profundidade e sem futuro. Segundo Allan Bloom, na sua obra *Amor e Amizade* (1996):

> Essa maneira de descrever a união humana começa com o caráter experimental de nossas ligações, a alegação de que somos, por natureza, átomos querendo pertencer a aglomerados, mas sem meios para isso - situação que na melhor das hipóteses, possibilitaria o

[49] Desmond Tutu (1931-2021) foi um arcebispo anglicano que recebeu o prêmio Nobel da paz em 1984, pela sua luta contra o Apartheid na África do Sul.

> estabelecimento de relações contratuais. Essa palavra abstrata põe a cidadania, a família, o amor e a amizade sob a mesma tenda provisória e abstrai-se das bases e exigências tão diferentes desses elementos. Ainda assim, uma pessoa precisa ser muito insensível para descrever seu grande amor como um relacionamento. [...] 'Relacionamentos' baseiam-se em 'compromissos' como na frase "Não estou preparado para assumir um compromisso. É uma palavra vazia de conteúdo, implicando que a união entre seres humanos só pode ter origem num ato de liberdade provocado sem motivo. Exala o mau cheiro de Entre Quatro Paredes, de Sartre: "O inferno são os outros". (BLOOM, 1996, p.12).

É importante também ressaltar que a amizade é a base que sustenta os relacionamentos amorosos. O escritor e poeta Fabrício Carpinejar nomeou uma de suas obras com o título "Amizade é também é amor" (2017). Amores fundados na amizade têm mais probabilidades de durar. Foi o que não aconteceu entre o Príncipe e a Rosa, no capítulo anterior. É o que retrata a pesquisa de Danu Stinson, associada a outros pesquisadores, da Escola de Psicologia da Universidade de Victoria em British Columbia, Canadá, e divulgada pela rede de notícias CNN. Danu Stinstson estudou relacionamentos de uma amostragem que estava formando laços românticos. Esses participantes da pesquisa já se conheciam há algum tempo e a pergunta que ela fazia era: "Você era amigo do seu parceiro antes de se envolver afetivamente?". Ela estudou inícios de relacionamento por 20 anos. Segundo a pesquisadora, "Poucos estudos estão realmente olhando em primeiro lugar para este início de relacionamento, apesar de nossa observação de que, de longe, [a amizade] é a forma mais comum de começar um relacionamento" (MOLANO, 2021, p. 47). Segundo a reportagem da CNN:

> Ela esperava que o relacionamento amoroso entre amigos fosse comum, mas ficou surpresa com o quão dominante ele foi na pesquisa. A prevalência de relacionamentos amorosos entre amigos também foi consistente em todas as idades e grupos étnicos.
> [...]
> Essa análise descobriu que 66% dos casais começaram a se relacionar com amizades, muitos deles com amizades de longo prazo que duraram vários meses ou anos.
> No estudo final, que analisou apenas 300 estudantes universitários, a "fase da amizade" durou quase 22 meses, em média, antes de se tornar romântica.
> Quase metade desta amostra disse que a amizade era o método preferido para iniciar um relacionamento romântico. No entanto, a grande maioria da amostra não fez amizade com a intenção de um relacionamento amoroso.
> Essas descobertas devem levar as pessoas a repensar suas noções preconcebidas sobre relacionamentos que geralmente se originam de "roteiros dominantes de namoro em nossa cultura", disse Stinson.

> “Os scripts de namoro realmente dizem que você vai conhecer alguém, e um relâmpago vai atingir você”, disse Stinson. “Eu acho que se você realmente acredita naquele roteiro de namoro, então é difícil imaginar outra situação” onde você se torna mais próximo de um amigo e começa um relacionamento romântico. (MOLANO, 2021, online).

Em outro estudo, desconectado desse inicial, a professora Joanne Davila[50], afirma que é necessário fazer pesquisas adicionais sobre o caminho de amigos para amantes, e que os estudos trazem à tona suposições que os pesquisadores de relacionamentos sempre tiveram.

> Os pesquisadores devem examinar as diferenças entre o começo de relacionamentos entre amigos e o namoro, disse Davila, e ver se um produz relacionamentos mais saudáveis e fortes em relação ao outro. Davila também está interessada em saber o que acontece quando os relacionamentos que priorizam a amizade terminam, considerando que os indivíduos ainda podem estar no mesmo grupo de amigos após um rompimento.
> “Precisamos fazer muito mais perguntas sobre com quem as pessoas se relacionam e como chegaram lá”, disse Davila. “Isso pode ser um fator realmente importante para entendermos os relacionamentos.”
> Stinson começou a explorar as maneiras pelas quais os amigos fazem a transição para relacionamentos amorosos, analisando relatos escritos em primeira mão de casais sobre o início de seus relacionamentos.
> Ela e sua equipe querem ver como essas histórias podem ser diferentes, como as pessoas tomam a decisão de agir com base em sentimentos amorosos por um amigo, a ordem em que certos marcos ocorrem e muito mais. (Molano, 2021, online).

A pesquisa de Danu Stinson vai ao encontro do que diz a doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Célia Horta diz no artigo “Amizade que se torna amor tem grande possibilidade de sucesso”:

> Muita gente tem uma visão romântica da ligação amorosa e acha que ela acontece quando uma atração súbita domina duas pessoas. Claro que um encontro desses, mágico, pode levar a uma relação duradoura. No entanto, o namoro entre pessoas que já se conhecem, aos poucos se interessam uma pela outra e se apaixonam, aumenta bastante as possibilidades de um final feliz. [...] É claro que encontrar o parceiro em um ambiente conhecido tem riscos: a amizade pode ficar abalada diante de uma tentativa não correspondida de romance; ou se um dos dois decidir terminar o namoro. Também há risco de problemas em empresas que vetam relações amorosas entre funcionários. [...] Além disso, é importante preservar a vida individual, para que a troca de experiências continue rica e interessante. De toda forma, os pontos comuns aos dois e a atitude de pé no chão do amor mais pensado favorecem a vida a dois e aumentam a chance de a união durar. (Horta, online).

[50] Joanne Davila é professora de psicologia clínica e diretora do Centro de Desenvolvimento de Relacionamento do Departamento de Psicologia da Stony Brook University.

Esses conceitos, de Eros e Philia, não foram totalmente separados por Platão, mas o foram por Aristóteles. É o que diz a obra de Ortega, *Genealogias da Amizade*:

> Para Platão, Eros era o elemento ativo, a atividade da alma que levava à philia, a qual era um afeto estático, uma condição da alma, a resposta mais débil e apaixonada ao amado. Com Aristóteles, a amizade sai da passividade platônica e torna-se uma atividade, a própria atividade filosófica, ao passo que o amor é um implulso não-filosófico. [...] Aristóteles desterra todo elemento erótico da amizade, Eros desempenha na sua teoria papel que o desejo (ephithymia) representava para Platão no Fedro, ou seja, é a faculdade mais baixa da alma, uma besta indomável que deve ser dominada pelas faculdades superiores a fim de evitar que atinja o controle da alma. A philia tem o caráter de hábito; ela é a expressão de uma determinada atitude moral e intelectual que visa o amor recíproco entre os amigos, baseado numa decisão livre da vontade, em que cada um deseja o bem para o outro. (p. 37)
> Aliás, a ligação Eros/philia aparece somente na noção platônica da amizade, já Aristóteles dissociou definitivamente esses dois elementos. [...] A tradição platônica da philia acaba com Platão. (ORTEGA, 2002, p. 48).

A “relação epistolar” de Philippe, atualmente, poderia ser chamada de um “amor platônico”, caso não houvesse reciprocidade, como ele disse que haveria. O amor que se refere a uma relação unilateral e que é diferente do que escreveu Platão. Segundo o estudo de Eduardo Mendes Medeiros, “Amor Eros, Amor Platônico e Erotomania: Resenha do Filme Bem me quer, Mal me quer” (2018),

> O [dito] amor platônico é um sofrimento psíquico (Mattos, 2014b; Reich, 1990), que pode se manifestar em diversos contextos como, por exemplo, em uma situação onde o indivíduo está a viver sem ter relações afetivas por diversos motivos, como, já ter passado por uma grande decepção amorosa que lhe deixou em uma posição de defesa onde ele prefere se distanciar dos problemas derivados de relações afetivas dos quais ele teve dificuldade em lhe dar, neste contexto o amor platônico pode ser uma fuga (Navarro, 1995), uma forma de contato substituto (Reich, 1995; Baker, 1980) onde o prazer do indivíduo é parcialmente realizado em sua fantasia (Reik, 1968).
> Conforme Reik (1968) a fantasia sexual é uma projeção que a pessoa faz de si mesmo em outra pessoa, seja esta pertencente ao sexo oposto ou ao mesmo sexo. A fantasia sexual tem a capacidade de tornar esse outro um ser capaz de satisfazer-lhe plenamente. No amor platônico a pessoa se relaciona com as imagens criadas por sua fantasia sexual que desperta na pessoa uma mistura de impulsos sexuais agressivos e ternos que estimulam os desejos sexuais de uma pessoa, a fantasia sexual tem a capacidade de tornar o sonho platônico de amor e prazer mais satisfatório do que a presença da pessoa idealizada neste processo de fantasia (Reik, 1968), este individuo geralmente é dotado da capacidade de direcionar o seu ego, por isso, sonha em estado de vigília (Reich, 1995).
> O indivíduo que desenvolveu amor platônico pode estar com baixa autoestima sente-se incapaz de ser atraente para outras pessoas, pode estar vivendo em um período em que sente-se sozinho em meio

> a muitas pressões e cobranças em seu ambiente de trabalho, estudo, familiar, etc.,por isso, o indivíduo fica muito tenso e assim o inconsciente defensivamente aflora seus sentimentos como paixão, necessidade de afeto, sexo (Reich, 1990), e etc. O indivíduo pode ser uma pessoa com personalidade obsessiva assim se sente mais à vontade em vivenciar a fantasia do amor platônico visto que neste ele tem o controle de todos os acontecimentos da relação, já que, neste relacionamento tudo acontece conforme o bel-prazer ilusório desta pessoa (Mattos, 2014b apud MEDEIROS, 2018, p. 4-5).

Para que os conceitos fiquem mais claros, podemos recorrer ao que tratou Zeferino Rocha em seu trabalho: "O amigo, um outro de si mesmo: a philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles" (2006):

> Quando se trata do amor-desejo, do amor erótico, pode-se conceber que ele seja unilateral. São inúmeros os casos na história da literatura de grandes paixões amorosas incorrespondidas. No caso da amizade, porém, isto seria inconcebível. Não pode haver uma verdadeira relação de amizade sem reciprocidade.
> Quanto aos supostos casos de amizade com os animais e os objetos inanimados, esses não podem ser classificados como uma verdadeira forma de amizade. Por mais que se diga que "o cão é o melhor amigo do homem", com ele não se pode ter uma relação de reciprocidade propriamente dita, e por isso, não se pode dizer que a relação que com ele se estabelece seja uma verdadeira amizade. Posso afeiçoar-me ao meu cão, ou até às rosas de meu jardim, mas não posso amá-los com amor de amizade. (ROCHA, 2006, p. 69).

Ao longo do filme, os amigos vão descobrindo as diferenças entre si. Philippe pede para a orquestra contratada para o seu aniversário tocar "Verão" das "Quatro Estações", de Vivaldi (1h09'18''), para Driss, e vai passando por outras músicas clássicas, mas Driss não se interessa. Driss coloca para tocar Funk, Black Music e as pessoas passam a ficar mais animadas, dançando (1h11'38'').

Driss entrega a Phillip uma foto de Eleonor e com a ajuda de Yvonne começam os preparativos para o encontro. (1h14'45''). Em uma sequência posterior, Driss vê sua mãe trabalhando pesado como faxineira (1h'17'19''). Phillip decide por não se encontrar com Eleonor (1h19'01'). Phillip convence Driss a fazer um passeio de parapente com ele, e Driss reconhece que Philhip é muito mais corajoso, mas acaba cedendo (1h23'19'').

A situação do irmão de Driss se complica e Philippe percebe (1h25'50''). Percebe também que ele precisa de uma família. Como Driss estava trabalhando vai fazer jus ao seguro-desemprego, ele pede para Driss sair, pois não seria justo cuidar de um "aleijado" (sic) a vida inteira (1h29'30''). Ser amigo é saber também a hora de se retirar e foi o que fez Philippe, mesmo depois de tudo o que estava

vivendo com Driss. Ele não queria privá-lo de outras ligações, como os familiares, e notou que Driss poderia ajudar sua família.

Driss sente por sua partida da mansão (1h34’50’’). Phillipp está com o novo cuidador na hora do jantar. Ele pede que o cuidador retire o jaleco com que está vestido, o que o faz pensar que está em um asilo. Na verdade, sua irritação é pela falta do amigo. Philippe pede um cigarro, mas o cuidador não tem. Philippe desiste do jantar (1h35’52’’). Driss reencontra seus velhos amigos e afasta as ameaças de drogas do irmão. Philippe não se dá bem com o novo cuidador e com o massagista que este contratou (1h37’17’’). Todas essas expressões ficam claras na linguagem cinematográfica. Driss busca um novo emprego (1h38’16’’).

Philippe passa mal durante a noite, mas não aceita cuidados (1h39’39’’). Yvonne recorre a Driss, que reencontra Philippe no jardim. Philippe se anima com a chegada do amigo (1h40’07’’). Os dois saem de carro. Repete-se a cena inicial do filme (1h40’57’’).

Driss devolve o ovo que havia roubado, mas disse que não ficaria para o almoço. Diz que Phillip deve se encontrar com outra pessoa. Philippe se encontra com seu amor “epistolar” e recomeça sua vida. (1h47’20’’).

Após esse reencontro (na época do filme, em 2011), Philipe passa a viver no Marrocos, casa-se e tem duas filhas. Seu cuidador é casado e tem três filhas. Continuam sendo amigos íntimos. (1h48’32’’). Apesar de ter mudado a vida de ambos, não se tornaram semelhantes. Assim, é notável que a amizade encontra lugar também na diferença, como observa Rocha:

> Outra aporia, abordada no Lysis, é aquela que indaga se a amizade tem como fundamento a semelhança ou a dessemelhança dos amigos. Parece evidente que a amizade ou encontra ou torna semelhantes os amigos, e foi precisamente por causa dessa afinidade que a sabedoria popular forjou a máxima: “dize-me com quem andas e eu te direi quem tu és”.
> Todavia, como na reciprocidade os amigos mutuamente se enriquecem, esse enriquecimento recíproco parece exigir que entre eles haja alguma diferença e dessemelhança. Em uma relação unívoca entre iguais e semelhantes, ou em uma relação especular na qual o amado não é mais do que o espelho do amante, nada se acrescenta ao que já se conhece e se tem. Na relação intersubjetiva, o outro não apenas é um desdobramento do Eu, ele é outrem, e como tal, enriquece com sua diferença a relação intersubjetiva. (ROCHA, 2006, p. 69-70).

Santo Agostinho aponta o cuidado com o amigo como o caminho para a ascese, para o próprio Deus: “Amando o próximo e cuidando dele, vais

percorrendo o teu caminho. Ajuda, portanto, aquele que tens ao lado enquanto caminhas neste mundo, e chegarás junto daquele com quem desejas permanecer para sempre.” (Santo Agostinho, 2021, online).

Podemos notar, uma aproximação com o pensamento de Bakhtin nos dois amigos, personagens principais do filme, que ficaram mais expressivas graças à linguagem do cinema:

> No centro de sua concepção de mundo [de Bakhtin], encontra-se o homem em permanente interação com seus semelhantes mediante a linguagem entendida como ato ético, como ação, como comunicação dinâmica, como energia. Desse ponto de vista, a escrita é a transcrição codificada das vozes, capaz de transmitir os sentidos desse diálogo ontológico – posto que, segundo Bakhtin, ser é comunicar-se dialogicamente – e não um meio autônomo que organiza sentidos próprios, muitas vezes contraditórios, e frequentemente em conflito com as supostas — intenções dos sujeitos que escrevem, como acontece nas teorias da desconstrução dedicadas à escrita. (BUBNOVA, 2011, p. 270)

3.4 A questão das identidades

Nesse filme, podemos ver como personalidades diferentes, e porque não dizer opostas, podem constituir uma amizade que seja real e necessária, e que mude a vida de ambos.

A princípio, a relação é de poder. Philippe é chefe de Driss e este deve obediência às normas do primeiro. No entanto, Driss também exerce poder sobre Philippe, uma vez que este, mesmo milionário, não consegue exercer atividades físicas do dia a dia sem a ajuda de Driss. Essa relação transforma-se então em uma relação de amizade.

Ambos tiveram momentos na vida em que quiseram morrer, em que desacreditaram do futuro e de si próprios. No entanto, a amizade entre os dois fez com que vissem a vida de outras formas. Enquanto um estava quebrado por fora, outro estava quebrado por dentro. E o processo de amizade fez com que mudassem essa percepção de si mesmos.

As relações familiares também aparecem como importantes, uma vez que a filha de Phillipp não tinha com ele uma relação saudável, e nem com o próprio namorado, e Driss teve que se afastar de sua família por ordem de sua mãe, pelos transtornos que ele trazia a ela. Com a amizade dos personagens principais e com o que aprenderam com ela, aprenderam que família não se

resume aos laços de sangue, como na festa de aniversário de Philippe, e que, às vezes, é necessário voltar, como no caso de Driss. Ele voltou para ajudar a mãe e o irmão.

A relação construída por ambos é diferente dos demais funcionários da mansão porque permitiram conhecer-se um ao outro, quebrar a barreira de uma relação trabalhista e estabelecer um outro tipo de relação, que começou pelo respeito às diferenças e à individualidade de cada um.

Foi importante para o desenrolar da história o olhar, novamente. Driss não via Philippe como um inválido e Philippe não via Driss como um ex-presidiário. Eles se conheceram através dos diálogos, das conversas sobre arte, que causavam as maiores divergências, das conversas mais íntimas, do interesse e do tempo dedicado ao outro. Sim, o olhar e o tempo.

O tempo, que dizemos não controlar para deixar que ele mesmo nos controle. No texto de Lucília Almeida Neves Delgado, “História Oral e História Narrativa: tempo, memórias e identidades” (2009), a autora observa:

> O tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão a rapidez). É um processo em eterno curso e em permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história. As análises sobre o passado estão sempre influenciadas pela marca da temporalidade. Ao se interpretar a história vivida, no processo de construção da história conhecimento, os historiadores são influenciados pelas representações e demandas do tempo em que vivem e a partir dessas representações e demandas, voltam seus olhos para o vivido reinterpretando-o, sem no entanto o modificar. Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. (Delgado, 2009, p. 10).

Com os aprendizados sobre o tempo e a fala de DELGADO, além de tudo o que trouxemos desse filme, “Intocáveis”, continuaremos nossa busca pela amizade no filme “As vantagens de ser invisível”, no próximo capítulo, lançando um olhar para as amizades adolescentes e os assuntos que as permeiam.

CAPÍTULO 3 – As vantagens de ser invisível (2012)

> Todas as vezes que vamos ao cinema temos que aceitar um certo jogo e nos deixarmos transportar. Quem vai a um cinema e passa o tempo todo dizendo para si mesmo que aquilo é apenas uma combinação de luz e cores, acaba destruindo esta relação de imersão em seus fundamentos e, portanto, simplesmente não deixando nada acontecer. Não há nenhum filme que resista a esta prevenção. A imersão que um filme proporciona deve nos fazer parar de pensar, pelo menos momentaneamente.
> (Menezes, 1996, p. 86)

Este capítulo tratará das questões próprias da adolescência, demonstrando que muitas vezes elas têm seu início na infância e permanecem até a fase adulta.

É importante frisar a construção e negociação das identidades nessa fase e a necessidade e as dificuldades de afirmação e validação dos demais. A necessidade de responder às perguntas “Quem sou eu?”, “O que pensam de mim?” e o “O que serei?”.

Mostra ainda a necessidade de fazer parte de uma turma, de um “bando”, como é típico dos adolescentes, e como a identidade vai se desenvolvendo a partir dessas ligações. O filme traz também como a falta de amizades pode desenvolver outros problemas e dificuldades, além de trazer grandes referências da música e da literatura como uma de suas características principais.

Trata-se de um capítulo mais narrativo, para que fiquem claras as questões e as “doutrinas” dos adolescentes, suas alegrias e sentimentos e como a amizade faz parte delas. Nas Considerações Finais, apresentaremos nossas conclusões e ensinamentos propostos na obra. A linguagem do cinema colaborou principalmente com as expressões faciais e corporais dos personagens, já que é uma obra baseada em um livro.

Figura 3 – Poster “As vantagens de ser invisível”, publicado em 19 de outubro de 2012



Fonte: AdoroCinema (2024)

3.1 Observações iniciais

A linguagem cinematográfica nesse filme permite que mergulhemos num mundo onde as relações eram mais sólidas, sem os microcomputadores e as mídias sociais. É um momento pouco anterior à modernidade líquida, em que as pessoas liam mais livros, frequentavam mais os espetáculos e conversavam mais pessoalmente. Os caracteres com os créditos no final do filme, que parecem ter sido datilografados em uma máquina de escrever, já nos transportam para este ambiente.

Especialmente, os adolescentes são conhecidos por andar sempre em “bandos”, pela descoberta do amor e da sexualidade e de outras características.

“As vantagens de ser invisível” (*The perks of being a wallflower*, do original) é um filme estadunidense de 2012, do gênero dramático, e como proposta deste trabalho, baseado no livro homônimo de Stephen Chbosky de

1999, roteirizado e dirigido no cinema pelo próprio autor. O livro é epistolar: baseado nas cartas do personagem principal, Charlie, e de suas impressões, o que poderia ser um desafio para a adaptação cinematográfica, mas aparentemente não o foi.

O filme aborda uma série de temas, tendo muitas vezes a escola como lugar onde as situações se desenvolvem, e tem como foco principal a amizade em oposição à solidão e outras doenças.

A história contada passa-se em 1991, em Pittsburgh, numa época em que os celulares e as mídias sociais ainda não eram tão presentes na vida dos adolescentes e as ligações pediam presença física. Nessa época, também era mais fácil ser invisível. Bastava não sair de casa, ou não manifestar opiniões e aparecer em fotos em mídias sociais. Em tempos de pós-verdade e do acesso crescente à internet, a opinião de cada um é a que vale. No entanto, apesar de ser mais prático ser invisível, não era e continua não sendo uma escolha fácil, especialmente nos dias de hoje, na sociedade hiperconectada.

Com um orçamento de 13 milhões de dólares[51], o filme arrecadou mais de 60 milhões, segundo o sítio IMDb. O sucesso do filme também impulsionou a venda do livro. Os produtores do filme observaram: “Você pode dizer pelo aumento nas publicações. Agora as pessoas estão buscando pelo livro, uma vez que não tinham conhecimento dele. Ouvimos falar de pessoas que compraram o livro antes de ver o filme.” (MARK OLSEN, 2012, online).

Segundo Mark Olsen, em matéria publicada no Los Angeles Times, “‘As vantagens de ser invisível’ floresce constantemente”. De 1° de novembro de 2012,

> O livro entrou na lista dos mais vendidos do New York Times, ficando no topo da lista de brochuras infantis há meses. Ele também tem uma posição consistentemente elevada na lista de best-sellers de ficção em brochura do Los Angeles Times, bem como uma classificação elevada em várias listas da Amazon.com. Com mais de 1,5 milhão de cópias impressas, Chbosky disse que o livro tem vendido mais a cada semana desde agosto. (Olsen, 2012, online, tradução nossa).[52]

[51] Segundo o sítio Los Angeles Times, na matéria publicada por Mark Olsen em 1° de novembro de 2012.

[52] *The book has landed on the New York Times’ bestseller list, sitting near the top of the children’s paperback list for months. It has also placed consistently high on the Los Angeles Times’ list of paperback fiction bestsellers as well as ranking high on various lists on Amazon.com. With more than 1.5 million copies in print, Chbosky said the book has been selling more each week since August.*

Olsen ainda trouxe outras observações feitas por Chbosky: “Tornou-se uma via de mão dupla”, uma vez que o livro e o filme tornaram-se procurados. O diretor-roteirista disse ainda que o filme atraiu os adolescentes e também um grupo de pais: “Foi intencional. Queríamos fazer um filme que um jovem, um adolescente, pudesse ver e amar porque respeitasse e validasse o que eles estavam passando”, disse Chbosky. “E ao mesmo tempo apela à nostalgia dos pais, especialmente dessa fase da vida”. (Olsen, 2012, online).

“Se uma criança e um pai pudessem amar a mesma história, mesmo por razões diferentes”, acrescentou ele, “então talvez pudessem conversar sobre algumas das coisas que o filme trata. Foi uma forma para encorajar as famílias a conversarem umas com as outras.” (Olsen, 2012, online).

Apesar de trazer a amizade e a falta dela como temas principais, o filme, baseado no livro, trata de outros assuntos delicados, como solidão, transtorno pós-traumático, abuso sexual, violência contra homossexuais, suicídio e outros. Segundo o artigo “A Classificação Indicativa de Filmes de Popularidade nos Cinemas Brasileiros e sua Implicação para o Tabagismo entre Jovens”, VARGAS; THASHER; SARGENT (2011, p. 366), “os expectadores são afetados pelas histórias que assistem, pois se identificam com o enredo do filme e personagens. A exposição às imagens interfere na construção de pensamentos e intenções” e por este motivo os filmes precisam ser classificados. O filme “As vantagens de ser invisível” recebeu a classificação R, e depois de um tempo, foi reclassificado para PC-13.

> Foram identificadas as gradações de classificação indicativa atribuídas nos Estados Unidos e no Brasil para os filmes. Para fins de comparação, as classificações indicativas entre os dois países foram compiladas em: criança - quando a classificação indicativa é no Brasil l (livre) e 10 anos (não recomendado para menores de 10 anos) e nos estados unidos é G (General Audiences) e PG (Parental Guidance Suggested); início da adolescência - classificação indicativa no Brasil para 12 anos (não recomendado para menores de 12 anos) e 14 anos (não recomendado para menores de 14 anos) e, nos Estados Unidos, PG-13 (Parents Strongly Cauitioned); final da adolescência - classificação indicativa 16 anos (não recomendado para menores de 16 anos) no Brasil; adultos - classificação indicativa 18 anos (não recomendado para menores de 18 anos, não é permitido o ingresso de menores de idade) no Brasil, e R (Restricted) e nc-17 (No one 17 and under admitted) nos Estados Unidos (VARGAS; THRASHER; SARGENT, 2011, p. 366).

O sítio AdoroCinema traz a informação:

> Inicialmente, o filme recebeu a classificação "Rated R" pelo MPAA (órgão responsável por classificar a adequação do conteúdo de um longa para determinados públicos nos Estados Unidos), o que significa que ele não era aconselhado para menores de 17 anos, por conta de "uso de álcool e drogas por adolescentes e algumas referências sexuais". Posteriormente o MPAA voltou atrás e diminuiu a classificação para PG-13, com um aviso de que parte do material poderia ser inapropriado para menores de 13 anos. (AdoroCinema, online).

Uma vez que o filme foi baseado em um livro, Cássia Farias Oliveira dos Santos, no estudo “Uma Discussão sobre a literatura juvenil”, pondera, considerando as temáticas:

> Podem-se observar também casos como o de As vantagens de ser invisível (1999), de Stephen Chbosky, originalmente lançado pela MTV Books. Cart (2010, p.92) argumenta que a editora voltava suas publicações para a parcela mais velha dos telespectadores do canal, entre 18 e 34 anos, ou seja, não era uma editora de livros juvenis, mas, de acordo com o autor, muitos de seus livros se encaixariam nessa literatura, e ele destaca que Vantagens, em especial, deveria ter sido lançado como YAlit[53]. De fato, o livro parece ter sido abraçado pela crítica como tal e, em edições mais recentes, conta, inclusive, com um guia de leitura a ser usado em sala de aula – no Brasil, o livro foi lançado e classificado como juvenil. Além de ser mais uma evidência de subjetividade na classificação genérica dos livros, isso mostra que os critérios mudam de um país para o outro. (SANTOS, 2015, p.121-122).

O Los Angeles Times destaca que

> Em meio aos temas jovens adultos do romance, ao cenário do início dos anos 1990 e à classificação PG-13 do filme para adolescentes, Chbosky cria um tom não tanto de angústia adolescente, mas de aceitação e perdão com uma sinceridade desarmante e nada sentimental. (Olsen, 2012, online, tradução nossa)[54].

O jornal também traz a seguinte fala do autor de um dos produtores do filme, sobre a dificuldade em criar filmes para adolescentes. Russel Smith diz:

> Muitos filmes adolescentes não parecem reais para os adolescentes”, acrescentou o produtor Smith. “Eles podem parecer reais para quem está fazendo o filme, mas não para os adolescentes. E este, nas primeiras exibições que tivemos, sabíamos que parecia muito real para eles. E porque parece autêntico, os pais também querem ver o que seus filhos estão sentindo. (Olsen, 2012, online, tradução nossa)[55];

---

[53] YALit (Young Adult Literature), é uma classificação indicativa para jovens adultos (de 12 a 20 anos).

[54] *Midst the novel’s young-adult themes, early 1990s setting and the film’s teen-friendly PG-13 rating, Chbosky creates a tone not so much of teen angst as one of acceptance and forgiveness with a disarming, unsentimental sincerity.*

[55] *“A lot of teen movies don’t feel real to teens,” added producer Smith. “They might feel real to whoever is making the movie, but not to teens. And this one, in the early screenings that we had, we knew that it felt really real to them. And because it feels authentic, parents want to see it too, to see what their kids are feeling.”*

A fala de Smith encontra amparo no comentário trazidos por SANTOS (2015):

> Livros para adolescentes são subversivos – mas às vezes apenas de forma superficial. Na verdade, eles costumam ser bastante didáticos; a conclusão do enredo de muitos romances juvenis contém uma mensagem explícita sobre o que o narrador aprendeu. (...). Livros para adolescentes têm muitas ideologias. E eles passam muito tempo manipulando o leitor adolescente. (TRITES, 2000, p.ix-x, tradução livre, in.: SANTOS, 2015, p. 124).

Ela pontua também do público-alvo dessas obras:

> Mas o que podemos dizer sobre as características dessa literatura? Uma definição precisa não seria possível, mas é possível estabelecer alguns pontos em comum entre as obras que costumam ser classificadas nesse gênero. (p. 124).
> Hunt (2010, p.27) afirma que a literatura infantil, e podemos dizer que a juvenil também, “se define exclusivamente em termos de um público que não pode ser definido". O que podemos tirar disso, na verdade, é que a literatura infanto-juvenil é, por natureza, heterogênea – como pode ser visto na caracterização feita por Colomer (2003, p.175) do destinatário dessas literaturas:
> “Um leitor cuja idade aumenta, que amplia progressivamente suas possibilidades de compreensão do mundo e do texto escrito, e a quem, portanto, dirigem-se textos que deveriam diferenciar-se segundo as características psicológicas da idade e segundo a complexidade das exigências de leitura”.
> Além disso, a leitura das obras parece indicar uma correlação entre a idade do protagonista, ou núcleo jovem principal, e a idade do leitor implícito ou alvo, devendo elas ser próximas, sendo pouco comum também, em especial nos dias de hoje, a presença de protagonistas adultos. (SANTOS, 2015, p. 127).

Assim, com a abrangência de temas e de público-alvo, “As vantagens de ser invisível” emociona um grande público, causa identificação, proporciona reflexões diversas e caminha para ser uma das obras mais importantes no que diz respeito aos sentimentos adolescentes. O cartaz do filme demonstra esse sentimento adolescente com a frase “Somos infinitos”, que é uma das falas do protagonista em uma sequência.

Sobre o livro, A MTV Books, uma marca da Pocket Books, imprimiu em 2020 seu 100.000º exemplar de "As Vantagens de Ser Invisível", tornando-o o título de maior sucesso na série comercial de ficção de bolso que a MTV Books lançou em 1998 (Bing, 2000, online).

3.2 Considerações da crítica especializada

O filme se revelou um sucesso dos nossos tempos, pelos elementos citados na seção anterior, pela atuação dos protagonistas e por outros fatores, conforme a crítica abaixo (Desajustes da Juventude), do crítico Lucas Salgado para sítio AdoroCinema, um dos elementos que ele aponta são personagens desajustados, segundo ele, conforme os desejos do público. Um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2019 aponta que cerca de um bilhão de pessoas vivem com algum tipo de transtorno mental no mundo. Desse total, 14% são adolescentes (Ministério da Saúde, online). Os personagens adolescentes podem, cada um à sua maneira, serem considerados como desajustados, palavra que talvez não seja a melhor escolha para as condições psíquicas e emocionais de cada um.

> Nos últimos tempos, a comédia dramática independente norte-americana passou a ser tratada quase como um gênero cinematográfico. Mais do que um produto fresco de baixo orçamento, passou a retratar clichê que poderiam ser considerados bonitinhos pelo público sedento por personagens desajustados. Felizmente, As Vantagens de Ser Invisível é tudo, menos banal. Segue a fórmula indie atual, mas o faz sem largar mão de um roteiro inteligente, delicado, divertido e, muitas vezes, duro. (SALGADO, online).

Segundo o autor, “Logan Lerman interpreta Charlie e o faz com extrema delicadeza e dedicação. O ator passa muito bem a sensação de uma pessoa que está saindo de um momento delicado em sua vida e precisa lutar contra a depressão”. Salgado também elogia a atuação de Erza Muller, o intérprete de Patrick, “que transforma o personagem em um sujeito sempre interessante, seja pela forma como é aberto com todos a sua volta, seja pelo fato de que internamente está sempre sofrendo com alguma situação”. Sobre Emma Watson, o crítico observa:

> Para completar o trio, Emma Watson surge radiante na pele de Sam. Ela está linda e cativante, mostrando o que muita gente já previa há alguns anos: se tornou uma ótima atriz. Ela possui uma naturalidade marcante, que faz o espectador se encantar imediatamente. Além disso, é impressionante o fato de que em pouco tempo de projeção já esquecemos que estamos diante da bruxinha Hermione. [...]. (SALGADO, online).

Na visão de Salgado, “Como estamos falando de adolescentes no colegial, é claro que eventuais romances podem acontecer, mas o que o longa transmite mesmo é a entrega de um amigo ao outro”. Por essa razão, também, essa obra faz parte desta seleção.

Salgado elogia o grupo de coadjuvantes, para além do trio central, e observa que por ser uma obra escrita e roteirizada por Stephen Chbosky, torna-se extremamente pessoal, “e isso fica claro na condução da narrativa”. Ainda há outros elementos importantes no filme:

> Um dos principais méritos da produção está na direção de fotografia de Andrew Dunn. Ele opta por adotar uma cinematografia granulada, o que torna o filme diferente de todos os outros do gênero. É curioso que o mesmo profissional responsável pelos "quadrados" (em termos de fotografia) Amor a Toda Prova e Hitch - Conselheiro Amoroso. Outro elemento que deve encantar o espectador é a trilha sonora original de Michael Brook, que já havia feito um belo trabalho em Na Natureza Selvagem.
> A seleção musical também é merecedora de aplausos, focando sua atenção em clássicos do rock alternativo dos anos 70 aos 90. New Order, L7, Cocteau Twins, Sonic Youth, The Smiths e David Bowie integram a mixtape criada pelo filme. É difícil não se emocionar com "Heroes", de Bowie, aparece em cena em dois importantes momentos. As Vantagens de Ser Invisível conta com um desfecho duro e surpreendente, mas que em momento algum vai de encontra ao espírito dos personagens. Trata-se de um raro exemplo de produção estrelada por jovens que pode servir para todo tipo de espectador. Do adolescente ao mais idoso. [...] (SALGADO, online).

No sítio AdoroCinema, o filme recebeu 4 estrelas (muito bom) da crítica especializada, 3,8 das críticas da imprensa (específica de cinema), e uma média de 4,5 estrelas nas críticas dos espectadores, o que nos dá a certeza de que realmente foi um filme acertado. No sítio Omelete, recebeu as 5 estrelas (excelente). Segue o texto do crítico Érico Borgo:

> [...] Stephen Chbosky adapta seu próprio romance, As Vantagens de Ser Invisível (The Perks of Being a Wallflower, 2012).
> O drama de amadurecimento acompanha um garoto de 15 anos, Charlie [...], no momento de sua entrada no colegial em Pittsburgh. Ele se recupera de uma depressão, que lhe rendeu tendências suicidas, e da perda de seu único amigo. No colégio, porém, começa sua jornada de socialização, de crescimento e recuperação com a inadvertida ajuda de dois veteranos, Patrick e Sam, que o recebem em seu mundinho à parte dos populares da escola. (BORGO, 2012, online).

Segundo Borgo, quando o próprio autor comanda a adaptação, há uma maior força do material adaptado. É o próprio Chbosky que mais entende e se preocupa com seus personagens. O autor também reforça que Emma Watson saiu do papel da bruxa Hermione com maestria e interpreta uma Sam com toda a “complicada bagagem da personagem”. Ele também elogia as atuações de Lerman (Charlie) e Miller (Patrick), cujas “sequências juntos são excelentes”. Para ele o papel de Lerman é “difícil”, pelas variações emocionais que precisa

apresentar. No entanto, ele soube convencer o público, e no caso de Miller, faz de “Patrick uma força magnética em tela”.

> Chbosky pode não ter muitos recursos como cineasta, mas a história não pede mais do que o básico. Ainda que ele consiga algumas sequências esteticamente belas, não é essa a necessidade do filme. São os diálogos (e o que não precisa ser externalizado) que movem a adaptação - e ter o criador deste mundo presente o tempo todo no set sem dúvida ajudou muito. (BORGO, 2012, online).

Corroborando a crítica de Lucas Salgado, Borgo exalta a atuação dos protagonistas e do “elenco de apoio (especialmente os jovens), que também está ótimo”. O crítico também salienta a seleção musical do filme, uma vez que as canções trazem a atmosfera da época, conferindo identidade aos personagens. A música Heroes (1977), de David Bowie, soa como um hino no filme, uma vez que é tocada em dois momentos importantes, e demonstra a sensação de descoberta sonora, pois não se sabia o nome da música e encontrá-la de novo era mais difícil. Sem a presença dos celulares, que rapidamente podem encontrá-la, com todas as informações, nos anos 1990, a realidade era diferente.

> As Vantagens de Ser Invisível termina [apresenta] uma sensível história de amizade, descobertas e amor idílico que faz pensar. A frase "Nós aceitamos o amor que pensamos merecer", um dos motes do filme, sozinha, rende algumas boas reflexões. A vibração pelas descobertas, a expectativa pelo próximo "mistério", é igualmente emocionante. [...] (Borgo, 2012, online).

Com as críticas, percebemos que o diretor foi feliz na adaptação do livro, o que pode ser um risco. Parte disso se deve à escolha do diretor, que é o autor do livro e conseguiu manter na película as muitas sutilezas e polêmicas que o livro traz.

É na adolescência, ainda mais na época em que foi retratada, quando as redes sociais eram em volta de uma mesa e não no celular, que as relações de amizade se tornam mais importantes nas negociações de identidade e muitas vezes duram toda a vida. Charlie (Logan Lerman) escreve cartas para um amigo inexistente em que relata suas ansiedades e sua depressão e seus desafios para começar uma nova etapa em sua vida: o Ensino Médio.

O filme recebeu uma série de indicações para prêmios e ganhou muitos deles, conforme citados a seguir, dentre outros: Boston Society of Film Critics

(Melhor Ator Coadjuvante - Erza Miller)[56]; Independent Film Awards (Melhor Primeiro Filme - Stephen Chbosky, Lianne Halfon, Russell Smith, e John Malkovich)[57 e 58].

É interessante colocar a crítica dos usuários do sítio AdoroCinema, que atribuíram nota 5 ao filme:

> "As Vantagens de Ser Invisível" é o tipo de filme que não pode deixar de ser visto, [...] Por mais que seja tentador assistir a qualquer outro filme cheio de sangue, morte, sustos e tiros, a suavidade com que o filme foi produzido faz valer a pena cada minuto do que se passou com cada personagem.
> [...] com o desenrolar da história, percebe-se que há um diferencial muito interessante entre As Vantagens de Ser Invisível e outros filmes adolescentes, afinal, a grande maioria trata o público jovem como um assunto meramente banal, no qual não vale se aprofundar porque no fim das contas é tudo a mesma coisa, quando, na verdade, quem produziu o filme esqueceu como é ter 16, 17 anos.
> De forma geral, "As Vantagens de Ser Invisível" é uma obra simples e que possui, mesmo que sutilmente, a marca pessoal de Stephen Chbosky quase como se fosse realmente inspirado em sua adolescência. E, com certeza, é um filme para todas as idades. Para os que ainda estão perdidos e desajustados entre a infância e a peripécia de amadurecer e para os que se esqueceram como é ser adolescente depois que tornou-se pai de um.
> "As Vantagens de ser Invisível" é um filme que consegue expor de forma muito delicada as várias faces da juventude. Tem uma história muito bem escrita, e como o autor é o diretor, acredito que a fidelidade para com o livro, seja um dos fatores que deixam o filme ainda mais bonito. Último ponto e não menos importante que acho legal destacar no filme é a trilha sonora. Sim, é um dos pontos altos do filme, tanto quando os personagens conversam sobre música, como quando as trilhas são inseridas para caracterizar o ambiente. Trilhas que conseguem construir situações, e que dão o tom para cenas memoráveis como a de Sam em pé, passando pelo túnel.
> *(Críticas dos espectadores do filme publicadas no Adorocinema, online).*

3.3 Breve análise das sequências sobre amizade

Por tudo o que trata o filme, e mais ainda, o livro em que foi inspirado, é uma obra necessária a qualquer idade, como dissemos. Recomendamos um aprofundamento na história, porque além da questão da amizade, a riqueza do

---

[56] Disponivel em fttps://deadline.com/2012/12/zero-dark-thirty-best-pic-and-director-for-boston-film-critics-lincoln-best-actor-screenplay-385422/

[57] Disponível em https://www.hollywoodreporter.com/news/general-news/independent-spirit-awards-2013-winners-423644/

[58] Outros sítios informam uma lista mais extensa de premiações, porém não aparecem nos sítios oficiais.

livro é imensa, em citações de músicas, filmes e obras teatrais. Fica essa importante interação entre a literatura e o cinema.

O filme começa com um adolescente solitário, Charlie (Logan Lerman), de 15 anos, que se percebe como esquisito e que já esteve internado, se depreciando por isso. Ele está escrevendo uma carta para um “amigo invisível” que não quer que o conheça pessoalmente (0h02’07’’):

> Caro amigo, sei que você ouve e entende e ainda que pudesse, não dormiu com a garota da festa. Não falei com ninguém da minha família durante as férias mas fiquei pensando em como ia ser cada dia do semestre letivo. Pensei que poderia almoçar com minha irmã, mas ela estava com o namorado dela. Pensei que minha velha amiga Susan quisesse conversar comigo. No ensino fundamental a Susan gostava de conversar comigo, mas agora ela nem me cumprimenta. E tem o Brad, mas ele é veterano, mas eles não andam com os novatos. (CHBOSKY, 2012, online).

Charlie demonstra, logo no início, para seu amigo imaginário, sua insegurança, sua depressão e sua solidão na escola, sua apreensão ao começar o Ensino Médio (0h02’53’’). Ele era um garoto que sofria com alucinações e às vezes precisava ser internado. No livro que deu origem ao filme, ele diz: “Então, esta é a minha vida. E quero que você saiba que sou feliz e triste ao mesmo tempo, e ainda estou tentando entender como posso ser assim” (CHBOSKY, 2012, p.14). Charlie, conforme podemos dizer, utilizando a linguagem do filme, é “desajustado”. No entanto, segundo o trabalho de Fabiana Ribeiro Monteiro, Maria da Penha de Lima Coutinho e Ludgleydson Fernandes de Araújo, "Sintomatologia Depressiva em Adolescentes do Ensino Médio: Um estudo das representações sociais",

> De acordo com o dicionário Aurélio (2004), adolescência é uma palavra que vem do latim, adolescentia, e consiste no período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade e caracteriza-se por uma série de mudanças corporais e psicológicas. É uma fase que vem freqüentemente associada a crises, riscos e problemas, divulgados não só nos meios de comunicação mas também no meio científico (Freitas, 2003). O tumulto, o estresse e os sofrimentos dessa etapa do desenvolvimento humano são necessários para o seu amadurecimento, tanto físico como psicológico.
> [...]
> A adolescência, portanto, consiste em um período psicossociológico que se prolonga por vários anos e que não adota o mesmo padrão em todas as culturas – ele varia de forma sociohistórica. *A cultura permeia o processo de socialização, que já foi definido como “o processo pelo qual um indivíduo aprende e adota idéias, crenças, atitudes, normas e valores de cada sociedade”* (Saito, 2000, p. 217). Em conseqüência das transformações corporais, dos novos estímulos ambientais e também da mudança qualitativa na sua atividade cognitiva, o

> adolescente passa a pensar diferentemente da criança. A resposta do adolescente será mais ou menos adequada dependendo de sua história de vida e do seu grau de adaptação à sociedade em transformação. (MONTEIRO; COUTINHO; ARAUJO, 2007, p. 226).

Charlie e os amigos que faz na escola têm histórias de vida complicadas e sua adaptação na sociedade é mais difícil por causa disso. No entanto, tocamos de novo aqui na questão dos rótulos. Quem tem e quem não tem uma história de vida complicada? Ainda mais na adolescência, quando tantos sentimentos aparecem, e não cada um em sua caixa, mas de forma caótica e potente. As autoras da pesquisa apontam que "isso é perceptível quando se ressalta o crescente aumento na prevalência da depressão – particularmente no mundo ocidental –, o que faz dela, ao lado da AIDS", doenças da moda e muito prevalentes no fim do século XX.

> Expressões como "estar na fossa", de "baixo astral" ou "na maior deprê" já se incorporam à linguagem do dia a dia e são empregadas com inusitada freqüência, particularmente entre adolescentes e adultos jovens". (Silva, 1994, apud MONTEIRO; COUTINHO; ARAUJO, 2007, p. 226).

A AIDS, que será discutida em outro capítulo, caminhou para a erradicação com campanhas, medicações e preservativos, mas, segundo pesquisas, tem diminuído o percentual de queda[59]. Já a depressão, pela variedade com que pode se manifestar, ainda não é bem diagnosticada ou até mesmo percebida pelos familiares e amigos mais próximos e muitas vezes não recebe tratamento assertivo.

"As pessoas não fingem depressão, elas fingem estar bem"[60]. Isso porque, no mundo moderno ocidental, na sociedade líquida, na era dos sorrisos e paisagens das mídias sociais, só importa quem é feliz. Como citamos no capítulo anterior, só vale estar feliz. Quem não é feliz e não demonstra alegria o tempo todo pode ser facilmente descartado, isolado, porque não acrescenta, porque aborrece, porque não é atrativo. É a chamada positividade tóxica, que traz outros efeitos negativos para a saúde, conforme artigo publicado por Lucía

---

[59] Conforme pesquisa disponível em UNAIDS – Relatório global sobra a AIDS, disponível em https://unaids.org.br/2022/08/a-resposta-global-da-aids-esta-ameacada/#:~:text=Todos%20os%20dias%2C%20quatro%20mil,de%20370%20mil%20novas%20infec%C3%A7%C3%B5es., acesso em 06/05/2024.

[60] Frase atribuída ao ator e comediante estadunidense de sucesso Robin Willians (1951-2014), que se suicidou aos 63 anos.

Blasco na BBC News Mundo, “O surpreendente efeito da positividade tóxica na saúde mental”:

> "Qualquer tentativa de escapar do negativo — evitá-lo, sufocá-lo ou silenciá-lo — falha. Evitar o sofrimento é uma forma de sofrimento", escreveu o escritor americano Mark Manson em seu livro A Arte Sutil de Ligar o Foda-se.
> É precisamente nisso que consiste a positividade tóxica ou positivismo extremo: impor a nós mesmos — ou aos outros — uma atitude falsamente positiva, generalizar um estado feliz e otimista seja qual for a situação, silenciar nossas emoções "negativas" ou as dos outros.
> [...]
> "É desonesto em relação a quem somos permitir-nos apenas expressões positivas", diz Baker. "Negar constantemente tudo o que é 'negativo' que sentimos em situações difíceis é exaustivo e não nos permite construir resiliência [a capacidade de nos adaptarmos a situações adversas]."
> Isso nos isola de nós mesmos, de nossas verdadeiras emoções. Nós nos escondemos atrás da positividade para manter outras pessoas longe de uma imagem que nos mostra imperfeitos. (BLASCO, 2020, online).

Há em vigência uma “ditadura da felicidade”, o que, especialmente na adolescência, como afirmado na pesquisa acima, permeia o processo de socialização e das respostas dos indivíduos à vida. A felicidade não depende exclusivamente do indivíduo, mas de suas experiências, de suas interpretações, de sua inserção social, dentre outros fatores. E ele não pode ser ainda mais punido por não ser feliz. Porém é o que acontece. Como dissemos, quem apresenta comportamento triste, melancólico, “desajustado” é descartado, evitado, “invisível”, sujeitado a ser sozinho com a sua tristeza, com o seu desajuste. A amizade, nesses casos, é fundamental, para uma intervenção terapêutica.

> A amizade é um relacionamento percebido como significativo e que envolve aspectos como companheirismo, ajuda (instrumental, emocional e social), confiança, autorrevelação, proximidade relacional, autovalidação, respeito, lealdade e disponibilidade. Do amigo se espera e a ele se oferece perdão, compaixão, paciência, empatia, altruísmo, gratidão e honestidade (SOUZA; HUTZ, 2013, p.430).

Em diversos outros momentos, encontramos conclusões no sentido de que a amizade torna o outro mais feliz.

No entanto, as pessoas que “aparentam” uma felicidade duradoura é que são importantes, procuradas e unidas entre si. Há que se concordar, no entanto, que ninguém é feliz o tempo inteiro. Existem momentos felizes, pessoas mais predispostas a sentimentos mais leves, mas que também têm seus momentos de tristeza, raiva e introspecção.

> Algo durável e prolongado; portanto, deverá ser tomado como contentamento; nunca como felicidade. O propósito da vida dá-se pelo programa do princípio do prazer intermitente. Como bem nos lembra; talvez, o equívoco das pessoas, esteja na compreensão de que a felicidade seja uma condição duradoura. “Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer”. (Freud, 2011, p. 9 apud SOUZA; OLIVEIRA, 2018, p. 14).

Um ponto a ser observado nas amizades é apresentado por Adelson Matias Souza e Cremilda Rodrigues Oliveira:

> Todo ser humano deseja ser feliz. É sua herança genética. Posto que todos os atos humanos têm como fim último à felicidade; à sua maneira, acertando e errando aqui e acolá, tentará encontrar os meios para atingir este propósito em comportamentos louváveis e nobres, como também reprováveis e autodestrutivos. (SOUZA; OLIVEIRA, 2018, p. 8).

Assim, há alguma distorção em quem não deseja a felicidade. Dissertaremos mais sobre esse tema nos capítulos a seguir.

O Sermão da Montanha, conhecido como as Bem-Aventuranças, chamado de centro da pregação de Jesus, explica que a felicidade é merecida por aqueles que passam por momentos de desafios e tristezas. “Felizes os afligidos, porque serão consolados [...] Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque o reino de Deus lhes pertence [...] Ficai contentes e alegres porque vosso prêmio no céu é abundante”. (Bíblia Sagrada, Mateus, 5).

Charlie era infeliz antes de viver experiências com os amigos que encontrou. Charlie era solitário. Como citamos Robin Willians, cabe-nos falar sobre depressão e suicídio. Andrew Solomon, no livro *Um crime da solidão: Reflexões sobre o suicídio*, conclui: “É triste expressarmos nossa dor com palavra se descobrirmos que a dor não é afetada por essa formulação” (SOLOMON, 2018, p. 25). Segundo o autor, o suicídio é resultado de desespero, desamparo, da sensação de ser um fardo para os outros” (SOLOMON, 2018, p. 39). A amizade colabora na diminuição desses sintomas. “Os índices de depressão em adolescentes vêm subindo desde 2011, os estudantes estão contraindo mais dívidas e enfrentando mais incertezas sobre a vida” (SOLOMON, 2018, p.39-40).

SOLOMON complementa: “Isolamento é outro significativo risco de suicídio. Pessoas que acreditam que ninguém sentirá falta delas contam com pouca coisa a servir de barreira entre elas e o ato final” (p. 41). “O que mais me chama atenção é que muitas delas são solitárias”. “Essas pessoas são tão

solitárias que ficam verdadeiramente invisíveis para nós, não interagimos o bastante com elas para perceber sua infelicidade. Muitas descrevem pensamentos suicidas". (p. 41). Ele aconselha:

> Se você está preocupado com uma pessoa querida, deve manifestar sua preocupação. Alguns tem a ideia errônea de que perguntar sobre suicídio vai aumentar o risco, mas na realidade perguntar não só não aumenta o risco de suicídio como pode salvar uma vida". [...] É difícil para pessoas que nunca tiveram tendência suicida, entender como a ideia pode ser sedutora. Embora o ato suicida talvez tenha sido impulsivo, o mais provável é que tanto Kate Spade como Anthony Bourdain tenham lutado com seus demônios durante anos[61]. [...] Vive-se a exaustão pela doença, pelo isolamento, pelo desespero e pela crise existencial. [...] Há uma escassez de empatia, até mesmo de bondade, no debate nacional. (SOLOMON, 18, p. 42-43).

No livro, Charlie conta que seu amigo Michael não foi em um dia na primeira aula passada porque havia se suicidado. "Bom, acho que Michael era um cara legal e não entendi porque ele fez isso. Apesar de me sentir muito triste, o que me aborrece é não entender o que aconteceu" (Chbosky, 2020, p. 15). "O orientador disse que suspeitava que Michael tinha "problemas em casa" e achava que não tinha com quem conversar. Talvez se sentisse sozinho e por isso se matou (Chbosky, 2020, p. 15). O pensamento de Charlie reforça o que dissemos sobre não entender a depressão e seus sintomas, a não ser quando vão se aproximando dos extremos.

A pesquisa de José Mendes Ribeiro e José Rasga Moreira, "Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil", passando pela teoria de Durkheim[62], destacam os pontos sociais e individuais deste problema de saúde:

> O suicídio constitui-se em um dos mais antigos temas relacionados à saúde dos indivíduos e à forma como são afetados pelas sociedades e coletividades nas quais vivem. Em termos históricos, sua relevância no plano social pode ser identificada desde a Grécia antiga. Em tempos modernos, ao menos desde o século XVIII, tem sido tratado como fenômeno social e segundo perspectivas históricas, sociológicas, econômicas e filosóficas.
> Para entender sua radicalidade, seus estudiosos, histórica e esquematicamente, alinharam-se a posições que o consideram desde o ato mais individual do ser humano até os que o compreendem como uma decorrência da pressão social – o que esvazia a individualidade como causa –, passando por aqueles que, de diferentes e pouco articuladas maneiras, pretendem articular em suas explicações as dimensões individuais e sociais.

[61] Kate Sapade foi uma estilista americana e Anthony Bourdain foi um chef e escritor americano. Ambos reconhecidos em suas áreas e ambos suicidaram-se.
[62] Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo, antropólogo, cientista político e filósofo francês. Considerado o "pai da Sociologia".

> No âmbito dos que analisam o suicídio em suas dimensões individuais, destacam-se os que estudam os aspectos clínicos individuais, usualmente analisados de modo agregado por especialidades como a epidemiologia e a saúde pública. Nestes casos, o suicídio é considerado um transtorno da saúde do indivíduo e analisado por profissionais relacionados à saúde mental e pelas diversas escolas de psiquiatria e psicologia. (p.2822).
> Os dados e as análises aqui desenvolvidos são destinadas a produzir insumos para decisões de políticas governamentais para a vulnerabilidade crescente do suicídio entre adolescentes e jovens. Além disso, o debate sociológico sobre as causas sociais no processo de saúde e doença mostra-se substantivo e produz cada vez novos elementos de análise como no caso do desenvolvimento de diversas formas de redes de proteção social. (RIBEIRO; MOREIRA, p. 2830).

Charlie continua a sua carta dizendo que simpatizou com um veterano, três anos mais velho (0h04’47’’), que resolveu imitar um dos professores, uma atitude típica dos adolescentes. Os colegas o chamavam de “Nada” (como se o aluno não tivesse valor, não fosse ninguém). “O nome dele era Patrick (Erza Muller). Me simpatizei com ele. Ele tentava deixar os calouros à vontade. A última aula do dia é inglês avançado. Estou ansioso para estudar com os mais espertos da escola”. (Chobsky, 2020).

Apesar de saber responder as perguntas do professor de inglês, Charlie não levanta a mão, por timidez, no entanto, escreve todas as respostas no caderno (0h05’46’’). Na saída o professor (Paul Rudd) diz a ele que devia participar mais. A sequência demonstra a timidez e baixa autoconfiança de Charlie, que decide contar dia por dia para terminar o Ensino Médio. O professor diz que soube que o ano anterior havia sido difícil para Charlie (0h07’17’’), mas diz que se fizer um amigo no primeiro dia de aula, fica tudo bem.

Charlie sente que o Ensino Médio é pior que o fundamental. Resolveu que não contaria nada para os pais, apenas para a tia Helen (Melanie Linskey), se ela ainda fosse viva (0h08’07’’). Os pais (Dylan McDermott e Kate Walsh) não notam a ansiedade de Charlie com o início das aulas: “Basta sorrir e ser você mesmo. É assim que se faz amigos no mundo real. O primeiro ano é difícil, mas você vai se encontrar.” (0h8’52’’). É o conselho que dão a ele.

O protagonista passa a maior parte do tempo em seu quarto lendo e ouvindo músicas tristes, se medicando com calmantes, talvez pelo medo de encarar a escola e tudo o que ela representa, ou talvez pela morte da tia Helen (Melanie Linskey). Mas esses sintomas não são notados pelos familiares. (0h10’12’’).

Na sequência seguinte, Charlie está na escola assistindo ao jogo de futebol americano sozinho (0h10’59’’) quando vê Patrick e tem coragem de sentar-se perto dele para iniciarem uma conversa. Pouco tempo depois, (0h12’09’’) chega à amiga de Patrick, Sam (Emma Watson), que pergunta quem é Charlie. Ele se apresenta para ela, Charlie Kelmeckis. Patrick diz que vão sair após o jogo, e convida seu novo amigo. Sam pergunta qual a banda favorita de Charlie. Ele responde que é The Smiths. Ela disse que adora, que é a melhor banda para “fossa”. Sua fala retrata o momento em que vive Charlie e que ela também vive ou já viveu. Esse diálogo despretensioso é uma semente para uma amizade que vai crescer. Charlie vai se descrevendo, diz que quer ser escritor (0h’14’10’’), mas não sabe se pode. Sam disse que pode escrever sobre eles. Sam conta que Patrick é seu meio-irmão e que ela sofre de bulimia (0h14’40’’).

Ao falar de bulimia, identificamos mais um problema para a ditadura da felicidade, dos excluídos, da necessidade de ser igual à maioria para poder se encaixar. Charlie, Patrick e Sam, nesse caso, são os iguais (os “problemáticos”) que estavam iniciando uma amizade.

Charlie chega em casa e vê o namorado Craig (Reece Thompson) da sua irmã (Nina Dobrev) agredindo-a (0h15’34’’), contudo, no fim os dois fazem as pazes. Parecem ter medo da solidão, conforme percebe o Charlie. Complementando a fala de Ribeiro e Moreira, acima, pontuamos:

> A modernidade é alienante, e tem sido alienante há muito tempo [...] Isolamento é outro significativo risco de suicídio. Pessoas que acreditam que ninguém sentirá falta delas contam com pouca coisa a servir de barreira entre elas e o ato final. [...] com frequência recebo cartas de pessoas que lutam com essa condição [a depressão], e o que mais me chama atenção é o quanto muitas delas são solitárias. Sei de pessoas que se levantam, tomam o café da manhã, vão para um trabalho onde interagem com uma máquina o dia inteiro, compram comida na volta pra casa, comem na frente da televisão e vão dormir. Essas pessoas são tão solitárias que ficam verdadeiramente invisíveis para nós; não interagimos com elas o bastante para perceber sua infelicidade. Muitas descrevem sentimentos suicidas. (SOLOMON, 2018, p. 31).

O livro de Andrew Solomon, *Um crime da Solidão: Reflexões sobre o Suicídio*, do qual foi retirado o excerto acima afirma que essa alienação que estamos vivendo vem mesmo antes da internet.

A cena faz com que Charlie lembre-se da tia Helen (0h16’12’’). Ele pergunta à sua irmã o que está fazendo da sua vida com esse namoro, que é

prejudicial como os namorados que a tia Helen teve (0h16’41’’). Candace pede apenas que não conte aos pais deles (0h17’00’’).

Em outra cena, no baile dos ex-alunos, estão presentes Charlie, Sam e Patrick (0h17’42’’). Sam e Patrick dão um show de dança, enquanto Charlie observa do canto sozinho, tímido. Passado um tempo, cria coragem para se juntar aos dois (0h19’14’’). Patrick e São vão a outro ambiente com Charlie e Patrick diz que há uma festa de verdade. Apresenta-o às garotas. É oferecido a ele um biscoito com maconha, que ele come sem saber. (0h21’47’’). As drogas são uma realidade já presente na vida dos adolescentes.

> Poucos fenômenos sociais geram mais preocupações entre pais e professores, custos com justiça e saúde, dificuldades familiares e notícias na mídia do que o uso de álcool e outras drogas. Nos últimos anos, tivemos um aumento significativo e notório do consumo de substâncias psicotrópicas em todo o mundo, e principalmente em países em desenvolvimento, fato largamente comprovado por centenas de países, sobre o assunto. No entanto, a resposta a isso varia muito de país para país. As políticas públicas e de prevenção são múltiplas, assim com o nível de debate público. O que está em jogo são as ideias que os profissionais, bem como o público em geral, têm das causas primeiras do uso de drogas e quais as melhores respostas para diminuir o consumo crescente.
> Infelizmente, não existe uma solução simples para um problema complexo. O que leva milhões de pessoas, no mundo todo, a consumir as mais variadas substâncias, a suportar os mais variados tipos de danos e, ainda assim, continuar a utilizá-las? Estamos, de fato, diante de um fenômeno intrincado. É especialmente intrigante o fato que leva os adolescentes, como um grupo de alto potencial de risco, a experimentarem drogas, quando as informações sobre os danos decorrentes disso são tão acessíveis a eles. (PINSKY; BESSA, 2012, p.12-13).

A coletânea organizada por Pinky e Bessa, *Adolescência e Drogas* (2012), da qual parte do prefácio foi reproduzida acima, trata do assunto. Charlie não sabia que os biscoitos eram feitos com drogas e aceita, até começar a falar coisas sem nexo e todos rirem dele. Sam descobre a situação e vai cuidar de Charlie. (0h23’47’’). No livro, Patrick e Sam fumam constantemente.

Charlie conta que nunca teria usado drogas em excesso (0h23’23’’) porque o pai de seu melhor amigo morreu por causa de bebida. “E ele [o amigo] se deu um tiro no ano passado. Podia ao menos ter deixado um bilhete” (0h23’41’’). Chbosky se preocupa em chamar a atenção para o fato de as drogas desestruturarem as famílias e as pessoas.

Charlie entra em um quarto e vê Patrick beijando outro rapaz, Brad (Jonny Simmons), por quem estava torcendo no jogo de futebol (0h24’23’’). Patrick pede

a Charlie que prometa que não vai contar a ninguém sobre o que viu no quarto, até porque a família de Brad não aceitaria. Charlie concorda. (0h25’10’’).

Na cena seguinte, percebemos que Sam está preocupada. Diz a Patrick que o melhor amigo de Charlie se matou e ele não deve ter nenhum amigo (0h25’47’’). Por essa razão o professor havia dito que o ano anterior foi um ano difícil. Patrick propõe um brinde ao Charlie, o novo amigo do grupo. “Você vê coisas e as entende. Você fica na sua”. (0h26’25’’). Charlie entende que é um recado para ficar em silêncio. Além disso, ele fica desconcertado e diz que não pensou que alguém reparasse nele. E Sam diz: “Bem-vindo a turma dos deslocados”.

Quando estão voltando para casa, temos uma das cenas mais importantes do filme. Toca uma música no rádio do carro e Sam se empolga e pede a Patrick que pudessem passar pelo túnel (0h27’32’’). Ela fica em pé na carroceria do carro, sentindo-se como se estivesse voando. Charlie diz “Sinto-me infinito” (0h28’19’’). É bem a sensação da amizade, e contrária à da solidão, descrita por Solomon, acima. A amizade substitui o eu e o outro. “Há, na amizade, um novo horizonte de intersubjetividade que é traduzida por Nietzsche no uso do pronome nós” (Oliveira, 2013, p.104). Como a amizade vem da filosofia, da construção da virtude, trouxemos esse trecho para completar a fala de Charlie, “somos infinitos”:

> Quero falar então da amizade, aquela que nos permite sobreviver e que, ao mesmo tempo, nos coloca na condição de sobreviventes de um tempo. [...] pretendo recuperar o sentido mais profundo da amizade que se encarna em gestos, em atitudes, em palavras [...]. (MENEZES, 2022b, p. 26).

‘ Ao chegar em casa, Charlie está escrevendo uma nova carta e pede desculpas ao seu amigo imaginário por não estar escrevendo com mais constância e tentando não ser fracassado (0h28’41’’). Começa a contar as mudanças em sua vida: diz que está ouvindo as músicas da Sam e pensando no amor. Escreve que Sam diz que o amor é brega e genial, no que concorda plenamente. Também escreve sobre seus progressos na disciplina de Inglês. O sr. Anderson, professor de inglês, é escritor. Conta que ssistiu a uma peça em Nova York que achou fantástica, “O Grande Gatsby”. (0h29’11’’). Diz ainda que gosta da hora do almoço, pois é quando vê Sam e Patrick. Eles ficam trabalhando na revista de Mary Elizabeth (Mae Whitman), sobre música e Rock

Horror Show. A revista chama-se Punk Rock. (0h29’32’’). Charlie observa que Mary Elizabeth é uma pessoa interessante. Ela é budista e punk. “Mas como meu pai, está sempre irritada no fim de um dia duro”, conforme ele já havia percebido (0h29’43’’). Sua melhor amiga, Alice (Erin Wilhelmi), também faz parte da turma dos desjustados. Adora vampiros e quer fazer cinema. Ela também rouba roupa jeans no shopping, apesar de ter condições de pagar por eles. Mas diz não querer julgar ninguém, ainda mais que estavam lá por causa do Patrick. Ele não gosta de ser sério e está sempre fazendo uma piada. As piadas de Patrick são uma forma que ele encontrou para ser aceito e querido no grupo.

Charlie reflete sobre Patrick: “Levei um tempo para entender o que aconteceu. No terceiro ano ele passou a ver o Brad (Jonny Simmons) nos fins de semana em segredo. Acho que era difícil porque o Brad tinha que se embebedar toda vez”. Era um amor não correspondido, porque no dia seguinte, Brad dizia que não se lembrava de nada. Foi assim durante sete meses. (0h30’19’’). Quando tiveram relações sexuais, Brad ficou muito apavorado, apesar de dizer que amava o Patrick, tinha medo de que o seu pai o matasse e queria ir para o inferno (0h30’33’’). Brad, como uma grande parcela da adolescência, tinha um conflito com sua sexualidade, o que acontece com vários adolescentes até o nosso tempo. Charlie perguntou a Patrick se ainda estava triste porque tinham que manter um relacionamento em segredo. Patrick respondeu que não, “porque agora o Brad não precisava embebedar-se”. (0h30’48’’). Charlie percebeu que gostava da Sam de verdade. Sua irmã havia lhe dito que quando a Sam ela caloura os veteranos a embebedavam nas festas. Por isso, concluiu ele, tinha uma fama ruim, mas ele não ligava. E pensa “odiaria que ela me ligasse com base no que eu era” (0h31’08’’). Charlie deixa claro sua baixa autoestima e seu sofrimento em ser solitário. Então resolve gravar uma fita cassete para presentear Sam, e assim, ela saberia o que ele estava sentindo.

É comum, e grave, que adolescentes coloquem outros em situações vexatórias, especialmente nas escolas, e muito mais agora, com as mídias sociais. Charlie se compadeceu e entendeu por que Sam considerava-se “problemática”. Pensou também se não se encaixaria no grupo dos normais, dos “populares”.

Na próxima cena (0h31’31’’), Sam, Patrick e outros amigos estão se apresentando num festival. Charlie e outros colegas assistem da plateia. Num

mundo sem a internet tão difundida e sem as mídias sociais, esses eventos eram mais comuns. Patrick está se apresentando no palco travestido de mulher (0h32’00’’). Pela expressão, é possível ver a alegria de Charlie ao ver o seu amigo arrancando aplausos. Em seguida, vão a uma festa. Sam não está bem. Charlie vai conversar com ela e fica sabendo que é por causa do resultado dos seus testes. Ela está desanimada para entrar na Universidade da Pensilvânia com os resultados que obteve. (0h34’02’’). Charlie se oferece para ajudá-la a estudar nos próximos testes. Ela não está animada, mas aceita e agradece. Charlie entrega a fita cassete a ela (0h34’33’’). Diz que não achou a música daquele dia, no carro, quando passaram pelo túnel, no entanto, ela diz que Charlie tem um ótimo gosto, bem melhor do que o dela naquela idade, e faz referências à outras músicas e a uma festa em que não sonhava não ser julgada. (0h35’25’’).

Em outra sequência, Charlie observa Sam dançando em uma festa com Craig (Reece Thompson). Há alguns comentários sobre o casal e sobre os outros namorados que Sam já teve. Até que alguém diz “Não dá para ajudar todo mundo”. Craig resolve tirar a seleção de músicas de Charlie e colocar outra mais animada. Assim, todos vão aproveitar a festa. (0h36’18’’).

A próxima cena se passa na escola. Charlie se destaca nas atividades propostas pelo professor de inglês fazendo resenhas de livros. E também observa sua irmã com o namorado violento (0h37’01’’). Até que pergunta ao professor:

> “Sr. Anderson (no livro é Bill), porque pessoas legais escolhem pessoas erradas para namorar?” “Estamos falando de alguém especificamente?” “Sim.” “Bom, aceitamos o amor que imaginamos merecer.” “É possível mostrar que merecem mais?” Podemos tentar”. (0h37’45’’).

Charlie e Sam iniciam os estudos. A música e os cenários anunciam que o Natal está chegando, com presentes surpresa de amigo oculto. O professor de Inglês dá a Charlie seu livro preferido na juventude, O Apanhador no Campo de Centeio, de J. D. Salinger. O professor lhe dá o próprio exemplar da obra, como presente de Natal. (0h39’20’’).

Os estudantes recebem notas pelos seus trabalhos. Sam consegue se sair bem nos testes. (0h39’59’’).

O ambiente muda para a festa de revelação de amigo oculto na casa Sam, na comemoração de Natal preparada pelos amigos. Charlie ganha uma roupa para se portar como um escritor (0h43’05’’). Durante a festa, Sam apresenta a Charlie o seu quarto e entrega-lhe um presente. É uma máquina de escrever com um recado: “Escreva sobre nós”. Ele complementa: “Eu vou” (0h44’05’’). Sam diz ser uma pena não estar na cidade no aniversário de Charlie pois tem que visitar seu pai. Mas diz que seu humor está melhorando e seu pai não vai estragá-lo. Sam fala sobre o progresso de Charlie. Era um calouro assustado e agora, de terno, parecia, segundo ela, um “sexy estudante inglês”, e até Mary Elizabeth estava olhando para ele forma diferenciada (0h44’39’’).

Charlie conta que nunca teve namorada, nunca teve uma “paixãozinha”. Nunca beijou uma garota. Sam disse que deu o primeiro beijo com 11 anos em um rapaz chamado Robert, que era chefe do seu pai. Podemos deduzir que Sam passou por diversos abusos ao longo da vida. “Sabe, Charlie, eu costumava dormir com caras que me tratavam muito mal e eu ficava chapada o tempo todo. Mas agora eu sinto que tenho uma chance. Eu posso até entrar numa faculdade”. “É verdade, você pode”. “Você acha mesmo?” “Minha tia sofreu esse mesmo tipo de coisa e deu uma guinada na vida dela. Ela deve ter sido uma pessoa de sorte. Ela era minha pessoa favorita no mundo, até agora”. Charlie dá a entender que sua tia teria tido relacionamentos abusivos e tóxicos, sem reciprocidade, ou por dependência emocional, que não tinha tido uma vida tranquila nesse aspecto. (0h46’09’’). Sam diz: “Charlie, eu sei que você sabe que eu gosto do Craig, mas quero esquecer isso por um instante, tudo bem? Só quero ter certeza que a primeira pessoa que te beijar ama você, tudo bem?”. Charlie e Sam se beijam e dizem um ao outro que se amam. (0h47’10).

A sequência a seguir mostra o jantar de aniversário de Charlie, na véspera de Natal. Seu irmão chegou da cidade onde cursa a faculdade. Pedem que faça um pedido silencioso ao soprar as velas (0h48’37’’). Charlie observa a iluminação, lembra de sua tia Hellen, quando ele ainda era uma criança, e depois vai conversar com o irmão. O irmão diz que “vai levando” na faculdade. O irmão pergunta se Charlie está bem mesmo, se não teve mais alucinações. Charlie diz que não. O irmão pergunta pelos amigos novos. Diz que são muito bons para que Charlie fique bem mais rápido. Charlie diz que sim, especialmente a Sam e disse que irá convidá-la para o ano novo. (0h50’15’’).

Em uma festa, Charlie vê Sam beijando Craig e pede a Mary Elizabeth uma droga. Sam percebe que Charlie não está bem. Charlie pergunta: “Sam, você acha que se as pessoas soubessem o quanto você é louco, elas contariam para você?” “O tempo todo.” Sam coloca em Charlie uns óculos para protegê-lo da neve e o abraça. (0h52’27’’). Charlie tenta participar da festa de ano com os demais, mas começa a ver imagens difusas. Lembra-se que sua tiia Hellen não o deixava falar sobre o que fazia com ele. Charlie deita-se na neve, lembrando-se da sua tia e de como havia morrido. Ele desmaia com a hipotermia. (0h54’59’’).

O filme corta para uma cena ambientada no hospital, quando Charlie acorda e está sendo interrogano por policiais sobre o uso drogas. Ele diz que não. O policial pergunta por que estava desmaiado no chão às seis horas da manhã. Charlie disse que estava cansado e um pouco febril e resolveu sair, mas então começou a ver coisas (as alucinações) e desmaiou. A mãe perguntou se ele voltou a ver coisas, mas ele diz que não. (0h55’16’’).

A turma de amigos está se preparando para uma apresentação. Estão preocupados porque Craig não apareceu. Convencem Charlie a participar do espetáculo. (0h56’25’’). Charlie aceita, até mesmo vestido de mulher, demostrando como é despido de preconceitos, como se tratam os amigos entre si. Mary Elizabeth diz que o elenco está completo, Charlie pode fazer parte do elenco fixo, quando alguns forem para a faculdade (0h57’21’’). Mary Elizabeth convida Charlie para um baile. No dia correto, ela chega à casa de Charlie e é recebida pelos pais. (0h58’27’’). Já no baile, Charlie percebe que Sam parece não estar muito bem e vai conversar com ela. “Que pena que o Craig não veio”. Charlie observa. “Eu não o culpo. [...] Obrigada, Charlie. Tenha um ótimo primeiro namoro (com a Mary Elizabeth), você merece, você merece”, diz Sam. “Vou tentar não te deixar com ciúme”, ele responde. (1h00’07’’)

Em seguida, Mary Elizabeth leva-o para a casa dela e diz que estão sozinhos lá. Ela o apresenta uma seleção que fez em uma fita cassete. Pega uma garrafa de vinho. Eles se beijam, mas Charlie se lembra de Sam. Os pais de Mary Elizabeth chegam e ele precisa ir embora. (1h02’54’’).

Em seguida, Charlie continua escrevendo para o amigo imaginário, sobre os motivos para terminar com Mary Elizabeth (1h05’17’’):

> Caro amigo, desculpa ficar um tempo sem escrever, mas minha vida está um completo desastre. Eu deveria ter sido sincero com a Mary Elizabeth e ter dito que não queria nada, mas por trás daquele jeito detestável ela é uma pessoa legal. E como eu ouvi dizer que namorar faz a gente feliz, eu tentei muito amá-la como amo a Sam. Mas eu já tava cansado de ela me forçar pegar nos seios dela, de ela escolher as músicas e falar mal dos livros que o sr. Anderson me dá. Ou se parasse de ligar assim que chegasse da escola e não ter nada pra conversar. Eu precisava de uma forma de terminar com ela. CHBOSKY, 2000, p. 189).

Em outro momento, Charlie e os amigos estão brincando de “verdade ou desafio”. No jogo Charlie escolhe a “verdade” e diz que o namoro está tão ruim que vive fantasiando que está morrendo de câncer, assim não precisa terminar. Charlie é desafiado a beijar a menina mais bonita e beija Sam. Mary Elizabeth sai da sala. (1h06’57’’). Patrick aconselha Charlie a sair e ficar longe por causa do episódio, por um bom tempo. Charlie se isola por duas semanas e começa a ficar mal novamente. (1h08’00). Charlie tenta falar com Mary Elizabeth, sem sucesso. A ex-namorada não cede.

Na sequência, Craig conta para Charlie que o pai de Brad o flagrou junto com Patrick (1h09’54’’). Charlie tenta conversar com Patrick, mas não consegue. O apelido de “nada” é reforçado quando as pessoas ficam sabendo que ele é homossexual. Os veteranos fazem piadas e pequenas maldades com Patrick, depois da descoberta. Inclusive Brad, que o chama de “bichona”, e os dois entram em luta corporal. O próprio namorado estava sendo homofóbico com ele, com medo de perder o respeito dos demais. Charlie é quem defende Patrick. Todos parecem surpresos com a atitude e a força de Charlie (1h12’54’’).

> Existem duas experiências que a maioria dos homossexuais compartilha. Uma é a de “assumir-se”, processo de interrogação pessoal em oposição à expectativa social, que não tem quaisquer paralelos na vida heterossexual. A segunda experiência comum é que fomos, cada um de nós, em algum momento de nossas vidas, inferiorizados por nossas famílias simplesmente, mas especificamente, por causa de nossa homossexualidade. [....] Reforçadas, portanto, por um jogo de espelhos.
> Imagine se uma família respondesse ao processo de assumir-se de uma de suas integrantes desta forma: “Eles discutem como família sua responsabilidade especial em proteger sua filha/irmã/mãe/sobrinha/tia/prima das pressões e crueldades que eles mesmos nunca enfrentarão. Eles prometem não explorar ou gozar de privilégios que a ela são negados, e comprometem os recursos da família em garantirem a ela e a outras pessoas gays acesso a esses privilégios. Eles ampliam esse compromisso a outros em sua comunidade que não tenham famílias conscientes e morais. Eles tratam as pessoas gays da comunidade como seres humanos completos e apoiam sua familiar gay para que ela também se sinta como tal. Na família como um todo, nas amizades, nos locais de

> trabalho, no consumo ou produção de bens culturais, em como eles votam, e quais leis apoiam e aderem. Eles intervêm quando as pessoas gays estão sendo transformadas em bode expiatório através da ação direta contra o comportamento do perpetrador".
> Esse não é um cenário impossível. Entretanto, ainda hoje, as famílias estão mais propensas a "tolerar" os homossexuais, isto é, a mantê-los em uma posição de menor valor do que aprender com eles e se inspirar em seu conhecimento. É mais provável ver um político que tenha um filho abertamente gay se opondo ativamente aos direitos gays do que vê-lo publicamente exaltando aquele filho por ter tido a sensibilidade pessoal e integridade de se assumir.
> Devido à natureza invertida do comportamento dominante, as pessoas gays estão sendo punidas no interior da estrutura familiar, mesmo que nunca tenhamos feito nada de errado. Essa punição tem consequências dramáticas tanto nas nossas experiências sociais quanto em nossas relações de maior confiança, as relações afetivo-sexuais. (SCHULMAN, 2012, p. 69-70).

Apesar do texto acima, "Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento", publicado em 2012, ou seja, há alguns anos, por Sarah Schulman, o tema permanece atual e não apenas no ambiente familiar, mas, como foi dito no recorte, na inserção na sociedade. Ainda é um tabu. Ainda é motivo de exclusão, de não-pertencimento.

Na próxima cena, Sam e Charlie se reaproximam, ela conta que Charlie salvou o Patrick (1h14''00). Mary Elizabeth aparece com um novo namorado. Charlie e Patrick conversam em um lugar separado. Charlie nota o comportamento depressivo de Patrick. Patrick conta como foi a cena com o pai de Brad, o quanto foi violenta. E pergunta: "Por que é tão difícil salvar alguém?", porque ele sabia que Brad era homossexual e que nunca poderia dizer isso à sua família. (1h17'49'').

Passado um tempo, Charlie percebe que Patrick continua a sofrer. Sam consegue ser aprovada na Universidade da Pensilvânia. Alice é aprovada em um curso de Cinema em Nova York. Patrick vai para Washington porque quer ficar perto da música em Seattle. Sam vai embora depois da formatura. "Sempre que eu ficava na cafeteria eu ficava meio triste, mas não havia o que fazer". O sr. Anderson agradece a todos e diz que foi um ótimo ano (1h20'25'').

Charlie pergunta ao professor se ele vai se mudar para Nova York e o professor responde que, junto com a esposa, resolveram ficar. E dá outros livros a Charlie. "Quem sabe possa escrever um algum dia?". Charlie diz que é o melhor professor que já teve. (1h21'28'').

Em outra cena, os formandos aparecem felizes. Para Charlie ainda faltavam dois anos. Sua irmã resolveu terminar o namoro e sair com as amigas.

Charlie descobriu que Craig traia a Sam o tempo todo. Mas ela estava feliz pela formatura. Era a véspera da partida de Sam. Charlie suspeitava que ela não se lembraria dos antigos amigos. Ele resolveu dar a ela todos os seus livros. Sam pergunta a Charlie: “Porque eu e todos que amamos escolhemos pessoas que nos tratam tão mal?” “Aceitamos o amor que achamos merecer”, ele responde. “E por que nunca me pediu em namoro?”, Sam questiona. “Eu só queria ver você feliz”, Ele responde. “Sabe, Charlie, é muito meigo, mas você não pode priorizar a vida dos outros e achar que é amor. Eu não quero ser a paixão de ninguém. Eu queria que as pessoas me amem pelo jeito que eu sou”. Insiste Sam. “Eu sei quem você é. Você é maravilhosa”. Charlie e Sam se beijam. (1h27’07’).

As lembranças da tia de Charlie voltam com frequência, ele lembra do que parece ser um abuso sexual infantil, mas ao mesmo tempo sente-se culpado pelos abusos e pela morte da tia e ainda por tudo de ruim que acontece com as pessoas. Ele começa a se desesperar sozinho em casa, pensando em suicídio. E, com os amigos em outras cidades, ele resolve telefonar para sua irmã e relatar a situação. (1h30’38’’).

Candace, a irmã, manda a polícia para sua casa. A polícia chega antes que Charlie pudesse se matar. Ele lembra que sua tia Hellen era a única pessoa que o abraçava e que lhe dava presentes no Natal e no aniversário. O filme adianta para um momento em que Charlie já está em uma internação. Ele vê a Dra. Burton e pergunta onde está. Está no Hospital Menphil. Charlie quer sair porque seu pai não tem dinheiro para pagar o hospital. Ele diz que só deseja parar com as alucinações. Charlie diz que vê muito sofrimento e não sabe como ignorar isso. Ele diz que não se refere só a ele, mas a todos. (1h32’05’’). A médica pergunta pela tia Hellen, e conta que ele falou sobre ela enquanto estava dormindo. Charlie diz que ela era doente, insana. Foi necessário que Charlie ficasse internado por mais um tempo no hospital, aos cuidados da médica. (1h33’17’’). “O pior dia foi quando a médica contou aos meus pais o que a tia Helen fez comigo”. Com o jogo de cenas, fica claro que ele era abusado desde uma tenra idade. Os pais pedem desculpas por não perceberem. Nos dias de visitas, os irmãos apareciam para visitá-lo. “Minha médica disse que não escolhemos o passado, mas que podemos escolher o futuro” (1h35’08’’).

Chega o momento em que Sam e Patrick vão visitar Charlie. Sam prepara uma fita cassete para Charlie no momento de alta do hospital. “Achei a música

do túnel. Vamos dirigir?" Ela propõe. E saem novamente os três. Charlie agradece o amigo imaginário por ajudá-lo a atravessar o Ensino Médio. Charlie diz que sabe que tudo será história um dia. Será passado. Mas naquele momento não. (1h37'14'').

É possível dizer que Charlie vivia em estado de transtorno de stress pós-traumático (TEPT), principalmente a partir do livro. Os seus amigos colaboram para sua adaptação e convívio com o transtorno, ainda que pouco a pouco.

> Os sintomas [do TEPT] são entendidos não só num contexto de ansiedade ou medo, mas também de forma bastante variável, com anedonia[63], disforia[64], sintomas dissociativos[65], externalizações de raiva e agressividade. Há destaque para alterações negativas nas cognições e humor associados, incluindo crenças negativas sobre si mesmo, os outros e o mundo, cognições distorcidas a respeito da causou das consequências do evento traumático, levando o indivíduo a culpar a si mesmo e/ou outros e apresentar um estado emocional negativo persistente (medo, pavor, raiva, culpa ou vergonha), sentimentos de distanciamento em relação aos outros e incapacidade constante em sentir emoções positivas, vivenciar sentimentos de felicidade, satisfação ou amor. (VIDEIRA, 2018, p.1).

No Brasil, convivemos com homicídios, violência conjugal, abuso na infância e na adolescência, gestação indesejada, prostituição forçada, uso precoce de álcool e drogas, sequestros e outras formas de violência.

> Sobreviver numa sociedade inundada pela violência traz um estado permanente de medo e desamparo, um fator de risco potente para o desenvolvimento de transtornos mentais, tanto como gatilho ou como fator para o desenvolvimento do TEPT. (Pupo et al, 2011, apud VIDEIRA, 2018, p. 2).

Apesar da necessidade de um profissional da área que faça a mediação das interações, é possível associar fatos em que Charlie e seus amigos tenham se curado pela Terapia Focada Na Compaixão – TFC (CFT na sigla em inglês), desenvolvida principalmente pelo psicólogo Paul Gilbert, a partir dos anos 2000, conforme explicada abaixo:

> A palavra compaixão tem origem na palavra latina compati que significa *"sofrer com". Sua Santidade Dalai Lama a define como "uma sensibilidade como o sofrimento de si e dos outros como um sofrimento*

[63] Anedonia é a perda da capacidade de sentir prazer nas atividades cotidianas que anteriormente eram agradáveis. A anedonia pode preceder a depressão.
[64] Disforia é uma mudança repentina e transitória do estado de ânimo, tais como tristeza, pesar e angústia. É um mal estar psíquico acompanhado por sentimentos depressivos, tristeza, melancolia e pessimismo.
[65] Alterações na consciência, na memória, na identidade, na identidade, na percepção do ambiente, no controle dos movimentos e comportamentos.

> *profundo para tentar aliviá-lo".* Compaixão é também uma habilidade que pode ser aprendida e treinada. O foco clínico na TFC é baseado em algumas observações a) pessoas com níveis elevados de vergonha e autocrítica podem ter muita dificuldade em serem delicadas consigo mesmos, sentirem alívio ou autocompaixão; b) pessoas que geralmente viveram histórias de abuso negligência e/ou ausência de afeto na infância tornando-se vulneráveis às ameaças de rejeição; c) trabalhar com vergonha e autocrítica requer um foco terapêutico nas memórias mais remotas; d) pessoas com tendência a altos níveis de vergonha e autocrítica podem sentir dificuldade em gerar sentimentos de contentamento, segurança e carinho (Gilbert, 2010, apud VIDEIRA, 2018, p. 5-6).

Na Bíblia, encontramos a narração do fato em que Jesus passava pela estrada e às margens estava o cego e mendigo Bartimeu. O cego pôs-se a gritar o nome de Jesus, apesar das tentativas de silenciá-lo das pessoas que acompanhavam Jesus. Mas Jesus teve compaixão daquele homem. E chamou-o e perguntou o que queria, porque a compaixão pressupõe a liberdade. Então o homem disse: “que eu veja”, e ali aconteceu o milagre (Bíblia Sagrada, Mateus, 20). Essa narrativa enquadra-se nos critérios de Gilbert, 2010, acima.

Charlie se levanta na carroceria do carro e, ao ver as luzes da cidade, sente-se vivo. Sente que não precisa ter uma história triste. Ele sabe que passará. Mas naquele momento “nós somos infinitos” (1h38’31’’).

3.4 A questão das identidades

O filme é rico se pensarmos em como as identidades dos personagens são construídas. Já no final, Charlie disse querer poder acabar com o sofrimento que via nas pessoas, não só nele.

Charlie era solitário e tímido, sofria com o transtorno de stress pós-traumático, pelo abuso pelo qual passou na infância e se culpava pela morte da tia. Charlie tinha medo de como seriam travadas as relações na escola no Ensino Médio. Por essa razão, ele considerava ser uma vantagem se passar por invisível, não sofrer e não ver o sofrimento dos demais.

A irmã e sua amiga Sam sofriam em relacionamentos abusivos também. Sam também foi abusada no início de sua adolescência. Patrick era homossexual, sofria discriminação, sofria com bullying. Craig era um namorado infiel. A tia Hellen era desajustada, apanhava dos namorados e abusava de Charlie. Brad era um homossexual que não podia ser ele mesmo em sua família. Os pais de Charlie foram negligentes com ele.

É interessante perceber as camadas de personalidade que os personagens apresentam e mobilizam ao longo da história. Daqueles que queriam ser iguais e dos que eram diferentes por natureza, ou pelas histórias de vida. “O [santo] Carlo Acutis dizia: Deus nos faz todos como obra prima e se a gente não leva pra frente esta obra prima, que é uma obra de arte, acaba morrendo como fotocópia” (SILVA, 2024, p. 56).

E há a questão dos grupos. Os desajustados se unem e os demais também se unem, em grupos diferentes.

Chbosky não foi longe ao buscar esses tipos. Adolescentes, crianças e adultos, todos somos feitos de momentos felizes e tristes. Todos vivemos coisas que não gostaríamos de ter vivido e todos carregamos bagagens que pesam nas nossas costas.

> Quando tratados individualmente, nota-se que cada personagem tem uma peculiaridade na qual vale a pena - e muito! - observar. E, aos poucos, sem perceber, quem assiste, se familiariza com o ambiente, com as situações, com os sentimentos, enfim, com o enredo por completo e quase chega a fazer parte da história. (AdoroCinema, online).

Assistir a esse filme, ler esse livro e escrever este capítulo fizeram realmente a diferença em minha vida e na construção desta tese, uma vez que, por diversas vezes, me vi na cena, na pele de algum personagem, graças à profundidade da história e riqueza da direção. E o próprio Charlie tira suas conclusões:

> E todos pudemos nos sentar e imaginar e se sentir mal em relação aos outros, e culpar um monte de gente pelo que fizeram ou não fizeram, ou pelo que não sabem. Acho que sempre haverá alguém para culpar.
> [...]
> Então, acho que somos quem somos por várias razões. E talvez nunca conheçamos a maior parte delas. Mas mesmo que não tenhamos o poder de escolher quem vamos ser, ainda podemos escolher que vamos ser, ainda podemos escolher a partir daqui. Ainda podemos fazer coisas. E podemos ficar bem com elas.
> [...]
> Patrick ligou o rádio bem alto para que eu pudesse ouvir dali, e quando nos aproximamos do túnel, ouvi a música e pensei em todas as coisas que as pessoas disseram a mim no ano passado. Pensei em Bill dizendo que eu era especial. E minha irmã dizendo que me amava. E até meu pai e meu irmão quando eu estava no hospital. Pensei em Patrick me chamando de amigo. E pensei em Sam me dizendo para fazer coisas. Para estar presente. E pensei como era ótimo ter amigos e uma família. (Carta de Charlie escrita no livro, Chbosky, 2020, p.276-279);

É importante mostrar mais uma vez como a amizade foi redentora, mas creio que foram importantes todos os pontos sensíveis que o autor trouxe para

a sua obra e para a vida de quem pôde contemplá-la. Há cenas e falas que me emocionaram (e a muitos outros) profundamente por diversas vezes. Há situações que aconteceram comigo, com pessoas que conheci, desde a infância, até a adolescência e na fase adulta.

Colocamos no Apêndice II a última carta que Charlie escreveu para seu amigo imaginário e que está imbuída de toda essa emoção, 20 anos depois dos acontecimentos da história, e que Chbosky acrescentou ao livro.

Acreditamos que a obra foi uma boa escolha para leitores e cinéfilos, que fugiu de clichês e trouxe reflexões. A música que marca no filme, e que os amigos ouvem dirigindo no túnel e no final do filme é Heroes (1977) de David Bowie e Brian Eno:

Heroes

I
I wish you could swim
Like the dolphins
Like dolphins can swim

Though nothing
Nothing will keep us together
We can beat them
Forever and ever

Oh, we can be heroes
Just for one day

I
I will be king
And you
You will be queen

Though nothing
Will drive them away
We can be heroes
Just for one day

We can be us
Just for one day

I
I can remember (I remember)
Standing
By the wall (by the wall)

And the guns
Shot above our heads (over our heads)
And we kissed
As though nothing could fall (nothing could fall)

And the shame

Was on the other side
Oh, we can beat them
Forever and ever

Then we could be heroes
Just for one day

We can be heroes
We can be heroes
We can be heroes
Just for one day

Tradução (Heróis)

Eu
Eu gostaria que você pudesse nadar
Como os golfinhos
Como golfinhos podem nadar

Embora nada
Nada nos manterá juntos
Nós podemos derrotá-los
Para sempre e sempre

Oh, nós podemos ser heróis
Apenas por um dia

Eu
Eu serei rei
E você
Você será rainha

Embora nada
Irá afastá-los
Nós podemos ser heróis
Apenas por um dia

Nós podemos ser nós mesmos
Apenas por um dia

Eu
Eu posso lembrar (eu me lembro)
De ficar em pé
Próximo ao muro (próximo ao muro)

E as armas
Disparadas sobre nossas cabeças (acima das nossas cabeças)
E nos beijamos
Como se nada pudesse desmoronar (nada pudesse desmoronar)

E a vergonha
Estava do outro lado
Oh, nós podemos derrotá-los
Para sempre e sempre

Então poderíamos ser heróis
Apenas por um dia

Nós podemos ser heróis
Nós podemos ser heróis

> Nós podemos ser heróis
> Apenas por um dia

No próximo capítulo, “Histórias Cruzadas”, falaremos da amizade entre adultos, diferentes entre si, semelhantes também e da importância da união para conquistar vitórias.

No apêndice II, transcrevemos a última carta escrita pelo Charlie para o seu amigo imaginário, passados alguns anos dos acontecimentos retratados no filme. É uma carta de esperança.

CAPÍTULO IV - HISTÓRIAS CRUZADAS (2011)

> [Aprendi] a olhar o cinema de uma certa maneira e a construir com os filmes relações que eu não sabia possíveis. Aprendi a aprender com os filmes, a usufruir mais intensamente da emoção que provocam, a interpretar imagens, a refletir a partir delas, a reconhecer valores diferentes e a questionar os meus próprios. E o fato de essa experiência ter sido tão fundamental na minha formação (muito do que conheço do mundo, das culturas e das artes aprendi vendo filmes) é uma das razões pelas quais decidi estudar, academicamente, as relações das pessoas com o cinema. (Duarte, 2002)

O filme que integra este capítulo, seguindo a proposição, é baseado na obra literária “The Help”, da autora Kathryn Stockett, adaptado por Tate Taylor, tendo recebido o mesmo título. No Brasil, seria a “A ajuda”, mas os produtores optaram pelo nome “Histórias Cruzadas”. A história se passa próximo dos anos 1960, quando estavam sendo gestados os direitos civis norteamericanos, num ambiente de racismo que havia nascido há tempos e tudo que com ele vem: desigualdade social, humilhação, invisibilização do outro e dos seus sentimentos.

A história se passa em Jackson, Mississipi, uma vez que os estados do sul dos Estados Unidos foram os últimos a reconhecerem os direitos iguais entre brancos e negros e lutaram para manter a escravidão. Nessa adaptação, que conta com Chris Columbus – produtor de três filmes da série “Harry Potter” e, ainda, “Esqueceram de Mim” e “Percy Jackson” – em conjunto com Michael Barnathan e Michael Radcliffe, a fantasia não é tão presente. Ao contrário, convivemos com uma realidade dura e bestial do ser humano. Ainda assim, a amizade aparece algumas vezes como redentora das histórias individuais e coletivas. Parte da crítica apontou que a autora (do livro que deu origem ao filme) focou nas relações que eram estabelecidas e não discutiu a contento o preconceito racial.

Aqui, diferente dos capítulos anteriores, as amizades são travadas entre adultos e é demonstrada a importância dos coletivos para a mudança social. Percebemos como os diferentes podem se unir e ganhar força.

Figura 4 – Cartaz do filme Histórias Cruzadas



Fonte: Filmow (2024).[66]

IV.I Observações Iniciais

O filme é baseado em um livro que tem como pano de fundo a democratização dos direitos dos negros nos Estados Unidos, na década de 1960. Com o renomado diretor Chris Columbus, levou o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante (Octavia Spencer), além de outras três indicações, e muitos outros prêmios e indicações. No BET Awards (Black Entertainment Television), ganhou como melhor filme e melhor atriz (Viola Davis); no Bafta Awards e no Globo de Ouro, ganhou o prêmio de melhor atriz coadjuvante (Octavia Spencer), além de diversas outras indicações e premiações.

[66] Disponível em: https://filmow.com/historias-cruzadas-t29704/. Acesso em: 9 jul. 2024.

Interessante notar que o diretor Tate Taylor e a autora Kathryn Stockett são amigos de infância, tendo crescido na cidade de Jackson, no Mississipi, mesmo local onde a história do filme se passa (AdoroCinema, online). Taylor e Stockett vivenciaram os acontecimentos do Mississippi – e a mãe de Stockett inspirou uma das matriarcas do estado no romance (Variety, online), e posteriormente, no filme.

Outra curiosidade é que o filme é feito em consórcio com outras produtoras de mídia orientais, e não é puramente estadunidense, diferentemente dos abordados nos capítulos II e IV. A película contou também com a coprodução dos estúdios e montagens de outros países, sendo considerado um filme indo-emirático-estadunidense, o que nos dá a possibilidade de sair de uma interpretação hegemônica das produtoras dos Estados Unidos.

O livro de Kathryn Stockett também dividiu opiniões. “Depois de iniciar o manuscrito há cerca de uma década, vê-lo rejeitado mais de 50 vezes, vender mais de um milhão de cópias no primeiro ano [...] a contagem agora ultrapassa os cinco milhões de cópias vendidas”. (Willians, 2011, online, tradução nossa). “O romance ficou na lista dos mais vendidos do New York Times por 35 semanas, desde sua publicação em fevereiro pela editora Amy Einhorn Books de Putnam, de 2009”. (Variety, online, tradução nossa). “O livro que deu origem ao filme Histórias Cruzadas permaneceu na lista de best sellers do jornal New York Times por 103 semanas, seis delas ocupando o primeiro lugar”. (AdoroCinema, online).

Além do sucesso do livro, o filme mexeu com a população e com a crítica pelas questões delicadas que trata.

Questões como o racismo estão sempre presentes na sociedade. É notório que nos Estados Unidos aconteceu de uma forma muito clara, especialmente na época narrada no filme, e ainda acontece, mas no Brasil, ele nunca acontece sem máscaras, apesar de sermos um país de maioria negra. Nos Estados Unidos, o racismo era (e talvez continue sendo) uma regra, era aberto e sem questionamentos, já no Brasil foi diferente. Aqui há uma necessidade de disfarçar o preconceito, com termos como mulato, moreno, mestiço e outros.

> O nosso preconceito [o brasileiro] seria muito mais contextualizado e formal. A consequência disso, sabemos bem, é a dificuldade de combater o nosso preconceito, que em certo sentido tem, pelo fato de ser variável, enorme e vantajosa invisibilidade. Na realidade,

> acabamos por ter preconceito de ter preconceito, conforme disse Florestan Fernandes[67] numa frase lapidar. (Damatta, 1989, p. 43).

Aquilo que era velado foi, por alguns, especialmente da extrema direita brasileira, abertamente assumido. Mas, como em sua maioria, ainda é velado é muito difícil eliminá-lo no Brasil, porque ele não toma forma, como foi nos Estados Unidos.

> É interessante ver um filme como “The Help” ser indicado a vários prêmios sem que os temas de racismo e igualdade étnica estivessem na boca do povo como atualmente. De suas quatro indicações [ao Oscar], pelo menos três delas eram merecidas, incluindo Melhor Filme. Esta é uma história que coloca peso em seus temas socialmente tocantes sem apelar para artifícios melodramáticos. E esse mérito é, principalmente, da história, de seus personagens e das pessoas que os interpretam. (Bogoni, 2018, online).

Por essa razão, mesmo que o pano de fundo tenha muito a dizer, e diz, focaremos as relações interpessoais que chamam a atenção ao desenrolar do filme.

IV.II Considerações da crítica especializada

O filme teve uma excelente recepção do público, sendo que no sítio brasileiro AdoroCinema recebeu a nota 4,6 em 5, e no sítio americano RottenTomatoes, 89% da nota do público em geral. O filme também foi muito bem nas bilheterias, e com um orçamento de 25 milhões de dólares, arrecadou mais de 220 milhões de dólares mundialmente. Como dissemos, foi bem recebido pelos sindicatos de críticos e ganhou muito destaque na temporada americana e mundial de premiações.

No sítio AdoroCinema, a crítica especializada feita por Lucas Salgado atribuiu ao filme uma nota 3, no entanto, os espectadores concederam nota 4,6 em 5. Vejamos os principais pontos elencados pelo crítico em questão.

> Histórias Cruzadas foi uma das maiores surpresas das bilheterias em 2011. Orçado em US$ 25 milhões, o longa estreou na segunda colocação no top 10 norte-americano perdendo por muito pouco para Planeta dos Macacos - A Origem, mas logo assumiu o topo da lista e permaneceu lá por quatro semanas. Tais resultados despertaram o

[67] Florestan Fernandes (1920-1995) foi um sociólogo brasileiro e um dos intelectuais mais influentes do século XX. Foi declarado Patrono da Sociologia Brasileira por meio da lei 11.325/2006. Foi deputado pelo PT de São Paulo e participou da Assembleia Nacional Constituinte. Acreditamos que Florestan Fernandes reescreveria sua frase com a observação de tudo o que foi visto e falado no Brasil nas eleições presidenciais de 2018 e 2022.

> interesse do público e da crítica com relação ao filme, afinal não possui nenhum grande nome no elenco capaz de carregar uma massa de pessoas para as salas de cinema. Emma Stone está em um momento espetacular de sua carreira, mas ainda não é capaz de, apenas com seu nome, garantir um sucesso com este - algo que pode mudar após O Espetacular Homem-Aranha. (Salgado, online).

O crítico acredita que há problemas no filme, especialmente nos personagens, que são unidimensionais. Nas palavras dele, “ou o sujeito é bom e defende os fracos e oprimidos ou é mais um narcisista que não presta. Não há meio termo, como pode ser visto inclusive no depoimento das mulheres”. Há uma estereotipagem no filme, mas há personagens com profundidade também. Acreditamos que os tipos estereotípicos servem para dar força ao plano de fundo e a história que se deseja contar. Mas encontramos mulheres subjugadas pelo racismo e que também se rebelaram contra suas patroas. O próprio fato de explicitar os depoimentos que serviram para compor o livro era uma forma de rebelião, uma mudança de identidade. E Skeeter, como branca e da sociedade, era anti-racista, fugindo do estereótipo. A personagem Célia fez amizade com a empregada. Há diversos exemplos em que a divisão não é tão unidimensional. Ele prossegue:

> Stone se sai muito bem naquilo que se espera dela, mas não dá para negar que o destaque no filme é outro. Viola Davis arrasa no papel de Aibileen Clark, a primeira pessoa a aceitar ser entrevistada. Ela se entrega de corpo e alma à personagem e é fácil imaginar que disputará alguns prêmios pela atuação. (Viola Davis concorreu ao Oscar de Melhor Atriz em 2012, observação nossa).
> [...]
> O nome do longa é Vidas (SIC) Cruzadas, mas bem que poderia ser Como ganhar um Oscar. Tema relacionado a direitos civis, ambientação de época, ótimas atuações, direção de arte e trilha sonora competentíssimas. Tudo na produção remete ao prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. (O filme foi indicado ao Oscar de Melhor Filme, observação nossa). (Salgado, online).

Para o crítico, é um bom filme, “mas que deixa a impressão de que poderia ser bem melhor se tivesse se preocupado mais no desenvolvimento dos personagens do que em ficar com "cara de Oscar"”. Ele também acredita que Tate Taylor ainda é inexperiente na direção (Salgado, online). No entanto, entendemos que a mensagem que o filme pretendia passar chegou sem curvas aos seus espectadores, com os personagens apresentados na medida certa: a determinada Skeeter, a futilidade, a superficialidade e até a maldade das

senhoras da sociedade e o sofrimento de Aibelleen e das demais empregadas negras.

No sítio Omelete, o sítio recebeu 4 estrelas e a crítica foi feita por Carina Toledo, conforme abaixo:

> Histórias Cruzadas (The Help) mostra o drama das empregadas negras nos Estados Unidos durante a conturbada luta pelos direitos civis em meados do século passado. No entanto, o faz trilhando um caminho dos mais intimistas, priorizando as questões pessoais das personagens em detrimento de eventos históricos e políticos que poderiam tornar mais épico - e menos próximo - o tom do filme (ou talvez essas duas abordagens sejam, essencialmente, a mesma coisa, como defenderam as feministas à época, com seu lema "Le personnel est politique").
> Assim, é de forma extremamente íntima - como na necessidade de um banheiro separado para as empregadas ou no carinho que essas ajudantes sentiam pelas crianças brancas que criavam -, que somos apresentados ao atrasado estado do Mississipi em 1962. Skeeter, personagem vivida por Emma Stone, é a única de suas amigas de colégio disposta a ver aquelas mulheres negras de forma igualitária. Seu sonho é ser escritora e ela encontra seu primeiro emprego na coluna de conselhos domésticos do jornal local, assunto sobre o qual nada sabe, aproximando-se assim de Aibeleen (Viola Davis).
> Não demora para que ela tenha a ideia de revelar ao mundo como aquelas mulheres se sentem. Mas o único obstáculo para tanto são as próprias empregadas e seu medo de punição caso alguém descubra. Afinal, é na base da ameaça que os segredos das chefes brancas são mantidos. E quão detestáveis são as chefes! Bryce Dallas Howard consegue transmitir tanta maldade (inicialmente velada) com sua Hilly Holbrook que é inevitável se pegar na plateia torcendo contra ela. (Toledo, 2012, online).

Segundo a crítica, “os momentos mais sofridos do filme são de Viola Davis”, a qual recebeu indicação para diversos prêmios como melhor atriz. A Aibileen composta por ela, apresenta, desde as primeiras cenas do filme sua tristeza e sua resiliência, e ainda, sua descrença numa sociedade igualitária, uma vez que os mesmos fatos que conta repetiram-se nas gerações anteriores. Fazendo um contraponto, “Minny (Octavia Spencer) dá os toques cômicos” em alguns momentos. Assim o filme conta uma história de mulheres, brancas, negras, ricas, pobres, fúteis, preconceituosas e tristes: “na parede de Aibeleen: só Jesus Cristo e John F. Kennedy (que faz jus a um realce na história pela luta contra a segregação racial) merecem destaque ao lado da foto do filho”. Assim, segundo a autora, o filme é entregue com um ótimo equilíbrio, que, sem deprimir, traz amostras de um passado não tão distante que conduzem à reflexão das relações atuais e das futuras. Discordamos da opinião de que é apenas um filme “feito para ganhar o Oscar”, uma vez que o livro em que é baseado foi recusado várias

vezes pelas editoras até ficar diversas semanas na lista dos mais vendidos dos Estados Unidos. A produção do filme tinha uma fonte de onde beber.

> O diretor e roteirista Tate Taylor soube extrair o melhor de seu elenco e também do best-seller de Kathryn Stockett. A trama se desenrola sem tropeços, prende e diverte. Muitos se surpreenderam quando The Help chegou ao primeiro lugar nas bilheterias dos EUA e lá ficou por três semanas seguidas (o que não acontecia desde A Origem), superando os blockbusters milionários do momento. No entanto, a verdadeira surpresa é que ainda exista o choque dos executivos quando um ótimo filme, com boas atrizes e orçamento adequado para seu roteiro e sem excessos megalomaníacos, encontre seu público com honestidade. (TOLEDO, 2012, online).

Apesar das notas atribuídas pelos especialistas e pelos espectadores, o filme não é uma unanimidade. O sítio “Cinema em Cena” faz-lhe uma crítica dura. Pablo Villaça atribui uma nota 2 em 5 e afirma, entre outras coisas, que o filme se apoia em uma questão social e uma história trágica para emocionar o telespectador e conseguir um Oscar (o que já havia sido dito na crítica de Lucas Salgado, e até na de Carina Toledo acima). No entanto, mesmo sabendo que o roteiro vem de uma obra literária, sabemos que alguns dos fatos ali apresentados aconteceram, e não estão somente como pano de fundo, mas como um elemento essencial para contar a história, e por isso, não concordamos com a informação de que é um filme cínico e acreditamos que a questão do racismo deve ser insistentemente tratada, para que não passemos por ela de forma superficial. É verdade que as reflexões sobre o racismo não se esgotaram, e nem poderia se esgotar, mas o filme consegue fazer essa reflexão e dá espaço para que sejam feitas outras. O próprio crítico reconhece que há muitos acertos no filme, do ponto de vista técnico (Vilaça, 2011, online). Sobre o racismo, o autor pontua:

> [...] por mais inacreditável que possa parecer, não faz muito tempo que a intolerância racial passou a ser encarada como algo pernicioso pela sociedade – basta dizer que, há menos de 30 anos, o casamento entre brancos e negros ainda era proibido por lei em alguns estados norte-americanos. Assim, quando vemos um patrão ordenando sem qualquer polidez que sua empregada lhe prepare um sanduíche ou uma patroa demonstrando repugnância pela ideia de ver a criada usando seu banheiro, sentimos choques simultâneos provocados pela estupidez daquelas ações e por reconhecermos que, ainda hoje, há pessoas que encaram outras como inferiores apenas em função de sua cor – e, assim como ocorre no filme, não é raro testemunharmos patrões que se referem aos seus empregados de maneira pejorativa como se estes, que estão ao seu lado, fossem invisíveis ou surdos. (Villaça, 2011, online).

Segundo o sítio da revista “Aventuras na História”, lançado em 2011, a atriz Viola Davis, que recebeu diversas indicações e prêmios pelo filme e ganhou diversos deles, fez uma crítica à película, vejamos:

> O filme “Histórias Cruzadas” se tornou um dos mais famosos ao abordar o racismo da sociedade dos Estados Unidos. Com Viola Davis e Octavia Spencer nos principais papeis, o longa faturou mais de 200 milhões de dólares nas bilheterias e rendeu um Oscar para Spencer.
> [...] No entanto, embora seja famoso hoje em dia, o projeto representa um arrependimento para Viola.
> No ano 2018, durante entrevista ao New York Times, Viola disse que teve uma ótima experiência com as outras atrizes do filme, no entanto, sentiu que a voz das empregadas “não tiveram espaço” (SIC).
> Já em 2020, durante entrevista para a Vanity Fair, a atriz disse que o filme conta uma história feita para atender “a um público branco”. Ela também explicou que o longa foi "criado a partir do filtro e na fossa do racismo sistêmico".
> "Não há ninguém que não fique entretido com 'Histórias Cruzadas'. Mas há uma parte de mim que parece ter me traído e traído meu povo, porque eu estava em um filme que não estava pronto para [contar toda a verdade]", destacou a atriz. (Aventuras na História, 2023, online).

A crítica publicada na revista “RollingStone” em 07 de novembro de 2021 demonstra que, mesmo dez anos depois, o filme continua reverberando e que pode ser utilizado para fins didáticos. Mesmo com o fim da segregação, a discussão é importante para os brancos e as camadas mais altas da sociedade, para que se engajem na causa, dando voz, principalmente, ao protagonismo dos negros, dos que sentiram na prórpia pele os efeitos do racismo.

> O filme dirigido por Tate Taylor retrata a realidade racista e com heranças da escravidão do Mississippi, nos Estados Unidos, na década de 1960. Escritora criada na alta sociedade, Skeeter (Stone) retorna à cidade natal para entrevistar as mulheres negras, em especial empregadas domésticas, que cuidaram mais dos filhos da elite branca do que as próprias mães.
> Histórias Cruzadas foi bem avaliado no Rotten Tomatoes, com 76% de aprovação da crítica e 89% do público. No IMDb, seguiu na mesma linha, com uma avaliação de 8/10. O filme, porém, recebeu muitas críticas ao longo dos anos pela forma como retratou o racismo estrutural nos Estados Unidos e o histórico Movimento dos Direitos Civis. Em maio de 2020, após o assassinato de George Floyd e em meio aos protestos do Black Lives Matter, muitos questionaram se o longa deveria ser uma fonte para educar pessoas sobre o antirracismo. (Rolling Stone, online)

O comportamento esperado pela causa antirracista pode ser estimulado pelas artes, como a literatura e o cinema, neste caso. Elas têm a capacidade de fazer-nos entender os impactos do preconceito estrutural na sociedade atual. Nesse ponto, o longa, que chegou ao posto de mais assistido da Netflix

Americana, peca por ser baseado num livro de uma autora branca, roteirizado e dirigido por homens brancos. No entanto, não focaremos no lugar de fala que poderia ter existido no livro e no filme, mas na composição das amizades, especialmente entre adultos, entre iguais e diferentes. Apesar de tudo, é um dos filmes que podem ser usados para discutir o racismo. (Revista Rolling Stone, 2021, online, adaptado).

> A Revista Time publicou um texto em que expressava a urgência de amplificar vozes e experiências da comunidade negra, de fato, e não tentar reproduzi-las a partir de uma perspectiva e estereótipos brancos, como fez Histórias Cruzadas. Viola Davis, ativista antirracista e intérprete de Aibileen Clark, revelou como se arrepende de ter participado da produção, enquanto Bryce Dallas Howard, que viveu Hilly Holbrook, incentivou o público a assistir outros longas, "filmes e séries centrados em vidas, histórias, criadores e artistas negros." (Revista Rolling Stone, 2021, online).

O filme dividiu as opiniões, mas foi um sucesso de público, assim como o livro que deu o subsídio para o roteiro. É necessário tocar no tema do racismo, numa sociedade cada vez mais preconceituosa e má. É preciso lembrar o que já aconteceu para que não se repita no futuro. Esse era o lema de Martin Luther King: “Eu tenho um sonho”, conforme o manifesto reproduzido no Apêndice IV. Luther King, que mais tarde receberia o Prêmio Nobel da Paz, também seria morto a tiros, em 1968, por extremistas. (Memorial da Democracia, online).

A amizade sincera, no fim de tudo, entre uma branca e as negras, aponta para uma possibilidade de redenção e, quem sabe, um modelo de sociedade. Então, podemos citar vários motivos pelos quais o filme foi selecionado para análise nesta tese.

IV.III Sinopse e breve análise das sequências sobre amizade

O filme se passa em 1963. Começa (em uma cena futura da história) com uma entrevista com o título que vai compor o livro “A ajuda” (The Help), escrito por Eugênia “Skeeter” Phelan (Emma Stone) – uma pessoa branca. A empregada negra Aibileen (Viola Davis) conta que sua mãe também foi empregada e sua avó escrava. (0h01’56’’). Aibeleen diz que já cuidou de 17 crianças brancas, sabe criá-las. Trabalha para os Leefolt ganhando 192 dólares por mês, tendo que fazer também todo o serviço da casa. A patroa, Elizabeth (Ahna O’Reilly) teve depressão pós-parto e pouco dá atenção à sua filha.

(0h03’12’’). Skeeter parecia ser a única moça em Jackson que não tinha marido e nem filhos.

Na próxima cena, o filme retroage ao momento em que Skeeter vai procurar emprego no jornal da sua cidade natal, Jackson (Mississipi), para onde está retornando, depois de formada. Skeeter acaba ficando responsável por uma coluna de donas de casa. Interessante notar na montagem que, na sede do jornal, havia a entrada dos negros e a dos brancos, resquícios da segregação racial, já que os estados do sul foram os mais resistentes nesse processo. (0h04’53’’).

Embora não seja aqui o nosso foco falar sobre como se deu a escravidão e seu fim nos Estados Unidos, trata-se de um ponto nevrálgico da história, de como se constituíram as relações de amizade. Segundo o livro de Carl N. Degler, “Nem Preto nem Branco: Escravidão e Relações Sociais no Brasil e nos Estados Unidos”, “dois pontos de igualdade são enunciados no início do capítulo I: “1°) em ambos os casos os pretos constituem grande parte da população; 2°) foi no Brasil e nos E.U.A. que existiram as duas maiores sociedades escravistas dos tempos modernos” (Degler, 1976). No momento histórico do filme, a abolição estava em seus princípios nos Estados Unidos.

Segundo o trabalho “The Freedmens’ Bureau e o Legado da Escravidão nos Estados Unidos”, de Matheus Carletti Xavier, a escravidão e a posição dos negros na sociedade são questões de Estado, portanto, impostas e apreendidas, durante anos. Vejamos:

> Do ponto de vista teórico, a abolição da escravatura – em 1863 – desencadeou uma crise na organização social. Se com a escravidão havia uma estratificação e uma hierarquia social bem delimitadas, a condição de liberto e, posteriormente, a concessão de direitos civis e políticos para os negros causaria uma homogeneização social. Entretanto, de acordo com Reinhart Koselleck, “há ‘males sem os quais nem o cidadão mais feliz pode existir’. O Estado e sua estrutura governamental estão entre os males aos quais o homem não escapa” (KOSELLECK, 1999: 77). Sendo assim, as diferenças entre os homens são necessárias para a constituição da estrutura do Estado, uma vez que
> É impossível que todos os membros tenham a mesma relação entre si. Ainda que todos façam parte do mundo legal, não podem fazer parte do mesmo modo ou, pelo menos, não podem ter a mesma participação imediata. Haverá, portanto, membros mais distintos e outros menos distintos (Koselleck, 1999, p. 77 apud Xavier, 2015, p. 1).

O autor explicita as diferentes posições de negros e brancos na sociedade, mesmo após a abolição, uma vez que o Estado não estava preparado

para esta mudança, e aborda ainda o surgimento do movimento Ku Klux Klan (KKK) no Tenessee, que combatia, além dos negros, os brancos liberais, promovendo diversos linchamentos de negros acusados de estupros de mulheres brancas. O negro, na sociedade, era classificado como "inferior e bestial" e precisava ser combatido pelos protetores dos "bons costumes" – os membros da KKK. Essa violência contra os negros e a Guerra Civil vieram antes do surgimento da agência que os incluía na sociedade e concedia a eles a cidadania americana, a NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, em inglês: National Association for the Advancement of Colored People), fundada em 1905. O fim da Guerra Civil não acabou com o preconceito dos empregadores, e nem garantiu igualdade econômica, política e social aos negros. Os sulistas brancos só confiavam aos negros serviços braçais, os salários oferecidos aos ex-escravos eram baixos e então surgiram as periferias onde os negros vivam em miséria e sujeitos a epidemias periódicas.

O filme trabalhado neste capítulo, segundo Jacques Aumont e Michel Marie, é um exemplo da possibilidade de que o espectador descubra esses detalhes na obra, ocupando boa parte de sua atividade mental a compreendê-la, a apreciar suas invenções e a receber seus efeitos (2019, p. 54). O espectador não é um ser passivo, conforme eles explicam abaixo:

> Perguntou-se muitas vezes o que era exatamente o conteúdo de uma ficção fílmica. No seu estado mais simples, tal noção não é difícil de apreender, porquanto é ela que é objeto da maior parte das discussões sobre os filmes. Contudo, na mesma medida em que a história me faz reagir e suscita a minha reflexão sobre o mundo, a existência e a sociedade onde vivo, o conteúdo do filme é mais que a história. [...] Logo, o conteúdo do filme deve antes ser identificado com o conjunto de ideias, informações e afetos que a história contada pode suscitar. (Aumont; Marie, 2019, p. 81).

O espectador presencia as diferenças entre brancos e negros, seus meios de transporte, tipos de salário e lugares onde vivem.

Sobre a amizade, Aibileen conta que perdeu seu filho há quatro anos e ficou deprimida e sente-se amarga. Desde então Minny (Octavia Spencer) é sua melhor amiga. (0h08’37’’). Aibileen não espera muito da vida, embora a presença de Minny seja importante. Vejamos:

> Dessa forma, portanto, uma amizade entre homens de bem tem tão poderosas vantagens que mal posso descrevê-las. [...] O que há de mais agradável do que ter alguém a quem ousamos contar tudo como

> a nós mesmos? De que seria feito esse encanto tão intenso dos nossos sucessos, sem um para regozijar-se deles tanto quanto nós? Já as nossas derrotas, na verdade, seriam difíceis de suportar sem essa pessoa, para quem são ainda mais difíceis de suportar do que para nós mesmos. Ademais, os outros privilégios só existem com vista a uma única forma de utilização: as riquezas, para serem gastas; o poder, para ser cortejado; as honras, para suscitar as lisonjas; os prazeres, para deles tirar gozo; a saúde, para que não se tenha de sentir dor e para que se disponham dos recursos do próprio corpo. Já a amizade contém inúmeras possibilidades. Para qualquer direção que se volte, ela nunca inoportuna. É por isso que nem a água, nem o fogo, como se diz, nos são mais úteis do que a amizade. [...] Pois a amizade torna maravilhosos os favores da vida e seus golpes duros, na medida em que são comunicados e divididos, ficam mais leves. (Platão, Cícero, Plutarco, 2017, p. 63-64).

Num primeiro momento, as amizades que transparecem no filme são as das senhoras alta sociedade de Jackson, que se reúnem de tempos em tempos para falarem de futilidades e posarem como damas da sociedade. (0h09’50’’). Esse não é um tipo de amizade baseado nos valores que reunimos ao longo desta tese. São vínculos rasos, vazios de sentido, alimentados apenas pela classe social em que estão e pela necessidade de se mostrar melhor que o outro. No texto de Paulo Jordão, “A natureza da amizade à luz da filosofia de Schopenhauer” (2013), o autor frisa que o filósofo observa que “o egoísmo ilimitado da natureza humana se contrapõe à verdadeira amizade que pressupõe desinteressada em ser recompensada. Por isso, a amizade é uma “mera fábula” ou “como as serpentes marinhas gigantes” (Schopenhauer, 2002, p. 166 apud Jordão, 2013, p.4). Schopenhauer afirma que a amizade deve ser evitada,

> pois a própria natureza humana egoísta, impede que a amizade seja genuína, o que resta é uma falsa amizade, existindo apenas demonstrações exteriores como suposta amizade autêntica (falsidade), por isso Schopenhauer prefere “os abanos de cauda de um cão leal do que a cem daquelas demonstrações e gestos” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 169).
> Na perspectiva do pensador, o mundo é hipócrita e “as magnificências são, como decorações de teatro, puras aparências, e falta a própria essência da coisa” (SCHOPENHAUER: 2002, p. 169), e não é nesta alegoria falsa que se encontra felicidade ou a amizade, não passa de ilusão só há compulsão, dor e tédio. Em suas palavras:
> A sociedade, os círculos, os salões, o que se chama alta sociedade, é uma peça miserável, uma ópera ruim, sem interesse, que se sustenta somente pelas máquinas, pelos trajes e as decorações. [...] Assim, quase todas as coisas deste mundo podem ser chamadas nozes vazias; a noz é rara por si mesma, e ainda mais raro é encontrá-la dentro da casca. Temos de buscá-la em outros lugares; normalmente só a encontramos por acaso (Schopenhauer, 2002, p. 150 apud Jordão, 2013, p. 4).

No encontro das senhoras da sociedade, Skeeter revela que conseguiu o emprego no jornal (0h12’17’’), na coluna de donas de casa, e pergunta a Elizabeth, patroa de Aibileen, se pode pedir-lhe auxílio até “pegar o jeito”. Conta que a empregada de sua casa, Constantine (Cicely Tyson), pediu demissão. Elizabeth autoriza. (0h’12’53’’).

Aqui há a possibilidade de formação de uma amizade entre diferentes. Uma branca e uma negra. A filha da patroa com a empregada. Sobre a amizade entre adultos, no estudo “Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos” (2008), Luciane Karine de Souza e Cláudio Simon Hutz afirmam, a partir das pesquisas em Fehr, Bell e Coleman, cada um com seu ponto de vista que a amizade existe entre pessoas que não são familiares, parentes, pela impossibilidade de escolhê-los. Assim, a amizade é pessoal e privada, não imune à cultura, ou seja, aos fatores sociais e culturais na definição da amizade e, como já dissemos aqui, à equivalência socioeconômica. Também diz que a amizade entre os dois amigos deve ser mútua.

Os autores encontraram ainda uma série de atributos da amizade em Fehr (1996):

> Fehr (1996) considera-a "um relacionamento pessoal e voluntário, que propicia intimidade e ajuda, no qual as duas partes gostam uma da outra e buscam a companhia uma da outra" (p.7). Identificam-se aspectos similares aos apontados por Argyle (2001): em ajuda, visualiza-se a utilidade e a recompensa; em gostar um do outro e buscar sua companhia está o prazer e o companheirismo; e, em intimidade, o apoio emocional. Outros aspectos também vêm sendo abordados nas investigações: abertura, auto-revelação, autenticidade, aceitação, força de caráter, similaridades, compreensão, expressão dos sentimentos, dedicação mútua, altruísmo, reciprocidade, cuidado, confiança, compromisso, honestidade, facilidade de comunicação, aconselhamento, singularidade, duração da amizade, coexistência, tolerância, disponibilidade, respeito, confidência, espontaneidade, estabilidade, sucesso, contato físico, contato sexual, acessibilidade, interdependência, aparência física, habilidades sociais, responsividade, dependência, freqüência de contato, proximidade (closeness), autovalidação, conformidade ao grupo, autodefensividade e cooperação (Argyle & Henderson, 1985; Bell, 1981; Cole & Bradac, 1996; Davis & Todd, 1985; Fehr & LaGaipa, 1977; Maeda & Ritchie, 2003; Mendelson & Aboud, 1999; Monsour, 1992; Parks & Floyd, 1996; Tesch & Martin, 1983). (Souza; Hutz, 2008, p. 259).

A pesquisa de Souza e Hutz engloba vários autores, modelos e atributos da amizade, porém, os mesmos chamam a atenção para o modelo de Fehr (1996):

> Dentre os modelos teóricos disponíveis para o estudo das amizades adultas, o de Fehr (1996) é bastante abrangente, contemplando muitas

> das variáveis tradicionalmente abordadas. Segundo a autora, as amizades se formam, desenvolvem e mantêm através da inter-relação de quatro conjuntos de fatores: fatores ambientais, situacionais, individuais e diádicos. Os fatores ambientais incluem proximidade residencial, local onde se passa o dia, densidade populacional e comunicação na rede social. Os fatores situacionais abrangem probabilidade de interação, freqüência de contato, dependência e disponibilidade. Com relação aos fatores individuais, primeiramente as pessoas selecionam de quem não é possível ser amigo (critérios de exclusão); posteriormente avaliam amigos em potencial (critérios de inclusão). Entre os critérios de exclusão identificados há o de desagrado e o baseado em diferenças (etárias, de raça, escolaridade, aparência física e de vestuário). Nos critérios de inclusão há aparência física, habilidade social, responsividade, timidez e similaridade. Por fim, há dois fatores diádicos no surgimento da amizade: o apreço mútuo no julgamento inicial de um indivíduo sobre o outro, e a auto-revelação (abertura para revelar assuntos particulares). (Souza; Hutz, 2008, p. 260).

Para melhor explicar o modelo dos fatores ambientais, situacionais, individuais e didáticos, Fehr descreveu cada um deles:

> Os fatores situacionais, individuais, diádicos e ambientais são identificados nas amizades no contraste com pessoas não-amigas (embora não inimigas): estranhos, conhecidos e colegas. Amigos e não-amigos diferem quanto à interação verbal, à amplitude e profundidade das revelações nas conversas, e às semelhanças. Amigos dialogam mais, trocam mais abraços e beijos, revelam um maior número de assuntos e com mais profundidade, são parecidos quanto a traços de personalidade e atitudes, e se assemelham em sentimentos e gostos à medida que interagem (Fehr, 1996). Em contraste, entre pessoas conhecidas prevalece a superficialidade, dada a carência de revelações mútuas sobre si, de intimidade e de confiança - enfim, um não conhece o outro (Bell, 1981). (Souza; Hutz, 2008, p. 260).

Há uma cena em que Celia Foote (Jessica Chastain) telefona para a casa de Elizabeth para pedir a ela uma referência de empregada doméstica, mas Elizabeth (Anna O'Reilly) não quer atender e diz que não está (0h13'27''). Elizabeth conta para as amigas que nunca retornou as ligações de Celia, mas ela não "se toca". Celia, apesar de branca, é proveniente de uma comunidade pobre e se casou com um homem rico, Johnny (Mike Vogel). Por isso, o grupo desdenha de Celia por sua origem de classe social inferior. Nesse contexto podemos ver o preconceito social, juntamente com o racial, como uma barreira poderosa nas relações sociais e afetivas.

Rafael Bianchi Silva, na tese "Lugares para a Amizade na Sociedade Contemporânea: Caminhos Educativos a partir da obra de Zigmunt Bauman", em 2012, questiona se amizades sólidas ainda eram possíveis considerando o contexto atual e as formas de criarem vínculos que são preconizadas. O autor

considera que as amizades foram adquirindo novos formatos e novos pontos de partida. A amizade formada pelas damas da sociedade do Mississipi, apresentadas no filme, retratam essa fluidez. O autor questiona, então, se no contexto atual é possível construir amizades sem que existam outros interesses secundários, e que elas se vinculam a partir de outros pontos. Podemos pensar em amizades por interesse ou ainda somente nas amizades entre iguais, entre pessoas vindas da mesma condição e com os mesmos atributos, neste caso, “as damas da sociedade”, de “berço”, algo que os negros e nem mesmo Celia poderiam ser. Cada uma que está ali por um interesse, para não se deixar excluir e nem deixar de ser importante naquele microcosmo. Estar no grupo também lhes conferia o poder de excluir e rejeitar. Afastam-se dos conceitos de amizade e estabelecem um outro modelo de relacionamento, para criar um grupo coeso. O grupo, mesmo sem amizades reais, demonstra força.

A sra. Hilly (Brice Dallas Haward) demonstra desconforto e não quer utilizar o mesmo banheiro que uma negra (0h15’13’’) e reflete que o banheiro dos negros deveria ser do lado de fora. Alega que é perigoso por causa das doenças dos negros e propôs um projeto de lei com este propósito (0h15’53’’).

Nesse filme, fica claro como os indivíduos são avaliados mais pelo que têm do que pelo que são. Podemos verificar a sociedade do consumo analisada por Bauman, o “vale quanto pesa”. As relações se formam, também, a partir do poder de consumo dos indivíduos. Tal característica apresenta uma fragilidade nas relações de amizade. Nessa cena, é o preconceito quem grita. É o que afirma Silva, reforçando o ponto em que a amizade se dá entre os iguais (2012).

> Nesse contexto, como forma de modo de vida, é construído um modelo societário movido pelo consumo, marcado pela lógica de custo-benefício que também atinge as relações humanas. Tal processo gera impactos na dimensão ético-política, que passa a ser caracterizada pelo individualismo, afastamento do campo público e dificuldade de construção de questões comuns a serem reconhecidas e enfrentadas no campo social. Observou-se que na obra de Bauman, as dificuldades de conviver com o outro se materializam no conceito de “estranho”, que por sua vez, marca o afastamento da Diferença. O diagnóstico realizado pelo autor também nos leva a um debate acerca das relações mediadas pela tecnologia e o desenvolvimento de comunidades virtuais que mostram e mantém a fragilidade vincular de nosso momento atual. (Silva, 2012, resumo).

Skeeter não se enquadra nesse tipo de amizade. Apesar de ser branca, frequentar os ambientes dos brancos, de sua mãe ter esses valores, ela procura

a ajuda de Aibileen abrindo-se para um acolhimento afetivo, no âmbito da cooperação e da amizade e, numa demonstração de que o consumo não é a única forma de realização, e não somente os que estão no topo da pirâmide social têm algo para contribuir. Bauman descreve essa sociedade na análise "Sociedade de Consumo em Zygmunt Bauman e Gilles Lipovetsky" de Rodrigo José Fernandes de Barros e Alisson Gutemberg (2018). Segundo os autores, para Bauman,

> Os nossos tempos são esses de uma sociedade de consumo líquido-moderna, que tem por proposição "satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar" (BAUMAN, 2009, p. 105). Seguindo os paradoxos, esta sociedade de consumo só consegue reproduzir este ímpeto enquanto conseguir manter os indivíduos insatisfeitos e frequentemente na busca de novas satisfações (BAUMAN, 2008, p. 64). Ao se adquirir um produto rapidamente deixa-se de desejá-lo, já que este perde o valor e torna-se obsoleto, demandando a sua substituição por algo novo (e o agora velho não tardará em ser jogado no lixo). As promessas da publicidade são negadas logo após a compra das mercadorias, pois "toda promessa deve ser enganosa, ou pelo menos exagerada, para que a busca continue" (BAUMAN, 2009, p. 107). No entanto: Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no excesso e no desperdício (BAUMAN, 2008, p. 53). [...] "Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação (...)" (BAUMAN, 2008, p. 73). (Barros; Gutemberg, 2018, p. 46-47).

Os valores que anteriormente qualificavam a amizade ficaram em segundo plano, tornando as relações superficiais, fugidias, fluidas e até descartáveis. Silva traz ainda a visão de Costa, que ilustra acertadamente esse conflito entre brancos e negros problematizado no filme:

> Ser isso ou aquilo ou ser diferente disso ou daquilo é algo que se estabelece simbólica e discursivamente em meio às relações de poder que permeiam as lutas pelo significado nas práticas sociais de grupos assimetricamente posicionados. É o poder de nomear, descrever, demarcar, classificar e hierarquizar que define a identidade e estigmatiza a diferença. (Costa, 2008, p. 491 apud Silva, 2012, p. 89):

Voltando ao contexto do filme, e conforme observado no trabalho de Xavier (2015), podemos afirmar que a violência e o preconceito contra os negros continuaram mesmo após a abolição. Preconceito é uma palavra que vai de encontro à amizade. O amigo é aquele que tem o dom de olhar o outro mais profundamente, saindo do que salta aos olhos, das primeiras impressões. Amizade é se permitir fazer esse exercício. Na encíclica Fratelli Tutti, do Papa Francisco, de outubro de 2025, ele procura exemplificar esses tipos de olhares.

O papa leva-nos a refletir como estão nossos olhares (e ações) ao diferente, ao desconhecido, e assim refletir as desigualdades da sociedade atual. Dos tempos de Jesus até hoje, podemos dizer que pouco mudou.

A reprodução de alguns pontos da encíclica Fratelli Tutti está no Apêndice III, para a nossa reflexão, para que possamos entender o que Francisco (nascido Jorge Bergoglio) nos diz sobre indiferença, discriminação e invisibilização do outro e também sobre a importância do tempo dedicado, sobre a amizade na diferença, a necessidade do bem comum, do altruísmo e da construção da cidadania e da dignidade, chamados por ele de fraternidade e amizade social. Não há aqui intenção de apresentar dogmas do cristianismo, mas trazer exemplos propostos por uma figura respeitada mundialmente. O filme mostra, muitas vezes, que ainda não chegamos a esse ponto.

Escrever sobre o preconceito não é uma tarefa fácil, não só porque o tema é complexo, mas principalmente porque nos obriga a refletir sobre nós mesmos, sobre nossos sentimentos, pensamentos e atos cotidianos, uma vez que, segundo uma das teses centrais deste texto, não somos imunes a ele. Temos a convicção, contudo, que somente quando pudermos reconhecer em nós mesmos a violência que impomos ao outro é que poderemos dar início a mudança.

Na mesma pesquisa, Souza e Hutz afirmam que, para Bell (1981), as características em comum das partes são importantes para a formação das amizades, como a semelhança etária, o estado civil e o gênero.

Seguindo a linha do filme, Skeeter comenta com Aibileen sobre Constatine, dizendo que ela pediu demissão, mas Aibileen acha o fato estranho, porque conhecia Constatine da igreja (0h17’13’’). Skeeter chega em casa e encontra sua mãe. Ela pergunta sobre o que aconteceu com Constantine, a empregada da casa, e não obtém resposta. Skeeter conta que conseguiu um emprego e elas têm uma discussão por Skeeter ainda ser solteira. A mãe, Charlotte, pergunta se Skeeter tem ideias doentias, antinaturais e homossexuais, se adquiriu essa doença. Skeeter nega. (0h21’12’’).

Novamente aqui encontramos uma sociedade intolerante, uma sociedade em que é preciso ostentar algumas fachadas para ser parte dela e o diferente é tratado com intolerância. A intolerância impede o conhecimento mais profundo da pessoa e impede que a amizade aconteça.

No discurso de Denise Jodelet no texto “A alteridade como processo e produto psicossocial” (1998) e trazida por SIlva, somos convidados a refletir sobre o outro, o diferente:

> O outro, como “não-eu”, “não-nós”, deve ser afastado ou tornar-se estranho pelas características apostas àquelas que exprimem o que é próprio da identidade. O trabalho de elaboração da diferença é orientado para o interior do grupo em termos de proteção; para o exterior, em termos de tipificação desvalorizante e estereotipado do diferente [...] (Jodelet, 1998, p.51 apud Silva, 2012, p. 87).

O filme prossegue com uma cena de um jantar em que Skeeter não acredita no pai e revela que sua mãe havia demitido a empregada, com a justificativa de “que essa gente negra quer só um emprego”, e isso a deixou revoltada, por ter sido criado por Constantine e terem desenvolvido um afeto mútuo (0h22’13’’).

Na introdução da obra “O poder da amizade” (2022) de J. M. Perkins, o autor reflete:

> Nosso comportamento mostrava que pensávamos haver muitas raças: a negra, a branca, a hispânica, a asiática, e assim por diante. Mas, na verdade, existe apenas uma e somos idênticos uns aos outros, com excessão de 0,1% da nossa composição, responsável pela cor da pele e da aparência física. [...] Como superaremos as fronteiras e os muros que nos separa segundo barreiras étnicas, econômicas, sociais e de classe? Existe um bálsamo de cura para a doença pecaminosa do ódio e do preconceito étnico? [...] Meu argumento é que a amizade é o caminho para superar as barreiras que nos separam há tanto tempo. Amizade é discipulado em ação. (Perkins, 2022, p. 14).

Na cena seguinte, Skeeter se imagina em um parque pois não foi convidada para o baile daquele dia. No parque, encontra uma miragem de Constantine e começam a conversar (0h24’21’’). Skeeter conta que os rapazes dizem que ela é feia, no entanto, sua mãe ficou em terceiro lugar no desfile de miss. Constantine disse para parar de se sentir coitadinha. Ela complementa:

> “Coisa feia é o que cresce por dentro e machuca. Que todos os dias quando se acorda de manhã tem que tomar uma decisão, tem que fazer a pergunta: eu vou acreditar em todas as coisas ruins que os bobos falarem de mim hoje? A sua mãe não escolheu a vida dela, foi escolhida. Mas você vai fazer uma coisa muito grande com a sua. Você vai ver só” (0h24’20’’).

Constantine a convida para sua casa e depois a visão desaparece. Interessante a observação de que o que nos caracteriza é o que vem de dentro, e não dos outros (0h25’48’’). Faz-nos refletir sobre nossos pensamentos e sentimentos. Também, na Bíblia, Jesus faz esse alerta. (vide Marcos 7, 14-23).

Skeeter conversa com a senhora Stein (Mary Steenburgen), agente literária de uma grande editora, e diz que quer escrever do ponto de vista das domésticas, as mulheres “de cor”. Elas criam as crianças, mas não podem nem mesmo usar o mesmo banheiro. A mãe preta dedica a vida inteira a uma família branca, mas ninguém nunca perguntou à mãe preta o que ela achava disso. (0h26’35’’). Stein fala que é um risco enorme falar no lugar das negras, no Mississipi. Skeeter disse que conseguiu que uma falasse com ela. Stein se propõe a ler o que ela enviar. (0h27’30’’). Paralelamente, Elizabeth constrói o banheiro para negros do lado de fora da sua casa. (0h28’17’’).

Skeeter então revela a Aibileen que quer escrever um livro sobre empregadas domésticas, sobre como é a vida com mulheres brancas e pergunta se ela pode contar como é trabalhar para Elizabeth. (0h28’46’’). Aibileen responde que tem medo. Skeeter explica que seria em segredo, que tem vontade de entrevistar quatro ou cinco empregadas para mostrar como é a vida em Jackson (0h29’11’’).

Elizabeth chega discutindo com o marido e a filha estava chorando. Falam com a empregada sem vocativos (0h29’53’’) e, desse modo, podemos fazer uma inflexão com a carta do papa, no Apêndice III. O nome confere dignidade à pessoa, já a não utilização do nome, promove o contrário, o desprezo. Elizabeth pede a Skeeter que sejam suspensas as entrevistas com a Aibileen (0h30’16’’).

Está chovendo forte. Minny quer pedir a Hilly para usar o banheiro de dentro da casa, mas Hilly diz que ela pode pegar um guarda-chuva e ir ao banheiro para negros. Minny disfarça e vai no banheiro da casa, mas Hilly descobre e despede Minny (0h33’00’’).

Skeeter reencontra Aibileen e reforça que queria muito entrevistá-la para escrever um livro sobre a relação dos brancos com os negros. Skeeter sabe que dá medo, e que ninguém nunca escreveu um livro com esta temática. Aibeleen lembra que incendiaram um carro de uma prima negra, porque ela havia comparecido à sessão eleitoral. Ela de fato demonstra medo. No entanto, Skeeter insiste e deixa seu numero de telefone com Aibeleen. (0h37’05’’). Aibileen, mesmo com medo, começa a contar as histórias dos negros na cidade. Aibeleen começa a pensar situações da legislação da época, sobre os brancos e negros. “Ninguém pode exigir a presença de uma branca enfermaria ou em um quarto onde tiver um negro internado. Os livros não podem ser trocados entre

escolas de brancos e escolas de pretos. As pessoas que lutam pela aceitação pública entre pretos e brancos estão sujeitas à prisão" (0h37'21''). O pastor Judah Smith reflete no prólogo do livro de Perkins:

> a vida de Jesus foi repleta de pessoas: homens e mulheres que ele encontrou e acolheu. Pessoas comuns com quem dividiu uma refeição, casamentos que frequentou, crianças que abraçou, mulheres que protegeu e até um amigo que trouxe dos mortos. Amigos cujas dores ele compartilhou, e, por fim, cuja amizade tomou para si. Ele nos deixou uma bela imagem de que a amizade divina era de coração para coração, mais importante que normas e regras sociais. (Perkins, 2022, p. 10)

Em outra cena, Minny telefona para Aibileen e conta que Hilly espalhou na cidade que a demitiu porque supostamente havia roubado um candelabro, então ela não conseguiria mais emprego. O marido violento de Minny chega em casa e Aibileen escuta os gritos. (0h39'14''). Aibeleen repensa sobre o pedido de Skeeter para colaborar com seu livro (0h40'57''). Assim, ela poderia colaborar com os dramas de suas amigas, de seu coletivo. Na cena seguinte, Aibileen está no culto, e escuta que "coragem é ousar fazer o certo apesar da fraqueza da nossa carne. Amar é se colocar em perigo perante seu semelhante". Aibileen então aceita receber Skeeter, que diz que agora sabe que é ilegal o que estão fazendo. Aibileen revela que nunca recebeu um branco em sua casa e pergunta o que ela fará se não gostar de ouvir o que ela tem a dizer sobre os brancos. Skeeter responde que não importa. Aibileen pede que os nomes sejam ocultados. Skeeter pergunta por outras empregadas interessadas. Aibileen responde que vai ser difícil. Aibileen disse que pensou em escrever as histórias e depois ler para Skeeter: "O primeiro neném branco que eu tomei conta, eu não tinha nem 14 anos. Tive que largar a escola para ajudar a minha mãe a pagar as contas. Aibileen mantinha um bom relacionamento e ajudava na autoestima das crianças. A criança vivia perguntando por que ela era preta". Depois da conversa Skeeter agradeceu e perguntou por que Aibileen mudou de ideia. Ela respondeu que foi por Deus e pelo que senhora Hilly tinha feito (0h45'32'').

A decisão de Aibileen remete à conclusão de Perkins:

> Deus não apenas nos criou e ordenou que fizéssemos isso, mas em sua graça ele também nos disse como fazê-lo. Ele nos mostrou o caminho. É por meio da amizade. Essa "comunhão uns com os outros" que ele possibilita é a revolução que pode curar séculos de mágoas e ódios que nos separam. (Perkins, 2022, p. 22).

A nova empregada de Hilly pede um empréstimo de 75 dólares para pagar a matrícula de um dos filhos, se oferecendo para trabalhar de graça, e Hilly disse a ela que deveria conseguir o dinheiro por conta própria (0h47’40’’).

Minny instrui sua filha para começar a trabalhar como empregada e ensina as regras de separação entre negros e brancos. A filha saiu da escola por ordem do pai, para ajudar a pagar as contas (0h48’46’’). Minny procura por Celia, a mulher branca, de origem humilde, rejeitada pelas demais, com a intenção de encontrar um emprego. Celia estava cozinhando e convida Minny para a cozinha. Reconhece que não é muito boa com receitas. Celia oferece um refrigerante e diz que está grávida, por azar, não encontra empregadas. A casa é bem grande. Minny resolve aceitar o contrato, mesmo sabendo que o marido de Celia não pode ser que ela contratou uma empregada, para acreditar que é ela quem faz tudo (0’51’00).

Hilly reúne-se com o grupo de senhoras de caridade para preparar o Natal, com arrecadações e rifas. As doações vão para as crianças africanas. Informa que o governador recebeu o projeto de saúde no lar elaborado por ela. (0h53’43’’).

Parece-nos ser mais fácil fazer a caridade para ostentar e para quem está longe e nem mesmo conhecemos do que para aqueles que estão próximos. Esse tipo de caridade não nos parece real, mas caminha para a hipocrisia. Enquanto humilha a comunidade de negros da cidade, “preocupa-se” com as crianças de outro continente. Hilly cobra de Skeeter o boletim no jornal (0h53’58’’).

A nova empregada de Hilly, que tem passado necessidades, encontra um anel de ouro embaixo do sofá e fica com ele (0h55’48’’).

Aibileen continua a relatar as histórias para Skeeter. Comenta da negligência das mães com os próprios filhos, até mesmo com a troca de fraldas, e confiam aos negros seus filhos (0h57’00’’). Aibileen lembra que achava que seu filho seria escritor, mas que o papel sobrou para ela. (0h57’26’’). Minny surpreende as duas na casa de Aibeleen e começa a ofender Skeeter (0h58’21’’). Logo depois, Minny decide contribuir. Conta suas histórias e tem a ideia de conseguir mais empregadas para contribuírem (0h59’23’’).

Na sequência seguinte, Minny e Celia se dão bem na cozinha. Celia faz as refeições junto com Minny. Minny diz a Celia que tem que informar ao marido

que contratou uma empregada, pois ela não diz, para parecer que ela mesma faz o serviço (1h01’07’’).

Stein fala que gostou dos escritos de Skeeter e disse de Martin Luther King convidou a todos para marcharem com ele até a capital em agosto. Stein pede mais uma dúzia de depoimentos antes que a ideia de direitos civis esmoreça. (1h08’08’’) Skeeter comentou com Aibellen e Minnie que precisaria de mais depoimentos e elas disseram que ajudaria a convidar mais negras (1h08’56’’). Aibileen pede que não desista, pois foi o preconceito que matou o seu filho, que carregava toras de madeira e foi esmagado. Levaram-no para o hospital de pretos, deixaram-no lá, mas não tinha atendimento, então ela o levou para casa e ele morreu bem na sua frente, com 24 anos. (1h10’18’’). Por isso, pediu a Skeeter para não parar, para que a história de seu filho não morra com ele. A ideia era criar uma rede de empregadas negras. Sobre as “redes sociais” (que não tiveram seu início na internet, mas na formação de grupos, Douglas Murilo Siqueira, Almir Martins Vieira e Viviane Celina Carmona comentam, no estudo “Rede de Confiança e Amizade: Relações de Trabalho em uma Cooperativa” (2013):

> A densidade de uma rede social corresponde ao nível global de contatos existentes na rede em um determinado período de tempo. Se o número for alto, significa alto fluxo de comunicação, portanto, alta densidade, o que pressupõe uma comunicação generalizada com menor intermediação de terceiros. Quando este número é baixo, assume-se que a rede é de baixa densidade e existe maior necessidade de terceiros para intermediar os conflitos que surgem, pois a interligação entre os atores é menor (NELSON; VASCONCELOS, 2007). Uma rede (network) é formada por nós e elos que, em seu conjunto, agrupam participantes autônomos em torno de ideias e valores compartilhados (MARTELETO, 2001). Portanto, a rede é composta por atores que se conectam por meio de elos que podem variar desde uma simples troca de informações, aos comandos formais de um superior, podendo passar por fofocas, elogios, obrigações e assim por diante. Os nós são os agentes ou atores que possuem vínculos ou relações (KILDUFF; TSAI,2003; NELSON; HSU, 2005; NELSON, 2011). Logo, rede social corresponde a um conjunto de pessoas, organizações ou entidades que, por meio de suas conexões (laços de amizade, de trabalho etc.), constroem e reconstroem a estrutura social (RIBEIRO; XIMENES, 2009). Castells (2007) afirma que neste mundo de mudanças confusas e sem controles, as pessoas tendem a agrupar-se em torno de identidades primárias como, por exemplo, etnias, religião etc., organizando-se não em torno do que fazem, mas com base no que acreditam que elas são ou pensam que são. (SIQUEIRA et al, 2013, p. 304-305).

Desta forma, podemos compreender a importância da rede e o não ao individualismo, já que as redes, com seus nós e elos têm maior capacidade de

transmitir informações, reduzir conflitos, prestar apoio, e maior potencial de causar impactos na sociedade, comparadas a um único indivíduo.

O filme caminha para o chá de bebê de Elizabeth. Hilly pergunta se Aibeleen está gostando do banheiro novo na casa de Elizabeth. Ela responde que sim e agradece. “Separados, mas iguais” é o que diz o governador, numa frase que pouco faz sentido e perpetua a discriminação (1h11’26’’).

Skeeter pede ajuda da empregada de Hilly para o livro. Hilly surpreende Skeeter conversando com a empregada e pergunta o que é. Skeeter responde que é sobre a faculdade dos filhos. Hilly pergunta se pediu dinheiro emprestado também. Ela responde que não (1h12’40’’). Hilly cobra de Skeeter que publique sua iniciativa no boletim e pergunta se é de propósito que não o faz. Skeeter diz que são os cuidados com a mãe doente que tomam tempo. Hilly pergunta se ela está lendo um determinado panfleto sobre igualdade de direitos, provavelmente produzido pelos grupos pró-igualdade, e fala que existem racistas de verdade na cidade. Se a pessoa errada vir o panfleto ela estará muito encrencada. Hilly veladamente ameaça Skeeter (1h13’31’). Em um encontro com um “pretendente”, ele diz a Skeeter sobre o que ela acredita. Ao publicar o que Hilly pede, Skeeter resolve alterar uma palavra no boletim: Skeeter publicou “doe privadas na casa Elizabeth” ao invés de escrever “doe velhos casacos”. Hilly se desesperou. O jardim da casa ficou abarrotado de vasos sanitários. Jornalistas fazem a cobertura. (1h19’01’’). Aibelleen cuida da filha de Elizabeth, trabalhando a autoestima da criança. A cena dá o toque de humor do filme e mostra que a própria Skeeter, para dar uma lição à caridade fingida de Hilly, tem uma solução bem-humorada.

Na sequência seguinte, que se passa na casa de Skeeter, ela e os empregados estão assistindo um pronunciamento na TV, do negro Medgar Evers, ativista afro-americano do Movimento dos Direitos Civis do estado norte-americano do Mississippi. Sua mãe desliga a TV e diz que não tolera esse comportamento, mesmo que seja um canal do governo, revelando como foi difícil a mudança de cultura no estado do Mississipi. (1h20’36’’).

Em outra cena, os empregados, que vivam na periferia, estão fazendo seu trajeto no ônibus quando são parados pela polícia. O motorista informa que os “de cor” devem descer e os demais serão levados para próximo destinos. Perguntado sobre o que aconteceu, diz que mataram um preto (1h21’19’’).

Aibileen chega à casa onde estão Minny e seus filhos. Nesse momento, fica sabendo que a Ku Klux Klan matou o marido de Miley bem na frente dos filhos. Aibileen convida-os a orar. Minny está revoltada com a situação. Com medo também, do que pode acontecer a elas, por causa do livro de Skeeter (1h24’00’’).

Celia se tranca no banheiro e Minny tenta falar com ela até arrombar a porta do banheiro e perceber que Celia sofreu um aborto espontâneo. Celia revela que casou grávida e logo perdeu seu filho. Seu marido quer filhos logo. Sente-se preocupada com seu próprio futuro. Seu marido não sabe dos três abortos espontâneos pelos quais ela passou. Celia enterra o bebê em sua casa e planta uma roseira no lugar, como nos outros pequenos túmulos. Minnie está ao seu lado, consolando-a (1h27’40’’).

A polícia prende a empregada de Hilly e leva sua bolsa. Ela pede para falar com seu marido. A polícia age com violência. Hilly disse que descobriu que a empregada era ladra quando penhorou o anel, e pela atitude, demonstra não se preocupar com a empregada (1h28’40’’).

Skeeter escuta a conversa de Hilly, mas sai depressa para a casa de Aibileen, segundo o conselho do atendente da lanchonete. Ao chegar, se depara com várias empregadas negras. Todas estão dispostas a ajudar, contando suas histórias. Aqui se forma a rede social de apoio, conforme citada na pesquisa de Siqueira et al (acima). As amizades podem criar redes que fortalecem e protegem os grupos sociais (1h29’36’’).

Stein estipula o prazo de três semanas, para Skeeter entregar os manuscritos para os editores lerem. Aconselhou escrever também sobre a empregada que a havia criado (1h31’38’’).

As mulheres da sociedade preparam o evento de Natal. Celia tenta participar, mas as mulheres se escondem. Celia diz que trouxe a torta de chocolate que sua empregada Minny fez. Porém, ainda assim é rejeitada, puramente pelo rótulo que a sociedade impôs a ela. Minny aconselha a não levar mais tortas para essas mulheres. Celia sente-se humilhada. (1h33’31’’).

Minny explica que o atual marido de Celia, Johnny, é ex-namorado de Hilly. Celia supõe que a mãe de Hilly acha que os dois ainda estavam namorando quando começou o relacionamento com Celia. A mãe de Hilly sempre diz que ela ainda ama Johnny. Celia acha que odeiam a situação, mas Minny disse que

a odeiam porque é uma “favelada” branca. Celia quer falar com Hilly que não é ladra de namorado. Minny aconselha Celia a não ir ao baile (1h34’38’’).

Celia vê Minny com um ferimento próximo aos olhos, fruto da violência do marido. Cuida do ferimento e diz que pagaria “na mesma moeda”. (1h35’32’’).

A luta pelos direitos dos negros se aprofunda a cada dia no país. Aibileen revela para Skeeter seu medo diante dos últimos acontecimentos, e que precisa de uma garantia. Minny conta o que fez para Hilly e acredita que pode ser uma garantia. Logo que foi despedida da casa Hilly, levou uma torta de chocolate para Hilly e depois de tê-la comido, diz ter colocado suas próprias fezes na torta. A mãe de Hilly teve uma crise de riso e foi mandada para um asilo. Minny quer que a história seja publicada, assim seria protegida pela vergonha de Hilly. Minny disse que não ia contar para Hilly o que colocou na torta e depois pediu perdão a Deus. Minny disse que se a história da torta estivesse no livro, Hillly não contaria a ninguém e o mesmo fariam as outras senhoras (1h40’54’’).

Celia vai ao baile com Johnny com uma roupa que chama atenção para si. No leilão, Hilly ganha a torta de Minny, mas diz que não deu lance nenhum. Celia vai abraçá-la forçadamente e dar os parabéns. Celia diz que não “roubou” o namorado dela. Hilly se levanta para sair, mas Celia, desajeitadamente, rasga o vestido de Hilly. Celia conta que engravidou depois que Hilly e Johnny terminaram. As damas comentam sobre o vestido sedutor de Celia. Hilly diz a Celia para dizer à “negrinha” que se ela contar a alguém, fará dela sorvete. A mãe de Hilly sai com a torta de Minny (1h46’28’’).

Celia percebe que não combina com a vida que leva. Que não precisa de uma mesa de jantar para 12 pessoas, que mal receberia duas pessoas, mesmo implorando. Sente-se culpada por causa de Johnny. Está decidida a voltar para sua comunidade de origem, a “favela”. Celia sofre de solidão, de falta de amigos, tendo Minny como sua única amiga. Minny conta que o ódio de Hilly por Celia é por causa da “torta” que ela fez. Assumiu a culpa por ter feito Hilly descontar em Celia. Pede a ela para não deixar Johnny (1h48’10’’).

Na próxima sequência, Aibileen se impressiona com os escritos: 266 páginas. Pergunta se a única coisa que falta é mandar pelo correio e esperar a srta. Stein publicar. Skeeter fala que falta uma história antes de mandar: a sua própria. (1h48’37’’).

Já em sua casa, Skeeter confronta sua mãe e questiona sobre o que aconteceu com Constantine. Sua mãe diz que a organização Filhas da América haviam-na nomeado Chefe de Estado. Constantine estava velha e lenta, até que no dia do jantar a filha de Constantine apareceu de surpresa para fazer uma visita para sua mãe. Charlotte (a mãe de Skeeter) ordenou que entrasse pela cozinha, pela porta dos fundos. Rachel entra mesmo assim e encontra sua mãe. Uma das senhoras da mesa se levanta e diz que não toleraria esse tipo de absurdo. Charlotte ordena que Rachel saia de sua casa. Constantine tenta levá-la para a cozinha, mas a senhora ofendida não aceita o fato de uma negra entrar pela porta da frente. Charlotte manda as duas irem embora da casa, Constantine e sua filha Rachel (1h51’29’’).

Skeeter se revolta, pois Constantine não havia feito nada de errado. Charlotte diz que Skeeter a idolatrava demais. “Eu precisava de alguém para admirar” (com isso, ela diz que a mãe não era uma pessoa admirável). Charlotte diz que foi à casa de Constantine no dia seguinte, mas ela já havia ido embora. Skeeter resolve ir atrás de Constantine. Charlotte diz que mandou o irmão de Skeeter buscar Constantine em Chicago, mas que quando ele chegou, ela já havia morrido. Skeeter fica inconsolável (1h54’01’’).

Skeeter sai de carro e observa uma empregada negra cuidando de uma criança loira. Emociona-se ao lembrar de seus momentos com Constantine. (1h55’07’’).

Ao passar em uma livraria, vê a exposição do livro “A resposta” (The Help, no original), com grande tiragem. Skeeter reparte o dinheiro das vendas com as empregadas (1h56’09’’).

A mãe de Hilly identifica a história de Minny, ao fazer a leitura para suas amigas no asilo. Telefona para Hilly e pede para ler o livro. As pessoas começam a ler o livro em Jackson. As senhoras da sociedade de Jackson leem o livro. As empregadas também (1h59’25’’). Hilly diz que aposta que tudo aquilo é invenção de alguma negra. Outras tentam dizer que a história não é sobre Jackson (1h59’50’’).

Skeeter recebe uma carta convite dos editores (2h01’20’’).

Hilly chega à sua casa de Skeeter, diz que contratou o melhor advogado do estado e que a escritora vai para a cadeia. Skeeter diz que ela não pode provar nada. Hilly disse que identificou histórias de Aibileen. Diz que tem muitos

planos para as negrinhas Aibeleen e Minny. Skeeter pede cuidado, pois se a história da torta se espalhasse seria pior para Hilly. A mãe de Skeeter põe Hilly para fora. (2h02’37’’).

Charlotte, a mãe de Skeeter se tem planos para o dia seguinte e avisa que irão às compras. Diz a Skeeter que ela vai a Nova York com uma roupa apropriada. “A coragem às vezes salta uma geração. Obrigado por resgatá-la na nossa família”. Diz que tem orgulho da filha. A mãe diz que resolveu fazer as próprias escolhas e não se entregaria à doença. Ela estava com câncer em fase terminal. Diz a filha que nunca se orgulhou tanto dela (2h05’43’’).

Johnny descobre a presença de Minny na casa de Celia. Diz que soube dos bebês e de quando Minny começou a trabalhar lá, Celia começou a melhorar, de modo que Minny estava ajudando Celia a ressignificar a vida de Celia. Minny ficou surpresa ao saber que ele já sabia. Johnny disse que desconfiou desde a primeira noite. Ao entrarem em casa, viram que Celia preparou um jantar completo sozinha, para mostrar que estava aprendendo, em agradecimento a Minny. Minny senta com os patrões para jantar (2h08’54’’).

Minny sentiu-se segura para sair de casa com os filhos e não voltou para o marido violento (2h09’05’’).

Aibileen e Minny chegam à igreja. Quando chegam já há vários carros ali. Quando entram são aplaudidas com palmas em pé por todo o público presente. O pastor convida Aibileen e diz que tem que agradecê-la pelo que ela fez. Entrega a ela um exemplar do livro assinado por toda a igreja (2h10’39’’).

Aibeleen e Minny mostram a Skeeter que a igreja de dois distritos assinaram os livros para ela. Skeeter conta que recebeu uma oferta de emprego em uma editora em Nova York. Mas ela disse que não vai aceitar. Que não vai deixá-las agora que as confusões começaram por causa do livro. As duas tentam convencê-la a ir e conseguem. Dizem que vão cuidar uma da outra (2h12’47’’).

No estudo de Silva, o autor diz:

> Amigo não é apenas aquele com quem se conversa sobre qualquer assunto ou se enfrenta determinados desafios, como também a expressão de certa igualdade no lugar que um ocupa subjetivamente para o outro. A amizade implica em troca exatamente porque os elementos do processo parecem estar abolidos da condição de “espera”. O vínculo de amizade é, portanto, um dos laços de amor no qual um aprende com o outro (Silva, 2008, p.161-162 apud Silva, 2012, p. 8-9).

Hilly acusa Aibileen por um suposto de roubo de três peças de prataria que Hilly pegou emprestado com Elizabeth, mas Aibileen diz que não sabe das peças, é demitida e que vai chamar a polícia. A filha de Elizabeth chora precisando de cuidados. Aibileen tenta ajudar, mas é impedida. Ela reafirma que não roubou a prataria. Hilly está decidida a mandá-la para a cadeia. Aibileen disse que vai escrever muitas histórias sobre ela na cadeia, por ser uma mulher muito malvada. “Não se cansa, dona Hilly?” Elizabeth ordena que Aibileen vá embora. A criança não aceita a partida de Aibileen, e então se lembra dos ensinamentos que teve com a empregada. Aibileen pede a Elizabeth que dê uma chance à sua filha (2h16’51’’).

Aibileen medita sobre a própria vida. Disse que a filha de Elizabeth seria seu último bebê. E como a sua vida havia mudado. Ela medita:

> “Deus diz que tem de amar os próprios inimigos. É muito difícil. Mas pode começar dizendo a verdade. Nunca me perguntaram como era ser eu. Quando eu disse a verdade sobre isso, me senti livre e comecei a pensar em todas as pessoas que conheço e nas coisas que vi e fiz. Meu filho sempre disse que teríamos um escritor na família. Eu acho que vou ser eu”. (2h18’31’’).

IV.IV A questão das identidades

Apesar das críticas apontarem que a construção dos personagens foi superficial, percebemos abordagens de diferentes identidades.

Skeeter, apesar de ter nascido e crescido naquele ambiente, volta para casa como alguém independente e disposta a se arriscar e mobilizar forças em prol do que acredita. O fim do tratamento diferenciado entre brancos e negros, o que, naquela época e naquele local, parecia ser praticamente impensável. Skeeter não se adapta mais ao grupo, às velhas amigas, às amizades de fachada, às reuniões da sociedade e prefere escolher outras companhias.

Aibileen, inicialmente amarga, descrente da vida, triste e submissa, percebe que pode ser útil ajudando outras pessoas, mesmo com a perda do seu filho. Esse pressuposto veio também da insistência de Skeeter ao pedir ajuda e das cenas absurdas que presenciou durante tantos anos. Ela perdeu o filho por causa de uma norma racista e sem fundamento.

Minny, apesar de submetida aos comportamentos de Hilly, a violência do marido, o emprego que necessitava manter, encontra motivos para manter o bom-humor e acima disso, a compaixão com Celia, excluída pela sociedade.

Celia não tinha intenção de pertencer à alta sociedade, a ser comparada às damas da sociedade por ter um marido rico. Celia tinha necessidade de amigos e as portas eram fechadas a ela. Socialmente, havia barreira para que ela fosse amiga dos negros e as brancas não a aceitavam. Celia carregava dores e não tinha com quem partilhar, a não ser depois da chegada de Minny.

E como dissemos algumas vezes neste capítulo, muitos dos personagens carregavam suas dores. Mas o diferente era a forma de carregar. Ao longo do filme, as empregadas foram percebendo que, unindo-se, eram mais fortes, algo que as damas da sociedade não conseguiam fazer, pois não mantinham amizades autenticas, apenas nutriam relações por interesse e aparência, vazias, como havia pressuposto Schopenhauer.

Skeeter consegue convencer a sua mãe, Charlotte, doente de câncer, que o que era importante era a marca que deixamos nas pessoas, as formas como quais as tratamos, independentemente da cor da pele ou do nível social.

Se não fosse a união das empregadas em torno de Skeeter, e por terem confiado em Aibileen e Minny, a situação não mudaria tão cedo. Ainda que seja uma obra da imaginação da autora e do diretor, fica claro que é necessário ter um sonho e ter coragem para manter-se vivo. O discurso de Martin Luther King, “Eu tenho um sonho”, está no apêndice IV.

E pensando nas atitudes desses personagens, podemos considerar possível uma sociedade diferente, pensamento proposto desta tese, e mergulhar mais nas identidades de cada integrante da sociedade. De onde as pessoas vieram, como foram criadas, o que lhes foi ensinado, o que era importante, como aprenderam a lidar com as dificuldades e vários outros posicionamentos. É possível questionar por que o livro e o filme fazem tanto sucesso ainda nos dias de hoje.

CAPÍTULO V – EU, VOCÊ E A GAROTA QUE VAI MORRER (2015)

> O cinema sempre teve a capacidade de deixar-se investigar sobre diversos aspectos. Até porque, desde que foi inventado os produtores desta arte estiveram na soleira buscando formas cada vez mais sofisticadas de transportar para a tela aquilo que está na imaginação do homem e na realidade; encontrar artistas que se transvertam em outras pessoas, deixando-se revestir de outros corpos para viverem outras vidas, outras histórias, em outros lugares. Esta magia sempre esteve permeada de significações contagiantes para quem, de alguma forma, tem contato ou dela participa: os produtores, os artistas e os cinéfilos que assistem aos filmes. (Lopes, 2009, p.1)

A esta altura da tese, já é possível identificar vários predicados da amizade, vários modelos, falar de amizade em diversas etapas da vida e em várias situações. Estamos finalizando nosso estudo sobre essa importante relação humana com a certeza de que cada leitor e cada pesquisador tem algo a acrescentar ou a negar, com a certeza de que outros pesquisadores poderão trazer novas reflexões sobre o assunto.

O filme que nos possibilitou escrever este capítulo é baseado no livro “Me, and Earl, and dying Girl” (Eu, Earl e a garota que está morrendo), do escritor americano Jesse Andrews, que também foi o responsável por assinar o roteiro da película.

Aqui, discutiremos se é possível formar amizade entre adolescentes de personalidades diferentes, por meio de um pedido, de um motivo que não seja espontâneo, de situações que são impostas, e de uma aparente falta de reciprocidade. Há a desconfiança de que a amizade que não tenha bases sólidas possa dar certo e, aparece, novamente, a redenção pela amizade.

A escolha deste filme, ao invés de outros que tratam da amizade entre adolescentes, é que ele parece evitar lugares comuns, obviedades. No capítulo III também tratamos da amizade entre adolescentes e acreditamos que esta é uma fase em que este sentimento é crucial. O fato de ser baseado em um livro vai ao encontro do corpus da pesquisa.

Figura 5: Cartaz do filme Eu, você e a garota que vai morrer



Fonte: AdoroCinema (2024)[68]

V.I Observações Iniciais

O filme foi dirigido por Alfonso Gomes-Rejon, que também dirigiu as séries estadunidenses *Glee, American Horror Storie, Hunters* (AdoroCinema, online). Também foram diretores colaboradores nomes famosos do cinema, como Martin Scorsese e Robert de Niro, e “Eu, você e a garota que vai morrer” é o seu segundo filme como diretor principal. Apesar de apresentar um roteiro crível e às vezes com emoções difíceis, talvez por envolver adolescentes – que têm os sentimentos à flor da pele –, o filme foi produzido com leveza e toques de humor, e narrado pelo personagem principal, Greg (Thomas Mann). Na esteira do super sucesso “A culpa é das estrelas”[69] (Josh Boone, 2014), o filme procura focar nas relações de amizade, nas características dos adolescentes e na convivência com o adoecimento.

[68] Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-233871/. Acesso em: 11 dez. 2024.
[69] Em "A culpa é das estrelas" a adolescente Hazel, de dezesseis anos, apaixona-se pelo amigo Augustus.

A título de comparação, com temáticas semelhantes, “A Culpa é das Estrelas” obteve mais de 307 milhões de receita, enquanto “Eu, você e a garota que vai morrer” ficou em torno dos 9 milhões[70], o que não significa que não é um bom filme e que não prende a atenção do espectador, mas o faz utilizando principalmente o humor. Lançado em 2015, o filme já havia tido o roteiro recusado em 2012.

Diferentemente do filme “As vantagens de ser invisível”, que ilustra o Capítulo III, aqui a história acontece num momento mais presente, em que os adolescentes já têm acesso às tecnologias mais modernas da década, mas ainda não estão tão dependentes delas. No filme aparecem celulares, notebooks, câmeras de mão, projetores, todos utilizados pelos adolescentes, principalmente por Greg, que evitava as relações sociais, mas também não vivia dependente da tecnologia, como podemos observar nos jovens de atualmente. No trabalho “Cultura juvenil, dependência digital e contingência” (2020), de Henrique Nou Schneider, Jacques Fernandes Santos e Vinícius Silva Santos, os autores observam que:

> A primeira década do século XXI serviu como um marco exponencial dos meios de comunicação social, a exemplo da popularização dos aparelhos móveis e o acesso aos vários ambientes de informação, momento esse definido por muitos autores como sendo o surgimento de cultura digital. Paralelo a essa realidade, surgiram formas de expressões juvenis entorno das tecnologias, sendo possível afirmar que, o crescimento das tecnologias teve como parte do seu sucesso a origem de uma etapa de vida social, nesse caso a juventude, que encontrou em seus desdobramentos o principal motivo de produção da vida social. Logo, na atualidade é inegável a ligação existente entre os jovens e os meios de informação e comunicação, bem como a retroalimentação que constantemente consegue dar outros significados à vida humana.
>
> Com efeito, os jovens contemporâneos, também conhecidos como nativos digitais passaram a usar com maior regularidade e frequência os ambientes de interação social, pautados nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação-TDIC. Tal assertiva pode ser compreendida através da utilização de diferentes dispositivos tecnológicos, sobremaneira aqueles ligados às relações sociais que impactam diretamente a maneira de relacionar-se através de tecnologias assíncronas. Vive-se um momento propício para as experiências baseadas em conexões, resultado dos avanços tecnológicos em rede que, permite aos sujeitos sociais manterem-se conectados. (Schneider; Santos; Santos, 2020, p. 43)
>
> [...]

No entanto, o crescimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, como classificam os autores, continuou a crescer

[70] Confome o sítio Box Office Mojo by IMDb Pro, acesso em 12/11/2024.

exponencialmente nos anos seguintes. Por um lado, elas promovem benefícios à sociedade, como deveria ser a função das mesmas, como promover aproximações e alternativas para as diversas áreas da sociedade, como por exemplo a inclusão de pessoas com deficiência, as aulas virtuais durante a pandemia do covid-19, bem como a difusão de informações sobre a doença. Por outro lado, as tecnologias caminham, ou melhor, já estão num momento em que ao invés de servir, dominam a própria humanidade, com destaque para os nativos digitais. As mídias sociais substituem os encontros presenciais, e torna-se mais fácil existir “tecnologicamente do que humanamente”. Essa afirmativa, que já era uma preocupação de Bauman, de Castells e de outros pensadores, e que provoca outros tipos de doenças na sociedade, principalmente as emocionais, psicológicas, psíquicas, leva-nos a outros pensamentos. Concluem os pesquisadores do trabalho citado acima:

> Pensar a produção cultural dos jovens contemporâneos tomando como centralidade a utilização das tecnologias requer entender a complexidade de fatores que agem como reguladores dos processos de interação nesses espaços de imersão. É preciso ponderar os diferentes comportamentos que apontam para uma saturação das relações virtualizadas que fazem desencadear distúrbios, tais como dependência, ansiedade, isolamento social, pânico, alucinação, inabilidade, dentre outros. Esses fenômenos servem como prova cabal da necessidade de reorientação da relação homem-máquina, uma espécie de reeducação “mediada” que se faz urgente no tempo presente.
>
> Por fim, mais que apontar caminhos e ações para uma possível mudança de comportamento, nos parece salutar tencionar provocações a partir de uma análise crítica que possibilite aos jovens uma atitude reflexiva sobre a utilização dasTDIC, pois, talvez seja essa a opção mais radical, uma ação onde a questão nodal sobre a contingência juvenil através das tecnologias permita pensar/construir uma ética para o futuro, mais que nunca partilhada, coletiva e a serviço do bem-estar e da condição humana responsável. (Schneider; Santos; Santos, 2020, p. 52-53).

Greg utilizava a tecnologia para gravar e editar filmes caseiros, no entanto, sempre em parceria com Earl (que no título original aparece nomeado com o título: “*Me and Earl and the dying girl*”). Por isso mesmo, nesse filme, a tecnologia não apareceu com todo o seu potencial de separar, com discursos rápidos de aplicativos, mídias sociais e falta de aprofundamento. Conforme já dissemos, esses dispositivos podem produzir relacionamentos que facilmente são esquecidos ou podem ser apagados e, ao dispensarem as companhias reais, são uma causa da solidão. Greg e Earl produzem os cenários e os efeitos

especiais dos filmes que idealizam, ora mais elaborados, ora improvisados e trabalham em conjunto. Esses momentos do filme são interessantes pelas referências que fazem aos filmes já existentes e justifica, em partes, o motivo de Greg chamar Earl de “colega de trabalho”. Também é a linguagem utilizada para contar o filme em que estamos trabalhando neste capítulo: Greg divide a história em vários subtítulos e narra a história, colocando-se e aos demais como personagens.

Segundo a dissertação de mestrado de Renato Hubner Barcelos, “Nova Mídia, Socialização e Adolescência: Um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias e comunicação pelos jovens” (2010),

> O consumo das tecnologias na nova mídia - entre elas, a internet e suas aplicações, o telefone celular e os jogos online - possui um papel especialmente relevante para os jovens. Pode-se dizer que a geração adolescente atual não "adotou" a nova mídia, mas sim que ela sempre foi parte de suas vidas. Essas tecnologias oferecem amplas possibilidades de comunicação e expressão e são mais interativas e imersivas que a "tradicional" - como a televisão, o rádio e o jornal, por exemplo. Além disso, os jovens têm se valido destas novas tecnologias em seus processos de aprendizagem e socialização. Eles se preocupam bastante em cultivar suas relações sociais e em construir sua identidade e, assim, a possibilidade de as novas tecnologias aprimorarem a sua socialização pode ser a sua grande atratividade. (Barcelos, 2010, resumo).

Esse tipo de relação social que o autor diz ser preferida pelos jovens não consegue substituir o contato físico, o afeto, o toque. O celular tem contribuído mais para o isolamento que para a relação social. Sobre identidades, as assumidas por trás de uma tela são muitas, a depender do espaço em que estão. E existem pessoas com milhões de amigos nas mídias sociais e sem amigos na vida real, como já falamos neste trabalho, o que pouco pode contribuir quando realmente precisa-se de um amigo, como a personagem Rachel, neste capítulo.

As cenas feitas na casa de Greg foram gravadas na residência da infância do autor, Jesse Andrews, e a atriz Olivia Cookie, que raspou os cabelos para fazer as cenas em que estava no tratamento de quimioterapia e fez o seu primeiro papel de filme não classificado como terror ou ficção-científica (AdoroCinema, *online*).

Segundo a matéria "Jesse Andrews aprende escrever Eu, Earl e a Garota que vai morrer em pleno vôo" (tradução nossa[71]), publicada em 5 de junho de

[71] “Jesse Andrews Learns on the Fly to Write 'Me and Earl and the Dying Girl'”.

2015, foi o primeiro romance de Jesse Andrews, que admite que não sabia escrever um roteiro. No entanto, a obra tornou-se um best-seller do New York Times e acabou se tornando também seu primeiro roteiro cinematográfico. Surgiram pessoas interessadas na obra, mas também algumas dificuldades, como mostrar o desenvolvimento e amadurecimento do personagem Greg, que é mais fácil fazer na literatura que no cinema. As características do livro, como "uma história de amor não romântica", atraíram o diretor Alfonso Gomez-Rejon, que afirmou que

> Se o roteiro fosse piegas ou sentimental, eu provavelmente não teria feito o filme". "Isso não me interessava neste momento. Eu o fiz por outros motivos — para trabalhar o processo de luto e fazê-lo através da comédia e fazê-lo através de Greg. E fazer um filme que é todo sobre amor. E para celebrar filmes e agradecer a todos os meus heróis. (Anderson, 2015, online).

Mas, por trás da sátira e da linguagem visual sofisticada do Sr. Gomez-Rejon, há uma história sobre câncer, o que significa um ato de equilíbrio: não pode ser casual ou leviano. Ainda assim, a tragédia foi tratada com suavidade. “A parte mais difícil de interpretar uma adolescente com leucemia é não retratá-a como uma vítima ou personagem trágica”, disse a atriz Olivia Cooke (Rachel). “Além disso, não fazer um desserviço às pessoas que têm esse câncer.” Apesar da pouca experiência do diretor, a atriz Molly Shannon, que interpreta a mãe de Rachel, uma personagem alcoólatra, expressou profundo apreço pela direção do Sr. Gomez-Rejon e pela história. Molly Shannon comenta: “Eu estive em muitos filmes e programas de TV onde quando você termina alguém diz, 'Amanhã sua vida vai mudar', e então isso não acontece”, ele disse. “Mas eu olhei ao redor para esse elenco jovem, e Jesse e Alfonso, e pensei 'Vocês não têm ideia do que vai acontecer amanhã.' E então aconteceu.” (New York Times, 2015, online).

No filme, a amizade ameniza as tristezas e a dor.

V.II Considerações da crítica especializada

O filme e a equipe foram indicados a diversos prêmios e menções e conseguiu alguns. O filme ganhou o prêmio da Sociedade de Elenco da América (Casting Society of America) – na categoria Estúdio ou Fime Indepentente/Comédia, Sociedade de Críticos de Phoenix; o filme escolhido do

ano, Festival de Cinema de Sundance; Grande Prêmio do Júri e Grande Prêmio do Público, Alfonso Gomez-Rejon.

O filme também teve boa recepção da crítica, sendo que, no sítio Rotten Tomatoes, obteve aprovação de 81% dos críticos e 86% do público. No IMDb o filme tem uma nota de 7,7 em 10.

Rapidamente, o filme ganhou versões em DVD e Blue Ray. Ambos os formatos incluiram algumas cenas deletadas com comentários opcionais do diretor, junto com comentários regulares de áudio dele, o filme abstrato para Rachel, o trailer de Greg e uma galeria. O Blu-ray também apresenta um extra chamado “This Is Where You Learn How the Movie Was Made,” uma conversa com Martin Scorsese e o Sr. Gomez-Rejon, que começou sua carreira como assistente do reverenciado cineasta, e uma montagem dos curtas inventivos feitos pelos jovens.

No sítio Adoro Cinema, o filme ganhou uma nota 4,3 em 5, de acordo com os usuários que avaliaram. Já no sítio Omelete, obteve da crítica especializada a nota 3. O crítico especialista do sítio, Marcelo Hessel, no texto “Eu, Você e a Garota Que Vai Morrer - Adaptação ao cinema do livro de Jesse Andrews faz um sub-Wes Anderson[72] com drama de afirmação juvenil” publicado em 03/10/2015, o crítico diz que há uma imitação de vida nos trabalhos de Anderson.

> A criação de um fac-símile da nossa realidade que permita jogar com estereótipos e situações melodramáticas de forma lúdica, operação que dita alguns dos principais filmes de Anderson, como Os Excêntricos Tenenbaums, é usada por Gomez-Rejon nesta adaptação ao cinema do romance de Jesse Andrews para gerar empatia com nosso miserável protagonista, Greg (Thomas Mann, ótimo no papel), a personificação do Privilégio Branco. (Hessel, 2015, online).

Para o autor, para melhor identificação com a história, devemos partir da premissa de que Greg expiará sua culpa burguesa e aprenderá a ser gente depois de apanhar na cara com a doença de Rachel (Olivia Cooke) e com a pobreza do negro Earl (RJ Cyler), de modo que o filme traz também essa experiencia moral, a partir de imitações da vida. Ele questiona:

> O que Greg fez para merecer ser o protagonista desta história, e não Earl ou Rachel? Perguntas assim tendem a se perder no ar, porque é a partir do uso irônico de estereótipos, e não de seu endosso (pelo menos em tese), que o filme se organiza.

[72] Wesley Whales Anderson (nascido em 1969) é um cineasta americano.

> É como se Greg fosse uma caricatura, e não um hétero caucasiano de classe média-alta de fato, alheio às dificuldades que o resto da população (mulheres, negros) passa ao seu redor. Para consolidar essa imagem, o filme cerca o protagonista de outros tipos excêntricos (o pai e suas comidas, o professor tatuado), e só faltava mesmo uma meia-dúzia de gravatas borboletas para que Eu, Você e a Garota Que Vai Morrer fosse confundido com um filme de Wes Anderson. Porque os enquadramentos geométricos e as cartelas espirituosas na tela, dividindo o filme em capítulos, já estão lá. (Hessel, 2015, online).

Na crítica de Sheila O'Malley, de 12 junho de 2015, publicada no sítio especializado RogerEbert.com, o filme recebeu uma estrela e meia, em cinco.

> [...] O ponto principal de "Eu, Earl e a Garota Moribunda[73]" é que, por meio de seu relacionamento com Rachel, Greg começa a viver para alguém que não ele mesmo. Ele e Earl decidem fazer um filme para Rachel, uma homenagem, e correm para terminá-lo antes que ela morra. Adolescentes são egocêntricos. Aprender a viver no mundo, reconhecer que os outros existem, que suas ações têm consequências, faz parte do crescimento. Autores como Paul Zindel, S.E. Hinton e, mais recentemente, John Green, todos escreveram livros apresentando adolescentes que precisam aprender, às vezes dolorosamente, que quem eles são tem significado, que eles precisam ser responsáveis por si mesmos e gentis com os outros. "Eu e Earl" quer fazer parte desse gênero sem se preocupar em criar personagens que *vivam*.
>
> A amizade de Greg com Rachel, apesar do começo nada auspicioso, se desenvolve. Eles saem. Eles conversam. Ou melhor, Greg fala, e ela escuta. Ele mostra a ela os filmes que fez com Earl. Se você fosse uma adolescente morrendo de câncer, com um grupo de amigos que já a apoiavam, uma mãe aterrorizada e uma sensibilidade artística única (que descobrimos mais tarde), como você gostaria de passar seus últimos meses na Terra? Em "Eu, Earl e a Garota Moribunda", a "garota" do título dedica o trecho final de sua vida a fazer um jovem que ela nunca conheceu antes se sentir bem consigo mesmo e com *suas* atividades artísticas.
>
> [...] Os vislumbres que temos dos filmes de Earl e Greg são a melhor parte do filme. Eles são bobos e idiotas, e Alfonso Gomez-Rejon se divertiu muito, obviamente, criando todos eles. Há momentos que brilham com humor, como Greg preenchendo sua inscrição para a faculdade na voz de Werner Herzog[74]. O trabalho de câmera é enérgico, embora um pouco artificial e chamativo (colocando cabeças na lateral do quadro sem nenhuma razão real). Uma cena, uma discussão tensa entre Rachel e Greg, se desenrola em uma longa tomada e é o único momento no filme em que algo real é realmente permitido existir, porque em tal cena é sobre o comportamento, os silêncios entre as palavras, a sensação que você tem de que dois atores estão realmente *criando* algo diante de seus olhos. Tal cena, no entanto, não pode salvar o todo. (O'malley, 2015, online).

Para a profissional que fez a crítica, o filme tem pouco a acrescentar. No entanto, afirma, genericamente, que adolescentes são egocêntricos, o que era o

[73] Título que o filme recebeu na Espanha.
[74] Werner Herzog (nascido em 1942) é um cineasta alemão. Essa é uma das muitas referências ao cinema que o filme traz.

caso de Greg, e talvez justifique o receio que ele tinha de enfrentar o Ensino Médio e a faculdade, e que essa é a fase em que aprendem a viver no mundo e reconhecer os outros e as consequências de suas atitudes, o que não deixa de ser didático. É por isso que as amizades importam tanto. A crítica cita autores que trazem, em suas obras, adolescentes que precisaram aprender o significado de suas vidas, as vezes até de forma dolorosa. É interessante a percepção de que Rachel, quem estava morrendo e precisava de suporte é quem procura fazer Greg sentir-se bem consigo mesmo, uma vez que Greg era um adolescente que pouco acreditava em si. É temerário dizer da personalidade dos adolescentes que são egocêntricos, com todas as mudanças e situações que têm que lidar nessa fase da vida, como desenvolvem identidades complexas, além de serem diferentes entre si. Talvez, e é uma interpretação plausível, Greg agia como agia no filme por imaturidade, insegurança e por receio de convivência. Earl e Rachel aparentam mais maduros pelas situações em que enfrentaram. Apesar da nota 1,5 atribuída, percebemos que o filme tem uma mensagem a passar, e apesar da pouca experiência do roteirista e do diretor em filmes desse tipo, e um elenco jovem, o filme tem algo a oferecer. A sutileza de uma mãe que não sabe o que fazer e está sempre com um copo na mão é um desses pontos. A metalinguagem na construção dos filmes de Greg e Earl também aparecem como um ponto alto da direção.

Seguimos com a crítica de Victor Martins, para o sítio Cinematologia (2018), que percebe nuances diferentes no filme:

> Em geral, filmes que abordam o jovem na sociedade são muito bem recebidos, tanto por crítica quanto por público, basta ver o sucesso dos filmes de John Hughes, como “Clube dos Cinco” e, mais recentemente, filmes como “As Vantagens de ser invisível”.
> Sendo assim, “Eu, você e a garota que vai morrer” teve um caminho difícil a percorrer nas audiências, já que a fórmula de filmes desse tipo já é bem conhecida, porém, o filme dirigido por Alfonso Gomez-Rejon e lançado no ano de 2015 é inovador, por focar nos diálogos e usar os pensamentos de seu personagem principal para dar complexidade a história.
> [...] A obra usa de uma estrutura bem ousada, pois o filme é narrado por Greg – em um voiceover excelente a ser discutido a seguir – e a montagem segue essa narração, os cortes são adequados aos momentos de fala em off do protagonista, seguindo uma ordem inteligente, por associar a vida pessoal do rapaz e o relacionamento com Rachel às dúvidas frequentes nessa fase da vida. (Martins, 2028, online)

Filmes com a temática adolescente, e com o lançamento tão próximo do sucesso “A Culpa é das Estrelas”, correm o risco de cair num lugar comum. No entanto, Alfonso-Gomes Rejon decidiu ir por outro caminho. Ele utilizou a habilidade do seu protagonista de produzir filmes para contar a história. Greg conta a história a partir do seu ponto de vista e mergulhamos com ele nos seus dilemas e nas soluções que ele encontra para eles. Greg é politicamente incorreto no trato social, mas percebemos que ao longo do filme sua visão sobre a vida é modificada. A partir da linguagem cinematográfica, percebemos, principalmente nos diálogos, o amadurecimento do personagem. Mas há outros artifícios que o diretor utilizou no filme e que foram registrados pelo crítico:

> [...] não é surpreendente que o filme use de cores mais claras nas cenas passadas fora da escola, como por exemplo, as na casa de Rachel e todas as cenas com Earl, pois essas representam momentos felizes e seguros, e em compensação, em cenas passadas na escola ou no hospital, a cor predominante seja o cinza, para expor as dúvidas e os medos sentidos por Greg.
> O roteiro tem diálogos muito bem construídos, sensíveis na maior parte do tempo com uma leve dose de diversão, nada exagerado, mas também não busca forçar a tristeza, pois sabe que a premissa do filme é triste sem precisar de clichês. O voiceover é bem utilizado, não apenas pela questão estrutural já citada, mas principalmente porque acrescenta pontos a serem discutidos na obra, aprofunda o personagem de Greg e traz complexidade ao ambiente no qual o filme está inserido, ao contrário de muitas narrações em off, que apenas repetem aquilo já mostrado, sem adicionar em nada e sendo perfeitamente dispensável.
> Ainda assim, o filme tem um plano sequência completamente injustificado e inútil perante a trama, além de movimentos de câmera desnecessários, porém, esses dois erros ocorrem no primeiro ato, prejudicando o início da fluidez da obra, mas não o seu final, já que os diálogos sensíveis compensam esses erros bobos, que aconteceram devido a tentativas de inovar sem nenhuma necessidade. (Martins, 2018, online).

Como aponta o crítico, há artifícios utilizados pela direção para dar o tom de determinadas cenas, o que só poderia ser feito no cinema, como por exemplo a tonalidade das cores que passa a emoção de cada ambiente. O crítico também observa um plano de sequência e movimentos de câmera inúteis à narrativa (o que já havia sido observado por Sheila O’Malley, acima), e a riqueza dos diálogos, que pemitem acompanhar o amadurecimento de Greg. Os diálogos tornam-se importantes para o desenvolvimento das sequências bem como a narração. O crítico finaliza dizendo que “Eu, você e a garota que vai morrer”, além da sensibilidade que desperta, é um filme que vale a pena.

> Portanto, “Eu, você e a garota que vai morrer”, consegue trazer coisas novas a um subgênero que corre o risco de se tornar desgastado daqui a um tempo, porém, agora, continua apresentando boas projeções e sendo rico em criar filmes inéditos e originais. (Martins, 2018, online).

Na próxima seção, analisaremos algumas sequências do filme.

VI.IIII Sinopse e breve análise sobre as sequências sobre amizade

Greg (Thomas Mann) é o narrador da história. É algo que consegue fazer com maestria nos roteiros dos filmes que produz artesanalmente. Mas têm dificuldades para contar sua própria história (0h02’25’’). Ele é um adolescente que está no último ano do Ensino Médio. Pretende vivê-lo como vinha sendo, sem grandes amizades, dando-se bem com os outros, porém, sem se aprofundar (0h04’42’’). Agora deveria pensar em ingressar em uma faculdade, mas não faz questão de pesquisar sobre isso. Uma das possibilidades era porque a ideia de mudar-se e morar com outras pessoas o apavora, outra possibilidade era porque se considera um garoto sem muitas habilidades e quase ou nenhum amigo, se formos buscar no que já construímos desse conceito. O que e onde cursar não eram assuntos do seu interesse, ou pelo menos o deixavam aborrecido, mesmo sabendo que seu pai era o chefe de Departamento de Sociologia de uma universidade. A presença de amigos, nessa fase, ou em qualquer mudança, suaviza e promove maior confiança. Por outro lado, às vezes, o ambiente universitário não é muito acolhedor e lócus para violência simbólica.

O estudo de Zeyne Alves Pires Scherer, Edson Arthur Scherer, Paloma Tamaris Rossi, Kelly Graziani Giacchero Vedana, Luciana Aparecida Cavalin, “Manifestação de violência no ambiente universitário: o olhar de acadêmicos de enfermagem” (2017), confirma essas percepções:

> As instituições de ensino, por sua vez, têm papel importante na sociedade ao constituírem espaço de educação, socialização e formação profissional dos indivíduos. O ajustamento do estudante ao ambiente acadêmico é um processo complexo, multidimensional e multifacetado, construído no cotidiano das relações estabelecidas entre aluno e instituição, que pode ser incrementado ou prejudicado. As instituições de ensino superior, em particular, se encontram imersas em um sistema educacional atrelado a valorização da auto-afirmação manifestada nas relações de poder, controle e dominação (padrões predominantes em nossa sociedade), com base no comportamento competitivo e coercivo em detrimento da cooperação. Se no espaço universitário ocorrer a reprodução de desigualdades sociais entre alunos, professores e demais profissionais, pode ser facilitada a ocorrência de violência, muitas vezes vista como comportamento

> natural e frequentemente desvalorizada ou ignorada (Scherer et al, 2017, p. 70).

Por ter um sistema diferente de ensino daquele utilizado em suas últimas experiências escolares, o sistema universitário pode assustar e manifesta relações de poder, controle e dominação, conforme dizem os autores. Essas relações muitas vezes são veladas e, por isso, o ajustamento dos alunos é complexo. Esse era um receio de Greg. Essas relações, também, são muitas vezes naturalizadas e a escola é vista como um ambiente hostil.

Bourdieu discutiu, em sua obra sobre capital cultural[75] e violência simbólica, conceitos que classificam os indivíduos e impedem a formação de laços saudáveis, como as amizades. Não nos aprofundaremos nesses conceitos, pois não é objetivo desta pesquisa, mas chamamos a atenção para aqueles que estão envolvidos especialmente no ambiente acadêmico. Segundo Liliane Pereira de Souza, na pesquisa "A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira" (2012):

> O poder arbitrário na escola é responsável pela imposição e inculcação, que são as relações de força, do arbitrário cultural, pois os conteúdos, métodos de trabalho, avaliação, são impostos pelos agentes como importantes e merecedores de serem ensinados. Sendo assim, através da ação pedagógica, mantêm-se a reprodução, de uma violência simbólica. E defende Bourdieu e Passeron[76] que a condição da prática da ação pedagógica é o não reconhecimento.
> Para Adorno[77] (1995):
> A imagem do professor sendo aquele que é fisicamente mais forte e que castiga o mais fraco também afeta a vantagem do saber do professor frente ao saber de seus alunos, que ele utiliza sem ter direito para tanto, uma vez que a vantagem é indissociável de sua função, ao mesmo tempo em que sempre lhe confere uma autoridade de que dificilmente consegue abrir mão (1995, p. 104) (Souza, 2012).

Greg não havia passado até então por nenhuma situação parecida, pois era filho de um professor, tinha acesso a um bom número de livros e filmes, à internet, de modo que não podemos falar que tinha um capital cultural baixo. O problema para ele era estabelecer as relações, uma vez que, tendo passado

---

[75] Em resumo, o capital cultural, conceito cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002), é o conjunto de conhecimentos, experiências e habilidades que um indíviduo adquire ao longo da vida e que pode se transformar em poder em determinados ambientes, trazer vantagens sociais, econômicas, perperpetuar determinadas estruturas e possibilitar a violência simbólica em relação àqueles que têm um capital cultural menor, por diversos motivos.
[76] Jean-Claude Passeron (nascido em 1930) é um sociólogo francês.
[77] Theodor Adorno (1903-1969) é um filósofo e sociólogo alemão.

quase todo o Ensino Médio se passando por invisível, sem se inserir em nenhum grupo, e considerando que estava confortável asssim, talvez na faculdade ele não conseguisse fazer isso.

A pesquisa “Relacionamentos de Amizade e Coping entre Jovens Adultos”, de Diogo Araújo DeSousa e Elder Cerqueira-Santos (2012), aborda a questão dos relacionamentos de amizade como auxílios em mudanças na vida dos dos adolescentes. Assim, se Greg fosse mais sociável, teria mais suporte para iniciar a faculdade. Vejamos:

> Entre adolescentes, os relacionamentos de amizade auxiliam em um desenvolvimento psicossocial saudável, proporcionando trocas de informações, apoio social e companhia de pares que estão passando por mudanças similares. Ter amigos oferece proteção social contra o tumulto das mudanças físicas e psicossociais da adolescência, bem como auxilia na busca do autoconhecimento e da formação de sua identidade funcional (Brown, 1990; Savin-Williams & Berndt, 1990). Além disso, as relações de amizade na adolescência - tanto as amizades íntimas quanto as relações de grupo - são um fator primário de análise no envolvimento ou não da pessoa com o fumo e o álcool (Ennett & Bauman, 1993; Kobus, 2003; Urberg, Degirmencioglu & Pilgrim, 1997), e o fato de poder discutir os problemas com os amigos é fator de proteção contra o suicídio, e tem inclusive maior capacidade de preveni-lo do que fatores de risco como o consumo de drogas têm de provocá-lo (Borowsky, Ireland & Resnick, 2001 apud Desouza; Cerqueira-Santos, 2012, p. 346).

Como Greg tentou passar-se despercebido em todo o Ensino Médio, ele não se enquadrou em nenhuma turma. Como dissemos anteriormente, especialmente no Capítulo III, os adolescentes costumam andar em “bandos”. Greg, entretanto, tentava se relacionar bem com todos, e interagir casualmente e imparcialmente. Eram difíceis os momentos no refeitório, onde cada centímetro pertencia a um “grupo “ou “nação”, nas palavras dele. Então, ele não podia frequentar esse espaço pois tinha um único companheiro: Earl. Os dois colegas almoçavam no escritório do professor de história, o Sr. McCarthy (Jon Bernthal) e, nessa ocasião, falavam de diversos assuntos.

Greg e Earl eram amigos, partilhavam tempo e experiências, Earl frequentava a casa de Greg, e ouvia as histórias do pai dele. Faziam seus filmes caseiros juntos, tinham gostos em comum. Fizeram 42 filmes, desde a infância, e não pararam (0h18’58’’). No entanto, Earl nunca chamava Earl de amigo (0h16’14’’), mas de colega de trabalho. Earl era negro e tinha condições econômicos inferiores às de Greg. Apesar de morarem próximos, o bairro do Earl era pior. O pai dele morava no Texas e a mãe é uma dona de casa deprimida.

Earl tem um irmão que tem um cachorro que não gosta do Greg. Apesar das ponderações de Greg, podemos perceber nas cenas uma relação de amizade, Earl mantém-se fiel a Greg. Em grande parte das vezes, a amizade não é totalmente recíproca talvez por causa das dificuldades do próprio Greg em se relacionar ou talvez por preconceito: o filme não deixa clara essa questão.

Somos levados a acreditar que Greg não chamava Earl de amigo, e nem o apresentava aos outros assim, porque tinha dificuldade com as relações, como dissemos. Para ele, considerar uma amizade era “solidificar”. O que era um perigo na “sociedade liquida” de Bauman. Percebemos dificuldades de se vincular entre as pessoas. O conceito de liberdade parece rivalizar com o de responsabilidade afetiva e de compromisso. A amizade é um compromisso tácito, como já dissemos ao longo deste trabalho. Considerando o parágrafo abaixo, Greg consideraria Earl como sendo da sua rede, embora fosse muito além, ainda mais se pensarmos em redes de mídias sociais:

> Diferentemente de “relações”, “parentescos”, “parcerias” e noções similares — que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso —, uma “rede” serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui “sua essência”! A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento “indesejável, mas impossível de romper” é o que torna “relacionar-se” a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma “conexão indesejável” é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (Bauman, 2004, p. 11).

Greg passou boa parte do filme evitando relacionamentos sólidos, profundos. No filme, fica claro como Greg era desajeitado também com as garotas, na cena em que está com Earl no escritório do professor e uma colega lhe faz uma pergunta. Greg se mostra desastrado, sem saber como responde-la, inseguro, e Earl contorna a situação. (0h05’43’’).

Ao chegar em casa, Greg tem que lidar com a insistência da mãe (Connie Britton) na escolha de um curso superior e de uma faculdade, mas ele diz a ela que não tem capacidade de ser aprovado (0h06’24’’). Percebe-se uma baixa autoestima em Greg, como em muitos adolescentes. Pela percepção que tem de si, ele mede e regula a relação com os demais. O estudo de Cláudia de Moraes

Bandeira e Claudio Simon Hutz, “As implicações do bullying na autoestima de adolescentes” (2010) afirma que:

> O conceito de autoestima tem sido estudado e considerado como um importante indicador de saúde mental na adolescência. Existe uma correlação entre autoestima, rendimento escolar e aprovação social, e tal correlação é virtualmente generalizável a todos os grupos étnicos e culturais (Steinberg, 1999). A autoestima é talvez a variável mais crítica que afeta a participação exitosa de um adolescente com outros em um projeto.
> [...] Autoestima é uma avaliação que o indivíduo efetua e comumente mantém em relação a si mesmo. Expressa um sentimento ou uma atitude de aprovação ou de repulsa por si mesmo e refere-se ao quanto um sujeito considera-se capaz, significativo, bem-sucedido e valioso (Coopersmith, 1989; Rosenberg, 1989). Pode ser entendida como um juízo pessoal de valor, externado nas atitudes que o indivíduo tem para consigo mesmo e nas crenças pessoais sobre suas habilidades, capacidades, relacionamentos sociais e acontecimentos futuros (Coopersmith, 1989; Heatherton & Wyland, 2003). A autoestima diz respeito à forma como o indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro e estabelece suas expectativas e projetos, sendo que o ponto fundamental da autoestima é o aspecto valorativo (Coopersmith, 1989). A percepção que o indivíduo tem do seu próprio valor e a avaliação que faz de si mesmo em termos de competência constituem os pilares fundamentais da autoestima. Esta se constitui em uma experiência subjetiva, acessível às pessoas através de relatos verbais e comportamentos observáveis (Coopersmith, 1989) (Bandeira; Hutz, 2010, p. 133).

De acordo com os autores da pesquisa acima, e com o que Greg pensa de si mesmo, é possível notar porque Greg tem dificuldade em fazer amigos e não quer fazer faculdade. Às vezes ele se chama de “rato”, “cara de cachorro” e outros apelidos pejorativos. A autoestima é um sentimento que deve ser perseguido pelo próprio sujeito, mas não é ele somente que estabelece seu patamar. As questões de sua história de vida, a forma como a pessoa se vê, os aspectos sociais, as relações, o ambiente, tudo isso interfere para que ela seja baixa ou alta. É importante destacar da fala dos autores que a autoestima é importante para que um adolescente se sinta capaz de levar adiante um projeto, e “diz respeito à forma como um indivíduo elege suas metas, aceita a si mesmo, valoriza o outro (...)” (Bandeira; Hutz, 2010, p.133).

Os pais de Greg (Nick Offerton e Connie Britton) dão a ele a notícia de que a mãe da colega Rachel, Denise (Molly Channon) ligou, pedindo que Greg conversasse com Rachel (Olivia Cookie), a filha dela, mas Greg diz que Rachel não é sua amiga, apenas conhecida. Então seus pais dizem a ele que Rachel está com leucemia e que sua mãe, Denise, pediu que Greg telefonasse para ela. Greg concorda com os pais que é uma situação difícil e liga para Rachel, para

tentar diverti-la um pouco, mas não consegue distrai-la ao telefone ou convencê-la a sair (0h09’32’’). A mãe de Greg fica profundamente irritada.

Greg pergunta ao seu professor e amigo, o sr McCarthy, se Leucemia Mieloide Aguda[78] era uma doença preocupante, se pode levar à morte. O professor diz que sim, mas que havia tratamentos. Greg pensa no que pode fazer (0h20’39’’).

A estratégia da amizade, pensada pelas mães de ambos, tinha tudo para funcionar. Greg, por sua falta de amigos, e Rachel, porque teria que ficar isolada, poderia contar com alguém com quem conversar (0h22’33’’). A amizade tem esse poder motivador, por tudo que contém, é essa força motriz que enfrenta a solidão, o medo, a depressão e a baixa autoestima.

No entanto, não estava funcionando no início. Rachel insistia que não queria piedade de ninguém, muito menos de Greg. Destacamos dessa cena que o contato via telefone não funcionou, e que os dois só começaram a se aproximar quando Greg foi até a casa de Rachel. Fica claro que a amizade existe com tempo e espaço. A estratégia de unir Greg e Rachel em um relacionamento de amizade poderia ser um remédio eficaz para ambos, conforme pesquisa divulgada na BBC News em agosto de 2024.

> Podemos melhorar nossa saúde e aumentar o nosso tempo de vida mantendo relacionamentos saudáveis
> Se você tiver prestado atenção às noções mais recentes sobre bem-estar e longevidade, terá notado o aumento do foco na situação dos nossos relacionamentos.
> Os pesquisadores dizem que as pessoas com redes de relacionamento bem desenvolvidas tendem a ser muito mais saudáveis do que aquelas que se sentem isoladas.
> A relação entre as nossas interações com as outras pessoas e a nossa longevidade é tão forte que a Organização Mundial da Saúde (OMS) criou recentemente uma nova Comissão sobre Conexões Sociais, consideradas uma "prioridade de saúde global".
> Talvez você tenha um certo ceticismo sobre estas afirmações e os misteriosos mecanismos que supostamente relacionam nosso bem-estar físico à solidez dos nossos relacionamentos. Mas a nossa

[78] A leucemia é um tipo de tumor que afeta a medula óssea, responsável pela produção das células sanguíneas, como os leucócitos, plaquetas e hemácias. Na leucemia mieloide aguda, as células-tronco mieloides, que originam as células sanguíneas (leucócitos, hemácias e plaquetas), sofrem algumas mutações genéticas. Esse processo forma os blastos, que são células que não conseguem amadurecer, e começam a se multiplicar descontroladamente, o que atrapalha o desenvolvimento das células saudáveis. Ou seja, a medula fica cheia de células doentes. As mutações podem ser genéticas-hereditárias, quando a pessoa já nasce com elas, ou adquiridas durante a vida. Tanto a leucemia mieloide aguda (LMA) quanto a leucemia linfoide aguda (LLA) são formas agressivas de leucemia e as células doentes se multiplicam rapidamente. (Pfizer, online).

> compreensão do modelo de saúde "biopsicossocial" vem crescendo há décadas.
> Enquanto pesquisava a ciência por trás dessas conclusões para o meu livro The Laws of Connection ("As leis da conexão", em tradução livre), descobri que nossas amizades podem exercer influência sobre tudo – desde a resistência do nosso sistema imunológico até a possibilidade de morrermos de doenças cardíacas. (ROBSON, 2024, online).

Podemos observar, de acordo com a pesquisa, a amizade como um remédio, que naquele momento, tanto Greg como Rachel precisavam. Greg é recebido emotivamente por Denise (0h11’28’’), que diz que ele é um garoto muito bom. No entanto, Rachel, a filha dela, está resistente com Greg e pede que vá embora. Ele diz que não está com pena, mas que foi obrigado pela mãe e pede que ela o escute. Greg disse que não está fazendo favor, mas está pedindo um favor (0h13’13’’)

Rachel acabou por notar que Greg também precisaria dela. Percebeu que ela não havia morrido por ter a doença e que poderiam amadurecer juntos. Greg pede que ela saia com ele um dia para que a mãe dele pare com a insistência. Rachel concorda.

Apesar da pesquisa apresentada na reportagem citada acima, e da boa vontade das mães, a amizade não se dá por favor, por piedade e nem por conveniência, não uma amizade genuína. O amigo tem no outro o seu igual. Uma troca e uma partilha enriquecedora para ambos, ou no dizer pós-moderno, uma relação ganha-ganha. “Assim, portanto, aqueles que têm superioridade na rede de amizades e alianças, devem saber pôr-se no mesmo plano que os menos brilhantes. [...] Há de fato pessoas que tornam as amizades difíceis, porque se julgam desprezadas” (Platão; Cícero; Plutarco, 2017, p.90).

Talvez seja possível afirmar que a nova amizade com Greg tenha prolongado a vida de Rachel, pelo menos por alguns dias. Além disso serviu para o amadurecimento de Greg.

Na visita à casa de Rachel, ela diz que não gosta de dividir as coisas sobre si, principalmente sobre a doença. Greg diz que é igualzinho e aí sugere que ela finja que é chata, ou que está tendo um ataque ou se fingindo de morta. E lembram frases que as pessoas costumam dizer: “Oi Rachel, seu câncer faz parte dos planos de Deus”. Rachel frisa que está doente, mas que não está morrendo. Os dois começam a afinar a amizade. (0h25’12’’)

Entram aqui os diálogos, que, nesse filme, fazem toda a diferença. Os diálogos seguem numa crescente para o amadurecimento de Greg, que passa a visitar Rachel com frequência. (0h24’33’’). Essa sutileza é percebida pelos críticos e pelos espectadores.

Rachel diz que a parte mais difícil é ver sua mãe tentando lidar com isso (0h24’37’’). Sua mãe é muito solitária. Ela tem medo do que a mãe pode fazer. De fato, sua mãe estava se entregando à bebida. A dissertação “Alcoolismo: Vivência familiar de uma doença social” de Bruna Prata Oliveira (2009), aponta que:

> O alcoolismo é uma doença que pode prejudicar a pessoa que o consome e não só [...]. Tal como em qualquer outro ser humano, também o comportamento do alcoólico vai influenciar de forma mais intensa e primeiramente, aqueles que dele estão mais próximos. De facto, a família destes indivíduos sofre, muitas vezes, as consequências do abuso de álcool de um dos seus membros e, aqui, é necessário frisar que estas consequências afectam não apenas o convívio familiar, mas também a dimensão económica, social, afectiva, entre outras (Roussaux, Faora-Kreit, Hers, 1996).
> Existem diversos motivos para que uma pessoa consuma álcool, como a necessidade de álcool para aceitar a realidade; a tendência a fugir às responsabilidades; a angústia, agressividade, má resistência às frustrações e tensões; o nível de consciência tende a levá-lo a uma conduta impulsiva; negligência perante a família; frequentes perdas de emprego; problemas financeiros e agressividade perante a sociedade (Oliveira, 2009, p. 11).

Diante da situação, podemos afirmar que Denise não conseguia lidar com o adoecimento de Rachel e buscou o abuso do álcool. Conforme dito no excerto acima, a relação com a bebida pode ser originada de uma fuga, de um medo, de uma necessidade de aceitar a realidade e outros motivos. Esse abuso acontece também com outras drogas, como o tabagismo e drogas ilícitas. O adoecimento de um membro da família acaba afetando aos outros.

Além da própria doença e do alcoolismo da mãe, Rachel diz a Greg que a relação com o pai não era profunda. No fim, também era uma garota solitária, talvez não tanto quanto Greg. Greg confidencia que não tem vontade nem estrutura emocional para cursar uma faculdade. Rachel acha uma estupidez. (0h26’47’’). Ela o convida para almoçar com seu grupo na escola. Greg diz que sendo tão sem qualidades, esquisito, não fazia parte de grupo nenhum (0h26’10’’). As amigas acusam Greg de só estar falando com a garota por causa do câncer. Greg nega (0h28’08’’).

Greg fica incomodado com o fato de as pessoas acharem que Rachel e ele estão namorando (0h30’40’’). Ele comenta com Earl que muita coisa mudou em sua vida.

Rachel inicia a quimioterapia e recebe a visita de Greg e Earl. Como Greg. Greg comenta com Denise que o cabelo de Rachel vai cair e ele vai se despedir. Greg e Rachel comentam sobre a quimioterapia. Concluem que a quimioterapia é muito agressiva. (0h34’10’’). Earl disse que não há outro tratamento (0h35’08’’).

Os três resolvem sair para tomar sorvete (0h34’26’’). Rachel conversa com Earl. Earl diz que ele e Greg são amigos, embora Greg odeie chamar as pessoas de amigos. Earl acredita que é por causa dos pais de Greg, e essa é uma questão importante, já que a mãe diz que ele é lindo e ele não confia nela e o pai passa mais tempo com o gato. (0h37’15’’). Ele não tem modelos de amigos. Então fica apavorado em chamar alguém de amigo. Earl fala dos filmes que produzem em conjunto. Rachel pergunta a Greg porque nunca havia lhe contado sobre isso (0h37’40’’). Os três vão assistir aos filmes (0h37’58’’).

Greg nota várias flores que Rachel recebeu, por ocasião da quimioterapia (0h41’00’’). Greg tenta animá-la, sem sucesso. Ela diz que nunca foi muito bonita e achou que fosse mais fácil ficar “desse jeito” (careca), mas não é (0h41’48’’). Todos se assustam com ela sem cabelos. É muito mais difícil do que ela achou que seria. (0h42’10’’). Greg empresta um filme dos que produziu com Earl, para que ela possa se distrair (0h42’45’’). Nesse ponto, já podemos notar que Rachel está abatida pela doença e pelo tratamento. Ela usa perucas, toucas, lenços, mas aparece mais magra e com olheiras.

A amiga de Rachel, Madison, encontra Greg e Earl e disse que viu um dos filmes secretos produzido por eles. Ela teve uma ideia. Greg deve fazer um filme para Rachel. Ele diz que vai fazer. No entanto, não começa a preparar o filme. (0h44’54’’).

Greg diz a Rachel que sua mãe o tem pressionado a escolher uma faculdade. Rachel diz que ele está pensando errado em não fazer faculdade porque irracionalmente se odeia, como dissemos sobre autoestima e adaptação no ambiente acadêmico, neste capítulo. Rachel diz que ele deve se inscrever e ele começa a fazer a carta de apresentação (0h47’23’’). Quando começa a se descrever, Rachel percebe que ele vai por um caminho de se depreciar e diz

para não fazer assim. Rachel corrige a redação de seleção e Greg passa para ela o livro com as descrições das faculdades (0h48’44’’).

O tempo vai passando e a amizade entre os dois fortalecendo-se (0h49’53’’). Greg cuida de Rachel nos momentos de internação. (0h51’22’’). Ele diz a Earl que está sem inspiração para fazer o filme de Rachel, como Madison pediu (0h52’10’’). Resolvem fazer um filme de entrevista com a Denise sobre a Rachel (0h53’15’’). Denise diz que tentou fazer o que pôde enquanto mãe solteira. E depois aprendeu que não se pode proteger os filhos de algumas coisas, o que é uma realidade. Denise, por melhor que tenha sido, não conseguiu suprir a falta do pai, não conseguiu evitar o adoecimento e a tristeza da filha e outras frustrações e problemas que ela pode ter enfrentado na vida. A mãe sofre por isso, ainda que não esteja em seu controle. Ela pede para Greg prometer que não terá um bebê se não amar a mãe desse bebê por toda a sua vida. Denise conta que quando o pai foi embora, Rachel cortou todos os livros dele, e ela se divertiu com o fato (0h55’08’’).

Greg e Earl trabalham na produção do filme. Greg queria entregar a Rachel um filme que fizesse sentido. Além do depoimento de Denise, colhem depoimentos de vários outros amigos (0h56’00’’). Dizem que é como um cartão de melhoras.

Mas não mostram a Rachel, que estava cada vez mais calada e infeliz. Ela diz a Greg que acha que ele estava certo, quando ele achou que ela estava morrendo. Ele conclui: “Parece que o monstro do silêncio entrou aqui”. “É.” (0h59’10’’).

Em função das visitas, da produção do filme e dos cuidados com Rachel, Greg já não fazia mais as lições de casa e teve uma queda no rendimento escolar (1h00’50’’). Preocupava-se com o humor de Rachel. No entanto, em determinado momento, Rachel disse que vai parar o tratamento, uma vez que não estava percebendo resultados, só a deixando mais doente (1h13’03’’). Greg fica nervoso com a situação e eles discutem, mas Rachel está decidida. Ela diz que sua vida se resumiu a ficar na cama o tempo todo, sem cabelos, ficando mais fraca, e mais feia, e mais triste, sem nenhuma esperança (1h04’30’’).

Greg não concorda com a decisão. Ela diz que se ele não aceita o que quer fazer com a sua vida, então ele é um péssimo amigo. Greg disse que não. Que não é ele quem está acabando com a vida do amigo desistindo do mundo

(1h05’05’’). Ela diz que Greg pode voltar à vida dele, sem ela. Ele diz que vai acabar com a vida da mãe dela. Ela pede para ele sair. Que Greg não é amigo realmente. Que foi a mãe dele quem forçou a amizade (1h05’57’’) Rachel diz ainda que soube que estão fazendo um filme para ela, por Earl e a pedido de Madison. Que não foi o próprio Greg quem tomou a decisão sobre a amizade deles. (1h06’02’’). Greg perde a confiança em Earl.

A decisão de Rachel não é incomum e é o temor dos médicos e dos terapeutas. O artigo “O Câncer e Sua Representação Simbólica”, de Maribel Pelaez Dóro, Ricardo Pasquim, Carlos R. Medeiros, Marco Antônio Bittencourt, e Glaici R. Moura (2004), afirma que (1h00’07’’).

> De acordo com Simonton et al (1978, p. 80), é indiscutível o prejuízo causado pelas expectativas negativas, pois as crenças preconcebidas existentes na sociedade e no campo médico, em relação ao câncer, causam malefícios diretos ao paciente. Verifica-se, na população em geral, a presença da proliferação marcante das seguintes idéias: “a) o câncer é sinônimo de morte; b) o câncer é algo que ataca do exterior e não há como controlá-lo; c) o tratamento – quer seja por radioterapia, quimioterapia ou cirurgia – é drástico e negativo e, quase sempre, tem efeitos colaterais desagradáveis”. O efeito mais devastaDOR é que as expectativas são demarcadas pela imagem da própria dor e da morte, gerando uma espécie de “profecia autoelaborada”. Em vez de conseguir aceitar o processo e realizar o enfrentamento, sucede-se a maximização das dificuldades. A qualidade negativa que encobre a constituição do câncer funciona como uma venda que bloqueia a percepção e a manifestação eficiente dos mecanismos de defesa mental e imunológica, afirma Leshan (1992).
> [...]
> Segundo Nunes Silva (2000, p. 148), “o grande temor dos médicos é de que os pacientes se deprimam, desistam do tratamento e, por conseguinte, renunciem prematuramente à luta pela própria vida”. Na desistência da vida, resta ao médico cuidar da morte, embora sua formação acadêmica o tenha preparado para a cura, e não para a morte. Além disso, ninguém possui informações sobre o dia e a hora da própria morte. Ainda assim, pacientes portadores de mau prognóstico podem surpreender, vivendo além das expectativas, e pacientes com probabilidades estatísticas favoráveis podem apresentar complicações inesperadas e falecer. Nessa contradição, o clínico mantém a tradição de vislumbrar o desejo da cura mesmo que, ao ser associado à morte, o câncer passe a ser maldição não desejada para o convívio. (Dóro et al, 2004, p.121-123).

O professor pergunta a Greg como está o trabalho escolar. Ele diz que precisa de mais tempo. O professor diz que é difícil, mas que ouviu sobre Rachel (1h09’21’’). Greg diz que não está bem. (1h09’34’’). O professor diz que perdeu o pai aos 15 anos, mas que a lembrança que ele tem é de um grande idiota, imbecil. No velório, os amigos contaram histórias sobre ele, mas parecia outro homem. Revela que o seu pai cantava para garotas alemãs em bares. “Mesmo

depois que uma pessoa morre, você pode continuar descobrindo coisas sobre ela. Ela pode continuar se revelando, contanto que você preste atenção" (1h11'09''). Essa é uma frase emblemática do filme. Talvez o professor estivesse dizendo que a morte não é o fim e que as pessoas continuam fazendo parte da nossa vida, mesmo quando já morreram.

Earl tenta trabalhar no filme e imagina como seria se fosse ele quem estivesse doente. Ele grava para Rachel: "Você não é como as demais garotas brancas. Você foi muito paciente. Eu sei que se eu tivesse câncer, eu ficaria chateado com raiva e tentaria arrebentar todo mundo no soco. Estou impressionado com sua paciência. Você me fez sentir abençoado" (1h13'10''). Earl diz que está fora do projeto do filme. Earl e Greg não conseguem se entender. É comum, em amizades longas, que em determinados pontos as pessoas divirjam entre si. Ainda assim, este fato não deve ser um motivo para o fim da amizade, mas para o crescimento de ambas as partes, exercendo o altruísmo, compreendendo o outro e cedendo, sempre que for possível.

No refeitório da escola, onde todos estão animados para o baile de fim de ano, Madison cobra de Greg o filme, e diz que já passou muito tempo. Ele explica que não "está dando muito certo". Madison diz que tem certeza de que Greg é bom e seria muito bom para Rachel se ele acabasse e mostrasse logo. Greg revela que ela parou o tratamento. Ela desistiu. Madison diz que é um bom motivo para terminar o filme e dar para ela (1h15'24'').

Em outra sequência, em casa, a mãe de Greg diz a ele que Rachel voltou para o hospital (1h15'52''). Ele pergunta se ela vai retomar o tratamento e a mãe diz que não (1h16'10''). A mãe diz que pensou em irem fazer uma visita. Greg diz que foi uma decisão dela morrer. A mãe diz que tem certeza de que vai se arrepender se não a visitar. (1h19'44''). Greg disse que se arrepende de várias coisas e que não foi admitido na faculdade por causa da mudança nas notas. Pede a mãe que o deixe quieto se arrependendo do que fez e do que não fez. (1h17'41''). Aqui, aparece mais um traço da personalidade de Greg. Ele está frustrado por vários motivos e principalmente porque sabe que sua amiga vai morrer. Em outros momentos, talvez ele não se deixasse emocionar tanto. Aparece o amadurecimento que foi construído ao longo do tempo. Embora ele quisesse, não sentir não é uma opção, já que o sentimento de amizade já havia se consolidado. Fechar-se em si mesmo não é uma forma válida de evitar a dor.

Como já estava a flor da pele, Greg envolve-se em uma briga na escola e Earl aparece para ajuda-lo, demonstrando sua fidelidade num momento de fragilidade do amigo (1h19’33’’).

Na sequência seguinte, Madison pede a Greg que vá ao baile com ela (1h20’21’’). Já em sua casa, a mãe de Greg, ajuda-o a se preparar para o baile (1h20’52’’). Ela ainda não está conformada com a resistência de Greg com relação à faculdade. (1h21’23’’). Ao entrar no táxi, Greg pede para ser levado ao hospital em que Rachel está internada. Ao chegar, Greg abraça Denise. (1h23’50’’). Greg resolve mostrar o filme para Rachel no quarto em que ela está internada e pede desculpas pela demora, mas disse que não sabia como não deixar a produção uma “droga”. (1h25’00’’). O filme mostra várias cenas aleatórias com os típicos efeitos especiais artesanais dos filmes de Greg e Earl. Rachel se emociona e começa a passar mal. (1h28’27’’). A mãe e a enfermeira ajudam e pedem a Greg para sair (1h29’30’’).

No corredor do hospital, enquanto Rachel recebe o atendimento, Greg reflete: “Aquela foi a última vez que eu vi a Rachel. Ela entrou em coma logo depois disso e morreu umas 10 horas depois. Eu sei que eu falei que ela não ia morrer. De alguma maneira, lá no fundo eu não achei que ela morreria, mas ela morreu” (1h30’06’’).

Rachel foi cremada e houve um funeral com poucas pessoas na casa dela, todas desoladas. (1h31’47’’). Ao visitar a casa de Rachel após o funeral, e entrar no quarto dela, encontra uma carta. “Querido Greg, eu sei o que aconteceu com todas as suas lições e com a faculdade. Então, escrevi uma carta para eles, para convencê-los a mudar de ideia. Tem uma cópia aqui se você quiser lê-la. Tomara que dê certo, porque isso significaria que eu tenho poderes além do túmulo. Mas você também deveria mandar alguma coisa para eles. Adeus, Greg, você foi um bom amigo. E mesmo se você for para a faculdade você é um idiota. Mas você já sabia disso. Com amor, Rachel. P.S. Eu também gostaria que você ficasse com alguns dos meus travesseiros. Eles vão querer um lar onde vão ser amados” (1h34’12’’).

Ela havia recortado as páginas do manual da faculdade em camadas e reproduzido dentro do livro, cena em que ela, Greg e Earl estavam tomando sorvete juntos (1h34’38’’). Greg vê os recortes em outros livros. Eram verdadeiras obras de arte (1h35’20’’). Ao ver as coisas do quarto que o

lembravam de Rachel, inclusive as tesouras, Greg se emociona profundamente (1h37’48’’). Então ele lê a carta que ela escreveu para a universidade:

“Caro departamento de admissões de Pittsburg: Estou escrevendo em nome de uma pessoa que me deu metade de um ano da sua vida no momento que era mais difícil aturar. Ele tem pouca autoestima, por isso julgo ser necessário ouvirem a opinião de alguém que o veja como ele é. Uma pessoa amável, gentil, solidária e genuína. Não importa o quanto ele negue. O declínio no seu desempenho acadêmico deste ano resulta do tempo que ele passou comigo, do tempo gasto fazendo coisas para mim e de como foi difícil para ele. Podem perguntar a respeito, mas a sua humildade exagerado provavelmente o impedirá de responder. Ninguém mais do que ele me fez rir. Ninguém jamais poderá” (1h38’37’’).

Na sequência seguinte, Greg narra que as cinzas de Rachel foram espalhadas em um parque atrás da casa dela. Ele refletiu “Parece que uma vez ela fugiu de casa e tentou morar lá”. A tia dela contou essa história no funeral. Ela queria virar um esquilo. Ela achava que poderia se transformar em um esquilo se ficasse na floresta e se desejasse muito (1h39’20’’) Greg continua pensando: “Acho que foi isso que o sr. McCarthy quis dizer quando disse que a vida de uma pessoa continua a se revelar. Foi estranho saber alguma coisa nova da Rachel depois da morte dela. De alguma forma, também foi reconfortante”.

Em sua casa, Greg coloca o filme que fez para Rachel e escreveu um bilhete: “Departamento de admissões: A última pessoa que viu isso entrou imediatamente em coma e morreu. Enviou junto com o filme” (1h39’43’’).

A produção não nos permite saber se Greg foi ou não admitido na faculdade. Mas o que viveu no ano que passou o preparou para isso. E o que aprendeu, continuará ecoando em todos os dias da sua vida. As narrativas nos levam a aprender sobre amadurecimento, amigos e amizade, com frases e ações que foram ditas e feitas pelos personagens ao longo da película.

V.VI A questão das identidades

O filme mostra amigos adolescentes diferentes entre si, que discordam, que discutem, mas que se ajudam nos momentos mais difíceis.

Conta a Bíblia que certa feita, Jesus estava realizando curas em uma casa, e todas as imediações, bem como a própria casa ficaram lotadas, impossíveis de transitar, cada um querendo o seu favor, o seu milagre. Vendo a cena e acreditando que seria difícil aproximarem-se de Jesus, quatro amigos se uniram e subiram até o telhado com uma maca, e nela estava o quinto amigo, o paralítico. Os amigos abriram o telhado e desceram com a maca até Jesus. E Jesus teve compaixão e realizou a cura. (vide Marcos 2, 1-12).

O fato tem relação com as amizades formadas no filme. Principalmente porque Greg e Rachel, ao ficarem amigos, ajudaram um ao outro. Earl também faz parte dessa construção, como Madison, o sr. McCarthy e a mãe de Greg.

Greg, um rapaz de baixa autoestima, passou a ver um sentido para a vida e acreditar em si próprio a partir da evolução da amizade. O rapaz imaturo do início do filme foi transformando-se aos poucos e aprendendo sobre ser útil, sobre contar com um favor, sobre confiança e lealdade. Até quem não gostava dele inicialmente (inclusive o próprio) mudou de opinião conforme o filme tinha andamento.

A lealdade partiu principalmente de Earl, que mesmo não sendo chamado de amigo por Greg, nunca se afastou e nunca desistiu da amizade, estando sempre a postos para qualquer atividade em que pudessem estar juntos.

Rachel tentou acreditar na vida, mas o sofrimento e a dor em que vivia a impediram de continuar vivendo. No entanto, continuava presente na vida daqueles que a amavam.

Denise, com toda a sutileza que a atriz conseguiu imprimir, se mostrou uma mãe que buscava o equilíbrio, ao mesmo tempo em que se tornou alcoólatra com a doença da filha.

Narrada por Greg, mas com o apoio visual que nos permitiu a linguagem fílmica, fomos construindo as identidades que cada um mobilizava em cada momento, proporcionando o sentido sutil, emocionante e bem-humorado das sequências.

Finalizamos a análise desse filme com um poema de Rabindranath Tagore[79], incluído no livro A morte é um dia que vale a pena viver, de Ana Cláudia Cristina Arantes.

[79] Rabindranath Tagore (1861-1941) foi um poeta, romancista, músico e dramaturgo bengali. Foi um destacado representante da cultura hindu, cuja influência e popularidade internacional talvez

> “Não me deixe rezar por proteção contra os perigos, mas pelo destemor em enfrentá-los.
> Não me deixe implorar pelo alívio da dor, mas pela coragem de vencê-la.
> Não me deixe procurar aliados na batalha da vida, mas a minha própria força.
> Não me deixe suplicar com temor aflito para ser salvo, mas esperar paciência para merecer a liberdade.
> Não me permita ser covarde, sentindo sua clemência apenas no meu êxito, mas me deixe sentir a força de sua mão quando eu cair”. (Arantes, 2019, p. 53).

No próximo e último capítulo, trataremos da formação entre adultos, em situação financeira parecida, precária, e como os amigos podem interferir positivamente na vida um do outro.

só poderia ser comparada com a de Gandhi, a quem Tagore chamou “Mahatma” devido à sua profunda admiração por ele.

CAPÍTULO VI - LEGALIZE JÁ - A AMIZADE NUNCA MORRE (2018)

> Seja o cinema ficcional, seja o cinema documental, o que distingue a obra é a intencionalidade de quem a produziu, intencionalidade que se desgarra do autor para impregnar a obra concluída, dando-lhe autonomia. Neste sentido, o cinema é representação da realidade, é recorte intencional da realidade representada[80] por meio da imagem, constituindo-se como uma forma de comunicação que revela uma determinada compreensão do contexto sócio-histórico em que vivemos. (Jorge, 2010, p.3)

Para finalizar as análises, escolhemos um filme brasileiro biográfico, e assim como no Capítulo II – "Intocáveis", a amizade se dá entre adultos. A diferença é que aqui os amigos têm uma realidade social mais parecida.

> O cinema surgiu no Brasil pouco tempo depois de sua criação pelos irmãos Lumière na França, em 1895. Alguns livros de história do cinema brasileiro afirmam que o cinema foi trazido para cá pelas mãos de imigrantes italianos, em 1986. (Ballerini, 2012, p.17).

O cinema brasileiro passou por várias fases, em cada uma delas destacando-se uma ou mais obras e cineastas e técnicas de produção. No Brasil, o cinema sempre teve espaço e acolhimento junto aos espectadores.

Considerando o Oscar como o maior prêmio do cinema internacional, o Brasil já participou da premiação diversas vezes, em diversas categorias, e ainda assim, possui mais filmes aos quais cabia uma indicação. Para comprovar a qualidade das nossas produções, o Brasil já concorreu ao Oscar nas categorias Melhor Filme, Melhor Direção, Melhor Atriz, Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Filme de Animação, Melhor Filme Internacional, Melhor Documentário de Longa Metragem, Melhor Documentário de Curta Metragem, Melhor Curta em Live Action, Melhor Curta de Animação, Melhor Canção Original, Melhor Edição. O primeiro prêmio veio em 2025, na categoria Melhor Filme Internacional. "Ainda estou aqui" foi estrelado por Fernanda Torres e dirigido por Walter Salles e teve um público de quase 6 milhões de espectadores. A primeira indicação brasielira ao Oscar foi em 1945, para Melhor Canção Original, de Ari Barroso para o filme "Brazil".

---

[80] "O termo representação está sendo aqui empregado para designar [...] fenômenos sociais que têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção, isto é, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam". (Alexandre, 2004, p. 131).

Recentemente, em 2025, o Brasil ganhou seu primeiro Oscar, na seção melhor filme internacional, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello, também sobre uma história biográfica.

O Brasil apresenta grandes nomes e números no cinema. A título de exemplo, citamos alguns diretores que ganharam destaque, sabendo que a lista é bem maior: Alexandre Avancini, Susana Garcia, José Padilha, Bruno Barreto, César Rodrigues, Neville de Almeida, Daniel Filho, Walter Salles, J.B. Tanko, Hector Babenco e, da nova geração, Jhonny Araújo e Gustavo Bonafé, diretores do filme Legalize Já - Amizade nunca morre, filme em que baseamos este capítulo.

Figura 6: Cartaz do filme Legalize Já - Amizade Nunca Morre



Fonte: AdoroCinema (2025)[81]

VI.I Observações iniciais

[81] Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-248958/. Acesso em: 1 fev. 2025.

O diretor Jhonny Araujo, também conhecido como João Araújo, nascido em 1983, iniciou a carreira dirigindo vídeos publicitários e videoclipes, principalmente de Charlie Brown Jr. e Marcelo D2[82]. Jhonny começou a produzir videoclipes em 1997 e, por dois anos consecutivos, ganhou a “Melhor Direção de Videoclipe” no Vídeo Music Brasil 2004, prêmio promovido pela emissora MTV. O diretor, que já tinha quatro prêmios do gênero, concorreu com o clipe “Loadeando”, do rapper Marcelo D2. O videoclipe também concorreu nas categorias “Melhor Videoclipe do Ano”, “Melhor Videoclipe de Rap”, “Melhor Fotografia em Videoclipe” e “Melhor Videoclipe segundo a Audiência”. (Propmark, 2004, online).

Em 2012 Johnny Araujo lançou seu primeiro longa. Não por acaso, Jhonny e Marcelo D2 ficaram amigos e Araújo resolveu dirigir o filme do surgimento do Planet Hemp em 2018, em “Legalize Já”. O próprio Marcelo D2 participou da construção do roteiro.

O longa não focou na história da banda (apesar de a música estar sempre presente nas sequências), mas nos bastidores dos shows ou nas prisões que os músicos sofreram nos anos 1990. O filme pretendeu mostrar a importância que o rapper Skunk teve no nascimento de uma das bandas mais importantes da década nesse gênero.

Marcelo D2, em tom de desabafo, começou a lembrar que Skunk era um rapaz que ele conheceu sem nenhum motivo específico e que tinha mudado a sua vida. "Por isso, dizemos que esse filme não fala da história de uma banda, muito menos sobre maconha, mas é um filme sobre amor, afirma o diretor Johnny Araujo". (Schiavion, 2018, online)

> Para isso, nada mais natural contar com a ajuda de um amigo também. Por isso, e por se considerar muito ligado ao projeto após nove anos de desventuras para desenvolvê-lo, Araujo convidou Gustavo Bonafé, parceiro de outras produções, para assinarem juntos a direção. (G1, 2018, online).

Gustavo Bonafé, também diretor do filme, nasceu em 1980 e trabalhou como redator e assistente de direção, antes de dirigir suas próprias produções, principalmente de séries de TV. É graduado em cinema e, como Johnny Araújo

[82] Marcelo Maldonado Gomes Peixoto (1967) é um rapper brasileiro, que começou a carreira na Banda Planet Hemp. O nome D2 vem de “dar um dois”, que significa fumar um cigarro de maconha, de acordo com os usuários. (Dicionário inFormal, online).

iniciou sua carreira como diretor de videoclipes e vídeos publicitários. Se aproximou do cinema a partir de seus trabalhos como assistente de direção, juntamente com Araújo. Logo chamaram a atenção com a cinebiografia “Legalize Já!” (2018).

O filme conta a história de Marcelo D2 e Skunk (Luís Antônio da Silva Machado), que já se conheceram adultos e foi interpretada por uma dupla de prestigiada, embora não tão afamados na época de lançamento do filme, Renato Góes e Ícaro Silva, que desenvolveram uma grande amizade, além de contar com a atuação de Stepan Nercessian, como Dark Gomes Peixoto, pai de Marcelo.

Em entrevista publicada no sítio AdoroCinema, Johnny falou da ideia do filme. Ele estava num momento de conversa descontraída com Marcelo, que acabou trazendo toda a história da banda. E ele ficou pensativo sobre o que Marcelo disse sobre Skunk, falecido em 1994, em decorrência da AIDS. Como pode uma pessoa entrar na sua vida e mudá-la para sempre? Bonafé relata que o filme mostra como a amizade dos dois fez com que eles se potencializassem e levassam a banda para o sucesso. Juntos, cresceram e tiveram coragem de sair para o mundo. Renato Góes conta que Marcelo D2 acompanhava as vezes as gravações e, com isso, ele pedia orientações, mas também se cobrava ao desenvolver o personagem. Araújo conta que tinha visto algumas cenas de Renato e percebeu que ele sorria com os olhos, como ele percebe também no Marcelo D2. Ele escolheu um pernambucano para interpretar um carioca “dos mais cariocas”. Já Ícaro Silva conta que seu processo foi diferente, uma vez que ele tinha poucas referências do Skunk. Para compor o personagem, também contou com a ajuda de Marcelo D2, que falava sobre o amigo. Segundo Ícaro, o Skunk vive no Marcelo. Ícaro e Renato já se conheciam e ficaram felizes com a parceria, apesar de algumas discordâncias ao longo das gravações, o que para ambos é natural. (AdoroCinema, online)

Segundo matéria da Veja, engana-se quem pensa que a bandeira em prol da legalização da maconha seja o fio condutor da trama:

> “O filme é sobre legalizar o amor, a saúde, a segurança, coisas que deveriam ser acessíveis e legais para todos, mas não são”, explica Ícaro Silva, que dá vida a Skunk na produção. “A maconha é um tabu para a gente começar a falar sobre as coisas que a hipocrisia nos

> impede de dizer", afirma o ator dde 31 anos, que já tinha interpretado Simonal no musical S'imbora". (ALMEIDA, 2018, online).

Em outra entrevista, Renato e Marcelo comentam da dificuldade do Renato para cantar em cenas do filme. Além das informações que trocava com Marcelo, Renato montou uma banda para ficar treinando as músicas do Planet Hemp. Ele recebeu também a ajuda de Ícaro Silva, que já tinha experiência com música. (Adoro Cinema, online)

Para Ícaro Silva, "por mais que eles estejam vivendo uma história de encontro, de amizade, de amor, sabe? Uma história positiva… O entorno desses caras, o que eles viveram, era tudo muito pesado, era tudo muito difícil". A entrevistadora pergunta aos diretores sobre o visual do filme: "E essa ausência de cor, dramaticamente, o que vocês quiseram passar, chegar?" Bonafé responde que "Quando a gente foi contar essa história a gente pensou em qual era esse Rio de Janeiro, onde esses meninos tinham vivido? Que cidade era essa que fazia parte da vida deles, e a gente tinha uma certeza de que não era esse Rio de Janeiro colorido que a gente conhece". E explica que por isso resolveram utilizar esse filtro. As cenas sem filtro até assustavam. "Esse pano de fundo social muito forte é essencial para esse encontro acontecer também, 'né'?" Pergunta a entrevistadora. Góes responde que "o Skunk teve muito essa função de acordar o Marcelo. Mas não era acordar para a realidade, porque o Marcelo também já escrevia aquelas coisas. Era acordar o Marcelo de que ele podia fazer mais do que aquilo e que aquilo podia se tornar uma voz maior". (AdoroCinema, online).

> Com fotografia quase monocromática, o filme acompanha o encontro de D2 (interpretado por Renato Góes) e Luís Antonio (que adotou o nome de Skunk) no histórico bairro do Catete, na Zona Sul do Rio de Janeiro dos anos 1990, em um clima que reflete as heranças da recém finda ditadura militar, com forte repressão policial.
> [...] Criado em 1993, o Planet Hemp ainda contou com os rappers Rafael Crespo, BNegão, Formigão e Bacalhau. Apenas um ano depois da formação e com apenas uma demo gravada, o grupo quase se desfez com a morte de Skunk, após uma batalha contra a aids. A partir de 1995, com o lançamento do primeiro álbum, Usuário, o grupo começou a ganhar maior reconhecimento, o que se estendeu até 2003, quando anunciaram a separação. (Almeida, 2018, online).

Às vezes, algumas vidas acontecem em preto e branco, ou invisíveis, como dissemos nos capítulos anteriores, e a experiência da amizade pode mudar essa situação. Aqui a situação é semelhante, ambos enfrentam

problemas com dinheiro, com a polícia, com o que fazer da vida, numa sociedade desigual e violenta, com poucas perspectivas de mudança. A mudança acontece com a amizade. Na Bíblia está escrito “Em todo tempo ama o amigo, e na angústia se faz o irmão” (vide Provérbios 17, 17).

VI.II Considerações da crítica especializada

O filme ganhou o prêmio ABC de cinematografia na categoria Melhor Montagem e foi indicado nas categorias Melhor Som e Melhor Ator Coadjuvante (Ícaro Silva), no Grande Prêmio do cinema brasileiro e no Prêmio Guarani de Cinema Brasileiro, respectivamente. O sítio AdoroCinema apresenta que as críticas da imprensa em geral deram ao filme uma média 4 em 5. No IMDb o filme recebeu nota 6,9 em 10 dos espectadores. Na crítica do AdoroCinema, o filme recebeu 3,5, em 5, com as considerações de Francisco Russo:

> A abertura com a imagem grandiosa dos Arcos da Lapa, cartão postal do Rio de Janeiro, é a sintese perfeita do que vem a ser Legalize Já!, cinebiogafia da origem da banda Planet Hemp. Ícone da boemia carioca, a Lapa é um point onde excluídos e outsiders se encontram com as classes mais abastadas, num misto de luta pela sobrevivência e devassidão que faz com que o local pulse intensamente, graças à mistura lá existente e também pela linha tênue entre diversão e preconceito. É este ambiente bagunçado, formado por pessoas para as quais a sociedade muitas vezes vira a cara, que os diretores Johnny Araújo e Gustavo Bonafé buscam para contar uma história que, mais do que a mera criação de uma banda de sucesso, trata da necessidade dos oprimidos em ter uma voz.
> Esta simples proposta conceitual norteia todo o longa-metragem, seja pela fotografia dessaturada de forma a ressaltar o mundo sem cores (e urbano) retratado ou pelas breves sequências onde se aborda o preconceito de cor e econômico, típicos da sociedade brasileira. Este é o mundo de Skunk e Marcelo, incomodados com a realidade que se expressam através da música. Não por acaso, o encontro fortuito dos futuros parceiros é literalmente na trombada, reflexo das dificuldades enfrentadas de lado a lado no cotidiano. (Russo, online)

O filme começa mostrando os Arcos da Lapa, localização do Rio de Janeiro em que as várias classes sociais dessa cidade tão desigual se encontram. Ali estão os boêmios, os turistas, os drogados, os famintos e os cometedores de pequenos delitos. Essa ambientação mostra um pouco da diferença entre classes sociais que o filme precisa mostrar para desenvolver seu roteiro.

Sobre a opção de cores utilizadas na película, bem como das músicas, já comentamos na seção anterior, ou seja, os diretores se utilizaram da linguagem

do cinema para transmitir mais uma das mensagens do filme. É importante lembrar que a cidade maravilhosa nem sempre é maravilhosa assim, e um tanto quanto contraditória. Sem outras formas de contestar a sociedade, Marcelo e Skunk trabalham com a música de formas diferentes.

> A ambientação em um mundo marginal é o grande acerto do longa-metragem, por ressaltar as dificuldades inerentes ao meio para que se possa justificar não só a decisão de migrar para a música mas, também, o porquê do estilo adotado. Muito mais do que o apoio à descriminalização da maconha - acusação que o filme, inevitavelmente, receberá ao ser lançado em circuito comercial -, Legalize Já! aborda a necessidade de reagir, de alguma forma, à opressão diária recebida pela imposição de regras implícitas, estipuladas pela própria sociedade. É o não se sujeitar ao que está programado para você que o filme tanto combate, especialmente a partir da postura adotada por Skunk. É ele, no fim das contas, o grande mentor por trás do que viria a ser o Planet Hemp.
> Neste aspecto, outro grande acerto é a dinâmica existente entre Ícaro Silva e Renato Góes, intérpretes de Skunk e Marcelo - que, futuramente, viria a adicionar a alcunha D2. Se Ícaro brilha ao transitar do medo no olhar devido à sua condição de aidético à força na postura ideológica que traz consigo, Renato se destaca pela bela composição de personagem, do garoto que precisa tomar decisões importantes porque a vida assim lhe impôs. Vale ressaltar ainda a essencial participação de Ernesto Alterio, representando a histórica imagem do mecenas das artes adaptado para a Lapa carioca, cujo olhar demonstra um carinho cativante. (Russo, online).

A música funciona como “uma válvula de escape” para a realidade em que vivem os protagonistas, de uma sociedade injusta e discriminatória. Apesar do título “Legalize Já!”, não é o foco do filme a opinião dos autores e diretores a legalização da maconha. Nem mesmo convidam o espectador para essa reflexão, a não ser na letra da música. O filme procura focar nas vidas difíceis que levam Skunk e Marcelo. O personagem Brennand, interpretado por Ernesto Alterio, dono de um bar, tem papel fundamental no encontro dos músicos, acreditando, apoiando, cedendo seu espaço para apresentação da banda que estava se formando. Sem essa ajuda, o percurso seria muito mais difícil para acontecer. Como diz o crítico, Brennand demonstra carinho pelos músicos.

Apesar de ter atribuído uma nota 3, o crítico ressalta o teor ideológico do filme, juntamente com os diálogos, que na visão dele são naturais e fluidos. A música apresenta-se como leitura e protesto da realidade. O autor percebe também momentos divertidos, na comparação do rap com outros estilos de música.

> Por mais que até seja funcional, o modo acelerado como aborda a questão denuncia os problemas de bastidores que a equipe de criação enfrentou até chegar à edição final.
> No melhor filme de sua (ainda) curta carreira, Johnny Araújo demonstra coragem ao trabalhar temas difíceis de forma tão ampla, não só através dos diálogos, mas também pela estética empregada ao retratar as agruras da Lapa marginal. Bom filme, feito não só para fãs da banda, mas também para todos aqueles que acreditam que o conformismo não é o melhor caminho. (RUSSO, online).

O conformismo é definitivamente algo que queremos combater com essa pesquisa. Aqui queremos saber em que parte do caminho perdemos a noção de humanidade, de empatia e compaixão. Queremos saber se há algum caminho de volta ou uma perspectiva futura. Por esse motivo, esse filme também se enquadra na seleção.

No sítio Omelete, o filme também recebeu 4 estrelas e encontramos observações da crítica de Júlia Sabbaga.

Segundo a autora, Johnny Araújo escutou Marcelo D2 dizer que estava vivendo o sonho de outra pessoa, seu parceiro Skunk, que faleceu em 1994. “Legalize já – Amizade Nunca Morre é uma obra realista, mas tem grande parte de seu valor na relevância da figura de Skunk, não só por sua contribuição concreta à música, mas pelo misticismo de sua existência”. (Sabbaga, online).

> O longa, dirigido por Araújo em parceria com Gustavo Bonafé, se passa no Rio de Janeiro do início dos anos 90, e foca na vida de Marcelo (Renato Góes), camelô vendedor de camiseta que batalha para arranjar dinheiro para pagar um aborto da namorada. Em um confronto com a polícia e uma trombada na rua, Marcelo conhece Skunk (Ícaro Silva), um artista com conexões misteriosas que se vira nas ruas gravando fitas musicais. Os dois iniciam uma parceria com o incentivo forte de Skunk, que é responsável por quase tudo; melodiar as letras de Marcelo, ajudá-lo a achar o ritmo, convencê-lo a gravar, arranjar shows e até levar a música ao rádio. Nisto, D2 é o lado resistente, que sente o risco de se aventurar no mundo musical e se conforma com um emprego como uma forma segura de conseguir dinheiro. Durante o longa, são diversas as vezes que Marcelo quer desistir. A parceria não acaba puramente pela insistência em seu talento por parte de Skunk. (Sabbaga, online).

Talvez por isso, Marcelo afirmava estar vivendo o sonho de outra pessoa. A autora também ressalta o efeito de cor do filme, “quase em preto e branco”. Segundo a crítica, “essa escolha reflete a frieza do contexto dos dois protagonistas e cria uma atmosfera desconfortável”, como se a vida deles nunca estivesse totalmente tranquila. (Sabbaga, online).

> As únicas cores vivas que aparecem em Legalize Já são nas telas de TV, que chamam atenção principalmente quando a dupla ensaia seus

> movimentos de palco assistindo clipes do Beastie Boys e encara a realidade que eles gostariam para si. Esta cena em especial é, também, um ótimo exemplo da atuação dos protagonistas, que funcionam como parceiros perfeitamente, tirando proveito do talento do outro e criando uma sintonia não apenas carismática, mas muito real. (Sabbaga, online)

A crítica também ressalta a atuação de Renato Góes, em sua opinião, "brilhante", contando a história de camelô conformado que tem um grito entalado na garganta". Para ela, a atuação de Ícaro Silva "só cresce à medida que o filme se desenvolve. Do começo, quando é apenas um malandro das ruas até o seu triste fim, a interpretação do ator é um dos elementos mais cortantes do drama". (Sabbaga, online).

A autora leva em consideração que, mesmo filme partindo dos relatos de Marcelo D2, ele mostra um lado frio de si mesmo, fala das brigas com o parceiro, "onde nada parece ser amenizado", mas também retrata o lado artístico de cada um. "Pelo filme, não seria nada sem o parceiro, que passa o fim de sua vida totalmente dedicado a fazer a banda explodir". Ela destaca a frase Amizade Nunca Morre, nesse filme dedicado a Skunk, "um talento que se foi precocemente", aos 27 anos. Apesar de sabermos pouco da história de Skunk, percebemos como ele "soube tirar o melhor de Marcelo e criar uma das bandas mais importantes para o cenário musical antes de sair de cena". Ao concluir, ela diz que o filme "sabe tanto refletir uma realidade pesada brasileira quanto deixá-la poética" (Sabbaga, online).

A crítica do sítio Papo de Cinema complementa as duas apresentadas anteriormente, trazendo escolhas da produção, da direção e do argumento do filme. Escrita pelo crítico Marcelo Müller, recebeu 3,5 estrelas em 5.

> Legalize Já: Amizade Nunca Morre se debruça tanto sobre os episódios capitais à gênese da banda Planet Hemp quanto nas particularidades de dois sujeitos periféricos que fizeram da indignação com um sistema excludente o seu grito de liberdade. A fotografia dessaturada de Pedro Cardillo sobressai desde o início, especialmente por potencializar a expressividade da "sujeira" que o filme assume como elemento intrínseco ao cotidiano nas áreas economicamente menos privilegiadas de uma cidade heterogênea como o Rio de Janeiro. A linguagem que os diretores Johnny Araújo e Gustavo Bonafé imprimem é de urgência, com a câmera na mão, em boa parte do filme, ancorada na essência dos personagens. A embalagem tem, ainda, uma musicalidade que remonta às influências de Marcelo D2 [...] Até quando o roteiro incorre numa convenção batida, como o encontro fortuito – obra do destino? – que muda a vida dos protagonistas, há a intenção de sublinhar a dureza do desenho social. Eles se esbarram

> ao fugir da polícia, escapando do “mal-entendido” com fundo racial e do “rapa” contra os pobres. (Müller, online).

Como já havíamos observado, o crítico também falou da importância da locação, o Rio de Janeiro, cidade tão contraditória, como ponto importante do argumento, demonstrando, nas cenas do bonde, locais discrepantes. Da mesma forma, a história do nascimento de uma banda como o Planet Hemp não seria “careta”. O filme mostra a essência da banda.

> Alçada a elemento central, a amizade é um laço estabelecido aos poucos, com evidentes contratempos e problemas de entendimento mútuo. Renato Góes cria um Marcelo D2 que precisa apenas de um empurrão para entender seu potencial artístico, um rapaz cheio de confusões e dúvidas. Já Ícaro Silva encarna um tipo trágico, que não viverá para ver o sucesso. (Müller, online).

O autor ainda aponta outros acertos na obra cinematográfica, como apresentar e criticar a diferença social do Brasil, o ambiente da cultura popular dos anos 1990, em que as músicas ficavam famosas por seu duplo sentido e danças sensuais, empobrecendo, de certa forma, o cenário musical, “de letras fáceis e movimentos eróticos”. O Planet Hemp chega com uma nova proposta, apontando as mazelas da sociedade brasileira, e começa com dois artistas cheios de dificuldades em suas vidas, mas com inspiração e capacidade crítica necessária “para fazer um som de qualidade”, aprovado por muita gente. Apesar da qualidade, deparam-se com um ambiente que não aceita as músicas como são, como estão em suas aspirações, tentando enquadrá-las em outros formatos, talvez mais politicamente corretos. “Não é um filme ‘comportado’, tem imperfeições e inconsistências. Contudo, até elas conferem personalidade ao relato, compondo-o”. (Müller, online).

Outros veículos de comunicação também renderam elogios ao filme, manifestando uma boa recepção. O jornal O Estado de São Paulo atribuiu 4 estrelas e publicou:

> Pelas frestas da história dos dois, filtram-se algumas realidades da sociedade brasileira, como o preconceito racial, a ignorância e a intolerância de classe social. Como cinema, "Legalize Já!" é intenso, ritmado e de pegada libertária. (AdoroCinema, online).

Desse modo, o filme aborda várias nuances, mesmo com o foco na amizade, utiliza-se de diversos recursos que só o cinema pode proporcionar. A nossa avaliação é positiva, como a da maioria dos críticos e espectadores. Na

próxima seção, apresentaremos trechos da história de como a amizade – e a banda – foram construídas.

VI.III Sinopse e breve análise sobre as sequências sobre amizade

O filme se inicia na locação dos Arcos da Lapa, com o bonde passando. Já de início lidamos com uma crítica social que é a desigualdade no Brasil e, neste caso, no Rio de Janeiro. Marcelo (Renato Góes) está escrevendo alguns versos (0h01'28''). Perto dali Skunk ouve umas batidas na porta do quarto onde vive (que é quarto, cozinha e banheiro - e também laboratório para gravar fitas cassete), mas não faz questão de abrir a porta. Ele vê o visitante saindo. (0h02'48'').

Em um dos cassetes ele escreve de um lado HATE (ódio) e do outro LOVE (amor). E sai para comercializar seu material no centro do Rio de Janeiro. Nesse ponto, ele começa a comercializar cassetes, trocando uns por outros. Marcelo prepara o camelô em que vende camisetas de bandas famosas. (0h04'25'').

Na cena seguinte, ao encontrar Skunk, um motorista disse que comprou drogas ali com um jovem negro como ele, "amigo teu", (numa clara demonstração de racismo, como se todos os negros vivessem a mesma realidade) e que queria mais drogas. Skunk reage com revolta e cospe no rosto do motorista (0h07'09''). A confusão cresce e só é contida pela polícia. O motorista diz que Skunk queria vender drogas a ele (0h07'20'').

Já falamos aqui sobre preconceito e estereotipia, mas é um tema recorrente, ainda, na nossa sociedade. O Capítulo IV mostra a discriminação nos Estados Unidos e o apêndice IV fala do sonho de Marthin Luther King. Falamos do caso George Floyd e há mais incontáveis exemplos.

No Brasil, há um mito de democracia racial, apresentado por alguns autores e apoiadores, que é impossível de se sustentar, como nos mostra parte da entrevista feita com Octávio Ianni[83], conduzida por diversos entrevistadores no ano de 2003. O autor afirma que o racismo começou com o escravismo, mas não terminou com ele. Vejamos:

[83] Octavio Ianni (1926-2004) foi um sociólogo e professor brasileiro. Em 1961, Octávio Ianni defendeu sua Tese de Doutorado "Metamorfoses do escravo".

> É preciso reconhecer que um mergulho na história social do Brasil mostra que durante a escravatura formou-se uma poderosa cultura racista. Essa idéia, em grande medida, já está em Caio Prado Júnior. Em seu livro A formação do Brasil contemporâneo, há um estudo primoroso sobre o que foi o escravismo na formação da colônia, inclusive com desenvolvimentos fundamentais em termos do que é a sociabilidade, a cultura e o contraponto escravo-senhor. (...).
> [...]
> Acredito que isso levou Caio Prado, Florestan Fernandes, Roger Bastide e Oracy Nogueira a perceberem que esse cenário era um laboratório excepcional para a análise de problemas sociais. Aqui a questão racial aparecia de uma maneira mais explícita.
> [...]
> Coloco a seguinte interrogação:
> Como é possível afirmar e reafirmar a democracia racial num país em que as experiências de democracia política são precárias e que a democracia social, se existe, é incipiente? Isso é minimamente uma contradição, um paradoxo num país oriundo da escravatura, autocrático, com ciclos de autoritarismos muito acentuados.
> Acrescento ainda (algo muito pessoal) que o mito da democracia racial não é só das elites dominantes. Quando pensamos que as relações sociais estão impregnadas pela idéia de democracia racial, descobrimos, então, que se trata de um mito cruel porque neutraliza o outro. (Ianni, 2004, p. 11-12)

Ao falar de democracia racial, é negar o fato de que o preconceito de fato acontece no Brasil, como na cena narrada do filme, e não só nas relações de classe, de elite, mas de toda a população. Esse “mascarar” o racismo impede que ele seja devidamente discutido e caminhe para seu fim.

> Gostaria de reiterar que a história do mundo moderno é uma história da racialização do mundo. O que foi o mercantilismo? O que foi o colonialismo que se estabelece com os impérios português e espanhol? O que foi o imperialismo? E o que está sendo agora o globalismo com esses movimentos que estão ocorrendo em escala mundial? São diferentes ciclos da história do mundo moderno, do capitalismo e da racialização do mundo.
> [...]
> A racialização do mundo está em curso. Numa reflexão sobre a questão racial no Brasil somos obrigados a reconhecer que, simultaneamente, está havendo algo de diferentes gradações em muitas partes do mundo e que esses surtos de diferentes manifestações de racismo e intolerância estão imbricados com a dinâmica da sociedade. (Ianni, 2004, p. 18).

A esse respeito, John M. Perkins questiona: “Como superarmos as fronteiras e os muros que nos separam segundo barreiras étnicas, econômicas, sociais e de classe? Existe um bálsamo de cura para a doença pecaminosa do ódio e do preconceito étnicos?” (Perkins, 2019, p.14).

Como já citamos nos capítulos anteriores e reforçamos com o posicionamento de Ianni (acima), o racismo ainda é um problema estrutural. Tivemos, recentemente no Brasil, um político de alto escalão, do eixo Rio-São

Paulo, que quando questionado se deixaria um de seus filhos se casarem com uma negra ou serem homossexuais (como na história de Brad, no Capítulo III – “As vantagens de ser invisível”), respondeu: “Não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco. Os meus filhos foram muito bem-educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu”. No mesmo questionamento, o político afirmou que “somos todos iguais perante a lei”, reforçando a ideia da democracia racial, que minutos antes havia negado.

Dando sequência ao filme, verificamos Marcelo que não vai bem na venda de suas camisetas. Ao notar a polícia repressora dos camelôs, recolhe seu material e sai correndo, até que esbarrar em Skunk, que também estava correndo da polícia, em função da confusão com o motorista. No entanto, ao se esbarrarem, Skunk leva a mochila de Marcelo e acaba recolhendo o livro com as letras escritas pelo camelô (0h09’07’’).

Marcelo se dirige a uma lanchonete com um pequeno presente para a garçonete Sônia (Marina Provenzzano), sua namorada. Ela não gosta do creme comprado no camelô (0h11’25’’). Em outro ambiente, ambos discutem. Sônia deixa claro: “Você me deixou sozinha quando eu mais precisei de você. E agora chega com um creminho na mão? Você me prometeu e não estava lá. É a minha vida e eu não quero você nela!” (0h12’08’’).

Marcelo entrega a ela, então, algum dinheiro, e ela pergunta se o dinheiro está todo lá. Ao dizer que é a parte dele, Sônia pergunta se ele vai “meiar” o aborto e complementa com um “Cresce, Marcelo” e se retira (0h12’50’’).

Aqui entendemos que o casal resolveu fazer um aborto clandestino e Marcelo não estava com a namorada naquele momento. E nem pagou tudo o que ela gastaria. O aborto clandestino ainda é um problema no Brasil. Sem aprofundar na discussão, que não é o nosso escopo, apresentamos os dados de uma pesquisa de Larissa Tacle de Biase Nogueira e Elda Coelho de Azevedo Bussinguer[84], “O aborto clandestino e a vulnerabilidade social no Brasil: desigualdade em saúde, direitos humanos e bioética de intervenção” (2019), uma vez que a temática perpassa o filme, a situação de vida de Marcelo e a desiguladade no Brasil.

> A audiência pública do STF, ocorrida nos dias 3 e 6 de agosto de 2018, e transmitida ao vivo pelas maiores redes de televisão do país,

[84] As conclusões da pesquisa dizem respeito ao pensamento das autoras e aos dados coletados.

> desvelou uma realidade que se mantinha, até então, de certa forma, desconhecida, ou intencionalmente ignorada, pelo grande público, em razão dos conflitos morais que envolvem o tema: 1 em cada 5 mulheres já praticou o aborto e, dessas, metade necessitou de atendimento de serviços de saúde. Os dados do aborto clandestino no país e, em especial, o número de internações hospitalares, correntemente fatais, de mulheres em situação de vulnerabilidade foram trazidos à luz e apontam para um incontestável fato: a criminalização da prática abortiva não impede que estas mulheres continuem abortando. Além disso, a partir da análise do perfil predominante dessas mulheres (29% são jovens, 22% possuem baixa escolaridade e 16% vivem com renda de até um salário mínimo), questiona-se se a penalização do cometimento do aborto clandestino, na prática, mantém a pobreza e um ciclo histórico de desigualdades. (O Globo, 2018, online).

Marcelo encaminha-se para sua casa, no bairro do Catete, e descobre que o pai (Stepan Nercessian) levou a namorada Marli (Shirley Cruz) para morar com eles. Ele não concorda com a ideia, diz que não vai bem no trabalho e até convidado pelo pai a sair de casa (0h14’54’’), mas a namorada de Marcelo, Sônia, chega nesse momento para também dormir lá. A justificativa é que a mãe dela não aceitou o aborto. “Não estou aguentando mais. Ela ‘tá me enlouquecendo. Se eu esbarrar com a minha mãe agora a gente vai acabar se matando”. Marcelo tenta devolver o dinheiro que Sônia pediu a mãe para realizar o aborto. No entanto, Sônia diz que não usou dinheiro da mãe. “Ela disse que se eu fiquei grávida, o problema era meu”. Marcelo questiona: “E quem te emprestou?” Pelo olhar de Sônia ele percebe que ela desistiu do aborto temporariamente (0h18’02’’).

Ao mesmo tempo, Skunk entra em um bar “Café e Bar Liberdade” e começa a ler e se interessar pelas letras de Marcelo que estavam na mochila. O dono do bar, Brennand (Ernesto Alterio), oferece-lhe uma sopa, que a princípio é rejeitada por Skunk. Brennand insiste: “Precisa! Olha o teu estado!” (0h15’38’’). Skunk recusa e sai. No quarto onde mora, Skunk começa a musicar as letras de Marcelo. (0h18’43’’).

Em outra cena, Marcelo encontra Skunk caminhando próximo ao camelô, e pergunta a ele, sem nenhuma cerimônia, se foi ele quem pegou seu material de trabalho, momento em que Skunk nega. (0h19’46’’). Skunk diz que procurou Marcelo para devolver a mochila. (0h19’58’’).

Skunk tenta recuperar o material de trabalho de Marcelo que havia sido apreendido pela polícia, no entanto, ambos discutem em todo o tempo. A linguagem utilizada por eles é vulgar. (0h21’00’’). Após esperarem por um tempo,

sentados numa calçada, Marcelo consegue recuperar seu material (as camisetas), pagando os funcionários públicos corruptos, por elas (0h21’31’’). Marcelo ajuda a senhora que trabalha no camelô ao lado e que também teve seu material apreendido.

Marcelo e Skunk dirigem-se ao mesmo bar em que Skunk esteve na noite anterior. O dono serve-lhes o que diz ser “o sangue amargo da América Latina”. Brennand diz que “a vida havia reservado um negócio especial para os dois” e ainda que “o homem é por natureza livre. Mas o mundo ao redor é sua prisão”, diz também outras frases filosóficas a partir de sua observação da sociedade, enquanto os serve. (0h22’54’’). Marcelo e Skunk começam a se aproximar. A TV do bar mostra uma manifestação em Brasília. Skunk critica os políticos e as músicas que fazem sucesso como “Na boquinha da garrafa”. “Essa é a década da pobreza cultural. Sabe o que falta? Isso daqui”. E devolve o livro com as letras de Marcelo. (0h24’07’’). Ele diz que escuta ‘Rap’, “música de preto”. “Porque eu sou preto”. Skunk diz que Marcelo também é tratado como preto, uma ameaça, um bandido, um intruso. Skunk diz que tem umas bases de rap. “Só precisa botar uma letra. Suas letras são ‘foda’”. Marcelo e Skunk conversam, Skunk diz que vai sair daquela vida, que é uma questão de tempo, ao que Marcelo responde “vai sonhando!”. Skunk diz que já convenceram Marcelo de que ele é “lixo”. Skunk declama uma das letras de Marcelo, com forte crítica social, abordando a importância da cultura para as classes menos favorecidas, mas Marcelo se distancia (0h2704’’). No dia seguinte, percebe que Skunk ficou com algumas de suas letras.

O estilo que Skunk se interessa o rap. Na reportagem de Lívia Lemos publicada pelo sítio Jornal da USP, em 05/09/2023, baseada na dissertação de mestrado do pesquisador Híkaro Queiroz, “O rap de formação: Uma abordagem do narrador em Mano Brown” (2023), percebemos que

> O rap se popularizou no Brasil por volta dos anos 1990. Influenciados pelo hip hop americano, os jovens das periferias de São Paulo passaram a usar o estilo musical como uma forma de relatar as dificuldades enfrentadas por aqueles que viviam na periferia. Mas, além de levantar críticas sobre a violência e a desigualdade social, as músicas do rap assumem outro importante papel: o de auxiliar o artista e o ouvinte na sua formação social, psicológica, política e econômica.
> [...]
> Para o cantor [Mano Brown], a transformação ocorre a partir do momento em que ele começa a analisar, com um olhar crítico, a realidade na qual vive, reproduzindo essa análise nas letras de suas

> músicas. Para o ouvinte, essa transformação se dá por meio dos conselhos e “sermões” que costumam estar presentes nas letras das músicas, como pontua o pesquisador:
> [...]
> Híkaro Queiroz salienta que essa contribuição do rap na formação de jovens está na identificação: “Não é qualquer música que vai fazer você mudar de realidade, mas o choque da realidade, no qual o jovem se identifica com aquela música que está ouvindo, faz com que ele pense e reflita no que diz respeito a se formar como ser humano”. (Lemos, 2023, online).

O pesquisador Híkaro Queiroz finaliza dizendo: “Se não pelo rap, por outros fatores, como as políticas públicas, para que cada vez mais o jovem tenha esse processo de formação completo e consiga se encontrar.” (Lemos, 2023, online). Nessa premissa, o filme procura transmitir outras mensagens.

Na sequência, num posto de saúde a enfermeira chama “Luiz Antônio! Luiz Antônio!”. É o nome de Skunk. Ele está acompanhado por Brennand, que levanta e consegue os medicamentos que Skunk deve tomar. Skunk diz que não melhora com os remédios. Diz a Brennand que não precisa se preocupar com ele e seguir a própria vida. Que o que Brennand sofreu de pior foi ficar bêbado, mas que ele tem AIDS e que o médico disse que ia melhorar sua qualidade vida, mas não melhora, citando os efeitos colaterais do coquetel para a AIDS (0h30’19’’).

Skunk caminha desolado por uma rua de prostituição. Segundo Márcia Cavalcanti Vinhas Lucas, Ana Gretel Echazú Böscheimeir e Elizabethe Cristina Fagundes de Souza, no artigo “Sobre o presente e o futuro da epidemia: HIV/Aids a prevenção combinada em questão”

> A epidemia global de HIV/Aids tem mobilizado autoridades sanitárias, pesquisadores, profissionais de saúde e sociedade civil em torno do seu enfrentamento ao longo de quase 40 anos. A partir de 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU), o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids (UNAIDS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmaram que é possível, em âmbito global, pôr fim à epidemia de HIV/Aids até 2030 e apresentaram meta intermediária à erradicação para o ano de 2020, a Meta 90-90-90 (UNAIDS, 2015; ONU, 2016; OMS, 2016). Esta previu que neste ano 90% de todas as pessoas vivendo com HIV saberiam que têm o vírus, que 90% dessas pessoas estariam em terapia antirretroviral ininterrupta, e que 90% das pessoas em tratamento teriam carga viral indetectável (UNAIDS, 2017a). (Lucas et al, 2023, p.2).

Apesar dos esforços dos órgãos de saúde, é possível verificar, primeiro, uma curva descendente de pessoas que vivem com HIV e na sequência uma sequência ascendente, como se a epidemia, antes controlada, pudesse voltar a

ser um problema, especialmente entre os jovens que não se preocupam em manter relações sexuais seguras. O HIV também afeta as relações sociais e o emocional dos infectados.

> No campo social, persiste o medo da revelação para a sociedade em geral, principalmente amigos e parentes. Nesse sentido, manter-se saudável é condição para preservar o segredo sobre sua condição de pessoa vivendo com HIV, situação narrada por um dos entrevistados. Esse medo tem consequências na própria descentralização do cuidado para a Atenção Básica pelo fato de que o usuário não querer se identificar na sua comunidade como portador do HIV e temer ter o seu diagnóstico revelado.
> A expectativa das pessoas entrevistadas em relação ao futuro da epidemia não se alinha com as metas propostas pelo Sistema ONU, sob a alegação de que as condições sociais das pessoas vivendo com HIV/Aids e, mais especificamente, as condições da rede de saúde, tornam o alcance das metas inviável.
> A prevenção aparece como preocupação recorrente dos entrevistados a partir de diferentes abordagens, mas sempre numa perspectiva de que se vivencia redução e inadequação das atividades preventivas no atual contexto da epidemia, identificada como uma importante contribuição para o seu crescimento em âmbito local. As narrativas dos usuários identificam lacunas na prevenção relacionadas às campanhas de testagem, à disponibilidade de camisinha feminina e à própria prevenção realizada pelas organizações não governamentais. (Lucas et al, 2023, p. 13).

Sem tomar o coquetel e sentindo-se desolado com a doença, compartilhada na prostituição da periferia do Rio de Janeiro, Skunk acaba se entregando à doença. Marcelo continua compondo e cultivando a maconha na própria casa. (0h’32’01’’). Marcelo pede informações sobre Skunk a Brennand, que diz que serve as refeições a Skunk porque ele não tem dinheiro para comer em outro lugar. Comenta que Skunk é um artista. Neste momento, Skunk e Marcelo se reencontram e Skunk convida Marcelo para o seu “escritório”, que é no bar de Brennand (0h33’43’’). Skunk coloca a batida para tocar e entrega o microfone para Marcelo cantar. O estúdio é uma espécie de porão, um ambiente de pouca luz, as camêras se movimentam rapidamente, como nas batidas do rap, optando por dar close nos personagens, até mesmo em seus olhos, mostrando um sentimento de cumplicidade, num movimento de aproximação entre ambos. Nesse processo, Skunk lhe dá várias dicas de como melhorar no processo de cantar. Marcelo embarca na história e fica tenta algumas vezes até melhorar seu desempenho. A letra é de “Futuro do País”, de Marcelo, que também carrega uma crítica social, conforme reproduzida abaixo (0h33’53’’):

Aí, malandragem

Tem que ficar ligado com o futuro do país
A parada é o seguinte, certo

De dia à procura de comida
A noite um lugar pra dormir
Carrega no corpo feridas
E ainda consegue sorrir
Dizem que o nosso país não vai mal
Porque o povo ainda faz carnaval
Mas os pequenos e mal amados
Não compartilham da mesma visão

Há tristeza no seu coração
Vivem à margem do nosso país
Assaltando e ferindo quem passa
Tentam gritar do seu jeito infeliz
Que o país os deixou na desgraça
São alvos de uma justiça que só sabe falar
Será que a solução
É exterminar herodes não morreu

E hoje os dias estão piores
Esterilização em massa e chacina de menores
Eu queria somente lembrar
Que milhões de crianças sem lar
São frutos do mal que floriu
Num país que jamais repartiu (patria amada Brasil)

Futuro do país (esse é o futuro do país)
Futuro do país (esse é o futuro do país)
Futuro do país (esse é o futuro do país)
Esse é o futuro do país

Pra poder comer eles te pedem dinheiro na rua
Você vira, responde
E diz que a culpa não é sua
Esse é o futuro do país
Você pisa neles hoje amanhã é a sua vida que está por um triz
Mas dar uma esmola não é a solução
Eles precisam de cultura e boa alimentação
Porque um povo sem cultura me dá insonia
Qualquer dia desses
Voltaremos a ser colonia pelas esquinas e praças estão
Desleixados e até maltrapilhos
Filhos bastardos da mesma nação
São crianças, porem não são filhos
Mas eu queria somente lembrar
Que milhões de crianças sem lar
São frutos de um mal que floriu
Num país que jamais repartiu
Futuro do país (esse é o futuro do país)
Futuro do país (esse é o futuro do país)
Futuro do país (esse é o futuro do país)
Futuro do país (esse é o futuro do país)
(Futuro do País, Planet Hemp, online).

Por meio da música, a amizade entre os dois vai se fortalecendo. Skunk tem a ideia de fazer uma “demo”, com “meia dúzia de músicas” para tocar na

rádio e promover um show. Assim, conseguirão o dinheiro necessário para que a “demo” seja tocada na rádio. (0h36’35’’).

Na próxima sequência, Skunk e Marcelo estão caminhando e conversando sobre os trilhos de um trem. Skunk diz que a diferença entre eles e os artistas que fazem sucesso é que os últimos acreditam no que fazem e que podem ser iguais a eles. (0h38’11).

Há uma passagem de tempo. Marcelo e Skunk estão envolvidos com suas ocupações. Marcelo continua a compor. Skunk joga os remédios fora, desistindo do tratamento paliativo. (0h38’56’’). Ao se encontrarem novamente, Marcelo é informado que Brennand liberou o espaço do bar para que façam o show. Eles começam a preparar o ambiente e ensaiar. As conversas evoluem entre os amigos, abordando as possibilidades da música. (0h41’13’’).

Ambos enfrentam problemas: Skunk, a doença, a falta de dinheiro, o preconceito e Marcelo, a preocupação com o aborto e a insistência do pai que quer que ele saia de casa. Skunk procura lugares para tocarem (inclusive encontro de jovens evangélicos), mesmo sem cachê. Marcelo revela que precisa de um dinheiro para pagar aluguel e também um aborto, ainda assim, Marcelo revela gostou de cantar no palco. Skunk se mostra mais positivo e diz que pode mostrar para todo mundo, pela arte que a vida tem valor e a música pode fazer isso (0h49’25’’). E assim, os amigos passam a ser esteio um para o outro, embalados pelo rap. Os autores Chistos Pezikianidis, Evangelia Glanaki, Georgia Raftpoulou, Despina Moraitou, Anastassios Stalikas, do artigo “Adult friendship and wellbeing: A systematic review with practical implications”, de 2023, concluiram que:

> Adultos diferem significativamente não apenas em relação à qualidade da amizade, mas também ao número de amigos que se tem e à hierarquia de amizades (Demir, 2015). A maioria dos indivíduos mantém pequenas redes de amigos próximos e de longa data (Wrzus et al., 2017). Pesquisas empíricas mostram que os indivíduos relatam uma média de três amigos próximos (Christakis e Chalatsis, 2010). Além disso, os indivíduos fazem distinções sutis entre melhor, primeiro amigo mais próximo, segundo amigo mais próximo, outras amizades próximas e amizades casuais (Demir e Özdemir, 2010). Essas diferenciações refletem as classificações dessas amizades em relação a vários indicadores de qualidade (Demir et al., 2011b).
> [...]
> Tornou-se evidente que a amizade é um tipo especial de relacionamento, com uma contribuição única para o bem-estar. Como resultado, as amizades sobreviveram ao longo dos anos e, em nossos dias, são consideradas vitais para o florescimento psicológico (Wrzus

> et al., 2017). Como argumentaram Anderson e Fowers (2020), a contribuição mais significativa da amizade para a vida das pessoas é o início e a aceleração dos processos dos quais o bem-estar emerge. (Pezikianidis et al, online, tradução nossa).

Segundo os autores, por vários motivos, a amizade vai rareando na fase adulta. No entanto, a amizade promove o bem-estar, motivo pelo qual deve-se repensar o tempo, o espaço e a presença para que esses relacionamentos permaneçam.

Marcelo e Skunk continuam ensaiando, inclusive observando trejeitos de outras bandas (0h54’52’’). Eles encontram outros músicos para a banda e explicam a proposta, que é a basicamente a liberdade e a sociedade desigual e opressora, mas ainda falta um baterista. Cantam a música “A culpa é de quem?” (Planet Hemp) e ficam empolgados. (0h59’06’’).

O pai de Marcelo insiste para que ele saia de casa, já no dia seguinte, e diz que é para o bem do próprio filho (1h01’03’’). Marcelo chega atrasado na clínica em que Sônia vai realizar o aborto. Ele já não está convencido da ideia e pensa em outras coisas que podem fazer com o dinheiro, até convencê-la (01’03’53’’).Ele consegue um emprego em uma loja de eletrodoméstico, apesar de acreditar que aquele trabalho era como “vender sua alma”, uma vez que as músicas sensuais e ‘sem letras conscientes’, mas com forte cunho comercial, eram tocadas repetidamente nos aparelhos da loja.

Na cena seguinte, os dois amigos decidem pelo nome Planet Hemp, a banda que acabara de surgir, e fazem oensaio no bar de Brennand, onde farão o show. Eles e os amigos que assistiram o ensaio ficam felizes com o resultado. Brennand diz que as letras não são politicamente corretas e observa que Skunk está cada vez pior, em realção a saúde. (1h07’57’’). Skunk, passando mal, é novamente abordado pela polícia, que espalha na rua seus cassetes, depois recolhidos por ele (1h09’14’’).

No dia seguinte, Skunk dirige-se até a gravadora e entrega a fita cassete do Planet Hemp. Suzana (Rafaela Mandelli) argumenta com a chefia, mas diz a Skunk que, para lançar uma música e tocar na rádio, é preciso que a banda pague por isso. Skunk deixa a fita com Suzana e diz que a banda fará muito sucesso, e deixa a decisão para ela tomar (1h11’21’’). Skunk pega o coletivo e vai para casa, desolado e sentindo-se mal.

Skunk é acordado com alguém chamando-o no telefone coletivo. Tossindo muito, conversa com Suzana, e ela diz que quer que a banda se apresente. Alegre, ele parte para dar a notícia a Marcelo e descobre que Marcelo está empregado e pouco se importa com a banda. Eles se encontram no bar de Brennand. Marcelo está cansado, trabalha durante o dia e a noite, tem aluguel para pagar e vai ter um filho. Os dois não se entendem. Discutem novamente, acaloradamente, e Skunk diz que está investindo sua vida na banda. até que Brennand interfira e diz que estavam “se entregando à manipulação do sistema que coloca um contra o outro” e que “são irmãos”. No entanto, eles não se entendem (1h17’19’’).

Na cena seguinte, Skunk é despejado. Marcelo pensa sobre as letras e sobre o que Skunk havia dito a ele, enquanto assiste uma cena de repressão política nas TVs da loja em que trabalha. “Não é sobre maconha. Se você nasceu nesse país, se você é preto, se você é pobre, se a única educação que te deram te escraviza, que diz que você precisa se enquadrar. Se enquadrar é baixar a cabeça pra qualquer merda que te olha de cima e diz ‘sim, senhor’ e achar que isso é um privilégio. Se você não tem oportunidade de se rever, você deve ser bandido. E a música pode fazer isso, reverter. Enquanto os verdadeiros bandidos estão soltos”. Skunk conversa consigo mesmo: “Políticos, empresários... estão por aí. Comendo nas ruas do Leblon. Planet Hemp não é sobre maconha”. Planet Hemp é sobre... Marcelo aparece e pergunta a ele “Planet Hemp é sobre o quê?” (1h19’49’’).

A próxima cena é a de um show, indicando que os amigos fizeram as pazes e resolveram realizar o show da Planet Hemp, que obtém sucesso de público (1h20’54’’).

Após o show, caminhando pelas ruas da cidade, nos mesmos trilhos dos trens dos Arcos da Lapa, Skunk diz: “Te amo, cara!”, ao que Marcelo responde: “3h da manhã? Papo reto cara. Mas eu te amo também”. Eles confirmam o que viemos dizendo ao longo dos capítulos, e que dá título da obra de Carpinejar: “Amizade é também amor”:

> Eu nunca tinha falado “eu te amo” para um amigo ou uma amiga, apesar de ter esse sentimento por eles. Tenho poucos e queridos amigos, e isso já me basta. Amo todos. Mas talvez eu nunca tenha dito isso para eles, com essas palavras.
> Para a Camila, uma das minhas grandes amigas desta vida (e certamente das passadas e futuras), eu falei. Senti vontade que ela

> soubesse. E isso tem a ver com afeto, carinho, irmandade. Daquelas relações que você constrói com pessoas que não são da sua família, mas acabam se tornando um pouco sua irmã, seu irmão, sua segunda mãe ou seu segundo pai.
> Nos conhecemos na redação do Estado no começo dos anos 2000. O coleguismo do dia a dia se transformou em amizade sincera, leve, faceira. Camila era linda, jovem, talentosa, generosa. Zero defeitos, como se graceja nas redes sociais.
> Ela lutava contra um câncer e senti, a dado momento, que eu a estava perdendo. Há tempos, eu não falava com ela. No período do tratamento, Camila decidiu se recolher e se aninhou no aconchego de sua família. Não queria ver ninguém. Respeitei, claro, mesmo que com dor no coração.
> Há alguns meses, pedi para a querida Carmen, irmã da Camila, que falasse para ela que eu a amava. Sei que Carmen passou minha declaração de amor adiante, mas, melhor pecar pelo excesso, mandei uma mensagem para ela pelo Instagram, que foi visualizada. Espero que tenha sido ela própria que tenha visto. (Del Ré, 2019, online).

Adriana Del Ré escreve para o Estadão: “Você pode, sim, amar um amigo”. Não deveria causar estranheza dizer “eu te amo” para os amigos, embora isso implique uma relação séria, sólida, num compromisso maior. É diferente de chamar de amigo, qualificação na qual popularizou-se e todos passaram a utilizar com pessoas com quem não se partilha a vida, como colegas de trabalho, colegas de academia, conexões na internet, aquele da fila do ônibus, o porteiro, o garçom, o cliente, o vizinho que pouco se vê. Enfim, na modernidade líquida, qualquer um é amigo já que não existe mais um contrato especial para isso. Não são observadas as qualidades indeléveis para isso. Já ao dizer que se ama o amigo, a amizade retorna ao seu ponto inicial. Um tipo de amor: a philia. Para essas, é possível dizer que a amizade nunca morre. Porque implica um panorama mais concreto, mais íntimo, mais verdadeiro. Esses são amigos que fazem parte da nossa vida de verdade. Que fazem falta. Que fazem a diferença. Que buscamos quando precisamos de ajuda.

É mais fácil perceber esse tipo de declaração entre crianças e adolescentes, já os adultos, os homens principalmente, como dito no primeiro capítulo, preferem se manter sérios e equilibrados, nada emocionados, como se costuma dizer nas redes, como se o amor fosse um desequilíbrio.

Skunk sabia que estava morrendo, e talvez por isso tenha verbalizado a frase. E quão confortante deve ter sido receber a resposta de Marcelo.

Jesus, já nos seus momentos de despedida, também fez esse pedido aos seus amigos: “Como o pai me amou assim também eu vos amei. Permanecei no meu amor. Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e seja plena”

(vide João 15, 9-12) e também está escrito na Bíblia “tendo amado os seus, amou-os até o fim (João 13,1).

> Amor é aquele sentimento inexplicável, que tantos grandes poetas tentaram definir, e que nos traz imensas alegrias e tristezas. Nossa amizade me deu muitas alegrias e uma só tristeza: Camila partiu na sexta-feira passada, dia 18, aos 38 anos.
> E quando a notícia devastadora de sua morte chegou a mim, um filme de mais de 15 anos de amizade passou pela minha cabeça. Os shows que assistimos juntas, as músicas que gostávamos, as risadas que compartilhamos, as doideiras que falávamos.
> Mas lembro também das promessas que fizemos e não cumprimos, como irmos juntas à Bienal (Camila era uma grande especialista em artes visuais), passear por Londres juntas (e ir na Tate Modern!), entre outras tantas. No entanto, me consola saber que encontramos tempo de irmos às sessões de cinema na Augusta, ao MAM, de sairmos juntas. Enfim, de sermos amigas de verdade. E que alegria relembrar de seu sorriso doce e de seus olhos brilhando enquanto ela assistia aos shows de Radiohead (e o impagável air guitar que ela fazia em Creep), Chico Buarque, New Order, Baby do Brasil...
> Sei que vou me lembrar dela em cada museu ou exposição que eu visitar em qualquer lugar do mundo, ou quando eu entrar no Instituto Tomie Ohtake ou na Pina, que eu brincava que era sua segunda casa, porque ela estava sempre lá para fazer alguma reportagem.
> Que privilégio ter tido Camila como amiga. Que tristeza tê-la tido como amiga por tão pouco tempo. Mas fico feliz em saber que ela sabia que eu a amava. Na verdade, acho que ela já sabia disso antes mesmo de eu falar com todas as palavras 'Eu te amo'.
> Obrigada pela amizade maravilhosa que tivemos. E se restou alguma dúvida - P.S. Eu te amo. (Del Ré, 2019, online).

Na continuação do texto de Del Ré, ela fala dos programas pensados e nunca realizados, os conhecidos “vamos marcar”, “você está sumido”, “não tenho tempo por esses dias”. E afirma o que é ser amigo de verdade. Numa homenagem póstuma, que acaba não fazendo muito sentido para quem foi, mas para quem ficou, ela repete: Eu te amo.

Na sequência do filme, o Planet Hemp já era uma banda de sucesso. Marcelo está na própria casa com Sônia e seu bebê arrumando as coisas para shows em São Paulo. Ele se despede da sua esposa e do seu filho para entrar no carro que irá os levar, e sente a falta do amigo. Ele conversa com Skunk pelo telefone, que diz não querer ir ao show e que Marcelo é quem é a estrela (1h24’01’’). Skunk diz que tem um amigo que está nos Estados Unidos, e “vai trazer um tênis ‘foda’ para que ele use no show. Marcelo acaba seguindo e fazendo o show sem Skunk.

Diferentemente do que disse, Skunk, ainda pior ainda mais de saúde, começa a beber e não atende mais telefonemas. Ele e Brennand veem na revista o sucesso do show do Planet Hemp que Marcelo conduziu (1h25’31’’).

Skunk se entrega cada vez mais à doença, enquanto Marcelo ensaia com a banda. Brennand cuida de Skunk, e o leva ao hospital. E aqui está mais um exemplo de amizade, que vem se extinguindo nos tempos líquidos. Em tempos de ditadura da felicidade, como dissemos no Capítulo III, quem está doente, quem está em situação difícil, que não consegue sorrir, nem mesmo um sorriso falso, quem não tem nada de valor a oferecer, também não merece tempo, dá a impressão que também não merece espaço, não merece amizade, não merece saudades, não merece convites não merece cuidados, a não ser que busque médico. É uma face bastante egoísta das pessoas que se revela. E no final, se justificam: “Todo mundo tem problemas”.

Tendo deixado Skunk no hospital e voltado ao bar, Brennand recebe uma ligação. Era a pior notícia, Skunk não resistiu. Ao receber a notícia, Marcelo se sente perdido e chora debaixo de um temporal (1h29’05’’). Ele viveu o sonho de Skunk, porque Skunk acreditou nele.

Marcelo acrescenta as blusas do Planet Hemp às das bandas famosas que vendia. Suzana, na rádio, diz que vai fazer uma homenagem e dedica uma música a um grande amigo dela, “que se mudou para o planeta Saudade” (1h29’32’’).

Seis meses após a morte de Skunk, em 1995, a banda Planet Hemp lançou seu primeiro álbum, “Usuário”. O trabalho ganhou disco de ouro e colocou de vez a banda no cenário nacional. No entanto, por pressões de patrulhas moralistas, a banda teve vários eventos cancelados. Em 1997, os músicos chegaram a ser presos, acusados de apologia ao uso de maconha. A banda se separou em 2001, mas, no mesmo ano, se reuniu com outra formação.

Marcelo seguiu uma carreira sólida solo, com o nome de Marcelo D2 e ainda hoje, mantém viva a memória do seu parceiro Skunk. Como dissemos antes, o filme é dedicado a ele.

VI.IV A questão das identidades

Neste último argumento, novamente, contamos histórias de seres invisíveis. Seres que vivem nas ruas do nosso país como se não fossem dotados de humanidade. Especialmente Marcelo e Skunk. São pessoas que existem comercializando materiais falsificados, fugindo da polícia para não perderem seu

ganha pão, sem família, ou sem o amor por parte dessas, cometendo crimes para sobreviver, mantendo relações conturbadas, convivendo com a doença, com a droga, indignados com a realidade do país.

O filme não fala da família de Skunk e de como adquiriu a doença, mas mostra-o sendo perseguido pela polícia, seu talento para a música e sua personalidade de alguém que se doa, ao ensinar o que sabia para Marcelo, ao deixá-lo no comando da banda, ao manter amizades até morrer. Ao ser capaz de amar um amigo e deixar isso claro. Ao sonhar com um país melhor, ter a sensibilidade de perceber as injustiças e ter um sonho de mudar isso a partir do que tinha de melhor. Apesar de tudo o que viveu, do que sentiu sozinho, é um vencedor, porque o Brasil não dá chance para a pobreza, ainda mais de um preto.

Marcelo enfrenta problemas em casa. O filme também não mostra como perdeu a mãe e o pai demonstra não sentir afeição por ele ao tirá-lo de casa. Vive com dificuldade como camelô até achar alguém que lhe dirija um olhar mais próximo e demorado, como falamos várias vezes ao longo da tese. Alguém que lhe dedique tempo e mude a sua vida para sempre, com a responsabilidade de apontar as crueldades em que viviam. Marcelo levou a sério, passou a ser Marcelo D2, estabeleceu uma família e uma carreira.

> Na medida em que demonstra o envolvimento gradativo de Marcelo e Skunk, Legalize Já: Amizade Nunca Morre aborda uma série de desigualdades e situações que servem de motor à fúria compartilhada. Um deles está diante de dificuldades familiares, com o pai o expulsando acintosamente de casa e a namorada precisando de dinheiro para fazer um aborto. O outro enfrenta de cara limpa uma doença devastadora como a AIDS, sofrendo silenciosamente, recusando ajuda. Os realizadores investem bastante tempo na delineação dos dramas humanos que revestem as letras do Planet Hemp de autenticidade e pungência. Não estamos diante de uma cinebiografia edulcorada, de algo que doura a pílula, ainda que fique evidente a admiração como nutriente nos dilemas principais. Embora, por exemplo, não se detenha firmemente na investigação da conduta de D2 com a namorada Sônia, o músico é visto como uma vítima, principalmente, da falta de carinho no lar, o que ele tende a reproduzir, assim oferecendo contextos sólidos. (Müller, online).

Brennand e Suzana também demonstram um olhar diferenciado e acreditam no potencial de Skunk e Marcelo. Sabem que, apesar da vida que eles levam, são dignos de serem tratados como seres humanos e de amizade. E precisam de alguém que acredite neles.

E como viemos insistindo em todos os capítulos, foi na amizade, cada um à sua maneira, que os vários personagens aqui retratados conseguiram se salvar, se redimir e dar esperança uns aos outros, o que rendeu uma mudança de vida e uma mobilização de sentimentos bons em cada um.

É possível que, encontrando seus amigos, Skunk tenha ganhado mais tempo de vida, assim como Rachel, no Capítulo IV.

Apesar das mídias sociais, do individualismo, da internet e da sociedade líquida, conseguimkos perceber que faz sentido o estudo citado na introdução desta tese (p. 39), realizado na Universidade de Harvard, desde 1937. Segundo o editorial de José de Jesus Peixoto Camargo, para a revista Medicina, Ciência e Arte,

> Outra pesquisa de grande fôlego, da Harvard, vem acompanhando 724 indivíduos, divididos em duas categorias sociais, os egressos da Universidade e os trabalhadores do porto de Boston. Este grupo heterogêneo na origem e na atividade funcional vem sendo seguido há 75 anos em um protocolo chamado Desenvolvimento Adulto (Robert Waldinger, TED). Do grupo inicial, 60 ainda estão vivos e, recentemente, mais de 2.000 filhos foram recrutados para o estudo. Uma das observações mais extraordinárias deste estudo foi a constatação de que a maioria dos octogenários felizes e saudáveis não necessariamente estava entre aqueles que, aos 50 anos, tinham colesterol normal ou perímetro abdominal de bailarino: eram aqueles que mantinham relações familiares e sociais, numerosas, alegres e confiáveis. Em contrapartida, os solitários adoeciam mais e quando isto ocorria sofriam mais, com o medo da doença multiplicado pela tristeza da solidão. Ficou também evidente a importância da qualidade das relações pessoais. Os que tiveram a felicidade de envelhecer com parceiros com quem podiam contar não só viveram mais, mas conservaram íntegra a memória por mais tempo, mostrando que tendemos a esquecer as lembranças desagradáveis. (Camargo, p.7).

No livro “Uma Boa Vida”, resultado da pesquisa, os autores Robert Waldinger e Marc Shulz, utilizaram-se, como epígrafe, da frase de Mark Twain: “Não há tempo, por a vida ser tão curta, para picuinhices, desculpas, amarguras, pedidos de satisfação. Só há tempo para amar. E mesmo para isso, há apenas um instante” (Waldinger e Schulz, p.5). É bem semelhante ao pensamento de Santa Teresinha de Lisieux.

Os autores afirmam que:

> Durante oite e quatro anos (e a somar), o Estudo de Harward acompanhou os mesmos indivíduos, colocando milhares de perguntas e fazendo centenas de mediações para descobrir o que, na relidade, mantém as pessoas saudáveis e felizes. Ao longo destes anos todos passados a estudar estas vidas, existe um fator essencial que se destaca pela consistência e pelo ´poder da sua relação com a saúde física e mental e a longevidade. Ao contrário do que muita gente possa

> pensar, não é a realização profissional, nem o exercício, nem a alimentação saudável. Não nos interprete mal - essas coisas são (muito) importantes. Mas há outra coisa que continua a demonstrar a sua extensa e duradoura importância
> Bons relacionamentos.
> Na realidade, os bons relacionamentos são suficientemente dsignificativos para, se tivésssemos de resumir os oitenta e quatro anos do estudo num único princípio de vida - um investimento de vida que é corroborado por descobertas semelhantes de vários outros estudos - seria este:
> Os bons relacionamentos mantêm-nos mais saudáveis e mais felizes. Ponto final. (Waldinger e Shulz, p.25-26).

Afirmam ainda que:

> Todos estes estudos, bem como o nosso estudo de Harward, são testemunhos da importância das relações humanas. Mostram que as pessoas que têm uma maior ligação à família, aos amigos e à comunidade são mais felizes e mais saudáveis do que as pessoas que têm uma menor interligação. As pessoas que vivem mais isoladas do que gostariam acabam por ver a sua saúde declinar mais cedo do que as pessoas que se sentem conectadas com as outras. As pessoas solitárias também vivem vidas mais curtas. Infelizmente, esta sensação de falta de conectividade com os outros está a crescer em todo o mundo. (Waldinger e Schultz, p. 57)
> [...]
> Às vezes, é dificil compreender e criar uma relaçao com as pessoas que temos na nossa vida quando só pensamos naquilo que está mesmo à nossa frente. Dar de vez em quando um passo atrás, para ver o panorama todo, para nos colocarmos a nós e às pessoas de quem gostamos no contexto de uma vida mais longa, é uma ótima maneira de injetar enpatia e compreensão nos nossos relacionamentos. Algumas das frustrações que sentimos uns com os outros podem ser evitadas e é possível criar ligações mais profundas se nos lembrarmos que as nossas perspectivas de vida dependem da fase em que estamos. (Waldinger e Schultz, p.108).

Com esta obra, “Legalize Já - Amizade Nunca Morre”, numa celebração ao cinema brasileiro, fechamos nosso quadro de filmes analisados e trouxemos o máximo de informações sobre a amizade, como era nossa proposta. Prosseguiremos com as considerações finais identificadas na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.
> (Orson Welles[85],Jornal da Globo, online).

O cinema é a materialização do sonho, é a oportunidade de conviver com outros seres humanos ou mágicos, partilhar suas experiências apenas entrando em uma sala escura. A linguagem do cinema traz elementos da literatura, da música, do teatro e da fotografia. Além disso, ao nos permitirmos assistir a um filme, estamos concordando que diversas emoções podem ser mobilizadas em nós, desde as mais alegres às mais tristes. Não é incomum perceber alguém chorando ao assistir um filme. E a comédia nos leva para um lugar onde esquecemos os nossos problemas e preocupações. É uma linguagem especial para provocar discussões, relembrar fatos, promover reflexões e até quem sabe, uma mudança de vida, de planos e de rotas. É um momento em que nos colocamos em determinadas cenas, ou no lugar de certos personagens para nos comunicar uma mensagem. Existem filmes que assistimos há muito tempo e ainda ressoam em nós.

O cinema é uma arte que envolve diversos profissionais, e faz-nos refletir (e quem sabe mudar de opiniões) com as ideias, as paixões, as emoções profundas ali veiculadas. Os espectadores podem se envolver e interagir com a narrativa, com as imagens e sons e apartir daí, refletir sobre si mesmos. Neste sentido, a mídia pode moldar o imaginário social e individual, acrescentando informações ou a forma de interpretá-las. Além disso, como no cinema nem tudo é verdadeiro ou falso, na arte existem várias outras possibilidades. A arte nos desinstala, elimina clichês, desacomoda o pensamento, a rotina e pode causar estranhamentos.

A imagem em movimento com sons e luzes encanta e é aparentemente de fácil entendimento, mas cada sequência tem seu papel no filme e uma ideia, uma ideologia a ser transmitida. O cinema, diferentemente de outras artes, ao invés uma representação da vida, lida com a própria vida como sua matéria-prima.

---

[85] George Orson Welles (1915-1985) foi um ator, produtor, escritor e diretor estadunidense.

Além disso, o cinema pode ser criticado, por técnicos e especialistas, e também por espectadores, observando a ideologia do filme a intenção do autor (neste trabalho, no Capítulo IV, o crítico Lucas Salgado diz que o diretor “estava preocupado em ganhar um Óscar”, referindo-se a Tate Taylor), à atuação dos atores, à qualidade dos diálogos, ao argumento da história e outros aspectos técnicos. A análise, também feita por profissionais e espectadores em geral, leva em conta como foi construído, quais foram os pontos mais altos e normalmente vem com perguntas: por que esse pano de fundo, por que essa tonalidade de cor, por que essa época, por que esse diálogo e várias outras perguntas. A análise também observa os objetos cênicos e a montagem, as escolhas do diretor, a ideologia. É um trabalho maior. Demonstramos essas possibilidades nos capítulos de I a VI. Para Fernão Pessoa Ramos, muitas vezes, “o bom filme é o que coincide com a minha visão de mundo”. No entanto, quando não coincide pode proporcionar uma experiência nova e mais interessante.

Apesar das duas possibilidades, é impossível sair de uma sala de cinema sem criticar ou analisar, e deixá-lo ecoar, ou o filme não cumpriu na totalidade sua função. Ainda segundo Edgar-Hunt, a obra deve ser memorável e o espectador deve ter vontade de assisti-la várias vezes.

Acreditamos que, para que a mente humana domine o que a mente humana criou (questionamento de Paul Valéry), a arte e a linguagem são imprescindíveis.

Nos capítulos anteriores, vimos que a questão da amizade está intrinsecamente ligada à questão da identidade, além das formas de se criar empatias. E o cinema consegue abordar essas questões com maestria. Um personagem que tem apenas um traço de personalidade é uma criação pobre, mas se no personagem vamos descobrindo camadas de personalidade ao longo do filme, ele se torna mais verossímil.

Não podemos falar em uma única identidade, mas em identidades que são mobilizadas de acordo com a narrativa, com os outros personagens com quem está se relacionando, com as mudanças na história. Podemos perceber, por exemplo, no capítulo V desta tese, o amadurecimento do personagem Greg, o mesmo que narra a história. Além disso, várias identidades são acionadas em situações diferentes. No capítulo II, Driss é um empregado, mas também é ex-ladrão, amigo, aquele que devolve a dignidade ao patrão, o que tem problemas

com a mãe, além de vários outros traços que podemos perceber nele. No capítulo IV, o crítico fala de personagens unidimensionais, maniqueístas, sem profundidade, sem situações em que podem agir de forma diferente, previsíveis. Discordamos dessa afirmativa, uma vez que no início do filme as empregadas eram subjugadas e humilhadas e passaram por caminhos que as levaram ao protagonismo da história. Além disso, no mesmo filme, as personagens Skeeter e Celia tem personalidades complexas.

A cada atitude do personagem vamos formando sua identidade, ou camadas de identidade e encontrando similitudes e diferenças conosco mesmos. Pensamos em como agiríamos diante naquela cena, com aquele outro personagem, e o que podemos esperar de diálogos e de ações.

A identidade, que é individual, é também influenciada pelo coletivo: “o indivíduo se constrói como pessoa relacionando a sua vida com a vida de uma comunidade” (Wasserman, 2002). É o que acontece claramente nos capítulos III e IV desta tese. Sejam colegas de serviço, amigos desajustados, grupos de ensino médio, a coletividade também é influente nas identidades.

Desta forma, a partir das identidades, chegamos às relações humanas, que também são muito claras no cinema, e foram importantes para as observações que nos levaram aos objetivos desta tese: análise de relações de amizade no contexto do cinema. Em tempos de relações líquidas, fluidas, de mídias sociais, de pouco tempo e pouco espaço para relações em que há um compromisso de amizade, a sociedade adoeceu. Adoeceu de solidão, principalmente, mas de outras doenças que vamos identificando ao longo dos capítulos, em épocas, idades e conflitos diferentes. Por essa razão, escolhemos variados filmes com contextos sociais, culturais e afetivos diferentes.

A nossa hipótese inicial era a de que havia diversos tipos de amizade, de se constituir uma amizade, de se manter uma amizade e que, para que seja de fato amizade, são necessários outros compromissos, assumidos tacitamente e cumpridos de forma prazerosa.

Na obra de Bauman, que norteou a pesquisa, há essa preocupação com as relações humanas, das quais frisamos a amizade: “A desintegração da rede social, a derrocada das agências coletivas de ações efetivas, é recebida muitas vezes com grande ansiedade e lamentada como “efeito colateral”” de uma sociedade que optou por se liquefazer (Bauman, 2017).

É importante lembrar que a ONU estabeleceu um dia internacional da amizade - 30 de julho (em alguns países é comemorado no dia 20 de julho) para reforçar a atualidade, a importância e a necessidade de se discutir esse tema, diante dos rumos que a humanidade tomou.

Tratamos também de conteúdos dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável da ONU, que são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. (Nações Unidas, online). Dos 17 objetivos, a necessidade de alguns podem ser observados claramente nos filmes: erradicação da pobreza, saúde e bem-estar, educação de qualidade, trabalho decente e crescimento econômico, redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis, paz, justiça e instituições eficazes, parcerias e meios de implementação.

Na classificação das relações, acreditamos, como dissemos algumas vezes, que amizade também é amor, e talvez o mais seguro e mais complexo que as outras formas pelas quais o amor pode se apresentar. O amor Eros, refere-se ao amor entre casais, parceiros, com a presença da paixão, do erotismo. Talvez, em alguns casos, é baseado apenas em aparência física ou outra necessidade dos amantes. O amor Ágape, considerado o maior deles, é o amor vertical, da humanidade com a espiritualidade, o amor incondicional, eterno e abundante. Já o amor Philia representa a amizade, a qual investigamos mais a fundo neste trabalho de pesquisa.

Como objetivos da pesquisa, ficaram definidos:

a) apontar as relações de amizade e o contexto em que se formam e se desenvolvem, e como se manifestam;

Percebemos que as relações de amizade acontecem em diversos contextos, como no deserto, na cidade, nos ambientes de trabalho, nos subúrbios, na escola, na família, e em qualquer outro ambiente. Assim, no Capítulo I, temos as amizades que o Pequeno Príncipe estabeleceu no deserto, com seres com personalidades totalmente diferentes; no Capítulo II, a amizade de Driss que era empregado de Phillip, no Capítulo III, as relações de Charlie, a culpa em relação a sua tia, o entrosamento com seus colegas “desajustados”, com seu professor de inglês; no Capítulo IV, a amizade de Skeeter com as empregadas, das empregadas entre elas e a amizade de fachada das senhoras

da sociedade; no Capítulo V, a amizade de Greg com Earl, que não era assumida, e de ambos com Rachel; no Capítulo VI, a amizade de Skunk e Marcelo e deles com Brennand e Suzana e várias outras.

Concordamos com Aristóteles quando afirma que existem três tipos de amizade: “baseadas na utilidade, no prazer e no caráter”. Assim, as amizades travadas no filme trazem sempre um ou mais desses requisitos. No Capítulo I, vimos que a amizade do pequeno príncipe com o aviador teve seu início baseado na necessidade (utilidade) de desenhar um carneiro e proteger o seu planeta e a sua rosa. Já com a raposa a amizade era por prazer. “Se você me diz que vem às 4 da tarde, desde às 3, começarei a ser feliz”. No Capítulo II, a amizade de Driss com Philipe jamais seria pelo caráter, pois Phillip vem de uma famíia aristocrática e Driss é um ex-presidiário. De outro lado, no Capítulo IV, a amizade de Skeeter com Aibeleen era exatamente pelo caráter, porque Skeeter tinha um caráter diferente daquele apresentado pelas senhoras da sociedade do Mississipi. E as amizades vão se transformando e adicionando mais características, como desejos em comum, fatos que passaram juntos e outros.

As amizades se manifestam nos diálogos, na história de vida dos personagens, nas atitudes de utilidade ou de futilidade, no perceber a necessidade do outro, no servir o outro, nos momentos de descontração, na identificação de alguma característica semelhante, ou de alguma característica que se admira, no desejo de estarem juntos, na preocupação com os problemas do outro, na diferença que surge para somar, na dificuldade em estabelecer um compromisso sério, na confiança e no admitir, sem ressalvas, que se ama o amigo, por aquilo que ele é. Cada filme apresenta pelo menos um desses tipos de amizade, e podemos observar a mobilização de identidades diferentes na amizade de Greg com Earl e na de Greg com Rachel, e ainda com Skunk, que deu uma outra oportunidade de vida a Marcelo ao dizer que o ama, o que é recíproco. A amizade acontece quando o olhar não é superficial, quando não há a presença de um rótulo, quando se “encontra” o outro em sua complexidade.

Como objetivo da pesquisa, ficou definido também:

b) Descrever temas transversais que apareceram nos filmes para apresentar as relações de amizade encontradas, contextualizando-os e demonstrando a importância de cada um nos processos de amizade, bem como a importância destes na vida individual e social dos personagens:

Logo no Capítulo I, percebemos uma diferença crucial: A da amizade entre crianças e adultos, a manter uma alma de criança mesmo adulto. Todos diziam que o desenho do aviador era um chapéu, porque não tinham mais os sonhos e a imaginação das crianças e só pensavam em coisas de adulto: gravatas, golf, dinheiro. E o aviador complementa “só se vê bem com o coração”. Mesmo os moradores dos planetas estavam preocupados com fronteiras, refletimos sobre nossas fronteiras individuais, que nos afastam de uns e também interferem nas amizades. Era importante a quantidade de estrelas possuídas, modificar fatos históricos e coisas que não faziam sentido para as crianças. Num planeta tão povoado, como a Terra, o encontro se dá num deserto e a serpente vaticina “a gente também está só entre os humanos” e “os homens constroem a sua solidão”. A solidão é a necessidade da presença de alguém. O deserto também representa, simbolicamente, a crise, o ter que se refazer, o olhar para si próprio, para suas dificuldades e quem sabe, potencialidades. Lugar de isolamento.

A influência dos adultos, na infância do piloto, fez com que ele desistisse da carreira que havia escolhido para si. Muitos jovens, atualmente, não têm sequer a possibilidade de escolher uma carreira, pela desigualdade educacional e financeira, que no Brasil começou a mudar com as políticas educacionais implementadas a partir dos anos 2000.

Saint-Exupery foi rotulado de “distraído” por não concluir o ensino superior. Os rótulos dificultam a formação das amizades. Principalmente nas séries iniciais, há muito julgamento e preconceitos. As relações escolares podem determinar comportamentos agressivos ou cooperativos, da forma como são estabelecidos. Essa observação começa desde os irmãos menores. Na cena em que encontra com o príncipe, o aviador confirma duas características das pessoas grandes, envolvidas em suas rotinas, seu dinheiro: a superficialidade e o individualismo. “As pessoas grandes adoram números”. Já o pequeno príncipe estava preocupado se o carneiro comeria seu flor. Ocupado com outras coisas, o aviador não tinha tempo para os problemas do príncipe até perceber seu erro.

O Capítulo I também fala das identidades que são construídas para as mídias sociais, que é fluida e frágil. Quando conta a história do Turco, o aviador chama a atenção para o fato de que as pessoas dão valor às aparências. O príncipe conta que ama sua rosa, mas não há uma relação de amizade. A rosa não percebe o amor do príncipe, falando somente de suas próprias

necessidades, algumas bem fúteis, e se aborrece quando o príncipe viaja. O príncipe faz tudo o que pode, mas acaba chegando à conclusão de que deveria ter observado mais as atitudes dela do que as palavras. Para o Pequeno Príncipe o importante era ser, não possuir.

O encontro com a raposa dá ao príncipe e ao espectador várias lições sobre amizade. “As pessoas estão interessadas em comprar. E não existem lojas de amigos”. “Para ser amigo, é necessário cativar, é necessário tempo”. “Voce se torna responsável pelo que cativou”, dentre outras.

No segundo capítulo, o filme, “Intocáveis”, mostra que Driss e Philippe são muito diferentes moralmente, tem histórias de vida diferentes e classes sociais diferentes. No entanto, com a possibilidade aberta por ambos a amizade se faz. Driss deixa a turma de drogados. Philippe passa a ser tratado como ser humano que é, mesmo tetraplégico. Ambos têm poucos amigos, mas aprendem a escolhê-los pela virtude. Enquanto Driss tem uma relação difícil com a mãe e os irmãos, Philippe sabe que sua família só comparece em seus aniversários para saber sobre herança. Philippee percebe que Driss não era um adulador, na visão de Plutarco. O advogado de Philippe não gosta do seu novo empregado e amigo, pelos rótulos que já havia colocado nele. Philippe discorda. Em um momento em que conta sua história, Philippe diz a Driss que é sua alma que está quebrada. E de fato, vivemos em um tempo em que os problemas da mente proliferam e atingem um grande número de indivíduos. Por não sangrar, por não deixar paralisado, vamos deixando essas doenças se multiplicar em nós e nos outros. Como se não fossem doenças de verdade.

Em determinado momento, Driss acredita que o que é uma amizade para Philippe, uma moça para quem escreve cartas, é um “amor platônico”, que é um sofrimento psíquico que pode se manifestar em diversos contextos, onde o prazer do indivíduo é parcialmente realizado em sua fantasia (Medeiros, 2018).

No Capítulo III, “As vantagens de ser invisível”, notamos a solidão de um adolescente que se vê como problemático e escreve cartas para um amigo imaginário, até encontrar na escola outras pessoas “desajustadas como ele e formar um grupo”. Essa é uma fase da vida complicada, de formação da identidade, da descoberta de si próprio. No século XX, a solidão e a AIDS tornaram-se um problema nessa etapa.

Segundo a frase atribuída ao ator Robbin Willians, que se suicidou, “as pessoas não fingem depressão, elas fingem estar bem”. A frase vai ao encontro do que dissemos no capítulo anterior, as pessoas não dão o devido valor às doenças da mente, isso porque há em vigor uma ditadura da felicidade em que só é bom estar com quem está bem, realizado, próspero, que tem sempre uma história engraçada. Assim, os solitários, os depressivos, os ansiosos, os que têm pânico, alguma síndrome ou fingem que não são, e ficam mais solitários ainda, sob a justificativa de que não são uma boa companhia, e por isso Charlie era invisível. Neste capítulo, a pesquisa mostra que o suicídio é resultado de desespero, desamparo, da sensação de ser um fardo para os outros, e da solidão, é claro. Pesquisas afirmam que a depressão vem crescendo entre os adolescentes. Com o isolamento, as pessoas passam a acreditar que ninguém sentirá falta delas. O autor Andrew Solomon declara que se você imagina que uma pessoa possa cometer suicídio, é o momento de interferir. Não falar sobre o assunto aumenta a possibilidade de ele se consolidar, além de se provar uma falta de empatia.

Charlie vai bem nas aulas, apesar de ser extremamente tímido. As coisas mudam quando ele começa a conversar com Patrick, veterano homossexual e por isso, humilhado na escola, e Sam, meia-irmã de Patrick, que sofre de bulimia e parece ter outros problemas.

A irmã de Charlie é maltratada pelo namorado. E aqui encontramos uma máxima do filme. “A gente aceita o amor que acredita merecer”.

Charlie vai a uma festa e é drogado sem saber. A droga é uma realidade na vida dos adolescentes.

Em outra cena, Charlie vê Patrick beijando Brad, um dos garanhões da escola, jogador do time de futebol. Patrick fica em pânico e pede para que Charlie não conte a ninguém. Seu namorado não pode ser identificado como homossexual, como se isso fosse um grave problema. E é. É um grande fator de exclusão. Quando o pai de Brad descobre a situação, ele dá uma surra em Brad. E Brad em Patrick, que fica inconsolável.

Sam não vai bem nos estudos, e Charlie promete ajudá-la. Até descobrir que Sam havia sido abusada sexualmente na infância e por isso sofria tanto.

Charlie, que sempre se lembrava da sua tia Hellen, que gostava muito dele, sentia-se culpado pela morte dela. Porém, depois de uma internação em que teve alucinações, descobre que também era abusado sexualmente por ela.

No capítulo VI, a história do filme “Histórias Cruzadas” se passa na época da abolição dos escravizados, nos Estados Unidos. Nesse filme, a diferença entre brancos e negros fica muito marcada.

As senhoras da sociedade sentem-se superiores e promovem encontros de filantropia para a África, destratando as próprias empregadas negras. Uma delas propõe uma ideia legislativa para que os negros não pudessem utilizar os mesmos banheiros que os brancos. Surge a Ku-Klux-Kan e o terror racista nos Estados Unidos, principalmente nos Estados do Sul. As senhoras da sociedade excluem também a Celia (uma mulher branca), porque ela tinha origem humilde e casou-se com um homem rico.

A personagem Skeeter, recém-formada em jornalismo retorna, à sua casa no Mississipi, mas não se adequa aos pensamentos e atitudes de sua mãe e de suas antigas amigas, que formam o grupo de senhoras da sociedade. Na narrativa, ela teve a ideia libertadora de escrever a história de sofrimento das empregadas domésticas negras, gerando laços de amizade com essas mulheres. Porém, tanto Skeeter quanto as empregadas ficam com medo, pois sabem do risco que correm.

Muitas vivem no subúrbio, e são despedidas, presas, impedidas de ver os próprios filhos ou de interna-los em bons hospitais porque havia segregação racial inclusive no atendimento médico. O filho de Aibeleen, a primeira a contar sua história morreu porque acidentou-se e foi levado ao hospital de negros, e não recebeu o atendimento adequado.

Skeeter é praticamente expulsa da cidade e obrigada a recomeçar sua vida em outro lugar, porém, contratada por uma boa editora.

No Capítulo V, analisamos o filme, “Eu, você e a garota que vai morrer”. Neste filme, percebemos em Greg um adolescente que não quer ter amigos. Não quer ir para a faculdade para não ter que conviver com ninguém. Essa é uma realidade. É próximo de Earl, um garoto negro que ele não chama de amigo por ser mais pobre e ter uma família problemática.

Greg é obrigado pela mãe a fazer amizade com Rachel, uma garota diagnosticada com leucemia. No início não é fácil, mas eles acabam se tornando

amigos. Greg tem muitas dificuldades: é desajeitado nas relações sociais e tem a autoestima bastante baixa.

No final do filme, Rachel desiste do tratamento e quer se entregar à doença. Greg e Earl tentam fazer um vídeo para ela, já que eles eram ótimos em produzir filmes caseiros. Esse filme seria, ao mesmo tempo, uma homenagem à amiga em um consolo para o seu sofrimento.

No último dia de aula, no dia do baile, Greg deixa de ir ao baile para ir ao hospital para visitar Rachel, que está internada. Ele começa a projetar o filme para a amiga. Em pouco tempo, ela se sente mal e não resiste à doença.

No Capítulo VI, analisamos o filme brasileiro, “Legalize Já - Amizade Nunca Morre”. Este filme conta as histórias difíceis de pobreza de Skunk, negro, pobre, portador de AIDS e Marcelo, vivendo na periferia do Rio de Janeiro, com muitos problemas familiares.

Marcelo não está bem financeiramente e emocionalmente. Skunk, entusiasta do rap como ferramenta de mudança da sociedade, treina o amigo nessa arte. Juntos, eles fazem shows e formam a banda Planet Hemp, que faz sucesso com as letras de Marcelo, as batidas e o incentivo de Skunk. Porém, chega um tempo em que este desiste do tratamento e para de tomar o coquetel contra o HIV. Ele deixa a banda nas mãos de Marcelo e não resiste a doença, morrendo em pouco tempo.

Nesta tese, em cada capítulo, trouxemos cenas e pesquisas que abordam sentimentos, diálogos e atitudes que não são felizes, que não demonstram amizade o tempo todo, que falam de solidão, de doenças mentais, de drogas, de AIDS, de abuso, de timidez, de rotulação, de preconceito, de violência, de ciúmes, de individualismo, de superficialidade, de baixo autoestima, de suicídio, de morte, expressamos que a partir da pesquisa, ficou claro que as relaçoes de amizade não estão sempre ligadas aos bons sentimentos, como observamos no primeiro objetivo específico, detalhado acima. Amigos sofrem, amigos se machucam, amigos são machucados, amigos ofendem, amigos deixam de ser amigos, amigos julgam, amigos têm defeitos. Por essa razão, é importante saber que a amizade pode passar por altos e baixos, por descontentamentos e até se transformar em outros tipos de sentimentos.

c) No terceiro objetivo específico, quisemos demonstrar a importância da temática da amizade e os atributos que compõem esse conceito dentro das

relações humanas, inclusive de forma implícita, de modo a ilustrar relações e práticas reais e possibilidades de mudanças e aprimoramentos, individuais e coletivas:

Tomando como referência os fatos dos filmes que pesquisamos e narramos no segundo objetivo específico, entendemos também que a amizade existe e é presente para reverter as situações difíceis, caracterizando-se como um sentimento sólido e altamente positivo. As amizades podem ter o poder de salvar, de resgatar, de se refazerem, para que as sensações ruins, conforme narradas acima, não prevaleçam na vida das pessoas. Atualmente, caminhamos para um lugar onde as amizades não são consideradas tão importantes, mas são. Pode-se dizer que elas podem até prolongar o tempo de vida das pessoas, como explicitamos no capítulo VI. Estão em alta os remédios para doenças psíquicas e dificilmente conhecemos alguém que não faz uso deles. A amizade é uma fórmula gratuita que está ao nosso alcance. Não é um único tratamento para a depressão, mas pode melhorar a qualidade de vida, ajudando no processo de cura. Além disso, a falta de amizades verdadeiras, as competições, os ciúmes e outros sentimentos similares aceleram o adoecimento.

Por isso, como dissemos na “Introdução” e nos capítulos desta tese, a amizade é um sentimento (que também é amor), e que une duas ou mais pessoas, que pode ajudar na cura, no amadurecimento, na maneira de ser gente num mundo tecnológico, líquido, fluido e dar mais sentido à vida. Durante toda a pesquisa encontramos essas possibilidades.

Para finalizar, a presente pesquisa tem como “Objetivo geral”, analisar o que é a amizade a partir das obras cinematográficas, de modo a explicitar sua importância e procurar construir conceitos que abarquem a amizade em suas variadas formas.

Para conseguir analisar as manifestações da amizade, vamos trazer de cada filme o que ela tinha de característica, formando uma lista (em que alguns pontos podem se repetir - ou se contradizer, dado o tamanho do corpus) e um possível “verbete”:

Abertura ao igual e também ao diferente; Altruísmo e compaixão; Amor (Philia); Arrependimento e pedidos de desculpas; Assuntos em comum; Atenção às questões do outro; Ausência de divisão, ressentimento, ego, indiferença, mentira e preconceito; Autenticidade; Bons companheiros; Busca do que é

melhor no outro; Busca pela melhora, pelo aprimoramento, pelo essencial; Capacidade de acolhimento; Capacidade de perceber os sentimentos; Compartilhamento de qualidades e de momentos; Comprometimento; Comunicação não violenta; Confiança; Conformidade de sensações; Constância; Cuidado com a saúde; Cúmplicidade nas boas ações; Dedicação; Descontração; Empatia; Encontros programados e não programados; Habilidades em comum; Hábitos éticos; Incentivo; Inexistência da necessidade de regras explícitas e regulamentos; Inexistência de necessidade e de utilidade do outro; Inteligência emocional; Maior valor maior ao conteúdo que à aparência; Necessidade de cativar; Necessidade um do outro; Olhares aprofundados; Paciência; Participação no grupo; Participação no sentido na vida; Perdão gratuito; Potencialização das habilidades; Presença de laços firmes, pensamentos úteis e profundidade; Presença de paz para os outros; Presença nos bons e maus momentos; Promessas cumpridas; Proteção; Reciprocidade; Relacionamento humanizado e sólido; Respeito às fronteiras individuais; Responsabilidade afetiva; Simplicidade; Sinceridade; Tempo para cuidar da relação; Tempo para o outro; Utilização de mais ações do que palavras; Valorização de pequenas coisas e dos sentimentos; Valorização do outro e de si mesmo.

É um grande verbete, cujas características retiramos de cada filme. Dificilmente conseguiremos cumprir todas essas características na amizade, podem haver falhas, distanciamentos, mas é um objetivo que devemos perseguir, porque também é impossível viver sem ela. É importante notar, da nossa seleção de filmes, a presença da morte.

Em síntese, a morte aparece, de uma forma ou de outra, em todos os filmes selecionados. No capítulo I, o Pequeno Príncipe morre, no capítulo II, é a esposa de Philippe quem morre, no capítulo III, a tia Hellen morre, no capítulo IV, o filho de Aibeleen morre, no capítulo V, Rachel morre e no capítulo VI, Skunk morre. Não foi uma escolha proposital. Mas é um lembrete de que não estaremos para sempre aqui, como na fala de Mark Twain no sexto capítulo: “Só há tempo para amar. E mesmo para isso, há apenas um instante”. Nós não estaremos para sempre aqui, nossos amigos não estarão para sempre aqui. É melhor, então, marcar o encontro (e cumprir), comprar flores (e levar). A amizade também serve

para nos dizer que a vida é passageira, e ao contrário do título do sexto filme, a amizade pode morrer também.

Depois de ter sido campeão mundial pela primeira vez, em entrevista após o Grande Prêmio do Japão, em 1988, o piloto de Fórmula 1, Airton Senna, afirma:

> “Meu objetivo é continuar minha vida como sempre foi, melhorar como profissional, melhorar mais, muito mais, que eu tenho muito a aprender ainda, como acertar um carro, como tirar tudo que um carro tem, melhorar como pessoa, sobretudo, como gente, e viver um pouco mais da minha família que eu sacrifiquei de uma certa forma em que eu sacrifiquei de certa forma em que eu dediquei muito à minha profissão, e às pessoas que eu tanto gosto, à minha garota, enfim, todos aqueles que estiveram tão perto de mim, junto de mim, mesmo com a distância grande, mas sempre ao meu lado, sempre me dando suporte, eu quero viver um pouco mais, curtir um pouco a vida”. “O que significa esse melhorar como pessoa? Melhorar como pessoa: eu acho que eu tenho só 28 anos eu tenho uma vida toda pela frente e muito para dar àqueles que participaram e participam da minha vida e eu tenho ainda muita coisa boa pra sair de dentro de mim e dividir com toda essa gente”. “Ficou alguém no caminho que você teria uma dívida, ou que não deu?” “Se existe alguém esse alguém sou eu mesmo, porque eu fui até hoje duro demais comigo mesmo, com as pessoas que fazem parte do meu meio ambiente, a minha família, mas comigo mesmo, sobretudo, pelo esforço e dedicação que eu coloquei para mim mesmo, os objetivos e de ser competitivo, de obter sucesso, de vencer esse campeonato então e eu sacrifiquei muita coisa em mim mesmo [...]”.

Em 1994, 6 anos depois, não havia tanta vida pela frente, e sua morte chocou um país inteiro. Cabe perguntar: Ele cumpriu o que se propôs a fazer? Esteve perto das pessoas de quem amava e que o amavam? O tempo foi suficiente? A amizade ficou clara?

Quanto aos resultados esperados com a pesquisa, esperamos que sejam atingidos ao longo do tempo, com a leitura dos capítulos e ao assistir os filmes. Esperamos levar outros pesquisadores a refletir, principalmente sobre a liquefação da sociedade, sobre as relações sociais e afetivas na nossa sociedade e, finalmente, sobre a necessidade da “presença” e a importância da amizade. Que a humanidade reencontre o seu caminho.

Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6,21).

REFERÊNCIAS

ABREU. Caio Fernando. Pequenas Epifanias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ADOROCINEMA. As vantagens de ser invisível. Classificação Indicativa. Disponível em https://www.adorocinema.com/filmes/filme-182120/curiosidades/#:~:text=Inicialmente%2C%20o%20filme%20recebeu%20a,drogas%20por%20adolescentes%20e%20algumas, acesso em 04/05/2024.

ADOROCINEMA. *Eu, você e a garota que vai morrer*. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-233871/. Acesso em: 15 jul. 2024.

ADOROCINEMA. *Histórias Cruzadas*. Disponível em: https://www.adorocinema.com/filmes/filme-176673/. Acesso em: 10 jul. 2024.

ADOROCINEMA. *Intocáveis*. Disponível em https://www.adorocinema.com/filmes/filme-182745/, acesso em 07/11/2023.

ADOROCINEMA. *O Pequeno Príncipe.* Disponível em https://www.adorocinema.com/filmes/filme-57986/, acesso em 22/01/2024.

AGUIAR, Thais Florencio de Aguiar. O que a amizade (philia) nos diz sobre os fundamentos da democracia? Pressupostos de uma demofilia. São Paulo: Revista Lua Nova, 107: 91-125, 2019.

ALLOCINÉ. Intouchables. Disponível em https://www.allocine.fr/film/fichefilm_gen_cfilm=182745.html, acesso em 09/11/2023.

ALLOCINÉ. Le Petit Prince. Disponível em https://www.allocine.fr/rechercher/?q=le+petit+prince, acesso em 21/01/2024.

ALMEIDA, Siderly do Carmo de; CAETANO, Camilla Barreto Cochia; LAZILHA, Fabrício Ricardo; SILVA, Ludhiana Ethel Kendrick Matos. (Org). Conhecimento e Educação. Volume 1. Maringá: Unicesumar, 2016.

ANDERSON, John. Jesse Andrews Learns on the Fly to Write 'Me and Earl and the Dying Girl'. *The New York Times*, 06 jul. 2015. Disponível em: https://www.nytimes.com/2015/06/07/movies/jesse-andrews-learns-on-the-fly-to-write-me-and-earl-and-the-dying-girl.html. Acesso em: 16 jul. 2024.

ANDRADE, Carlos Drummond. In.: FLORÊNCIO, Roberto Remígio e SANTOS, Carlos Alberto Batista dos Santos. E agora José? Cuiabá: Revista InterteXto, vol.2 n.2, 2019.

ANDRADE. Isabela Carolyne Sena de; GOMES, Nardilene Pereira; CORREIA, Cíntia Mesquita; LÍRIO, Josinete Gonçalves; VIRGENS, Ionara Rocha das; GOMES, Nildete Pereira e Monteiro, Deise da Silva. Suporte Social de Familiares e Amigos: Discurso de Pessoas com Comportamento Suicida. Revista Cogitare Enfermagem, n. 24, 2019. Disponível em http://www.revenf.bvs.br/pdf/ce/v24/1414-8536-ce-24-e64230.pdf, acesso em 18/04/2024.

ANTUNES. Angélica Marisa da Costa. Criação de Instalação Interativa para a Reconstrução do Vilão Cinematográfico: CINÉMART. Dissertação de mestrado em Tecnologia e Arte Visual apresentada à Escola de Engenharia da Universidade do Minho. Braga, 2012.

ARANTES, Ana Clara Quintana. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Sextante 2019.

AUMONT, Jacques e MARIE, Michel. A análise do filme. Lisboa: Edições Texto & Grafia LTDA, 2015.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *A análise do filme*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2019.

AUTÊNTICA, Blog do Grupo. O Pequeno Príncipe: As adaptações de uma das obras mais conhecidas mundialmente. Publicado na categoria Palavra da Editora em 12/01/2022. Disponível em https://grupoautentica.com.br/blog/post/o-pequeno-principe-as-adaptacoes-de-uma-das-obras-mais-conhecidas-mundialmente/1200, acesso em 18/01/2024.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. *Histórias Cruzadas: Por que o filme é um arrependimento para Viola Davis?* Publicado em 02 out. 2023. Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/historias-cruzadas-por-que-o-filme-e-um-arrependimento-para-viola-davis.phtml. Acesso em: 22 fev. 2024.

AVIZ, Darlan Aurélio. "Uma alma em dois corpos" A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2017

BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Claudio Simon. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 131–138, jan./jun. 2010.

BARCELOS, Renato Hubner. *Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens.* 2010. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BARROS, Rodrigo José Fernandes de; GUTEMBERG, Alisson. Sociedade de consumo em Zygmunt Bauman e Giles Lipovetsky. *Cadernos Zygmunt Bauman*, São Luiz, v. 8, n. 17, 2018.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica in.: O óbvio e o obtuso. Ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. Entrevista a BENEDICTO, Sabrina Rocha Stanford Thompson. Para sair do cinema é preciso entrar: Breve diáogo com Barthes. Belo Horizonte: Revista e-Com, v.3, n.2, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo Parasitário. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista para o canal do YouTube Fronteiras do Pensamento, 2011. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A, acesso em 11/11/2023.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi. 1ª ed. Rio de Janeiro: J.Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-Estar da Pós-Modernidade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 1998.

BBC NEWS BRASIL. ROBSON, David. Porque os amigos prolongam nossas vidas. Publicado em 01 ago. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/ce98r0mvq78o. Acesso em: 02 ago. 2024.

BENITES, Mateus. Ricciotto Canudo: O Cinema como a Sétima Arte. Manifesto das Sete Artes. Publicado em 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Vcso-0OKAk0&t=10s, acesso em 07/05/2024.

BÍBLIA SAGRADA. A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Corrigida e revisada fiel ao texto original. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

BLASCO, Lúcia. O surpreendente efeito da positividade tóxica na saúde mental. Pubicado em BBC Lê em 14/12/2020. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/geral-55278174, acesso em 07/05/2024.

BLOCK, David. Second Languagge Identities. New York, Continuum books, 2007.

BLOOM. Allan. Amor & Amizade. São Paulo: Mandarim, 1996.

BOGONI, Carlos. *The Help (Histórias Cruzadas): Análise e Impressões.* CINE GRANDIOSE. Pubicado em 28/02/2018, disponivel em https://cinegrandiose.com/2018/02/28/the-help-analise-e-impressoes/, acesso em 2810/2024.

BORGO, Érico. As vantagens de ser invisível. Publicado em 07/09/2012 em Omelete. Disponível em https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/vantagens-de-ser-invisivel-critica, acesso em 06/05/2024.

BORGO. Di Philippee. Le Second Soufle. Bayard Culture, 2011.

BORSA, Juliane Callegaro. O papel da Amizade ao longo do ciclo vital. In.: SOUZA, L. K; HUTZ, C. S. (Org). Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura. Bragança Paulista: Psico-USF, v. 18, n. 1, p. 161-162, jan/abr, 2013.

BOX OFFICE MOJO. *Me and Earl and the Dying Girl*. Disponível em: https://www.boxofficemojo.com/title/tt2582496/?ref_=bo_se_r_1. Acesso em: 26 jul. 2024.

BOX OFFICE MOJO. *The Fault in Our Stars (2014).* Disponível em: https://www.boxofficemojo.com/title/tt2582846/. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRADO, Thiago. As Verdades do Tempo. São Paulo: Ave Maria, 2020.

BRANDINO, Luiza. "Futurismo". Publicado em Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/artes/futurismo.htm, acesso em 07 de maio de 2024.

BRASIL DE FATO. "Eu tenho um sonho": há 55 anos, Martin Luther King proferia discurso histórico. Publicado em 28 ago. 2018. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/08/28/eu-tenho-um-sonho-ha-55-anos-martin-luther-king-proferia-discurso-historico/. Acesso em: 14 jul. 2024.

BRIDI. Natália. Intocáveis. Publicado em 30/08/2012. Disponível em https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/intocaveis-critica, acesso em 08/11/2023.

BRUN, Danièle. A gramática amorosa da amizade. Rio de Janeiro: Revista Ágora, v. X n.2 jul/dez, 2007.

BRUNO, J. O Pequeno Príncipe. Publicado em Sublime Irrealidade em 25 de julho de 2012, por J.BRUNO. Disponível em https://sublimeirrealidade.blogspot.com/2012/07/o-pequeno-principe.html, acesso em 23/01/2024.

BUBNOVA, Tatiana. Versão para o português: BARONAS, Roberto Leiser e TONELI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Baktin. São Paulo: Revista Baktiniana vol.6 n.1. ago/dez 2011.

CAMARGO, José de Jesus Peixoto. Envelhecer com sabedoria. Rio de Janeiro: Revista Medicina Ciência e Arte, vol.2, n.3, 2023.

CANUDO, Ricciotto. Manifesto das sete artes. São Paulo: FTD, 2013.

CARPINEJAR, Fabrício. Amizade é também amor. Bertrand Brasil, 2017.

CARRIÉRE, Jean-Claude. A linguagem Secreta do Cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1931.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma hermenêutica. Porto Alegre:Revista Horizontes Antopológicos, ano 9, n.19, 2003.

CARVALHO, Renato Gomes; FERNANDES, Eduardo; CÂMARA, Joana; GONÇALVES, José Alberto; ROSÁRIO, João; FREITAS, Sandra; CARVALHO, Sandra. Relações de amizade e autoconhecimento na adolescência: um estudo exploratório em contexto escolar. Campinas: Revista Estudos de Psicologia v. 34 n. 3 379-388, jul/set 2017.

CECCEGANO, Douglas. Ovelhas merinas: malditas feras. O imaginário social no teatro de Corpo-Santo. Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul: 2006.

CHAPMAN, Gary. As 5 linguagens de valorização pessoal no ambiente de trabalho. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

CINEMATÓRIO. Escolha da audiência: O Pequeno Príncipe (1974). Publicado em 15/06/2023. Disponível em https://www.cinematorio.com.br/2023/06/filme-o-pequeno-principe-1974-stanley-donen-podcast-escolha-da-audiencia/, acesso em 19/01/2024.

COLLARES, Darli. Epistemologia genética e pesquisa docente: estudo das ações no contexto escolar. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

COMUNICAÇÃO COM O CORAÇÃO A TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL LTDA. O Pequeno Príncipe - Comunicação com o coração - Parte 2. Minicurso Online. Ministrado por Ad Astra Treinamento e Desenvolvimento de Pesssoal. Coord. Lúcia Helena Galvão. São Luís, 2023.

COMUNICAÇÃO COM O CORAÇÃOA TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL LTDA. O Pequeno Príncipe - Comunicação com o coração - Parte 2. Minicurso Online. Ministrado por Ad Astra Treinamento e Desenvolvimento de Pesssoal. Coord. Lúcia Helena Galvão. São Luís, 2023.

CONSIGLIO, Angélica. As fronteiras difusas das redes sociais. Publicado em 09/06/2020 no sítio Comunicação Sem Crise. Disponível em http://angelicaconsiglio.com/as-fronteiras-difusas-das-redes-sociais/, acesso em 28/01/2024.

CORREIO BRASILIENSE. Conheça a trajetória de Omar Sy, o protagonista da série 'Lupin'. Publicado em 27/01/2021. Disponível em Correio Brasiliense. Conheça a trajetória de Omar Sy, o protagonista da série 'Lupin'. 27/01/2021, acesso em 04/11/2023.

COSTA, Lígia Militz da Costa. Ficção e História na perspectiva analítica de R. Barthes. Santa Maria: 1993

COSTA, Marcos Rogério Nunes. A construção do conceito de Amizade em Agostinho: De uma experiência vivencial de “amizade incipiente” à definição de verdadeira amizade. Recife: PRISMA - Revista de Filosofia, vol.6, n.especial, 2024.

COSTA, Sueli Aparecida da; CRUZ, Antônio Donizeti da. Linguagem, ideologia e poder: o desvelamento das marcas culturais no filme Náufrago. Revista Espaço Plural. Marechal Cândido Randon, ano VII, n°15, 2° semestre de 2006.

CUNHA, Duarte da. A Amizade em São Tomáz de Aquino. Parede (Portugal): Principia Editora, 2010.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DAMATTA, Roberto. O que faz o brasil, Brasil? Rio e Janeiro: Rocco, 1986.

DEGLER, Carl N. *Nem preto nem branco: escravidão e relações sociais no Brasil e nos Estados Unidos.* Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976. (Coleção de Bolso Labor, 2).

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. Rio de Janeiro: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura, 2009.

DESOUSA, Diogo Araújo; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. Relacionamentos de amizade e coping entre jovens adultos. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 323–330, jul./set. 2012.

DIEFENTHAELER, Edgar Chagas. Enfrentar perdas e gerar novos processos: Grandes desafios do ser humano. Porto Alegre: Revista Pajar, vol. 4, n. 1, 2016.

DIMECH, Salvador. A literatura do poder em Willian Shakespeare. Anais da XX Jornada - GELNE - João Pessoa, 2004.

DISNEY+. *Eu, você e a garota que vai morrer*, 2015 (filme).

DONNE, John. Devotions upon emergency. Meditation XVII, 1624. Disponível em https://www.northernhighlands.org/cms/lib5/NJ01000179/Centricity/Domain/106/honorsbritishliterature/Meditation%20XVII.pdf, acesso em 05/08/2023.

DÓRO, Maribel Pelaez et al. O câncer e sua representação simbólica. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 68–77, 2004.

DUARTE, Emeide Nóbrega; RAMALHO, Francisca Arruda; AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; PAIVA, Eliane Bezerra e ARAÚJO, Milena Borges Simões. Estratégias Metodológicas adotadas nas pesquisas de Iniciação Científica premiadas na UFPB: em foco a série “Iniciados”. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Florianópolis, v.14, n.27, 2009.

DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John e RAWIE, Steven. A linguagem do Cinema. Porto Alegre: Bookman, 2013.

EDITORAS.COM. O Pequeno Príncipe. Disponível em https://editoras.com/o-pequeno-principe-edicao-de-luxo/#:~:text=Trata%2Dse%20da%20maior%20obra,e%20tr%C3%A1gica%20vida%20do%20autor., acesso em 10/10/2023.

FARIA, Ederson de. SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. São Paulo: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. Vol.15, n.1. jan/jun 2011.

FARIAS, Lídia e MONTEIRO, Taís. A identidade adquirida nas redes sociais através do conceito de persona. São Paulo: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. XIX Prêmio Expocom, 2012.

FERNANDES, Sandra Maria. Foucault: A experiência da amizade. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRJ. Natal: 2006.

FILMOW. *Histórias Cruzadas*. Disponível em: https://filmow.com/historias-cruzadas-t29704/. Acesso em: 09 jul. 2024.

FOGAZZI, Simone Vacaro. Da sensação: fragmentos e cromocrônicas de uma professorartista. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós Graduaão em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Porto Alegre, 2012.

FONSECA, Thaisa da Silva; MEDEIROS, Cassia Maria Lopes Dias; CAVALCANTE, Ana Célia Souza. Habilidades sociais de amizade e civilidade no contexto escolar. Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v.7, nn.2, p.147-156, dez, 2016.

FREITAS, Eurídice. Psicologia social: O estudo das relações humanas. Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, v. 12, n. 4, p. 101-105, 1960.

FREITAS, Miguel; SANTOS, António J.; RIBEIRO, Olívia; PIMENTA, MArgarida; RUBIN, Kenneth H. Qualidade da amizade na adolescência e ajustamento social no grupo de pares. Lisboa: Revista Análise Psicológica, 2 (XXXVI): p. 219-234, 2018.

FUGARELLI. Roberto Caparelli. Cinema, a sétima arte. UFSC. Revista Eletrônica de Extensão - Extensio. v.10, n.15. Florianóplis, 2013.

FUKS, Rebeca. Frase “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. (Explicada). Publicado em Cultura Genial. Literatura. Disponível em https://www.culturagenial.com/frase-tu-te-tornas-eternamente-responsavel-por-aquilo-que-cativas/, acesso em 30/01/2024.

G1 - Pop e Arte. Comédia “Les Intouchables” alcança 14 milhões de espectadores. Publicado em 19/12/2011. Disponível em https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/12/comedia-social-arrasa-na-bilheteria-e-alcanca-14-milhoes-de-espectadores.html, acesso em 25/10/2023.

GARCIA, Agnaldo e PEREIRA, Paula Coimbra da Costa. Amizade na infância: um estudo empírico. Serra: PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora v.9, n. 1, p 25-34, jan/jun, 2008.

GAUMONT, Intocáveis (filme), 2011.

GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

GOMES, Lívia Godinho Nery. Semânticas da amizade e suas implicações políticas. Familialismo e alteridade entre amigos nas classes populares. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP. São Paulo: USP, 2005.

GOODYKOONTZ, Bill. "Spotlight" big winner with Phoenix critics. *The Arizona Republic*, 23 dez. 2015. Acesso em: 18 jul. 2024.

HESSEL, Marcelo. *Eu, você e a garota que vai morrer.* Omelete, 03 out. 2015. Disponível em: https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/eu-voce-e-a-garota-que-vai-morrer-critica. Acesso em: 22 jul. 2024.

HOLTZ. Maria Luiza Marins. Seja Bem Sucedido nas Relações Humanas. Sorocaba: MH

HORTA, Célia. Amizade que se torna amor tem grande possibilidade de sucesso. Publicado em Sustentabilidade Amorosa. Disponível em http://www.sustentabilidadeamorosa.com.br/amizade/2016/04/02/Amizade-que-se-torna-amor-tem-grande-possibilidade-de-sucesso.html, acesso em 14/11/2023.

HOSSEINI, Khaled. O Caçador de Pipas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

IMDb. As Vantagens de Ser Invisível. Disponível em https://www.imdb.com/title/tt1659337/, acesso em 02/05/2024.

IMDb. *Eu, você e a garota que vai morrer*. Disponível em: https://www.imdb.com/pt/title/tt2582496/. Acesso em: 21 jul. 2024.

IMDb. Intocáveis. Prêmios. Disponível em https://www.imdb.com/title/tt1675434/awards/, acesso em 05/11/2023.

IMDb. O Pequeno Príncipe. Disponível em https://www.imdb.com/title/tt0071762/, acesso em 19/01/2024.

JODOROWSKY, Alejandro. Poema publicado em X, em 19/03/2024. Disponível em https://x.com/alejodorowsky/status/313990613517340672, acesso em 24/05/2024.

JORDÃO, Paulo. A natureza da amizade à luz da filosofia de Schopenhauer. *Revista Pandora Brasil*, n. 54, 2013.

JORDÃO, Paulo. A natureza da amizade à luz da filosofia de Schopenhauer. São Paulo: Revista Pandora Brasil - Nº 54, maio, 2013.

JULLIER, Laurent e MARIE, Michel. Lendo as imagens do cinema. São Paulo: Editora Senac, 2009.

JUNG, Mathias. O Pequeno Príncipe em nós. Uma jornada de descobertas com Saint- Exupery. Campinas: Versus Editora, 2009.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

LEIGHT, Danny; BAXTER, Louis; FARNDON, John; GRANT, Kieran; WISE, Damon. O livro do Cinema. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2022.

LEWIS, Clive Staples. Os quatro amores. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017

LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. O olhar da alteridade: “O inferno são os outros”. Araraquara: Revista Itinerários, n. 33, p.243-252, jul./dez, 2011.

LIMA, Stélio Torquato. Cordel do Pequeno Príncipe. São Paulo: Editora Cultura, 2016.

LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar. Fatores de risco e proteção. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

LÔBO. Andressa Santos e RIBEIRO, Emerson. A relação ensino-aprendizagem com as instalações geográficas no retorno às aulas presenciais na pandemia. In.: RIBEIRO, Emerson; LOUREIRO, Maria Dulcinea da Silva; TORRES, Cicero Magerbio Gomes. Formação de Professores e Práticas Educativas em diferentes contextos formativos. Sobral: Editora SerTãoCult, 2022.

LOPES, Francisca Rodrigues. Cinema: do entretenimento à prática social. In: *III Simpósio Nacional ABCiber*, São Paulo: ESPM/SP, 2009.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Criança e cinema no exercício estético da amizade. Campinas: Revista Pro-posições, v.20, n.3 (60) set/dez 2009.

MARINE, Joe. Here Are Your 2015 Sundance Film Festival Winners. *No Film School*, 01 fev. 2015. Disponível em: https://nofilmschool.com/2015/01/2015-sundance-film-festival-award-winners. Acesso em: 19 jul. 2024.

MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. Lisboa: Dinalivro, 2001.

MARTINS, Victor. Crítica | *Eu, Você e a Garota Que Vai Morrer (Me and Earl and the Dying Girl)* [2015]. CINEMATOLOGIA, 25 abr. 2018. Disponível em: https://cinematologia.com.br/cine/critica-eu-voce-e-a-garota-que-vai-morrer-e-a-leveza-na-abordagem/. Acesso em: 24 jul. 2024.

MEDEIROS, Eduardo Mendes. Amor Eros, Amor Platônico e Erotomania: Resenha do Filme Bem me quer, Mal me quer. Fortaleza, 2018.

MEDEIROS, Luana Pantoja; MEDEIROS, ALexsandro Melo. "Vera amictia" em As Confissões de Santo Agostinho de Hipona in.: GRISOSTE, Weberson; ALBUQUERQUE, Renan. Estudos Clássicos e Humanísticos e Amazonidades (org). Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.

MELO, Padre Fábio de (b). Amigo: Somos muitos, mesmo sendo dois. São Paulo: Gente, 2007.

MELO. Pe. Fábio de (a). Humano amor de Deus. Disponível em https://www.letras.mus.br/pe-fabio-de-melo/1192628/, acesso em 30/01/2024.

MELO. Pe. Fábio de (c). Humano demais. Disponível em https://www.letras.mus.br/pe-fabio-de-melo/1095532/, acesso em 27/01/2024.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. 'Eu tenho um sonho' clama Luther King. Disponível em: https://memorialdademocracia.com.br/card/o-sonho-do-pastor-martin-luther-king. Acesso em: 13 jul. 2024.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. Cinema: Imagem e Interpretação. São Paulo: Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, 8(2), outubro de 1996.

MIZOGUCHI, Hausen Mizoguchi. Modulações da Amizade: Os conceitos e a produção do mundo. Rio de Janeiro: Revista Mneosine, vol.11, 2015.

MOCELLIM, Alan. A questão da identidade em Guiddens e Bauman. Santa Catarina: Revista Em tese. v.5, n.1, 2008.

MOLANO, Sarah. Maioria dos relacionamentos amorosos começa como amizade, apontam estudos. Publicado em 20/07/2021 em CNN BRASIL. Disponível em https://www.cnnbrasil.com.br/saude/maioria-dos-relacionamentos-amorosos-comeca-como-amizades-apontam-estudos/, acesso em 13/11/2023.

MONEGO, Emilia; SCHWERTZ, Fabio Lopes, MEDEIROS, Fernanda dos Santos; BARROS, Juliano Carvalho; MACHADO, Maike Stredr Ferreira e SILVA, Rodrigo Donizeti da. Teorias da Administração e das Relações Humanas. São

Paulo: Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v.7., n.8. ago.2021.

MONTEIRO, Fabiana Ribeiro; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; ARAÚJO, Ludgleyson Fernandes de. Sintomatologia Depressiva em Adolescentes do Ensino Médio. Um estudo das Representações Sociais. Revista Psicologia Ciência e Profissão, 27(2), 2007.

MUNSTERBERG, Hugo. A atenção. A memória e a imaginação. As emoções. In: XAVIER, Ismail (Org.) A experiência do cinema: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

NAÇÕES UNIDAS. ONU News. Perspectiva Global Reportagens Humanas. Publicado em 30 de julho de 2001. Disponível em https://news.un.org/pt/story/2021/07/1758202, acesso em 02/05/2024

OBSERVATÓRIO DO CINEMA. 10 famosos que largaram a escola ainda no ensino médio. Publicado em 23/03/2018, disponível em https://observatoriodocinema.uol.com.br/indicacoes/10-famosos-que-largaram-a-escola-ainda-no-ensino-medio/, acesso em 26/01/2024.

OLIVEIRA, Bruna Prata. *Alcoolismo: vivência familiar de uma doença social.* 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Porto, Porto, 2009.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. "Nós" de Nietsche: um pronome plural para a amizade e uma nova expressão para a filosofia. São Paulo: Cadernos de Ética e Filosofia Política. v.1 n.20, 2012.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. A psicologia como procedimento de análise da moralidade nos escritos intermediários de Friedrich Nietzsche. Rio de Janeiro: Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, ano 9, n.3, p.560-581, jul-dez 2009b.

OLIVEIRA, Jelson Roberto de. Para uma ética da amizade em Nietzsche. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, no de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009a.

OLIVEIRA, Jelson Roberto. Amizade versus compaixão: a tentativa nietzschiana de superação do antagonismo indivíduo e cultura. Revista Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 355-371, jul./dez., 2010.

OLSEN. Mark. ‘The Perks of Being a Wallflower’ steadily blossoms. Publicado em 1° de novembro de 2012, disponível em ‘The Perks of Being a Wallflower’ steadily blossoms, acesso em 03/05/2024.

O'MALLEY, Sheila. *Me and Earl and the Dying Girl*. *RogerEbert.com*. Disponível em: https://www.rogerebert.com/reviews/me-and-earl-and-the-dying-girl-2015. Acesso em: 23 jul. 2024.

ORTEGA, Francisco. Genealogias da amizade. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAIS, José Machado. Nos rastos da solidão. Deambulações sociológicas. Edições Machado, 2016.

PARAMOUNT COLLECTION. O Pequeno Príncipe. DVD, 1974.

PASSINATO, Cristiana. Não é de Chaplin. Disponível em https://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/dp/dp02/dp020501.htm, acesso em 27/05/2024.

PÉREZ, Leonardo Fábio Martínez. A pesquisa qualitativa crítica. In.: Questões sóciocientíficas na pratica docente: Ideologia, autonomia e formação de professores. São Paulo: UNESP, 2012.

PERITO, Mateus. A extensão e a definição de Philia. João Pessoa: Revista AUFLÄRUNG, V.4, n.1. jan-abr, p. 145-162, 2017.

PERKINS, John M. *O poder da amizade: a resposta para um mundo de solidão e discórdia.* São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

PETERLINI, Ariovaldo Augusto. Uma visão senquiana da amizade. Revista Letras Clássicas, n.3, p. 95-108, 1999.

PFIZER. *Leucemia mieloide aguda.* Disponível em: https://www.pfizer.com.br/sua-saude/oncologia/leucemia-mieloide-aguda-e-o-tipo-mais-comum-e-agressivo-em-adultos. Acesso em: 03 ago. 2024.

PINSKY, Ilana; BESSA, Marco Antônio (Org). Adolescência e drogas. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2012.

PLATÃO; CÍCERO; PLUTARCO. *Amizade: amigos e inimigos, como identificá-los.* São Paulo: Midras, 2017.

PLANET HEMP. *A culpa é de quem?.* Disponível em https://www.letras.mus.br/planet-hemp/68758/, acesso em 26/10/2024.

PLANET HEMP. *Futuro do País.* Disponível em https://www.letras.mus.br/planet-hemp/79164/, acesso em 25/10/2024.

PORFÍRIO, Francisco. Ideologia. Publicado em Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/ideologia.htm. Acesso em 10 de julho de 2024.

PRADO, Juliana do. As novas fronteiras tecnológicas entre intimidade e solidão. São Carlos: Revista Contemporânea, v.3, n.1, 2013.

PREMIERE. Intouchables est le film français le plus rentable de tous los temples. Publicado em 18/02/2012. Disponível em https://www.premiere.fr/Cinema/Intouchables-est-le-film-francais-le-plus-rentable-de-tous-les-temps, acesso em 26/10/2023.

PRIX LUMIÈRES: "Omar Sy: meilleur acteur pour 'Intouchables'". Publicado em 15/01/2012. Disponível em https://www.ladepeche.fr/article/2012/01/15/1261181-prix-lumieres-omar-sy-meilleur-acteur-pour-intouchables.html, acesso em 03/11/2023.

PROENÇA, Maria Gladis Sartori Proença e TENO, Neide Araujo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o sentido de identidade. Revista Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS, v.1, n.3, p.132-145, set./dez., 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa. Apresentação. In.: MASCARELLO, Fernando. A História do Cinema. São Paulo: Papirus Editora, 2006.

REVISTA ROLLING STONE. *Histórias Cruzadas: Porque filme com Viola Davis, Emma Stone e Octavia Spencer foi muito criticado por contar a história do racismo nos EUA de uma perspectiva branca.* Publicado em 07 nov. 2021. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/cinema/historias-cruzadas-por-que-filme-com-viola-davis-recebeu-tantas-criticas-negativas/. Acesso em: 22 fev. 2024.

RIBEIRO, Ingridy. Dê flores aos vivos. Publicado em 28/07/2017. Disponível em https://www.focoregional.com.br/Coluna/de-flores-aos-vivos,cesso em 12/11/2023.

RIO BRANCO. Juliana Pires. O amor que deveria ser leve. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo apresentado à Escola de Comunicação à Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: 2021.

ROCHA FILHO, Ulysses. Recorrências temáticas na poética de Inês Pedrosa: Erotismo, Amizade, Memória e Morte. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2013.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. São Paulo: Revista Psychê, ano X, n° 17, jan-jun/2006 - p. 65-86.

ROTTENTOMATOES. *Me and Earl and the Dying Girl.* Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/me_and_earl_and_the_dying_girl. Acesso em: 20 jul. 2024.

RTP Notícias. Intocáveis venceu o Grande Prémio Sakura de Tóquio. Publicado em 31/10/2011. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/cultura/intocaveis-venceu-grande-premio-sakura-do-festival-de-toquio_n494411, acesso em 02/11/2023.

SABADIN. Celso. A história do cinema para quem tem pressa. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Edição completa com nova tradução e caderno com fotos e estudo sobre a vida e obra do autor. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SALGADO, Lucas. Críticas Adorocinema. As vantagens de ser invisível. Disponível em https://www.adorocinema.com/filmes/filme-182120/criticas-adorocinema/#:~:text=Nos%20%C3%BAltimos%20tempos%2C%20a%20com%C3%A9dia,publico%20sedento%20por%20personagens%20desajustados, acesso em 05/05/2024.

SANTA CASA DE MARINGÁ, Notícias. O poder e os benefícios do abraço para a saúde. Revista Saúde, 22 de maio. Disponível em https://www.santacasamaringa.com.br/noticia/293/o-poder-e-os-beneficios-dos-abracos-para-a-saude, acesso em 07/08/2023.

SANTIAGO, Luiz. Crítica. O Pequeno Príncipe. (1974). Publicada em Plano Crítico em 20/08/2015. Disponível em https://www.planocritico.com/critica-o-pequeno-principe-1974/, acesso em 20/01/2024.

SANTO AGOSTINHO. Pílulas de Sabedoria. Publicado em Veja em 18/02/2021. Disponível em https://veja.abril.com.br/coluna/pilulas-de-sabedoria/frase-do-dia-santo-agostinho, em 15/11/2023.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Francisco Ewerton Almeida dos. Intersemiótica/Estudos Intermídias (Interartes) /Adaptação. In.: SOUZA, Ivan Pereira de. RODRIGUES, Johwyson da Silva (Org). Tradução nas Américas: perspectivas atuais. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2022.

SANTOS, Marcelo Moreira. Cinema e semiótica: a construção sígnica do discurso cinematográfico. São Leopoldo: Unisinos - Revista Fronteiras - estudos midiáticos, v.13 (1), janeiro/abril, 2011.

SANTOS. Cássia Faria dos. Uma discussão sobre literatura juvenil. Rio de Janeiro: Anais do VI Seminário dos Alunos de Pós Graduação do Instituto de Letras da UFF. Estudos de Literatura. n° 1, 2015.

SÃO JOÃO BOSCO, Dia do Amigo. in.: Paróquia Mãe da Igreja, Presidente Prudente-SP. Disponível em https://paroquiamaedaigreja.com.br/blog/2021/07/22/dia-do-amigo/, acesso em 10/11/2023.

SCHERER, Zeyne Alves Pires et al. Manifestação de violência no ambiente universitário: o olhar de acadêmicos de enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 69–77, jan./mar. 2015.

SCHILD, Suzana. Intocáveis. Recuperação Indolor. Publicado em 26/09/2012. Disponível em https://criticos.com.br/?p=2410, acesso em 06/11/2023.

SCHNEIDER, Henrique Nou; SANTOS, Jacques Fernandes; SANTOS, Vinícius Silva. Cultura juvenil, dependência digital e contingência. *Rios – Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco*, Paulo Afonso, v. 14, n. 23, 2020.

SCHÖKEL, Luís Antônio. Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia Familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. João Pessoa: Revista Boagoas - Estudos Gays: gêneros e sexualidade. v.4 n.5, 2012.

SILVA, Joana Camarão da. A arte de transformar vidas pelo projeto social do Centro Nossa Senhora das Graças. Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Artes Visuais apresentado à UFAM. Parintins: 2024.

SILVA, Sílvio Cesar. Cinema, multidimensionalidade e ideologia. UERJ: Revista Contemporânea, n.10, v.1, 2008.

SIMONARD, Pedro e SANTOS, Anny Rochelly Vieira. Identidade, Pertencimento e Engajamento Político nas Mídias Sociais. Florianópolis: Revist Interncional Intertheis, vol 14, n. 3, set/dez, 2017.

SIQUEIRA, Douglas Murilo; VIEIRA, Almir Martins e CARMONA, Viviane Celina. Rede de confiança e amizade: Relações de trabalho em uma cooperativa. Maringá: Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Vol.18 n.2 jul/dez 2013.

SIQUEIRA, Douglas Murilo; VIEIRA, Almir Martins; CARMONA, Viviane Celina. Rede de confiança e amizade: relações de trabalho em uma cooperativa. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 299–318, jul./dez. 2013.

SOLOMON, Andrew. Um Crime da Solidão: Reflexões sobre o suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SÓTER, Cecília. Respeito e cuidado. Como a responsabilidade afetiva impacta as relações. Publicado em Correio Braziliense em 28/05/2022. Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/ciencia-e-saude/2022/05/5010522-respeito-e-cuidado-como-a-responsabilidade-afetiva-impacta-as-relacoes.html, acesso em 30/01/2024.

SOUZA, Adelson Matias; OLIVEIRA, Cremilda Rodrigues de. Ser feliz: a felicidade e seus imperativos. Natal: Revista Saberes v.18 n.1, maio 2018.

SOUZA, Christine Veras de. O show deve continuar: o gênero musical no cinema. Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Belo Horizonte. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SOUZA, Liliane Pereira de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. *Revista Labor*, v. 1, n. 7, 2012.

SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. Relacionamentos Pessoais e Sociais: Amizade em Adultos. Maringá: Revista Psicologia em Estudo, v.13, p. 257-265, abr/jun 2008.

SOUZA, Luciane Karine; HUTZ, Cláudio Simon. Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, abr./jun. 2008.

STAM, Robert. Introdução a teoria do cinema. Campinas, SP: Papirus, 2003.

STARNINO. Alexande Augusto Garcia Stanino. Entre o couro e a carne. Jaques Lacan e a questão da identidade e identificação. Dissertação de mestrado apresentada ao programa ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Unicamp, 2018

SUBLIME IRREALIDADE (Blog). O Pequeno Príncipe. Publicado em 25/06/2012, disponível em https://sublimeirrealidade.blogspot.com/2012/07/o-pequeno-principe.html, acesso em 20/01/2024.

SUMMIT ENTERTEINMENTS. As vantagens de Ser Invisível (Filme), 2011.

TOLEDO, Carina. *Histórias Cruzadas: Crítica.* Omelete, 02 dez. 2012. Disponível em: https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/historias-cruzadas-critica. Acesso em: 22 fev. 2024.

TUTU, Desmond e TUTU, Mpho. O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo. Editora Valentina, 2014.

UNAIDS – Relatório global sobre a AIDS. Relatório Global 2022. A resposta Global da AIDS está ameaçada. Publicado em 8/8/2022, disponível em https://unaids.org.br/2022/08/a-resposta-global-da-aids-esta-ameacada/#:~:text=Todos%20os%20dias%2C%20quatro%20mil,de%20370%20mil%20novas%20infec%C3%A7%C3%B5es., acesso em 06/05/2024.

VARGAS, Rosa; THRASHER, James; SARGENT, James. A classificação indicativa de filmes de popularidade nos cinemas brasieiros e sua implicação para o tabagismo entre jovens. Rio de Janeiro: Revista Nacional de Cancerologia, 2011 57(3).

VARIETY. Chris Columbus fast-tracks 'Help'. Publicado por Michael Fleming em 15 dez. 2009. Disponível em: https://web.archive.org/web/20120117130551/http://www.variety.com/article/VR1118012807?refCatId=1238. Acesso em: 22 fev. 2024.

VATICANO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti, do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social.* 3 out. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 02 fev. 2024.

VENTURA, Oscar. Da Identidade impossível a uma política do sintoma. Seminário apresentado durante a Atividade Preparatória ao XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano "Do vazio da identidade a uma política do sintoma", realizada em Florianópolis, SC, nos dias 27 e 28 de julho de 2018, por iniciativa da EBP (Escola Brasileira de Psícanálise) – Seção Santa Catarina. Tradução: Diego Cervelin e Flávia Cera. Disponível em https://revistaarteira.com.br/index.php/9-arteira10/33-identidade, acesso em 06/05/2024.

VIDEIRA, Lina Sue Matsumoto. Eficácia da Terapia Focada na Compaixão em grupo no transtorno do estresse pós-traumático. Dissertação de mestrado apresentada a Faculdade de Medicina da USP para obtenção do título de Mestre em Ciências. São Paulo: USP, 2018.

VIEIRA, André Guirland e HENRIQUES, Margarida Rangel. A construção narrativa da identidade. Porto Alegre: Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.27, n.1., jan/mar 2014.

VILAR, Ana Carolina e JEREZ, Raquel. Apelidos na escola: Como os estudantes entendem esse fenômeno. Rio de Janeiro: PUC-RIO, PIBIC, 2020.

VILLAÇA, Pablo. *Histórias Cruzadas.* Cinema em Cena, 10 out. 2011. Disponível em: https://www.cinemaemcena.com.br/critica/filme/6027/historias-cruzadas. Acesso em: 22 fev. 2024.

WALDINGER, Robert; SCHULZ, Marc. *Uma boa vida.* Alfragide, Portugal: Editora Idea Luminosa, 2022.

WASHINGTON, Arlene; VLESSING, Etan. *2016 Casting Society of America Artios Awards: Winners List. The Hollywood Reporter*, 21 jan. 2016. Disponível em: https://www.hollywoodreporter.com/lists/2016-csa-artios-awards-winners-858088/big-budget-comedy-3/. Acesso em: 17 jul. 2024.

WASSERMAN, Claudia. Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades. Londrina: Revista Semina: Ciências Humanas e Sociais, v.23, p. 93-100, set 2002.

WILLIAMS, Wyatt. Matéria de capa – Kathryn Stockett: a vida na bela jarra. Creative Loafing, 4 ago. 2011. Disponível em: https://creativeloafing.com/content-196401-cover-story---kathryn-stockett-life-in-the-belle. Acesso em: 27 fev. 2024.

XAVIER, Ismail. (org.). 2003. A experiência do cinema. Rio de Janeiro, Edições Graal.

XAVIER, Ismail. In.: BAZIN, André. O que é cinema? Ubu Editora, 2018.

XAVIER, Matheus Carletti. The Freedmen's Bureau e o legado da escravidão nos Estados Unidos. XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis, 2015. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427668524_ARQUIVO_TrabalhoAnpuh.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

APÊNDICE I – Trecho de *O livro do perdão: para curarmos a nós mesmos e o nosso mundo* (2014), mencionado na página 154

Há dias em que eu gostaria de poder apagar da memória todos os horrores que eu testemunhei. Parece não haver limite para as maneiras criativas que nós, humanos, encontramos de ferir uns aos outros, nem para as razões com que as justificamos. Também não há limite para a capacidade humana de curar as feridas. Cada um de nós possui uma habilidade inata para extrair alegria do sofrimento, para encontrar esperança nas situações mais desesperadoras e para restaurar qualquer sentimento e para restaurar qualquer relacionamento que necessite ser restaurado.

Gostaria de compartilhar com você duas verdades simples: não há nada não mereça ser perdoado. Quando você compreende que estamos todos unidos uns aos outros - por nascimento, circunstância ou simplesmente por nossa humanidade comum -, sabe que isso é verdade. Muitas vezes afirmei que a África do Sul não teria futuro sem o perdão. Nossa revolta e busca por vingança teriam sido a nossa ruína. Isso é verdade para nós tanto no plano individual quanto no coletivo.

Cada um de nós já viveu situações em que precisou perdoar. E cada um de nós já viveu situações em que precisou ser perdoado. E viverá muitas outras. Ao nosso próprio modo, somos todos neuróticos. Devido a essas neuroses, ferimos uns aos outros. O perdão é a jornada que empreendemos em direção à cura das neuroses. É como nos tornamos completos novamente.

Seja em relação ao torturador que me supliciou brutalmente, à esposa que me traiu, ao patrão que promoveu outro no meu lugar ou ao motorista que me deu uma fechada quando eu ia para o trabalho, eu enfrento a mesma escolha: perdoar ou me vingar. Enfrentamos a escolha de perdoar ou não como indivíduos, como famílias, como comunidades e como um mundo profundamente interconectado.

A qualidade da vida humana em nosso planeta nada mais é do que a soma total de nossas interações diárias. Cada vez que ajudamos, e cada vez que prejudicamos, exercemos um impacto dramático sobre o nosso mundo. Como somos humanos, algumas das nossas interações dão errado, e então

ferimos, somos feridos, ou ambos. Faz parte da natureza humana, e é inevitável. O perdão é o modo como corrigimos essas interações. É o modo como remendamos os rasgões no tecido social. É o modo como impedimos nossa comunidade humana de se desintegrar.

Há incontáveis estudos que enumeram os benefícios sociais espirituais, psicológicos e até fisiológicos do perdão. O processo do perdão, no entanto, permanece um mistério. Sim, é bom e benéfico abrir mão do ressentimento, mas como fazer isso quando fomos prejudicados? É claro que é melhor não buscar a vingança, mas como podemos fazê-lo quando o algo que foi tirado não pode ser restituído? E será possível perdoar e ainda fazer justiça? Que passos devemos seguir para alcançar o perdão? Como curar todas as feridas em nossos corações sendo as criaturas frágeis que somos?

O caminho para o perdão não é fácil. Nesse caminho, devemos passar por lamaçais de ódio e revolta e atravessar a depressão e a dor até encontrarmos a aceitação que caracteriza o perdão. Embora fosse muito mais fácil fazer a jornada se a rota tivesse limites claros, esse não é o caso. A fronteira que separa os que feriram dos que foram feridos também não é clara. Cada um de nós em algum momento foi o ferido, e no momento seguinte foi o que feriu. E em outro momento ficamos com um pé de cada lado da fronteira, ferindo quem nos feriu, cheios de dor e raiva. Todos cruzamos essa fronteira com frequência. [...] (TUTU e TUTU, 2014, p.10-12)

APÊNDICE II – Última carta que Charlie escreveu para seu amigo imaginário, mencionada na página 189.

18 de setembro de 2012

Querido amigo,
Há vinte anos que não mando uma carta a você. Nem mesmo sei se este ainda é o endereço certo de envio. Mas mandarei assim mesmo e torço para que você a encontre. 4
Porque quero agradecer a você.
Anos atrás, existia um garoto muito triste que precisava de muita ajuda. E escrever a você foi o começo desta ajuda. Não importa o que eu tenho aprendido como adulto, nunca me esqueço de como era ser aquele garoto. Como era sentir que ninguém podia entender aqueles sentimentos porque eu mesmo não podia entender. Nunca me esqueço de como é sentir triste, louco, deprimido ou fora de mim e de meu corpo. E nunca me esqueço, nos dia ótimos, de como era ir naqueles passeios com aquelas músicas e aquelas pessoas bonitas que ainda posso chamar de amigas. Aquele garoto escreveu algumas cartas e as enviou pelo mundo a um estranho a um estranho que tinha ouvido falar. E aí, aconteceu uma coisa incrível.
Você respondeu.
Sei que não mandei meu nome ou endereço verdadeiros, mas de algum jeito minhas cartas foram compartilhadas. As pessoas passaram adiante, como o poema de Patrick. Fizeram fotocópias e trocaram. Sussurraram como uma senha secreta. Não sei o que aconteceu, mas aconteceu. Você leu minhas cartas. E então respondeu algumas.
Você mandou cartas a endereços aleatórios. Algumas foram encaminhadas a mim, Talvez algumas não tenham conseguido. Não sei se recebi todas. Mas recebi cartas suficientes de você para perceber algo extraordinário. E se você pudesse ler as caixas e mais caixas que recebi últimos vinte anos, saberia o que eu sei. De uma vez por todas. Para todo o sempre.
Você não está sozinho.

Sabe amigo, existem milhões de nós. Milhões de pessoas que lutam contra todo tipo de problemas (e vencem). Você ficaria chocado ao saber quantas pessoas entendem EXATAMENTE o que você está passando. Isto não quer dizer que o que vive seja menos, de alguma forma. Menos significativo. Menos especial. Menos único. Ao contrário, significa o que você vive é mais. É importante. Merece ser visto, falado, compreendido.

Agora já faz vinte anos. Vinte anos desde que recebi suas cartas. E não sei dizer quantas vezes elas me salvaram o dia, ou me fizeram chorar ou rir, ou acreditar, ou ter esperanças de que existia uma luz no fim do túnel. Não sei dizer como é ler uma carta que ia se matar, ler minhas cartas e decidir pelo contrário. E ela agora está em seus trinta anos. É feliz no casamento. Tem filhos. Os tempos sombrios acabaram para ela, como acabarão para você.

Assim, se estas palavras te fizerem sentido. Se você conheceu pessoalmente essas histórias. Se viveu ou testemunhou maus tratos. Físicos. Sexuais. Emocionais. Se lutou com qualquer doença mental ou ama alguém que luta. Se está cercado por aqueles que que chamam o que você é de diferente, em vez de bonito. Sua mente ou seu corpo gritam pedindo paz, reconhecimento e compreensão, tenha uma certeza…

Você faz parte de uma família infinita. As pessoas que passaram por coisas horríveis e sobreviveram a elas. Se está lendo essas palavras, você VENCEU hoje, está aqui. Está vivo. Tem opções. Pode se livrar de uma situação ruim. Sair. Terminar. Conversar. Convidade ela (ou ele) para sair. Escrever aquele livro. Compor aquela música. Ouvir a música. Assumir a direção. Aproveitar a oportunidade. E viver. Não importa a estratégia que você escolher, você VENCE. Nós somos muito mais do que eles jamais serão. E podemos nos encontrar. Podemos nos ajudar. Podemos conversar. E podemos construir uma vida ótima. A felicidade não é algo para os outros. É para você. É para mim. É para todos nós. Nós decidimos se seremos felizes ou não.

Este é meu jeito comprido de te dizer obrigado, Querido Amigo.

Vinte anos atrás um jovem escreveu algumas cartas. Você recspodeu a ele. E um adulto se inspirou a escrever de novo. Assim, só para o caso de esta acabar sendo minha última carta, quero responder a uma pergunta. A pergunta que mais fiz desde que suas cartas me encontraram. “O que aconteceu com Charlie?” E posso lhe contar o que aconteceu com Charlie em duas palavras.

Ele conseguiu.

E você também conseguirá.

Com amor, sempre

Charlie.

(Chbosky, 2020, p.283-286).

APÊNDICE III – CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE A FRATERNIDADE E A AMIZADE SOCIAL

1. «FRATELLI TUTTI»: escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, «o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si». Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita.

2. Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica Laudato si', volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos.

63. Conta Jesus que havia um homem ferido, estendido por terra no caminho, que fora assaltado. Passaram vários ao seu lado, mas… foram-se, não pararam. Eram pessoas com funções importantes na sociedade, que não tinham no coração o amor pelo bem comum. Não foram capazes de perder uns minutos para cuidar do ferido ou, pelo menos, procurar ajuda. Um parou, ofereceu-lhe proximidade, curou-o com as próprias mãos, pôs também dinheiro do seu bolso e ocupou-se dele. Sobretudo deu-lhe algo que, neste mundo apressado, regateamos tanto: deu-lhe o seu tempo. Tinha certamente os seus planos para aproveitar aquele dia a bem das suas necessidades, compromissos ou desejos. Mas conseguiu deixar tudo de lado à vista do ferido e, sem o conhecer, considerou-o digno de lhe dedicar o seu tempo.

64. Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas? Precisamos de reconhecer a tentação que nos cerca de se desinteressar dos outros, especialmente dos mais frágeis. Digamos que crescemos em muitos aspetos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas

sociedades desenvolvidas. Habituamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima.

65. Assaltam uma pessoa na rua, e muitos fogem como se não tivessem visto nada. Sucede muitas vezes que pessoas atropelam alguém com o seu carro e fogem. Pensam só em evitar problemas; não importa se um ser humano morre por sua culpa. Mas estes são sinais dum estilo de vida generalizado, que se manifesta de várias maneiras, porventura mais subtis. Além disso, como estamos todos muito concentrados nas nossas necessidades, ver alguém que está mal incomoda-nos, perturba-nos, porque não queremos perder tempo por culpa dos problemas alheios. São sintomas duma sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento.

66. É melhor não cair nesta miséria. Fixemos o modelo do bom samaritano. É um texto que nos convida a fazer ressurgir a nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores dum novo vínculo social. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a prossecução do bem comum e, a partir deste objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que «a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro».

67. Esta parábola é um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos de tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum. Ao mesmo tempo, a parábola adverte-nos sobre certas atitudes de pessoas que só olham para si mesmas e não atendem às exigências ineludíveis da realidade humana.

73. De imediato a parábola faz-nos pousar o olhar claramente naqueles que passam ao largo. Esta perigosa indiferença que leva a não parar, inocente ou

não, fruto do desprezo ou duma triste distração, faz das duas personagens – o sacerdote e o levita – um reflexo não menos triste daquela distância menosprezadora que te isola da realidade. Há muitas maneiras de passar ao largo, que são complementares: uma é ensimesmar-se, desinteressar-se dos outros, ficar indiferente; outra seria olhar só para fora. Relativamente a esta última maneira de passar ao largo, nalguns países ou em certos setores deles, verifica-se um desprezo dos pobres e da sua cultura, bem como um viver com o olhar voltado para fora, como se um projeto de país importado procurasse ocupar o seu lugar. Assim se pode justificar a indiferença de alguns, pois aqueles que poderiam tocar os seus corações com as suas reivindicações simplesmente não existem; estão fora do seu horizonte de interesses.

81. A proposta é fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença. Neste caso, o samaritano foi quem se fez próximo do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas. A conclusão de Jesus é um pedido: «Vai e faz tu também o mesmo» (Lc 10, 37). Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, em presença do sofrimento, fazer-nos vizinhos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho «próximos» a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me eu um próximo dos outros.

98. Quero lembrar estes «exilados ocultos», que são tratados como corpos estranhos à sociedade. Muitas pessoas com deficiência «sentem que vivem sem pertença nem participação». Ainda há tanto «que as impede de beneficiar da plena cidadania». O objetivo não é apenas cuidar delas, mas «acompanhá-las e “ungi-las” de dignidade para uma participação ativa na comunidade civil e eclesial. Trata-se de um caminho exigente e também cansativo, que contribuirá cada vez mais para a formação de consciências capazes de reconhecer cada um como pessoa única e irrepetível». Penso igualmente nos «idosos, que, inclusive por causa da sua deficiência, são por vezes sentidos como um peso». Mas todos podem dar «uma contribuição singular para o bem comum através de sua biografia original». Permiti que insista: «Tende a coragem de dar voz àqueles que são discriminados por causa de sua condição de deficiência, porque infelizmente, em certas nações, ainda hoje é difícil reconhecê-los como pessoas de igual dignidade».(VATICANO, 2020, online).

APÊNDICE IV – Eu tenho um sonho, por Martin Luther King

“Estou contente de me reunir hoje com vocês nesta que será conhecida como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação.

Há dez décadas, um grande americano, sob cuja sombra simbólica nos encontramos hoje, assinou a Proclamação da Emancipação. Esse magnífico decreto surgiu como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que arderam nas chamas da árida injustiça. Ele surgiu como uma aurora de júbilo para pôr fim à longa noite de cativeiro.

Mas cem anos depois, o negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do negro ainda está tristemente debilitada pelas algemas da segregação e pelos grilhões da discriminação.

Cem anos depois, o negro vive isolado numa ilha de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o negro ainda vive abandonado nos recantos da sociedade na América, exilado em sua própria terra. Assim, hoje viemos aqui para representar a nossa vergonhosa condição.

De uma certa forma, vimos à capital da nação para descontar um cheque. Quando os arquitetos da nossa república escreveram as magníficas palavras da Constituição e da Declaração da Independência (sim), eles estavam assinando uma nota promissória da qual todos os americanos seriam herdeiros. A nota era uma promessa de que todos os homens, sim, negros e brancos igualmente, teriam garantidos os ‘direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca da felicidade’.

É óbvio neste momento que, no que diz respeito a seus cidadãos de cor, a América não pagou essa promessa. Em vez de honrar a sagrada obrigação, a América entregou à população negra um cheque ruim, um cheque que voltou com o carimbo de ‘sem fundos’.

No entanto, recusamos a acreditar que o banco da justiça esteja falido. Recusamos a acreditar que não haja fundos suficientes nos grandes cofres de oportunidade desta nação. E, assim, viemos descontar esse cheque, um cheque que nos garantirá, sob demanda, as riquezas da liberdade e a segurança da justiça.

Viemos também a este glorioso local para lembrar a América da urgência feroz do momento. Não é hora de se comprometer com o luxo do comedimento ou de

tomar o tranquilizante do gradualismo. Agora é hora de concretizar as promessas da democracia (sim, Senhor).

Agora é hora de deixar o vale sombrio e desolado da segregação pelo caminho ensolarado da justiça racial. Agora é hora de conduzir a nossa nação da areia movediça da injustiça racial para a sólida rocha da fraternidade. Agora é hora de tornar a justiça uma realidade para todos os filhos de Deus.

Seria fatal para a nação ignorar a urgência do momento. Este verão sufocante do legítimo descontentamento dos negros não passará até que haja um outono revigorante de liberdade e igualdade. O ano de 1963 não é um fim, mas um começo. E aqueles que agora esperam que o negro se acomode e se contente terão uma grande surpresa se a nação voltar a negociar como de costume.

E não haverá descanso nem tranquilidade na América até que se conceda ao negro a sua cidadania. As tempestades da revolta continuarão a balançar os alicerces da nossa nação, até que floresça a luminosa manhã da justiça.

Mas há algo que devo dizer a meu povo, diante da entrada reconfortante do Palácio da Justiça: ao longo do processo de conquista do nosso merecido lugar, não podemos nos condenar com atos criminosos. Não devemos saciar a nossa sede de liberdade bebendo da taça da amargura e do ódio. Devemos sempre conduzir a nossa luta no mais alto nível de dignidade e disciplina.

Não podemos permitir que o nosso protesto degenere em violência física. Vezes sem fim, devemos nos elevar às majestosas alturas para confrontar a força física com a força da alma.

A nova e maravilhosa militância que engolfou a comunidade negra não deve nos levar a desconfiar de todos os homens brancos, pois muitos de nossos irmãos brancos, como se torna evidente com a sua presença aqui hoje, compreenderam que o seu destino está ligado ao nosso.

Eles compreenderam que a sua liberdade está atada à nossa, de forma inextricável. Não podemos caminhar sozinhos. E, enquanto caminhamos, devemos prometer que sempre marcharemos adiante. Não podemos voltar.

Há quem pergunte aos devotos dos direitos civis: ‘Quando ficarão satisfeitos?’ (Nunca). Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro for vítima dos inenarráveis horrores da brutalidade policial. Não ficaremos satisfeitos enquanto os nossos corpos, pesados pela fadiga da viagem, não obtiverem hospitalidade nos hotéis das rodovias e das cidades.

Não ficaremos satisfeitos enquanto a única mobilidade social a que um negro possa aspirar seja deixar o seu gueto por um outro maior. Não ficaremos satisfeitos enquanto os nossos filhos forem despidos de sua personalidade e tiverem a sua dignidade roubada por cartazes com os dizeres ‘só para brancos’. Não ficaremos satisfeitos enquanto o negro do Mississippi não puder votar e o negro de Nova York acreditar que não há por que votar. Não e não. Não estamos satisfeitos e nem ficaremos satisfeitos até que ‘a justiça jorre como uma fonte; e a equidade, como uma poderosa correnteza’.

Não ignoro que alguns de vocês enfrentaram inúmeros desafios e adversidades para chegar até aqui (sim, Senhor). Alguns de vocês recentemente abandonaram estreitas celas de prisão. Alguns de vocês vieram de regiões onde a busca por liberdade deixou-os abatidos pelas tempestades da perseguição e abalados pelos ventos da brutalidade policial.

Vocês são os veteranos do sofrimento profícuo. Continuem a lutar com a fé de que o sofrimento imerecido é redentor. Voltem para o Mississippi, voltem para o Alabama, voltem para a Carolina do Sul, voltem para a Geórgia, voltem para a Louisiana, voltem para os cortiços e para os guetos das cidades do Norte, conscientes de que, de algum modo, essa situação pode e será transformada (sim). Não afundemos no vale do desespero.

E digo-lhes hoje, meus amigos, mesmo diante das dificuldades de hoje e de amanhã, ainda tenho um sonho, um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

Eu tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e experimentará o verdadeiro significado de sua crença: ‘Acreditamos que essas verdades são evidentes, que todos os homens são criados iguais’ (sim).

Eu tenho um sonho de que um dia, nas encostas vermelhas da Geórgia, os filhos dos antigos escravos sentarão ao lado dos filhos dos antigos senhores, à mesa da fraternidade.

Eu tenho um sonho de que um dia até mesmo o estado do Mississippi, um estado sufocado pelo calor da injustiça, sufocado pelo calor da opressão, será um oásis de liberdade e justiça.

Eu tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter (Sim, Senhor). Hoje, eu tenho um sonho!

Eu tenho um sonho de que um dia, lá no Alabama, com o seu racismo vicioso, com o seu governador de cujos lábios gotejam as palavras ‘intervenção’ e ‘anulação’, um dia, bem no meio do Alabama, meninas e meninos negros darão as mãos a meninas e meninos brancos, como irmãs e irmãos. Hoje, eu tenho um sonho.

Eu tenho um sonho de que um dia todo vale será alteado (sim) e toda colina, abaixada; que o áspero será plano e o torto, direito; ‘que se revelará a glória do Senhor e, juntas, todas as criaturas a apreciarão’ (sim). Esta é a nossa esperança, e esta a fé que levarei comigo ao voltar para o Sul (sim). Com esta fé, poderemos extrair da montanha do desespero uma rocha de esperança (sim). Com esta fé, poderemos transformar os clamores dissonantes da nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade.

Com esta fé (sim, Senhor), poderemos partilhar o trabalho, partilhar a oração, partilhar a luta, partilhar a prisão e partilhar o nosso anseio por liberdade, conscientes de que um dia seremos livres. E esse será o dia, e esse será o dia em que todos os filhos de Deus poderão cantar com um renovado sentido:

O meu país eu canto. Doce terra da liberdade, a ti eu canto.

Terra em que meus pais morreram, / Terra do orgulho peregrino, / Nas encostas de todas as montanhas, que a liberdade ressoe!

E se a América estiver destinada a ser uma grande nação, isso se tornará realidade.

E, assim, que a liberdade ressoe (sim) nos picos prodigiosos de New Hampshire.

Que a liberdade ressoe nas grandiosas montanhas de Nova York.

Que a liberdade ressoe nos elevados Apalaches da Pensilvânia.

Que a liberdade ressoe nas Rochosas nevadas do Colorado.

Que a liberdade ressoe nos declives sinuosos da Califórnia (sim).

Mas não apenas isso: que a liberdade ressoe na Montanha de Pedra da Geórgia (sim).

Que a liberdade ressoe na Montanha Lookout do Tennessee (sim).

Que a liberdade ressoe em toda colina do Mississippi (sim). Nas encostas de todas as montanhas, que a liberdade ressoe!

E quando acontecer, quando ressoar a liberdade, quando a liberdade ressoar em cada vila e em cada lugarejo, em cada estado e cada cidade, anteciparemos o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios,

protestantes e católicos, juntarão as mãos e cantarão as palavras da velha canção dos negros:

Livres afinal! Livres afinal!

Graças ao Deus Todo-Poderoso, / Estamos livres afinal!”

APÊNDICE V – A Culpa é de quem?, letra da música cantada pelo Planet Hemp, com letra de Marcelo D2.

Qual o problema? Me contem, me contem, me contem, me contem, me contem
O grito vem da rua movido a marijuana, hai!
Qual o problema? Me contem, me contem, me contem, me contem, me contem
O grito vem da rua movido a marijuana
Qual o problema?

Eu trabalho oito horas, sete dias por semana
Só por fumar uma erva eu vou entrar em cana
Deputados cheiram, bebem, não, não vão para prisão
Por que é ilegal?
Eles que lesam a pátria e sou eu o marginal
Não, não seja alienado, eles falam que faz mal e você aceita calado
Procure se informar, uma erva natural não pode te prejudicar
Quem de nós está errado?
Você consome estas merdas e eu fumo um baseado

No que você pensa então?
Eles pegam a palmatória e você estende a mão
Desde pequeno você é induzido a fumar, induzido a beber, ouvindo a TV falar
Diga não às drogas, use camisinha e pare de brigar
Mas beba muito álcool até a sua barriga inchar

O que você tem na cabeça?
Tudo que eles te falam você acha uma beleza
Aprenda a dizer não
Pense um pouco meu irmão
Você tem medo de quem?
Eu fumo a minha erva e não faço mal a ninguém

Quem?
A culpa é de quem?

Quem?
A culpa é de quem?

Quem?
A culpa é de quem?
Quem?
Eu fumo a minha erva e não faço mal a ninguém

Portugueses escravizaram e mataram nosso irmão
Militares torturaram, não, não foram pra prisão
Eu fumo minha erva, me chamam de ladrão

Os negros já fumava erva antes da África deixar
Mas os senhores proibiram por fazer eles pensar
E os senhores de hoje em dia estão proibindo também
Se o pobre começa a pensar parece que incomoda alguém

Crianças crescem nas ruas, não confiam em ninguém
Escondem nossa cultura, referência ninguém tem
O país está uma merda e a culpa é de quem?

Quem?
A culpa é de quem?
Quem?
A culpa é de quem?

Quem?
A culpa é de quem?
Quem?
Eu fumo a minha erva e não faço mal a ninguém

A culpa é de quem? Eles roubam no planalto
E não pensam em ninguém

Manipulam as leis e vem com papo furado
Tudo que incomoda eles, eles dizem estar errado

Quem é o marginal?
Crianças morrem por sua culpa e eu que vivo ilegal
Tenho que me esconder por uma coisa natural
Enquanto eles metem a mão na maior cara de pau

Não vou ficar calado porque está tudo errado
Políticos cruzam os braços e o país está uma merda
Trabalho pra caralho e fumo a minha erva, aí eu te pergunto a culpa é de quem?
Quem?
A culpa é de quem?
Quem?